REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO XLVII | DEZEMBRO · DE 1969 | N.º 14

MANAUS AMAZONAS

QUADRO DE SÓCIOS EFETIVOS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
1	Pericles Moraes	Cosme Ferreira Filho
2	Euclides da Cunha	Ramayana de Chevalier
3	Gonçalves Dias	Agnello Bittencourt
4	Sílvio Romero	Aderson de Menezes
5	Araújo Filho	André Araújo
6	Adriano Jorge	João Nogueira da Mata
7	Maranhão Sobrinho	Paulo Jacob (eleito)
8	Torquato Tapajós	Mavignier de Castro
9	Machado de Assis	Pereira da Silva
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
11	José Veríssimo	Djalma Batista
12	Olavo Bilac	Edson Farias
13	Estelita Tapajós	Arthur Cezar Ferreira Reis
14	Barão de Santana Nery	Moacyr G. Rosas
15	Graça Aranha	João Mendonça de Souza
16	João Leda	João Chrysóstomo de Oliveira
17	Francisco de Castro	Leoncio de Salignac e Souza
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic
19	Coêlho Netto	Genesino Braga
20	João Ribeiro	Raimundo Nonato Pinheiro (padre)
21	Tenreiro Aranha	Plínio Ramos Coêlho (eleito)
22	Farias Brito	Anísio Jobim
23	Cruz e Souza	Nunes Pereira
24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
25	Araújo Lima	José Lindoso
26	Rui Barbosa	Oyama Cesar Ituassu da Silva
27	Tavares Bastos	João Pereira Machado Jr. (eleito)
28	Aníbal Teófilo	Américo Antony
29	Castro Alves	Thiago de Mello
30	Araripe Junior	Carlos de Almeida Barroso
31	Raimundo Monteiro	Sebastião Norões
32	Bernardo Ramos	Walter Gonçalves Nogueira (cônego)
33	Antonio Brandão de Amorim	Vaga
34	Ermano Stradelli	Manoel Bastos Lira (eleito)
35	D. Frederico Costa	Vaga
36	Inglês de Sousa	"
37	Benjamin Lima	Carlos de Araújo Lima
38	Barbosa Rodrigues	William A. Rodrigues (eleito)
39	Alfredo da Mata	Mario Moraes (eleito)
40	Paulino de Brito.	Waldemar Batista de Salles

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

O SEBÃO DE MANAUS

Livros raros e esgotados
Compra e Venda

Fones: 9988-5479
9961-8510

O XLVII

N.º 14

1969

Manaus — Amazonas

Presidente de Honra

Marechal NELSON DE MELLO

DIRETORIA

Presidente . . . . . DJALMA BATISTA

1.º Vice-Presidente . . ANDRÉ ARAÚJO

2.º Vice-Presidente . . JOÃO CHRYSÓSTOMO DE OLIVEIRA

Secretário Geral . . . GENESINO BRAGA

Secretário Adjunto . . OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA

Tesoureiro . . . . . Con. WALTER G. NOGUEIRA

Bibliotecário . . . . . MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Sócio Benemérito

ILDEFONSO PINHEIRO

Diretor da REVISTA

MENDONÇA DE SOUZA

SUMÁRIO

Apresentação 7

TRABALHOS DE ÁLVARO MAIA

Canção de Fé e Esperança 9

Clarim Abandonado (inédito) 36

EM MEMÓRIA DE ÁLVARO MAIA

Elson Farias — **Álvaro Maia, o poeta** 44

Ramayana de Chevalier — **Álvaro Maia, o prosador** 46

Genesino Braga — **Álvaro Maia, o jornalista** 53

João Nogueira da Mata — **Álvaro Maia, o professor** 58

Mário Ypiranga Monteiro - **Álvaro Maia, o educador** 66

Sebastião Norões — **Álvaro Maia, o orador** 76

João Chrysóstomo de Oliveira — **Álvaro Maia, o estilista** 79

Oyama Cesar Ituassu — **Álvaro Maia, o político** .. 85

Mendonça de Souza — **Álvaro Maia, o místico** 90

André Araújo — **Traços de uma sociologia na obra de Álvaro Maia** 102
Almeida Barroso — **Minhas recordações de Álvaro Maia** 106
José Lindoso — **Homenagem póstuma a Álvaro Maia** 112
Djalma Batista — **Dados biográficos de Álvaro Maia** 117
Genesino Braga — **Bibliografia de Álvaro Maia** ... 126

DISCURSOS DE RECEPÇÃO

Cadeira 12 (Olavo Bilac)

Djalma Batista — **A Palavra do Presidente** 131
Elson Farias — **A Poesia de Olavo Bilac** 133
José Lindoso — **Saudação ao Poeta Elson Farias** .. 141

Cadeira 31 (Raimundo Monteiro)

Djalma Batista — **Abrindo os Trabalhos** 150
Sebastião Norões — **De Raimundo Monteiro e da Poesia** 152
Mário Ypiranga Monteiro — **Discurso de Saudação a Sebastião Norões** 162

Cadeira 40 (Paulino de Brito)

Djalma Batista — **Ao iniciar a sessão** 179

Waldemar Batista de Salles — **O Poeta e o Gramático** 181

Mendonça de Souza — **Ao Recepiendário da Cadeira 40** 194

Cadeira 18 (Jonas da Silva)

Djalma Batista — **Alocução do Presidente** 207

Jorge Tufic — **"O Poeta é Transparente"** 208

Elson Farias — **Saudação ao Poeta Jorge Tufic** ... 220

Cadeira 32 (Bernardo Ramos)

Djalma Batista — **A Fala Presidencial** 227

Cônego Walter Nogueira — **Elogio de Bernardo Ramos** 229

André Araújo — **Discurso de Saudação** 241

COMEMORAÇÕES

Elson Farias — **Algumas Anotações sôbre Tenreiro Aranha, poeta** 255

Oyama Cesar Ituassu — **Centenário de um Varão Ilustre** 261

Mário Ypiranga Monteiro — **Em memória de Th: Vaz** 265

Waldemar Batista de Salles — **O Amazonense Paulino de Brito** 269

IDÉIAS E FATOS

Os cursos — Os novos eleitos — Os empossados — O n.º 13 da REVISTA — Edições da Academia — Doações recebidas — "Letras e Artes" — Visitantes —Reeleita a Diretoria para o biênio 1970/71 274

EPISTOLÁRIO DA ACADEMIA

Carta do Desdor. Merolino P. Lima Corrêa 278

Carta do Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, Alfredo Cumplido de Santana 280

Carta do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde 281

RESUMO DAS ATAS DAS SESSÕES DE 1969 282

O presente número da **REVISTA DA ACADEMIA**, *referente a 1969, é dedicado à memória de* **ÁLVARO MAIA**, *que foi sócio fundador e Presidente, falecido a 4 de maio, quando se projetavam as comemorações de seus 65 anos de atividade literária.*

Abre a **REVISTA** *a reprodução da "Canção de Fé e Esperança", que constitui um marco na vida do Amazonas e o mais completo documento do espírito do autor, nas diversas faces de sua onímoda atividade. A "Canção", proferida em 1923 e de há muito esgotada, precisa ser conhecida e meditada pelas novas gerações. Por isto a* **ACADEMIA** *a reedita com emoção, quase meio século depois de ter sido lançada.*

Publicamos também um inédito de Álvaro Maia, intitulado "Clarim Abandonado", escrito em 1958, que bem reflete o sentimento místico e poético do escritor.

Seguem-se artigos de 13 acadêmicos, examinando os diversos aspectos da existência do grande amazonense — poeta, romancista, jornalista, professor, educador, sociólogo, estilista, político, parlamentar e espiritualista — incluindo ainda levantamentos biográfico e bibliográfico.

Completam a edição outros trabalhos, destacando-se as comemorações do bicentenário de Tenreiro Aranha, do centenário de Th: Vaz e Sá Peixoto e do cinquentenário da morte de Paulino de Brito, além dos discursos de recepção e respectivas saudações de cinco novos acadêmicos.

ÁLVARO MAIA

Pela inteligência, cultura e atuação política, foi o amazonense mais representativo e das mais significativas contribuições do Estado ao Brasil. Poeta, romancista, cronista, homem de letras no mais largo sentido, soube ser bom, humilde e democrata até o instante derradeiro.

TRABALHOS DE ALVARO MAIA

CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA

por ÁLVARO MAIA

(Discurso pronunciado, em nome da Mocidade Amazonense, no Teatro Amazonas, na sessão noturna de 9 de novembro, comemorativa do centenário da adesão à Independência Nacional, a 9 de Novembro de 1823.. — Mandado imprimir, para distribuição gratuita, pela Comissão Promotora dos Festejos, composta do coronel Bernardo da Silva Ramos, professôres Agnello Bittencourt, Manoel de Miranda Leão, coronel Antonio Bittencourt, Padre Thomaz de Aquino, Drs. Aprigio de Menezes, Vicente Reis, João Baptista de Faria e Souza, Vivaldo Lima, Arthur Cezar, major Licínio Silva, jovens Aguinaldo Ribeiro, Antóvilo Vieira, Cassio Dantas, Jorge Andrade, Galdino Mendes Filho e José de Alencar).

MANAUS — AMAZONAS — 1923

Minhas Senhoras,

Meus Senhores :

Sòmente o esplendor desta hora febril, hora de reverência ao passado e de saudação ao futuro, obrigaria o mais obscuro dos moços amazonenses, a entoar, em nome de companheiros da mesma jornada, a sua canção de fé e esperança, ajoelhado, como em aras sacrossantas, sôbre a terra bendita, destinada a ser o ninho de grandes realizações, quando a América implantar a hegemonia definitiva no mundo.

Sòmente o esplendor desta hora febril, de gratidão e de oração, reuniria aqui êste oceano tumultuante, em que as vagas tomaram formas humanas e, espelhando ao fulgor do céu, elevam um cântico de vitória, misturando em suas espumas e em seus gemidos os vultos de ontem e de hoje, confundidos na voz das idades em prol dos luminosos destinos dêste berço verde, genetriz de civilizações.

Sòmente o esplendor desta hora febril, clarinando em nossos horizontes pela redenção, teria o milagre de acordar na alma da mocidade as energias adormecidas vertendo-lhe aquêle desapego que levou Ajuricaba à rebelião e a morte, dois modos supremos de reagir as opressões e as tiranias, quer partam de estranhos violando a integridade do solo, quer partam de homens da mesma raça poluindo as reservas do Estado pelo engano aos que o servem com desinteresse, pelo afastamento dos que o defendem com patriotismo.

Sòmente o esplendor desta hora febril explicaria êste poean da gente nova, agrupada neste recinto sem credos políticos, sem malquerenças nem ódios, supondo que todos, moços e velhos, amigos e inimigos, se conjugam sob as correntes dos mesmos ideais e rendem graças aos céus pela fraternidade, pela liberdade, pela eternidade do Amazonas.

* * *

A pureza da idéia transforma o nosso território num formoso templo, não importando que nas lages corram rios, e se

alteiem florestas, e vagueiem tribos, e morram pelo norte, a feição de altares naturais, as serras das fronteiras: as nossas palavras, tranverberando embora as maiores revoltas, são apenas orações, são súplicas, são vozes bravias do solo, onde ainda pululam gentes oprimidas, que abençoam, pelo trabalho, os seus opressores. Nesse templo de quase dois milhões de quilômetros quadrados, pomos o joelho em terra e celebramos o nosso primeiro centenário de vida livre, quando em Manaus, então simples aldeia, os nossos viris antepassados aderiram a independência nacional, que voara de São Paulo em hosanas, em gritos, em aleluias, através de todo o nosso país. Também no lugar ermo, em que a fortaleza da Barra atestava o domínio do conquistador, veio o brado do Ipiranga incendiar as consciências, acender o rastilho da emancipação e o resultado foi o Nove de Novembro, a data verdadeira da constituição do Amazonas em província do império e, mais tarde, estado federado da república. Não é próprio o momento para estudar a primeira injustiça que nos atingiu, com o ato do govêrno central incorporando-nos ao Pará, de que nos alforriaríamos muitos anos após, a cinco de setembro de mil oitocentos e cinqüenta, — data feliz que encobriu, até agora, o relumbrante fato histórico de mil oitocentos e vinte e três. A própria aceitação dessa data foi uma injustiça nossa, repetida anos sucessivos, sem responsabilidade direta dos amazonenses atuais, que, sòmente hoje, restabelecem o lado real das cousas e coroam de racimos e corimbos os heróis de um século atrás. Pratica-se, assim, um admirável ato de justiça, sob a aclamação do povo que presta ao Amazonas a homenagem de seu culto e de sua admiração, crente em seu porvir feito de sol, banhado de sol, florido pelo sol... Ave neste dia de glorificações supremas, aos agitadores de idéias e de ações, pela palavra ou pela pena, pelo pensamento ou pelo fuzil; ave aos que morreram pelo ideal, ou viveram pela esperança, sepultando nos paludes sonhos arquitetados em longas noites, na constante adoração da liberdade; ave aos conquistadores, aos exploradores, aos bandeirantes, que percorreram a terra pela primeira vez, recebendo pobres abelhas o prêmio do aniquilamento pelo gôzo fruido; ave as tribos guerreiras, que, em seu heroismo inconsciente, defenderam as balisas do solo, tingindo-o de sangue, num último adeus sangrento aos vencedores: ave a todos quantos se sacrificaram, a todos quantos desapareceram, a todos quantos contribuiram para o triunfo majestoso daquele dia, fôssem quais fôssem os motivos, desde os cilícios, que modelam caracteres, até as ambições limpas, que forjam sociedades. Mas não páram aí essas bênções, que cingem êste

primeiro século de vida, o século do desbravamento, precedendo o século da propaganda e do progresso do Amazonas, do verdadeiro Amazonas de amanhã; abrangem, por sua vez, as continuadores daqueles pioneiros, os que herdaram o conhecimento das explorações, e abriram caminhos, e exploraram rios, e percorreram selvas, e nos desvendaram, pela maravilhosa tuba da língua, ao resto da humanidade, de lábios abertos em interrogação; atingem os lutadores de agora, que ficam de pé nas tricheiras e, vencendo as conseqüências da maior crise do país e as maiores injustiças dos podêres centrais, levantam um aparelho financeiro sem rival para a resistência, impedindc que se fraccione, ou sofra interrupção, o trabalho tenaz das gerações passadas; e, em gestos hieráticos, abarcam o futuro, os dias, os tempos, os fatos, as conquistas do futuro, — os homens felizes que hão de ver o Amazonas desabrochando em seus múltiplos braços, como um oceano que sobe bebendo as correntezas dos rios, — o sangue que lhe entregamos sorrindo, em holocausto estonteante de beleza . . . Que destino lhe estará reservado? Pertencerá ao Brasil, ou constituirá uma nova nação, impelida do todo comum pelas contínuas expoliações que se sucedem ano a ano, derramando, a ondas largas, essa idéia racional que anima os mais tristes e miseráveis escravos, — a ânsia de ser independente, a ânsia de respirar com alma?

Não podemos precisar o fim. Mas podemos dizer que êsse povo teve o início da liberdade em mil oitocentos e vinte três e que os seus ascendentes somos nós, que lhe votamos todo o nosso amor, sonhando-o grande quando ainda é pequeno, querendo-o forte quando ainda é fraco, pedindo-o livre quando ainda é escravo.

Não há pessimismo na frase. Despovoado e inexplorado, o Amazonas é um gigante à maneira de Gulliver, e, por falta de confiança em seus membros, muito tempo levará a quebrar as linhas, que o prendem à escuridão e à pobreza. Quando elas se partirem, ao abrir-se ao mundo o estádio impenetrável, as bênçãos, que hoje espalhamos sôbre as cinzas dos antepassados, caberão a nós, atalaias das tradições redivivas, templários das catredrais ameaçadas, videntes da glória de amanhã.

* * *

Seja-nos permitido idealizar essa época pelo sonho ou pela fantasia, e imaginar a sua fulgural eclosão, ao claror das energias despertas, calculando-lhe à fôrça, como se pode calcular um rio pelas nascentes, pelas artérias, pelas chuvas, pelas vertentes que o sustentam.

Tomaremos por base as cidades embrionárias antes da derrocada financeira, quando uma vida incessante e vertiginosa corria num deslumbramento, e a fartura, decorrente de uma simples monocultura, entornava a alegria e a felicidade por estas ribas torrenciais.

Não eramos a terra da promissão, conforme a velha imagem retórica, porque não íamos abrigar uma determinada leva acossada pelos flagelos. Não eramos um vale florescente, para onde corressem os sedentos e os famintos, os dejectos das raças amaldiçoadas, varridas pelo esfacelamento.

Não eramos a ilusão dourada, que fulgia em árvores-miragens, — pomos de Asfaltite, que se desfaziam em cinzas ao toque de convulsas mãos profanas, trêmulas de emoção e de fome. Mas éramos o Eldorado, estendendo planícies fecundas para pedestais de cidades de ouro; mas éramos o paraíso verde com círculos azuis de atividade, florindo em campos gerais como em florestas virgens, em chapadões de terras firmes como em vales humosos; mas éramos o oasis sumarento, fadado para acolher os perseguidos de todos os desertos e de todos os simuns; mas eramos o trato infinito, onde ainda se ouvia, revelado pelas vozes das águas e das selvas, o estrépito de nossas avós-centauras; mas eramos o Amazonas, princípio e fim, berço e túmulo, riso e lágrimas, cárcere e redenção de nosso vida! Ao pronunciar essa palavra, escrita a rubro num missal de amor, os lábios tremem e rezamos, os joelhos dobram-se e beijamos o chão.

A hóstia concentra o poema transfigurador do Calvário; êsse vocábulo, pela evocação grandiosa, concentra uma história, divinizada pelo sofrimento e pelo amor. E é êsse amor que nos faz prever o Amazonas de dois mil e vinte e três, como uma pátria em que milhares de homens, unidos pelo mesmo afeto, celebram uma nova era, sustentando, por seu poder financeiro, uma potência econômica formidável, cujas cariátides serão as fábricas plantadas nos campos, os armazens com incalculáveis valores, as cidades debruçadas à margem dos rios nervosos e barrentos. As estradas de ferro comunicarão os afluentes entres si e porão em contacto os reservatórios de riquezas, que se prolongam do rio Branco aos campos-gerais do Madeira. Uma população hígida viverá à margem das linhas férreas, dirigida por homens capazes de iniciativas, ressuscitando essas prodigiosas cabeças-dínamos com que os americanos do norte assombram o mundo. Surgirão das sombras, elaborados pela ação fecunda do meio os super-homens de Emerson e os heróis de Carlyle, seja qual fôr a modalidade da luta, — na

arena do pensamento pelo sonho, na arena do valor pela realização. Êsses homens, interrogando a nossa atualidade, que será uma aurora, terão palavras de comovida compaixão por nossa crença nessa prosperidade, nestes anos em que uma espécie de eclipse, contrastando ao sol do equador, empanou o brilho das consciências, sepultando-as em sonambulismo.

Será o Amazonas da liberdade, essa orquídea rara, cujo perfume sentimos vagamente e que não possuímos, — liberdade que brotará irresistìvelmente das consequências do progresso e da luta, e que terá a fôrça dos caudais, descendo com ímpeto pelas montanhas. Haverá então o culto da responsabilidade, sob a sentinela dêsse povo que se sonha, povo-senhor, povo-construtor, povo-lutador, que flutua em nossas cabeças, como uma de nossas quimeras mais exaltadas e puras.

E, nessa robusta previsão, não há fantasia. Seria negar as possibilidades dêste pedaço do mundo, que detem fôrças tremendas nas cachoeiras; seria negar a produção espantosa destas leiras em abanddono, onde o homem, nômade e volúvel, se alimenta do estrago e da destruição; seria negar a gleba que não está explorada, a selva que se conserva de pé, as águas que se perdem nos leitos, o solo que permanece virgem. Aproveitai-o, e tereis o espanto.

Lavrai-o, e tereis os celeiros para invernos e verões, sem necessidade de achegas. O aniquilamento do Amazonas é um arrojo verbal.

Não há ressurreição por não ter havido derrota. É um erro considerar esta fase oscilante, êste período transitório de crise, um colapso, um estado mortal, cuja renovação seja tão difícil como um ressurgimento.

Sofremos apenas a crise parcial de um produto, que tem sido o nosso eixo de vida, e cuja depreciação nos desorienta e desnorteia, dando-nos os prenúncios negros do naufrágio. A nossa atividade consiste em aproveitar as ofertas gratuitas da terra.

"Não há razão, de nossa parte, para desfalecimento, — dizia eu em vésperas de sete de setembro de mil novecentos e vinte e dois. Trabalhemos, repetindo o conceito de Franklin: "quem vive de esperança morre de fome; um trabalhador de pé é maior que um aristocrata de joelho".

Atravessamos, na Amazônia, o período das explorações: sangramos árvores, devastamos florestas. Não lavramos a terra; carregamos o que nos oferece. Seringais e castanhais não

foram plantados; cresceram majestosamente, sem que lhes achegassemos ao tronco uma pá de terra, sem que lhes podassemos um galho inútil. O segrêdo da flora e da fauna permanece virgem; grande parte da bacia hidrográfica, inexplorada; o subsolo, guardando minerais no sono secular.

Os rios gigantes, que assistiram o encantamento de Orsua e Orellana à contemplação da natureza extraordinária, não desafiam levas migratórias, mas povos que formem as civilizações sonhadas por Humboldt.

Trabalhemos !

Acusam-nos de raça triste e, de fato, corre em nossa veia criadora, num sopro esquileano de rajada, uma tristeza singular. Dominemo-la, arando a terra que rebenta em esperanças. Deve palpitar no coração de todo homem o Hylas da idade heróica, prisioneiro das ninfas, em que a humanidade simboliza muitos sonhos.

Não posso compreender a causa de blasfêmias contra a terra-mater, por moços que não sustentam uma idéia, por velhos incapazes de um holocausto.

Orgulhemo-nos de nossa pátria, cheios apenas de um ceticismo: o ceticismo da morte, que não nos permitirá ver êste país daqui a cem anos, em plena apoteose de progresso, quando formos, na acepção jurídica do termo, uma grande pátria".

A natureza amazônica estende-nos as suas ofertas portentosas. Mas, perante o seu resplendor, havemos sido surdos, aproveitando apenas o que gratuitamente nos proporciona. Pouca diferença temos do elemento selvagem, se apreciarmos os fatos com a devida proporção.

Imitamos, no gigantismo destas florestas, os parasitas vorazes, que sugam a seiva e fascinam ao primeiro exame. A vista do observador perde-se nas pétalas de sangue, feridas rubras enfeitando os troncos vetustos, e deixa em esquecimento a árvore benfeitora, de que rouba a seiva. Demais, não nos aprofundamos na questão, seduzidos pela natureza revoltada ante os profanadores. O primeiro óbice ordena a retirada . . . Retiramo-nos. E, entretanto, no Amazonas, só o homem ainda é um vencido. Tudo é um tempestuoso anseio de vida, seja em trágicos cenários de cachoeiras e correntezas, seja na beleza calma dos paludes e dos lagos amortecidos. Mas nesses contrastes, em quietação ou borborinho, em movimento ou beatitude, a natureza é uma forja em eterno labor. Só o

homem é um autômato, um velho desesperançado, um náufrago impotente, mesmo quando surge da fusão dos grupos dispersos, que por aqui se confundem. Não há caldeamento, nem seleção, e sòmente aos anos e aos fatôres raciais cabe criar o tipo vencedor e representativo do amazanense futuro. Não quer isso dizer que a conquista tenha sido facil, oferecendo-se os meandros ao primeiro olhar. Ela tem importado em sucessivas batalhas. As epidemias, o desconforto, o desânimo bombardeiam-nos ferozmente, vencendo-nos muitas vezes. As sepulturas ficam abertas nas florestas, à borda dos barrancos, sem cruzes e sem recordações, protegidas apenas pela esmola e pela caridade da luz.

As formas de trabalho, que a terra nova improvisa multiplicam-se, e algumas são loucas expressões de heroismo. O homem não aprende: adapta-se ao meio, segue o mimetismo dos inferiores. Sobe às árvores, mergulha nos rios, vara trechos imprevistos, entregue aos mais disformes exercícios. Tôdas as nossas profissões, as mais fáceis, são arriscadas páginas de heroismo e de sacrifício, pontilhando a imensidade de túmulos ignorados.

Sôbre a corrente, as canoas descem como catafalcos, carregando cadáveres, vigiados por espectros, cujas manifestações de dor, quando entreabrem a bôca no estertor do gemido, trazem o escárneo de risadas de lêmures em orgias. As casas, agarradas aos barrancos, são passageiras e servem apenas para meses. Não conseguem formar o lar tradicional, em que a saudade é a fôrça invisível e fatal que mantem o culto da gente.

Em certo pontos, as tribos bárbaras estão de pé, e repelem, com as mesmas armas do descobrimento, os invasores modernos. Os dramas ressurgem. Repetem-se os encontros sanguinolentos, durante as safras dos produtos lucrativos.

Vê-se que o cenário do Amazonas ainda é virgem, com passagens iguais às da descobertas; virgens, os processos de luta e de vida; virgens, os lances de destemor. Nestas léguas sem fim, o homem avança, os bandeirantes caminham norteados pela ambição, que é um apanágio de vitória.

Hoje é um acampamento em margem de rio que os mapas esquissam em linhas pontuadas; amanhã, o caminho serpenteia, floresta a dentro; mais tarde, o seringal abriga centenas de moradores.

* * *

Tôdas as bênçãos devem cair sôbre os homens destemerosos que desbravam o Amazonas, — os nativos coluniados,

que morrem em sua trincheira de honra, e os sertanejos do nordeste calcinados, os cearenses que, talvez pela seleção em que vivem, constituem o expoente rácico mais definido e característico do Brasil. O poema da colonização do Amazonas, iluminado pelo clarão gelado de trezentos mil mortos, ainda não foi escrito, mas o seu fulgor, como o luar nas geleiras, espadanando Himalaias de chamas, cai sôbre nós à maneira de um opulento **gulf stream,** que nos traz do passado, das idades remotas, a coragem e o calor para a beleza e para a glória.

Êsses homens rudes, que sentem no espírito a adustão de seus sertões e a agitação de seus mares, transmudam-se em valentes, ao contato sarcástico dos caboclos, desvendam o labirinto de nossas terras, e, no momento preciso, se metamorfoseiam em soldados para morrer ou vencer, cantando pelo orgulho de sua pátria. Ve-los-eis, em Pôrto-Acre, pelejadores em nome do Amazonas e do Brasil, contra um exército, bater uma nação: ve-los-eis enfrentar, em fronteiras indefesas, invasores imprudentes; ve-los-eis, no rio Branco e no Madeira, no Javari e no Negro, como sentinelas, conservando no coração o culto da terra e da gente. Nas extremas agonias, quando a crise os forçou à reação e o govêrno central pensou em caçá-los à bala, êles, os detentores dos menores segredos florestais, os vencedores de uma nação, derem o exemplo de não derramar o sangue fraterno e evitaram a luta, o assassínio e o roubo. Procuraram as cidades e os povoados, e pediram socorro e ordem para fugir ao bolchevismo industrial que se implantara, e, quando receberam passagens para longe, banharam de pronto a terra, que provocou a lágrima para trazer o riso, que os redimiu e purificou pela cristalização da dor. E, de longe, esfumadas as imagens nas retinas, cedem à nostalgia e voltam à casa desprezada, dispostos ao reinício da luta.

O Amazonas reconhece quanto deve aos nobres bandeirantes do nordeste: a mocidade proclama-o, neste minuto religioso, pela voz dos seus filhos agradecidos que resumem, na mesma gota de pranto, a saudade pelo nativo indomável, educado pelo heroismo, e a saudade pelo bandeirante longínquo, moldado pela coragem.

Nessa oração, reza também pelos mortos, pelos que dormem na terra e velam por nossa tranquilidade, pelos que rasgam os sulcos e deitam as sementes para as messes vindouras. As ossadas são necesárias às nações. Não morre o povo que se nutre dos exemplos grandiosos dos mortos.

"Sabemos que não há um gesto, um pensamento, um pecado, uma lágrima ou um átomo da consciência adquirida que se perca nas profundidades da terra, e que, ao mais insignificante dos nossos atos, os nossos avoengos se levantam não dos seus túmulos onde se não mexem, mas no fundo de nós próprios, onde vivem sempre. Somos guiados pelo passado e pelo futuro". E assim, segundo êsse consolador pensamento, tão sàbiamente desenvolvido por Maeterlinck, nos momentos supremos do combate, temos sôbre a cabeça, como uma flâmula espiritual, a visão protetora dos antepassados, dos mortos amparando-nos do fundo de suas covas. Os próprios vivos, que vacilam e cambaleiam, tomam, de repente, aquêle sobrenatural esplendor: erguem-se para continuar a luta. Ainda é de ontem o **Débout! les morts!** que os soldados franceses soltavam no avanço, supondo-se protegidos pelos numens do passado.

Nessa batalha infrene e sem tréguas, que se trava no Amazonas, ouvimos também essa emprecação: de pé os mortos! E, em todos os recantos, palpamos mãos que nos guiam, braços que nos favorecem, olhos que nos envolvem, cobrindo-nos de coragem e de perdão.

* * *

O Amazonas deve o seu progresso exclusivamente ao esforço próprio. Venceu só, ao impulso de seu comércio e de suas classes laboriosas.

É um filho devotado, que sempre contribuiu para o conforto da casa paterna e que de seus pais não recebeu sequer a instrução primária ou profissional.

E quando perguntei, quase incidindo num sacrilégio, se persistiria no bloco brasileiro, ou se deslocaria mais tarde, eu me apoiava à opinião dos mais clarividentes estadistas nacionais, a começar pelo conselheiro Nabuco de Araujo, quando pedia a colonização das margens dos nossos rios e a sua navegação por navios nossos, e pelo Barão de Cotegipe, atemorizado pela "mudança radical nas condições do trabalho", criando o "antagonismo político entre as províncias do sul e as províncias do norte" e, como consequência, aquêle "choque de interêsses que têm ameaçado a União Norte Americana".

No presente, além de Sílvio Romero, que anunciou a profunda divergência entre o norte e o sul, é a campanha persitente de homens de responsabilidade e da própria imprensa, que pregam estados do norte como colônias do sul: recebem os seus produtos, pagam os impostos, e não chegam a ter livre

arbritrio na escolha de seus representantes e dirigentes. Devido a isso, chega a haver dentro das lindas da mesma pátria, em pleno Rio de Janeiro, conjuntos para a defesa do norte, jornais para a defesa do norte, como se o norte fôsse um feudo do sul.

Há um murmúrio de formal desaprovação, quando as acusações chovem sôbre os poderes constituidos do país, na parte concernente ao Amazonas. Mas, sem que importem em felonia estas minhas palavras, partidário intransigente de um Brasil uno e poderoso, quais são os favores prestados pela União ao nosso Estado?

O Amazonas, apesar de nôvo, entregou e entrega milhares de contos ao govêrno federal, em sucessivas arrecadações; guerreou heròicamente em Canudos; auxiliou a revolução acreana e precipitou os acontecimentos que deram origem ao tratado de Petrópolis; impede, bem ou mal, que estrangeiros se assenhoreiem das nossas terras, como acontece na zona do rio Branco; cede os seus próprios para funcionamento de repartições de exclusiva atribuição do govêrno federal, que não o indeniza no mínimo ceitil; assiste, na resignação da impotência, que lhe deturpem a vontade popular, aceitando, como representantes, medalhões falsos, que lhe não prestaram talvez o raro incentivo de uma palavra . . . Além das obrigações estritamente necessárias como o ,rádio e as repartições arrecadadoras, eu queria saber, em satisfação aos impostos que pagamos, quais os obséquios recebidos . . . Defesa da borracha? Haveis de concordar que foi uma carniça para engordar os tubarões e as piranhas da Avenida Central com ordenados fabulosos.

Apôio à borracha em ocasiões difíceis? A Associação Comercial responderá qual o papel representado pelo Banco do Brasil com a sua entrada no mercado, nos anos calamitosos da guerra.

Valorização da boracha? Ainda em mil novecentos e vinte e um, o dr. Epitácio Pessoa, negava o menor auxílio a êsse produto, sob o sofisma de não ser igual ao café .

Tranporte? O comércio exportador dirá o que foi essa crise no período alarmante da catastrofe mundial, e até poucos meses, qual a utilidade do Lloyd Brasileiro, companhia oficial, enquanto os seus navios apodreciam nos estaleiros europeus. . . Defesa da fronteira, êsse princípio sagrado das mais ínfimas republiquetas? O forte de São Joaquim tem valor como redil ou preciosidade paleontológica; o forte de Tabatinga, onde os nossos abnegados soldados sofrem o horror do tédio e do impaludismo, não infunde respeito sequer aos caucheiros peruanos. Não

resisto em transcrever Alberto Rangel: "O casal Agassis sorriu do poder ofensivo dessa praça em que Monnier consignou como exclusivo resquício de artilharia, um canhão antigo aos pés de seu reparo desencarretado.

Em mil novecentos e oito Tasso Fragoso, para gratificar de uma olhadela o reduto famoso, teve que fazer roçar o caminho às vergonhosas ruinas dêsse desgraçado posto de fronteira e banzar para o término tapera".

O arremedo de Cucuí dispensa qualquer comentário . . .

Colonização, fomento agricola? Foi tudo iniciativa particular, esforço particular, gasto particular.

Pergunto, então, quais são os poucos benefícios que devemos aos poderes centais? Por que benefícios não são indivíduos que aqui vêm em missões especiais de ministérios, nem empregos criados sem necessidades para socorrer afilhados, mas obras e atos, que orientem a coletividade em suas horas tenebrosas.

Injustiças, sim, essas recebemos pròdigamente, a começar pela usurpação do Acre. Ainda em mil novecentos e quatorze, ao desencadear da guerra, o govêrno nos dava uma prova de sua consideração, transferindo a séde da região militar e a da flotilha do Amazonas para Belém. Não faz muito tempo, repetiu a façanha com a estação do rádio. A desinteligência entre o norte e o sul surge dessas anomalias, dessas diferenças, e não de bandeiras ou hinos estaduais, simples roupagens sem efeito nacional nos países em que se distribui igualmente a justiça. Que rumo tomarão os fatos, se persistirem as exceções odiosas, quando crescer a nossa população e quando reclamar o norte os direitos que lhe assistem?

* * *

"O São Francisco, diz João Ribeiro, é o grande caminho da civilização brasileira", e "de suas cabeceiras, em que pairam as grandes bandeiras", partiram "os dois máximos fatôres do povoamento", — o impulso das minas e o impulso da criação — E o rio que banha o pedaço chamado o Brasil brasileiro. "O extremo norte, a Amazônia, é um excesso indiático; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platino: ambos êsses extremos estão fóra ainda hoje do seu influxo original: revolucionam-se quando tudo está em paz, ou prosperam em meio da miséria universal".

Essas palavras dizem que não estamos integrados à nacionalidade e, alicerçados nelas e interpretando-as mal,

certos indivíduos sandejam até em livros, contendo os maiores disparates. Um dêles, bastante injusto, subvencionado pelos cofres públicos estaduais, não trepida em afirmar, além de outras invencionices, que, "dentro desta floresta, nunca a aza de uma lenda ergueu vôo roçando os navegantes morenos, que olham da prôa dos transatlânticos, nunca uma nota de ternura se elevou e quedou suspensa no ar", e "que o rio Amazonas domina tôda a floresta como um malefício: a sua funcção é destruir".

É flagrante a curteza da visão. Talvez as enchentes anuais não sejam, quando estiver a vida perfeitamente organizada, o espanto e a destruição de hoje, mas a fertilização, a vida, o esplendor. Não têm o inesperado das catastrofes que dizimam outros pontos: é fatal nos meses de inverno. O homem necessita apenas encontrar o meio de vence-la, habitando pousos altos e fazendo das margens campos de agricultura. Essas enchentes, transformadoras de cenários, constituem ainda uma defesa aos caboclos, aos amazonenses, acoimados injustamente de retardatários e de preguiçosos. Em outros Estados, mal uma geada perturba cafezais, mal um riacho invade um lugarejo, os cofres públicos federais saem a ampará-los, entre aplausos das confrarias e artigos laudatórios de néscios, que parvoejam sôbre a sua terra dos reservados nauseantes das casas de jôgo e de bebidas.

As sêcas, os terremotos, as inundações, calcinam, abalam, submergem as terras de tempos em tempos, em largos períodos, mais alguns dêsses empecilhos primam pela transitoriedade: ceifam montes, mas desaparecem; destróem cidades, mas fogem. No Amazonas, as enchentes, em altura maiores ou menores, são anuais, e aniquilam o esfôrço dos operários modestos da selva, que não têm uma diretriz, um auxílio na obra portentosa da resistência e da tenacidade: urge canalizar êsses esforços, vencendo a natureza, corrigindo-a em suas imperfeições.

E o rio deixará de ser o destruidor incessante, o semeador da morte, o fulminador cruel para valorizar as terras e os campos pelo humor depositados nas ásperas estratificações, como lembrança de sua passagem fecundadora. Até êsse dia, oculto pelos anos ou pelos séculos, resistiremos nesta imensa tragédia, oriunda da luta em meio virgem.

Continuaremos a cair na aspiração perseverante de melhores dias.

Para a realização de tantos sonhos, milhões de homens serão plantados em covas, como sementes de tradições vindouras.

A morte, no conceito alenvatado do romancista peninsular, não será, nesta natureza tão linda, o esqueleto bárbaro interpretado pela arte da idade média, com o seu riso descarnado e sua foice implacável, a ceifar louras searas humanas, jardins adolescentes que apenas começaram a florir. Sera a mulher fecunda e robusta, de olhos sensíveis e parados, mas de seios fartos e volumosos, aleitando a recordação e o esquecimento.

Seus pés escondidos, calçados em coturnos de ferro, farão tremer a terra, cair o silêncio e murchar a flor.

Mas, após a passagem, tudo renascerá: reviverão as flôres com fôrça indestrutível; trinarão as aves; levantar-se-ão da poeira os velhos, os débeis, os inúteis, tranfigurados pela juventude.

Essa é a morte que os rios do Amazonas conduzem em suas devastações; exterminam em benefício futuro, escarvando o leito definitivo nas derrubadas de margens, nas erosões, nos cataclismas. A "terra caída", o aparecimento e o desaparecimento de ilhas, os paranás, os furos, essas transformações são meros acidentes, necessários ao trabalho incessante e formidando.

Nesse drama permanente, rolam aos abismos, como suaves rosas de sombras, os exploradores, desde os missionários "que encheram de vida com as suas missões o deserto do Amazonas" até os seringueiros, sustentáculos admiráveis de uma sociedade . . . Hosanna a êsses heróis! O primeiro ainda é preso pelo ideal religioso, pela seita, pela fé. O segundo, mais sofredor porque lhe falta a crença, rompe o caminho, expõe-se ao primeiro ataque, à primeira derrota, à primeira enfermidade.

"No inverno, quando o seringal se alaga,
não se vê na missão quem não celebre
com hóstias de quinino, e bôca em praga
a missa arquilitúrgica da Febre.

E's missionário sem burel e estola;
Tens nas mãos a semente das cidades,
que semeias sem Cristo e sem Loiola".

Cristo e Loiola acompanham-n'o de longe, enquanto, muitas vêzes, o seringueiro arqueja e morre, na estranha alucinação, que idealizou Humberto de Campos. Leva à cabeça, no delírio da febre, um búsio em abandono, e cai no sono infinito, tendo no ouvido o fragor aceânico, como um canto da última lembrança da última praia. Ou, sendo nativo, ouve a orquestração da natureza circundante, que lhe é, no momento caliginoso, o perfume ressuscitável de todos os sonhos mortos.

Foi com êsses dois lutadores que o o Amazonas conquistou, não sem difuculdades, o seu lugar na Federação. Êsses, sim, são os nossos credores supremos.

As consequencias sociais da conquista lenta, gerada pelas explossões de Nove de Novembro, estão nos atos que engrandecem as gerações anteriores. A extinção da escravatura constituiu um exemplo, como constitui outro exemplo a nossa ascensão econômica, sem amparos outros que os do trabalho particular e da inicíatia particular, embora tenhamos sido, pelas injustiças que nos atingiram e atingem, a última circunscrição autônoma da União Brasileira. Vivíamos trancados ao mundo, e, só após muitos anos, foram os nossas pôrtos abertos à navegação universal, trazendo os navios um sopro inatingido de cultura e progresso, que se derramou pelas principais artérias, movimentando a riqueza paralisada. As demais consequências virão após, com as vias férreas entre zonas intransitáveis, para descongestionamento de armazens inexauríveis, com as linhas novas de trasporte sôbre os rios, sobre os ares, nos pontos mais distantes da terra, em que Mercúrio, com azas movidas por fôrças elétricas, espalhará os germens da felicidade, aproximando e engrandecendo os homens.

* * *

Na formação da árvore frondosa, que resume a fôrça de nosso berço natal, devemos ter a abnegação das raízes, trabalhando no seio do solo, para que os galhos arracimados reverdeçam e se dobrem ao peso de flôres e fôlhas. Cantem, em cima, os ventos; esplenda o sol, e espalha o seu pendão de ouro; rujam os temporais renovadores e passem as primaveras; a árvore encante os olhos, e dê alimento, e dê poesia, que a raiz, como um braço sem descanço, persistirá em sua faina religiosa, sem perguntar porque se martiriza na escuridão e na obscuridade, sem a menor revolta pelo destino humilde.

Não quer significar essa tese uma passividade. A floresta esconde todos os símbolos. Quando a árvore tentar usurpar ou desviar a semente para longe, essas raízes, hoje pequenas, devem brotar à flor do solo, enrolar-se ao tronco indomável, na obstinada lascívia das heras, e hauri-lo em anos sucessivos, — prende-lo pela vida ou pela morte, como os apuís gigantescos, polvos fatais e tenazes em sua idéia mortal. A luta deve abstrair-se de preconceitos e de regionalismo, mas chega a ser crime negar ao homem o direito de viver na casa onde nasceu. E não é para uma derrota, mas para uma finalidade triunfal, que semeamos o território de ossos, que o glorificamos por gotas de suor,

cristalizando nessas pérolas mudas, nessas lágrimas do esforço, a sinfonia e a esperança dos nossos destinos.

A nossa luta para o desvirginamento da nova Atlântida, boiando na vastidão da América como um corpo verde e voluptuoso, reclama também uma audácia inflexível no sentido de repelir a injúria e a pequenez, até no dia, sonhado em deslumbramento, em que às gerações novas, gerações amazonenses, (estão incluidos nesse termo todos os homens honestos que aqui vivem, ou para aqui vêm) fôr entregue a direção do Amazonas.

Foram quimeras as tentativas feitas nesse sentido, porque idéias semelhantes nascem com o tempo, com a educação do meio e a cultura cívica da mocidade, e não com programas enfáticos e assembléias tumultuosas e heterogêneas.

Sofremos as consequências dos meios em crescimentos. Somos compelidos a sofre-las muitos anos mais, caminhando na ondulação atual, até que fortes correntes, canalizadas pelo maior número, ainda nas escolas e nas academias, quebrem os diques, destruindo-os se fôr preciso, para dominar, subjugar e ditar as suas normas de ver e dirigir, no sacrifício do individualismo pelo interesse coletivo, e não no sacrifício da coletividade pelo bem estar individual.

Que importa o holocausto de alguns, que, pela defesa dêsse ideal, fiquem anquilosados numa eterna sideração?

Nas grandes batalhas, a vanguarda morre e abre caminho para as reservas vitoriosas. Tôda morte deve ser bendita, desde que seja em nome da pátria. "O único meio de assegurar a vitória da justiça é bater-se a gente contra tudo que é baixo, fraco e odioso no presente". O mesmo Roosevelt dessas palavras acrescentara que o "crédito pertence ao homem que desce com sua pessoa à arena, e cujo rosto fica sujo de poeira, de suor e de sangue".

Encarar os dias com indiferança, — indiferença pelo voto popular, indiferença pelas finanças públicas, indiferença pelas torpezas administrativas, — é um crime, que deve ser regra de velhos caquéticos e de moços corrompidos; jámais, porém, da gente nova de uma terra, cujo momento psicológico de ação pela liberdade pode criar a sua alvorada redentora no centenário do primeiro vagido de emancipação política. É o instante da mocidade intervir na luta, interessar-se pela marcha de seu Estado, sem a inconveniência das oposições sistemáticas como dos apoios incondicionais. Soou o momento oportuno dessa iniciativa e, em sua defesa, devem formar fileiras todos os

amazonenses, dentro ou fora do Amazonas, porque a distância só é um salvo-conduto de impassibilidade para os que têm o germen do comodismo e da covardia. O amazonense deve trabalhar pela grandeza de seu berço, onde quer que se encontre, acompanhando com interesse os assuntos que lhe dizem respeito, surdo aos doestos e aos insultos dos que lhe atirarem pedras, em nome de um falso patriotismo e de um falso amor.

Será êsse o conciso programa que, divergente em certas diretrizes, só tem um princípio básico, — o amor pelo Amazonas, a defesa do Amazonas, o bem para o Amazonas.

Mas, nesse programa sem exclusões odiosas, com o regaço aberto aos filhos de outras terras, animados de respeito e de honestidade, de coragem e de trabalho, nesse programa de querer o Amazonas, está incluido o apanágio da liberdade, pelo respeito' a vontade das minorias, pela livre manisfestação do pensamento, pela legalização do interior entregue ao marasmo e despido das menores fórmulas jurídicas, pela constituição de congressos que interpretem a necessidade do povo. E, como consequência, apagará tôdas as misérias e amoralidades, condenando os bajuladores, os louvaminheiros, os traficantes da fortuna pública, os mentirosos e os bufões acostumados as farças e as impudências, todos os bôbos que são objeto de escárneo e que engrossam a galeria abjeta do ridículo, ou as páginas de baixo humorismo dos livros coloridos, postos a venda em barbearias e quitandas.

Os amazonenses não sonham muralhas para o Amazonas. O sectarismo não encontra adeptos aqui. Desejam que homens de tôdas os climas selecianados procurem êstes rios, purifiquem a raça e abram sulcos para as sementes. Pensem que êsses homens, nacionais ou estrangeiros, têm direito às posições pelo esforço desenvolvido, que é a recompensa natural do trabalho. Querem apenas pudor, querem brio, querem competência, — palavras incolores e vagas, que passaram a ser verdadeiros milagres.

É um programa em bem de tudo e de todos.

A época da reabilitação, sob êsses princípios, não tardará a lançar os seus clarões no horizonte plúmbeo d'agua, listrado de nevoeiro e desfortúnios.

Sigamos Rui. Façamos de suas palavras um evangelho, em sua profética invocação à liberdade.

"Tu não és a escada do poder; és, nas sociedades adiantadas, o elemento sagrado que o limita. Não te chamas dominação: chamas-te igualdade, tolerância, justiça. Não te entregas em monopólio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um sistema: exiges uniformemente para todos, eliminadora do mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem. Só te compreendem os que te não recusam aos seus adversários; porque tu és a discussão, a luta das inteligências, o combate das idéias.

Nenhuma opinião, nenhuma política, nenhuma invenção humana é privilegiada contra ti; sôbre tôdas entornas imparcialmente os teus raios, a cujo clarão o êrro se descobre, e prevalece a verdade. Seu influxo decompõe as criações efêmeras e cirstaliza as divinas . . .

As procelas, as trombas, os ciclones devastam, mas não duram.

O que não passa é o oceano das verdades eternas, indiferente ao rugir das paixões contemporâneas, e por sôbre êle a imensidade sidérea das almas, que és tu, ó liberdade !

"Teus heróis não são os gigantes da carniça, os clássicos da perseguição, os semi-deuses do terror; são os bens, os mansos, os justos, os mártires da impassibilidade política no trono, na plebe, nas seitas ferozes, os homens limpos de sangue alheio, que venceram pregando, escrevendo, edificando — salvando, e morrendo, os que, abraçados contigo, semearam a religião, lavraram o direito e estabeleceram a moral e a política, êsse composto de moderação, experiência comum".

A norma dos amazonenses deve ser essa, sejam quais forem as consequências, para a salvação da sua terra, repelindo com ousadia os mendigos do voto, os negocistas da felicidade do Estado pelas cômodas posições do momento . . . Talvez minhas palavras representem quimeras, como espumas soltas em rendas sôbre as águas. Os moços são os vencidos de hoje hão de ser amanhã ?

* * *

A reabilitação está em marcha e, por bem ou por mal, chegará a tempo de converter os miasmas em ar virtual, em

honra, em pão, arrimando os vencidos e os miseráveis com as economias que lhes foram subtraídas a golpes de fôrças, pela mudança da lei em trampolinadas e tranquibernices. Essa facção tentará renovar os problemas vitais de nossa terra, sem protelar direitos mas sem aplaudir leis clandestinas, forgicadas em segrêdo, como os pactos que os salteadores premeditam, ao livor de fachos e punhais. Tôdas as fórmulas imperiosas da atividade, que exalta os povos, desde o operário ao letrado, encontrarão alento, encontrarão apoio, sob as iniciativas das classes conservadoras e dos poderes estaduais, que serão obrigados a empregar os impostos a prol do povo e da terra.

Êsse modo de ver, que os chalaceadores consideram tentativa visionária, será uma realidade ao influxo da ação, capaz de pôr homens no poder: após dois ou três períodos governamentais sérios, consalidados na confiança pública, será difícil a reinstalação de governichos arbitrários, servidos por Pasquinos e Quasimodos, acostumados a zombaria e a dicacidade, em bacanais torpes ante a miséria do povo. A rajada de luz, que aparecer, espantará os vampiros, os morcegos, forçados a procura dos antros próprios aos que vivem sugando sangue. Porque sugar o sangue não é sòmente matar o indivíduo e exercer a função de sanguessuga.

Sangue é suor, sangue é trabalho, sangue é esfôrço. E não reconhecer êsse esfôrço, êsse sour, é ocorrer no mesmo crime dos vampiros.

Aos moços amazonenses, — homens em botão e mulheres em manhã, cabe arquitetar a obra ressurgente, em qualquer profissão que tentarem, mas principalmente no trabalho de ensinar crianças, de formar almas e modelar caracteres. Cabe às professôras, que vão exercer seu magistério em meio selvagem, desbordante de belezas e tremendo de ferocidade: muitas desconhecem, no descuido do altruismo, o papel prepoderante que desempenham, lutando, como guerreiras sem munição, num Estado em que o problema da instrução, excetuando talvez Manaus e alguns pontos do interior, é uma tristíssima, dolorosíssima incógnita, devido à escassez das verbas.

Sois, minhas patrícias, o grande braço da ressurreição, porque dais a centenas de crianças, como nas frases comovedoras do Padre Nosso, e sem que recebais o pão de cada dia, a letra de cada minuto, luz de cada hora, o trigo de cada manhã.

Sois divinas escultoras, corrigindo as obras da criação, nas imperfeições com que brotaram das revulsões, das erosões, dêsse apavorante mundo, verdadeira "selva selvaggia", em que a

ciência esbarra, espantada ante mil imprevistos, — que é a criança, produto de entrechoques hereditários. Entre o salão de aula, revelando nos instintos os anátemas sombrios de mórbidos atavismos, e não perguntais de onde vem nem para onde vai. Sabeis apenas que chega fria, que precisa de calor e de sol, — sol e calor que entesourais no coração, acumulados por vossos mestres em cinco anos de curso.

E como bate à porta do templo do sol ?

Em idade capaz, passados os anos da primeira infância, na alvorada fulgente da adolêscencia ? Não ! Vem como um pássaro implume, tiritando ainda dos longos vôos atravéz de espaços enevoados, na desconfiança de quem pousa em florestas soturnas, em paragens desconhecidas, veladas por sacerdotisas, em cujas frontes a aureola do respeito e da formosura imprimiu um cunho de pureza e santidade.

A voz, em suas bocas, ainda é um pipilo, uma suave surdina arrastada em **scherzos** e **tremolos;** os seus olhos são andorinhas medrosas, de azas sem penas, tremendo sôbre precipícios; os seus braços não têm movimento. Mas, ó deliciosos milagres, após ligeira hibernação nesses jardins da infância a que Froebel imprimiu a sua aguda penetração, após êsse interregno de "aprender pelo divertimento", elas gorjeiam a flagrante transformação: a sua voz não é pipilo, mas gorjeio; os seus olhos não traduzem o espanto, mas os albores do conhecimento; os seus braços não se desengonçam nem se desarticulam como de polichinelos, mas traçam linhas quando se estendem ou recuam. E por quê ? Ingênua interogação ! Porque lhes destes voz, porque lhes deste luz, porque lhes deste atitudes, arrancando da treva da ignorância almas para a beleza e criaturas para a pátria ! Saúdo em vós, semeadoras, o futuro de nossa terra, que reclama, para a sua libertação, a semente desiciva nesses rebentos que se erguem, e cujos galhos, projetando-se pelo tempo, possam dar sombra e carinho a todos nós, a essa época lenços vacilantes em último adeus à vida. Bendizendo o vosso trabalho e a vossa luta. Nem é mister que transcorra meio século para essa resurreição, desde que o trabalho comece presente, na geração de hoje.

Cabe a exaustiva tarefa a vós, que sois como **Scheherazades** morenas, ou como fadas que vêm despertar princesas adormecidas, apenas com essa varinha mágica, — o giz, e com êsses sinais de quiromância, — as vossas palavras !

A nossa terra atravessa o período do crescimento, exigindo cuidados maternais, chamas e revoltas, para que se não desvir-

tuem os nossos sonhos, nem se desvirginem, ao sôpro do arrivismo e do impatriotismo, as aspirações sagradas que trouxemos do berço.

A geração futura, ainda argila em vossos dedos criadores, deverá ter consciência e altivez, com almas harmoniosas e espíritos perfeitos.

Lembro-vos as frases de um amazonense iluminado, foragido de sua terra que lhe negava o pão, apesar de ser um expoente e um símbolo rebelde, — amazonense que foi morrer, para não mentir as suas idéias, nas solidões dos barrancos acreanos. Deixai que eu lembre as palavras de Heliodoro Balbi, cuja morte, em terras que nos foram subtraídas, ainda foi um protesto contra o assalto.

Dizia êle aos seus colegas, ainda moço, em despedida aos bancos acadêmicos, como uma profissão de fé perante a vida, que lhe ia ser uma estrada de Calvário :

> "Ides para o meio dessa tremenda subversão de princípios e caracteres — mas ide como uma fôrça de resistência, como uma audácia convencida da firmeza do seu protesto. Levantai-vos contra tôdas as torpezas e iniquidades, contra os desmandos dos almetas e bonzos, satrapas e lacaios republicanos, cujos ideais não transpuseram nunca a cêrca da sua herdade, a linha do horizonte da sua aldeia e, aparvalhadamente, querem dirigir opiniões, governar povos, superintender cidades e educar gerações".
>
> "As sociedades caracterizam-se pelas revoluções e o homem que as constitui e que não é um centro de revolução não é um fator social.
>
> Garibaldi, Mazzini, Cipriani, Bolivar, Bakounine, Andrada, Tolstoi são a imagem da liberdade, ela mesma feita homem, para quebrar os ferros dos mártires e abrir as prisões dos justos. Protestai, pois, contra tôdas as tiranias, contra as da imprensa como as dos governos, contra as dos juízes como as dos mestres, contra as de todos aquêles que têm uma parcela de poder social. Opondo-vos firme e tenazmente as masorcas daqueles que, com estupendo cinismo e indigna covardia, mercadejam a honra da pátria, infamando a glória do seu nome".

Mas adiante, num arroubo, continuava em frases candentes sôbre o país:

> "Entrai, sim mas entrai como uma voz de protesto contra os oligarcas da república, contra os jornalistas impudentes, contra os advogados sem escrúpulos, contra os governos ladrões, contra os juízes venais. Entrai, sim, mas entrai como legionários do direito, como sentinelas da justiça, como amigos da liberdade e do homem. O patrimônio dos órfãos, a massa dos falidos, os bens dos ausentes, precisam de mãos puras para guardá-los, de mãos limpas para geri-los, de mãos honestas para movê-los.
>
> Hoje que os Fábios, os Curcius, os Cincinatos rareiam, desaparecem, morrem, é preciso cria-los, fazê-los, multiplicá-los. E há de ser de vós que sairá o renascimento da pátria abatida, a fraternidade dos homens no esbôço amorfo da sociedade de amanhã, prólogo incolor ainda dessa epopéia de luz, assinalável hoje. Mas que será o estado definitivo e último da constituição social".

* * *

O Amazonas entoará, com a vitória dos seus filhos, o hino de uma época de ouro: o Eldorado não será uma fantasia com "vales de sombra e montanhas de lua", escondidos na imaginação, como pensou Edgard Põe, mas o solo em que as cidades livres e os homens livres terão cantos e bênçãos para a vida. A instrução ensinará o homem a querer, virilizando-o por uma vez para a pátria una e solidária, em que o direito tenha uma função de ordem e de fôrça.

São palavras de Ihering: "o povo que não tem o sentimento vivo e enérgico do seu direito, não saberá defender a sua independência e a sua liberdade".

Muitos sucumbirão na luta, mas as suas idéias, como as flâmulas do Espírito Santo aos Apóstolos, trarão calor para avivar os sedentos de justiça e de paz, rememorando as ações dos que sofreram e morreram pela causas justas. E êsse sacrifício fará recuar os próprios assassinos, que tomarão atitudes pelo exemplo do holocausto e da morte. Aplicar-se-á aos falangiários a exclamação do montanhês grego, que, ao tombar no Olimpo, após sangrento combate pela pátria, dizia aos abutres, que lhe devorariam mais tarde o cadaver: "As vossas garras vão tornar-se fortes como as da águia, quando tiverdes comido a minha

carne". Assim também a influência das ações nobres, sustentadas com sangue, os oligarcas e os plutocratas, abutres negros das democracias,tomarão rumo diferente, porque aprenderão outros modos de agir com a revelação do civismo.

O Amazonas, ermo de traidores, estenderá os seus braços de mãe amorável sôbre todos nós, que sofremos e vivemos a sua sombra, sem uma palavra de maldição e de desalento, embora sacudidas violentamente por blasfêmias e rebeldias contra os êrros e os crimes. Mas, nesse trabalho insano, não lançamos anátemas contra o solo fecundo, que as flôres encantam e as águas banham de lágrimas, nem para o céu, de onde as estrêlas caridosas assistem em seu resplendor tremulante, o entreabrir dos nossos olhos maravilhados para a vida, ao embalo purificador de nossas mãos, cujo amor é como as auroras do polo : perpetuo em seu rebrilho inconfundível, sem clarões de sol equatorial e sem densidades de noites tempestuosas . . .

Eu sempre tive esse carinho pela minha terra, porque penso que ela não tem culpa das ondas de lama que lhe atiram os ingratos, e porque tenho crença irrefragável, pelo império irremovível da evolução e pela própria fatalidade universal, em seu fim suntuoso.

* * *

Como nos versos imortais de Olavo Bilac, há ainda, na hora presente, aquela ávida sarabanda de gênios maus, dansando em tripúdio sôbre florestas apocalípticas, ora espremendo "a impotência do ódio estulto, em pérfidos esguichos de veneno", ora espirrando "arrogâncias pelos poros". Mas, a hora grotesca nem sempre viverá, e as Amazonas heróicas, varrendo para longe os duendes, renascerão, em bem da pátria e da gente.

"Nem sempre durareis, eras sombrias
De miséria moral ! A aurora esperas,
O' Pátria ! e ela virá, com outras eras,
Outro sol.outra crença em outros dias !

Davi renascerá contra Golias,
Alcides contra os pântanos e as feras. . .
Os corações serão como crateras,
E hão de em lava mudar-se as cinzas frias . . .

As nobres ambições, fôrça e bondade,
Justiça e paz virão sôbre estas zonas,
Na confusa fusão da ardente escória.

E, na sua divina majestade,
Virgens, reviverão as Amazonas,
Na cavalgada esplêndida da glória".

Nós cremos nessa época de paz e de justiça, sem ser obsessões vesanas de crimes, ó Amazonas, nôvo berço das Amazonas!

Há de chegar o dia em que, sob o efeito da sinceridade, as calúnias se esgarçarão, confundindo os seus inventores deliquescentes.

Há de vir o século de ouro de Swedenborg, em que o ar não permitirá que a mentira saia da bôca.

Tôdas as verdades nadarão sôbre as águas churdas em que se acham afogadas, apagando a atmosfera de ridículo assacada contra nós, como se quatrocentas mil almas, espalhadas pelos pontos mais distantes, fôssem responsáveis pelos desvairios das minorias. Nem a história será escrita sôbre essas bases de areia e lodo. "A administração brasileira, disse Rui, está no hábito de supor que a história se manufatura com as partes oficiais, os telegramas, diplomáticos e os panegíricos dos jornais amigos. É um engano infantil, uma concepção rústica ou selvagem do mundo moderno".

Devido a isso, os historiadores do futuro, consultando fontes seguras, espanarão a poeira, a imundície, o monturo, e irão restabelecer a verdade, embora revolvam os arquivos mais complicados e secretos. Todos os "monstros feios, cujo peso afrontoso a terra oprime", todos os "espíritos obscenos", que ferem, "em vez dos corações, os calcanhares", todos êsses anãos, "vastos e estéreis, ôcos e sonoros, ùnicamente grandes no tamanho", — serão obrigados a sair de tojos e antros, e aparecer em sua nudez, para serem inoculados e desmedulados, como os coelhos nas salas dos laboratórios...

* * *

Surgirão, frente a frente, os teus benfeitores e os teus detratores, ó Amazonas... E, da comparação, veremos que, ainda pelos anos das grandes navegações aventurosas, Américo

Vespucci, enxotado pelos vagalhões, sentia o teu perfume, e dizia, debruçado sôbre a esteira de espumas: "Se há no mundo algum paraíso, está perto daqui". Aguirre, com o coração em ódio e remorso pela traição a Orsua, escrevia deslumbrado, que eras a salvação com as tuas seis mil ilhas fluviais. Bates confessava: "A imaginação desvaira, quando medita no possível futuro desta região, situada no centro equatorial da América do Sul, no meio de uma zona quase tão grande como a Europa, com o solo exuberante e fértil, e tendo comunicações naturais com o Atlântico, as Repúblicas de Venezuela, Colombia, Equador, Perú e Bolívia".

É por demais conhecida a expressão de Euclides, considerando o clima do Amazonas um clima caluniado. O nosso mal, o impaludismo, também grassa às portas do Rio de Janeiro. É o grande mal que desaparecerá com preciso combate.

Tavares Bastos exclamava: "Colocado entre dois oceanos, e entre a Ásia e a Europa, o vale do Amazonas será o centro do comércio do mundo, como, nas visões de Colombo, a América aparecia entre duas grandes massas d'agua, equilibrando a terra".

E Humboldt, e Agassis, e Castelnau, e Roosevelt, não conseguiram impedir manifestações de assombro ante os teus encantos inenarráveis. Basta a palavra dêsses magos. Bastam as frases insuspeitas dos espíritos independentes que te observam, e te sentem, magoados com as injustiças, com que te ferem nos mais simples desejos, a ti, que deste água e pão em dias de sêde e de fome!

Nada és no concerto do teu país. O receio ao escândalo, e não o respeito às leis, livrou-te de outros atentados, e porque ainda serves de recursos aos poderes centrais em seus instantes de graves crise políticas.

Lembram-se, então, de ti. O centenário de tua adesão à independência é comemorado apenas dentro em tuas fronteiras e no coração dos teus filhos.

Vários Estados irmãos apelaram para o país, por intermédio de suas bancadas, e o país a êles se associou, direta ou indiretamente, até escrevendo o seu nome no excerto dêsses dias. Nós ficamos em silêncio, relutando em reviver uma injustiça ignominiosa, e certos de que o nosso apêlo ficaria sem resposta, porque era um apêlo cívico, levantado em nome da História, sem tratar de política, de acôrdo, de transações indecorosas.

Resolvemos festejá-lo apenas em nosso lar, em nossos altares, à sombra de nossa Catedral azul, erguendo os seus dois

braços soluçantes ao céus, em frente ao Rio Negro, e implorando a bênção do senhor dos Homens e dos Mundos para todos nós . . .

Êsse retraimento em nada diminuiu a nossa alegria, e palpitará em nossas almas como um sol, até o dia em que, pelo fim, a vida se decomponha em pequeninas lembranças geladas, soltando sôbre o inverno triste em que penetrarmos, como as flôres alvas e irregulares que os **icebergs** espargem nos mares boreais, à maneira de espumas solidificadas, boiando à tona das vagas. Estamos em paz com a nossa consciência, e agradecemos ao povo o halo carinhoso com que nos circunda, aprovando os surtos do nosso patriotismo. Os homens dos centenários futuros terão uma resposta cabal, quando se curvarem sôbre a era presente, constatando que, apesar desta hora de marasmo, a alma coletiva teve um dos seus momentos de exaltação. E, festejando a data em outra Manaus, ou em outro Estado, talvez realizando a profecia de Lewis Herndon e de Humboldt, terão saudade de nós.

E, assim como alguns dêles assistem à passagem dêste dia no prolongamento vital de seus descendentes, ou em alguma árvore frondosa que lhes recolheu os átomos, nós também por essa mesma dôce e acalentadora esperança, lá estaremos, ao menos pelo prestígio sempre vivo da recordação. O Estado, na apoteose de seus destinos, entornará fartura pelo mundo com potencialidade das correntezas de seus rios . . .

A nossa bandeira formosíssima, cortada por uma torrente rubra, — monumento aos que tombaram pela civilização, derramará um dulçor infinito sôbre o povo: as vinte e nove estrêlas, esplendendo em fundo cinzento-azul, cintilarão sôbre as nossas frontes ardentes, como a do Pastor sôbre as matas, na candidez das madrugadas de verão. A águia do nosso escudo, ora em medroso surto de vôo, sacudirá a cabeça e abrirá as azas poderosas para receber em pleno peito, espanejando-as em ensaio para remígios triunfais, a luz firme, as centelhas da obra que forjamos, como obreiros modestos, na obscuridade e no silêncio dêstes tempos de treva e degradação.

E, com o pensamento na claridade redentora de amanhã, sentimos o coração oscilar num alvoroço, em ritmos e pausas, sonhando homens livres dentro em uma nação livre e um grande Amazonas integrado a um grande Brasil, fraternizados pela mesma comunhão da terra e da raça, pelo mesmo ideal do idioma e da história, pela mesma ansiedade da grandeza e da fôrça . . .

O nosso coração despetala-se, como uma ignea vitória-régia, para receber a tua bênção, suave perfume de glória, ó Bandeira

de paz e de estrêlas, que lembras, em tuas côres vívidas, um rio calmo, em cujo centro rolasse uma nesga de sangue, — óleo divino das revoluções e fôrça motriz dos povos fortes.

Em tuas côres, reunindo a terra e o céu num abraço convulsivo, está expresso o nosso juramento: ajoelhamo-nos ante as tuas dobras, ó Bandeira de estrêlas e de paz, beijando-as como se fôssem bôcas virgens, mas prontos, nas horas graves, para os sacrifícios, que dão aos homens atitudes de deuses em ira . . .

E, nesse gesto de veneração, caímos de rojo para que te levantes, e bendizemos o declínio pela tua vitória, e somos combustivel pela tua luz, e temos alma para abençoar a dor pela tua alegria e a morte pela eternidade de tua vida, ó Amazonas !

É inutil abafar a chama da liberdade nos peitos em que resplandesce silenciosamente, porque, no momento oportuno, ela encontrará abertura por onde fuja em caminho do céu, rasgando valas e crateras. E essa chama triunfante existe dentro em nós: apenas aguarda a hora para rebentar o seio negro em que jaz, e voar e fulgir, — e viver . . .

CLARIM ABANDONADO

ÁLVARO MAIA

(Inédito)

"Bendita seja!"

I

— "Demonstraste a coragem de um soldado anônimo, que tocasse um clarim, no meio do fogo, conclamando, nas arrancadas e fugas das indecisões, a certeza da vitória. Estilhas te atingiram os pulmões, asfixiaram a garganta, inundaram-te de febre e suor. Encontraram-te abraçado ao clarim de tantos anos, que te serviu de travesseiro, avermelhando as ervas do caminho. Teu regimento ofuscava-se nas distâncias, em roldões de poeira. Paciência e resignação; hás de retocá-lo novamente e recuperar a voz".

A Irmã surdinava assim ao soldado enfêrmo, que tombara ferido no ardor do combate e fôra arrastodo numa padiola para o hospital. Verrumas geladas lhe perfuravam o peito, em investidas sucessivas; gotas de sangue, pingando em transpirações, lhe ensopavam a fronte e os cabelos.

Fora, rumor da luta e, mais de uma vez, vinha revibrar na enfermaria, em brados de animação ante o perigo. Quanto é triste permanecer chumbado a um canto, não marchar com os demais e sem poder retirar ao frio do abandono aquêle clarim fraterno, enquanto a Bandeira Imortal drapeja, como uma convocação da Raça, para as integrações nas novas Idades!

II

(Foi nessa emergência que Você lhe surgiu, enfermeira aureolada com um diploma haurido no Céu, trazendo a Cruz de Jesus nos diagnósticos da oração. Porejava-lhe da fronte o hausto das dores lancinantes, que resistem aos entorpecentes:

dentro da noite, em pancadas dolentes, piavam as horas da igreja visinha, alegrando-se apenas às primeiras vozes da manhã, anunciadas no mostruário luminoso.

O olhar da enfermeira derramava-se em óleo santo sôbre o ferido: suas mãos aplicavam o medicamento e, logo em seguida, se entreabriam em preces, ou apertavam um Crucifixo mercurizado, como um braço de estrêla entre nuvens escuras.

Havia, num simples copo d'água, o refrigério de uma fonte encantada, reproduzindo essências de selvas floridas.

A vela, próxima ao altar, esvaía-se: o soldado parecia adivinhá-la no momento supremo, escorrendo bagas de cera em seus dedos imobilizados).

III

As horas de dor ! Um minuto curto de desespêro é mais longo do que muitas horas felizes de todos os dias. Os sadios olham essas passagens com serenidade e piedade, aconselhando alento e coragem. E, nesses momentos, a alma se transfigura em pensamentos ultra imaginários. É uma espécie de semi-morte, em que a criatura se retorce ante êste e outros mundos.

Passam-lhe, pela imaginação, os atos bons que praticou e os arrependimentos irremediáveis. Quanto é lenta essa hora de transformação, de punição e redenção !

Porque as células se diistorcem e se desintregram, porque o espírito se eleva a alturas nunca atingidas, imerso em consolações.

A dor biológica desaparece à incidência da elevação moral, dignificando-a para sempre ! É necessário adoecer gravemente, em semi-vida e semi-morte, para sentir aquela transubstanciação . . .

VI

Os olhos aprofundam-se em longes indevassáveis, ou devoram vultos e desenhos errantes na penumbra. Desdobram-se procissões de lembrança, — triunfos e derrotas, conquistas e retiradas, espiralando perfumes. No semi-delírio, visões sucedem-se, povoando a escuridão. Sorrisos, prantos, mãos que acenam misteriosamente.

E, em meio a êsse rosário de lembranças, balbuciam recordações: serão as últimas horas ? Ou terá dias mais espiritualizados, preso a um leito de sanatório, quase sòsinho ? Ou, quase surdo,

irá tropegar em corpo que não era o mesmo, sem agilidade e sem energia ?

Ou irá para mundos encantados, onde não se sofre mais ?

— Quem aparece, em acenos diáfanos, junto do leito ?

O enfêrmo relembra certo episódio, quando foi operado, num hospital do Sul. Deitado em leito móvel, bem alto, sentia dores apunhalantes, quando terminava o torpor anestésico. Era noite adiantada e estava só: não podia levantar-se; falhara a campainha. Viu, nesse instante, uma visão transparente, que lhe colou as mãos intocáveis à fronte escaldante.

— Deus te pague, Irmã, pela doçura do teu gesto !

E nada mais viu. Seria uma ilusão de bondade ? E por que se foi a dor ?

Vinha repetir, tantos anos depois:

— Deus te pague, Irmã, pela irradição dos teus olhos, derramados com misericórdia !

Mas, desta vez, existe essa Irmã e existe essa voz !

V

Lá fora, nos torneios sociais, impera o riso, entre a alegria e a música . . . Todos se divertem, cantando e gargalhando. No recesso dos lares, no tumulto dos bailes, bôcas torturinam ou se desbordam em cânticos.

— Você é jovem, Irmã !Apresenta os lábios descorados, não se aprimora em vestidos profanos, cingida a uniformes. conventuais. Teria direito aos deslumbramentos comuns a tôdas as criaturas. Por que foi prestar juramento nos altares da Dor e acender uma lâmpada, que nunca se apaga, em comunhão com o sofrimento ?

E, no silêncio do quarto em penumbra, nos corredores úmidos, povoados de fantasmas, Você adivinha e sente um Vulto a seu lado, invisível mas presente. É a irradicação sideral d'Aquêle que não falta nos dias incertos e nas horas mais intranquilas.

É a transfiguração d'Aquêle que Você não vê nos salões barulhentos, mas percebe junto a uma criança enfêrma, convulsionada em angústias. Quando estende a colher de remédio, ou aplica a injeção salvadora, não se iluda.

— Jesus está a seu lado, Jesus que é também Médico e Enfermeiro divino !

I V

Outras vêzes, quando a Dor apunhala ainda mais, com requintes de atleta que experimenta a resistência do adversário para vibrar-lhe o derradeiro golpe.

— A Irmã-Enfermeira acende uma vela benta e entrecerra os olhos. Os lábios tremem sultilmente, debulhando frases inaudíveis.

Há interrogações nas imagens paralisadas, no oratório de cedro velho; duas fosforecem, clareando as demais.

— Rese . . .

— Com que espécie de voz, Irmã ? Como rezar, se mal posso falar ? E se não tenho quase voz ? Eu, que soprava os dobrados de fé nas noites sem esperanças . . . Sou imperfeito demais para que Deus me ouça . . .

— Deus ouve tôdas as preces, máxime dos que não perdem a esperança. Ou, então, ouça . . .

E lê uma oração sincronizada para os aflitos. Quem ouve uma prece, ou um trecho do Evangelho, na penumbra de um quarto, vê um paraíso, que não fica muito distante, fagulhando esperanças.

— Ouça com atenção.

"A lâmpada do teu corpo é o teu ôlho;
se teu ôlho é puro, todo teu corpo estará iluminado;
mas, se êle fôr mau, também teu corpo estará em trevas.
Cuida, pois, de que a luz em ti não seja trevas,
porque se todo o teu corpo for luminoso e não tiver parte nenhuma tenebrosa,
todo êle resplandecerá, como quando a lâmpada te iluminar
com vivo esplendor".

Aí estão palavras, divinas, extraídas do Evangelho de Lucas, o apóstolo-médico . . .

— Sim, Irmã ! A dor é um óleo redentor na lanterna do corpo, mas acesa pela alma. E há almas que não têm luz . . . Leia mais, ainda mais !

V I I

Outra noite de insônia, ainda outra nestas quarentas noites de fracas esperanças. O sono e a dor defrontam-se no cenário

de um corpo, que perde a resistência. Bimbalham sinos reconfortantes, chamando a manhã nos horizontes. Aproxima-se, como uma resplendente ovelha desgarrada. Lá por fora, guardas apitam; rolam os primeiros autos e caminhões. Cantam pássaros nas ramadas; marrecos levantam-se em vôos razantes; mexem-se as ávores no bulício das fôlhas; aviões roncam na altura azulada.

A vida agita-se assim lá por fora, em sofreguidão de corolas ao sol . . .

A Irmã fala, amarrotando o lençol num ninho de plumas para repouso da cabeça.

— Sim, tudo parece dissipar-se em alegrias lá por fora. Pense também nos paralíticos de anos seguidos, nos tuberculosos e hansenianos, nos loucos e prisioneiros. Pense nos que estão gemendo, retalhados por bisturis, nas mães com insucesso, separadas dos filhos, que não chegaram a viver. Nas crianças com fome, nos velhos sem alimento, batidos de remorso, nos que deitaram sangue e deliram em febre. Pense, sobretudo, nos que perderam a crença. Você, não! Tem fôrça da alma, a serenidade de sofrer sem amaldiçoar, depois de ter ouvido maldições. Ainda é consôlo resistir assim, e ainda no isolamento de uma enfermaria. Talvez melhor do que possuir saúde, zombar de Jesus e insultar o inocente que trabalha em casa, ou passa em silêncio pela rua . . .

VIII

Punhaladas pneumônicas não respeitam as posições do corpo : sentado, em pé, deitado, perfuram o peito, que se contrai sem ar, em sorvos desvairados. É sempre assim nas madrugadas frias, que lembram o clarim abandonado. E quantas madrugadas soube enfrentar ao desamparo, sob ventos polares, erguendo a voz pela terra materna!

Caiu baleado nessa defesa: seguirá o mesmo programa, porém sentia que os brados de alerta não encontravam a mesma repercussão. Era um clarim esquecido, que ressoara em outras batalhas, à margem do caminho, exposto a todos os perigos.

Há situações clamantes: o pintor que perde a vista, o violinista com os dedos decepados, o pássaro com a asa cortada em pleno vôo, aos tombos pelo espaço.

Clarim de sortidas e entreveros, ainda poderá retornar à luta, fascinado por aquela paixão libertária.

Não há energia, não há sôpro, não há voz!

Só o silêncio na penumbra e, clareando-a suavemente, o vulto da Enfermeira que não repousa, falando em surdina, como um noturno de outras esferas, violinizado em ouvidos de criança:

— Durma. É preciso dormir !

IX

Espectralizados pelo sofrimento, adentram-se os olhos nos mistérios de outras vidas: adquirem a fôrça do radar e revelam quanto inúteis foram certas atitudes, quantos enganos se improvisaram, enquanto o clarim ressoava !

O doente viu, outro lado, dedicações ignoradas, que nobilitam as criaturas. E só então notou a ilusão e a mentira, girando em tôrno aos anseios generosos dos lutadores pelo ideal, os interêsses sob disfarces de guerra, os entendimentos subterrâneos com o inimigo implacável.

Mas, nesses momentos de pertubações coletivas, não se enxerga bem: o soldado de vanguarda não visiona o que se passa em trincheiras e casamatas, em cujas brechas os contendores penetram, brandindo sabres afiados, até então escondidos.

O plano da batalha modificou-se, os flancos esperam o instante para o golpe, mais negro que a rendição.

O clima difere; difere a gente.

A liberdade passa a ser um mito, um vocábulo sonoro do passado ! muitos preferem ceder aos vencedores desde que não haja combate.

Para que tantas reflexões ? Tantas reflexões na madrugada fria, propícia à resignação e à prece ?

— Irmã, quero a saúde para continuar a lutar ! Tenho sêde, sêde daquele clarim abandonado !

— Pense na **tua dor, bebe ensinamentos**, aprofunda-te em Deus. E, novo samaritano, não terás mais sêde, porque encontraste a verdadeira liberdade !

X

A Irmã reza novamente. Talvez as mesmas palavras, as mesmas súplicas, para que se atenuem e se acabem as dores. Os mesmos olhares entre-fechados, os mesmos olhos volvidos para o alto.

Reza novamente e lê as Bem-Aventuranças :

— "Bem-aventurados os pobres,
porque dêles é o reino dos céus . . ."

O soldado sorria, em meio ao sofrimento. Sentia bem-aventuranças em seu coração. Prestara serviços, caminhara além de suas fôrças e, mesmo tombando, não blasfemara. Quantos haviam desaparecido ! Quantas mulheres e crianças haviam vertido sangue, ouvindo aquêle clarim, nas ânsias da liberdade !

Bem merecida a sua dor, em holocausto à causa que abraçara.

Que importa a própria vida ? O clarim ficará em abandono, mas os halalis, que emitia pela Terra invadida, acompanhando as orquestrações de tantos lutadores, não se perderam totalmente : misturam-se aos ventos, às ondas, e foram espalhadas com altruismo, defendendo a tranquilidade e o lar de tôdas as criaturas.

Quem defende a liberdade, mesmo caindo, está vivo, porque defende a todos, mesmo os sem-partido, sem religião e sem pátria.

— Fecha os olhos, irmão. Dorme, ainda acordado . . .

— Já pensei e penso em dormir, mas dormir para sempre, porque assim é viver . . .

X I

A Irmã entreabre o catecismo : debruça-se em meditações.

— A alma é tudo, seja de um soldado em luta, seja de um mendigo à porta de um templo, seja de um milionário em seu palácio de alabrastro. Os túmulos ricos dos egoistas recebem a homenagem dos vivos, mas, perante Deus, não valem uma cruz de pobre, sem inscrição alguma.

— É a pura verdade, Irmã ! Certa vez, visitando o túmulo de um combatente, em cemitério do Sul, vi, em alto-relêvo de pedra e cimento, um fuzil, um capacete e um clarim. A sua vida inteira ali representada, mais impressionante, em heroismo e poesia, do que epitáfios em lápides de mármore.

E para onde vai a alma do soldado, que expira assim, — para que os demais continuem a sorrir, para que as crianças continuem a brincar, abertos os braços para a inocência, que é um resumo de infinitos ?

— Jesus sempre é misericordioso e recebe as almas que deram provas de imolação, sideradas injustamente por amor

dos outros. A pátria maior é aquela para onde se dirigem tôdas as pátrias da Terra . . .

XII

— Olhe o Manto vermelho de Jesus. Olhe o Seu coração, circundado de espinhos e encimado de luz. Só realmente interpreta o valor da vida o que nunca se afasta à proteção dêsse Manto de sangue. Abençoe o sofrimento, que se dilui na libertação. Vigie e ore, segundo Jesus.

E o soldado conclui, aspirando as primeiras auras da manhã, que precisava ter perdido a voz, ter recebido punhaladas, com o coração em pulsações desordenadas, para ter a consolação do seu nada, reler a oração de São Francisco de Assis e resignar-se ao abandono daquele clarim, que lhe constituira um motivo de luta. Talvez ferido para sempre, não retornará a vibrar os seus hinos nas arrancadas da liberdade. No final, deixará essa lição à dor e à Irmã-Enfermeira, que o norteara, como uma professôra iluminada, em meio ao desespêro da enfermidade.

— Posso dizer-lhe uma palavra, Irmã . . .

— Sim . . .

— É uma prece. Bem-aventurada a Enfermeira, discípula do Mestre Divino, que não traz apenas o medicamento, mas as gotas da Samaritana na cura do que nada vale, nada merece e tudo deve, trabalhando sem protestos nem queixas, até cair para sempre.

— Bem-aventurada a Enfermeira, que é uma Ave-Maria viva, elevando e redimindo o que sofre.

Bem-aventurada essa Irmã-Enfermeira, em Jesus e para Jesus !

EM MEMÓRIA DE ÁLVARO MAIA

ÁLVARO MAIA, o poeta

ELSON FARIAS

A imagem que tenho de Álvaro Maia sempre foi a imagem do poeta, ainda quando na tribuna popular defendendo, em memoráveis campanhas, seus ideais políticos. Meu pai era seu admirador incondicional e cresci ouvindo louvores ao seu nome, mas, sòmente mais tarde, é que fui conhecê-lo na presença viva, na cidade de Parintins, exatamente, num dêsses momentos de sua vida, aclamado pelo povo, em manifestações que se imanavam à sua simpatia pessoal, aureolada pelo renome de seu talento e inteligência.

Depois, manuseando uma antiga revista das muitas que surgem e, meteòricamente, desaparecem no cenário cultural do Amazonas, se não me engano chamada "Equador", li um poema de Álvaro Maia, poema que me deu dêle a figura completa : "Sôbre as águas barrentas". Êste poema me foi mestre e, através dêle adquiri conhecimento mais concreto de sua poesia.

Não vou afirmar que seja esta a maior obra sua, no terrreno da criação poética, ou que seja apenas êste poema a justificativa de sua presença como poeta. Não obstante saber que existem nomes que se impõem na permanência da lembrança dos pósteros e na convivência popular, apenas com uma quadra, um sonêto, um poema, não quero afirmar aquilo em relação a Álvaro Maia, porque sua obra nesses domínios é copiosa e densa, inspirada e natural, tal como a torrente de um rio sem interrupções e sem princípio.

Li e reli aquêle poema, nas várias fases de minha vida, no período dos poetas românticos, dos parnasianos, dos árcades, seiscentistas, clássicos, modernos, etc,. e quando voltava a êle, "Sôbre as águas barrentas", encontrava o mesmo interêsse e o mesmo afeto. Cheguei, inclusive, à alta pretensão de projetar um estudo crítico em que aquela peça fôsse analisada em seus pormenores, revelando-lhe as qualidades de estilo, qualidades que o tornavam permanente, das quais se originava aquela beleza. Claro que não o consegui.

E não teria melhor hora do que esta para levar a efeito aquêle projeto, neste momento em que a Academia Amazonense de Letras presta esta homenagem a um dos seus fundadores, estudando os múltiplos aspectos de sua personalidade de homem de letras, de político e estadista.

Sempre me pareceu que a obra é que dá dimensão espiritual ao artista. O artista é o agente de cultura, o traço de união que labora o processo de integração do povo e a validade do seu trabalho só poderá ser aferida após o cumprimento do seu último passo no mundo padecente, no processo de vida material, se é que se pode permitir usar tal têrmo neste sentido. Após êste passo, a sua caminhada, o itinerário do artista, será mais segura e mais eficaz, mais perene, na proporção em que trabalhou, produziu, sonhou. Álvaro Maia foi isto.

Enquanto passa o tempo, o poema "Sôbre as águas barrentas" vai continuar nos meus projetos de estudo e no meu afeto e, tenho certeza, no afeto de todos os que encontram, na poesia, matéria de desenvolvimento e de paz.

ÁLVARO MAIA, o prosador

RAMAYANA DE CHEVALIER

Na tela, desdobrada em perspectivas, das letras amazônicas, há um respeitoso recanto, espécie de urna templária, reservado à inteligência do escritor Álvaro Maia.

Coube a mim, pobre soldado de um pequeno exército de visionários, nesta poliantéia, interpretá-lo como um prosador de rara elegância e finura, que êle o foi sem dúvida, tisnando as mãos nas madrugadas brumosas e a pena nos ocasos sangrentos da Amazônia.

Num momento em que se torna vício o uso desajeitado da frase, o têrmo cacofônico, a deselegância vernacular, faz-se mister exalçar com entusiasmo aquêles que, sem o temor de uma defazagem de figurino, são fiéis à plástica do estilo, à sonoridade da prosa pura e esbelta, aos torneios mais vivos e mais verticais da inteligência criadora.

Sei de como se realizam certas aventuras literárias, espartilhadas na moda atual pelo "copy-desking" mais acurado ou bem pago.

Não é por êsse caminho que havemos de plasmar uma literatura amazônica, com apadrinhamentos sorrateiros, ou agachamentos intencionais e medíocres .

Álvaro Maia foi sempre aquêle descendente de um "mujique do Dniepper", de que nos falou o gênio de Assis Chateaubriand.

Na sua simplicidade sem fronteiras, nos soluços de sua harpa espiritual, nas contrações vertiginosas de sua inteligência criadora, sentimos a alma que se voltou a tôdas as horas, como as corolas humildes e perfumadas, para as orlas do enorme rio que o viu nascer.

Percorreu, pacientemente, tôdas as gamas do poder político. Portou-se, em todos os minutos, como um observador místico de sua terra, um poeta — grande poeta como o foram Rilke e Garcia Lorca — sem deixar-se afogar pelas imagens ou desfigurar pelas lições colhidas. Exerceu, do ponto de vista intelec-

tual, os mais variados experimentos, seja no vasto campo da oratória cívica e parlamentar, como no das explanações magisteriais, na tarefa azul da poesia mais pura e mais alta como no terreno difícil e fecundo da prosa livre, onde se destacou, mais como um ensaista, um fixador de caracteres, do que, pròpriamente, como um romancista.

* * *

Certos escritores, no fluxo do pensamento pessoal, universalizando o provinciano como Joyce, habitam aquêle "Grande Hotel de Abismo", de que nos fala Lukacs, a respeito de Schopenhauer.

Um hotel distendido, como o homem de Nietzsche, entre o primitivo e o porvir, dotado de todo conforto mais atual e sôbre o tremendo abismo do Nada e do Absurdo.

Não há seguramente no romance moderno, cremos, um sentido que o liberte definitivamente do passado.

Existe um perfume clássico sôbre êsse abismo e, para êsses artistas, o mundo é imenso e êles, nêles, estão à vontade, "porquê o fogo que arde na sua alma é da mesma natureza que as estrêlas".

A observação nesses artistas modernos, que vivem sob as mesmas pressões de um Giotto ou de um S. Francisco, de um Dante ou de um Pisano, poderá ser tirada em chispas de um ângulo de mera **significação,** o que se resolverá em **adequação,** isto é, em descida ou em subida de uma mesma escada contínua . . .

Para que se abranja ou compreenda os bastidores daquilo que é a **significação,** basta um só golpe de olhar.

Ou se peca por excesso, ou por insuficiência. Daí o neoclassicismo que invadiu todos os setores do romance moderno, de um ponto de vista **essencial,** isto é, de substância ou de **estrutura** das coisas.

Diz Lukacs que tudo se passaria sob uma tempestade de alienação, de loucura para os gregos.

Se o "céu estrelado de Kant não brilha senão na escura noite do conhecimento puro", êle já não aclara os atalhos de "nenhum viajante solitário", porquê, "no mundo nôvo, ser humano é ser só".

Há um traço de ligação entre essa visada de Lukacs e a opinião de Ibsen, quando êste afirma, dos refolhos do seu drama íntimo, "que o homem mais forte é o que está mais só".

Se, para o primeiro, "o romance é a forma dialética do épico, a forma da solidão na comunidade, da esperança sem futuro, da presença na ausência", está automàticamente integrado Franz Kafka nessa galeria, assim como Dostoiewsky, o gênio desventurado e insondável.

"Cada escritor — diz-nos Simenon — procura encontrar-se através de seus personagens, através de seus escritos".

A diferença entre o conto e o romance é precisamente essa: — no primeiro há um critério expositivo, no segundo um mergulho interpretativo nas profundezas ignotas da mente do romancista.

Eis porquê não achamos em Álvaro Maia um conteúdo de tal densidade, de esquematização dêsse jeito profundo, o que não acontece no setor do ensaio, ou do conto, ou mesmo no amplo setor poético, onde o seu espírito, em largos remígios, se integra em si mesmo!

* * *

Na opinião de François Mauriac, a originalidade do romancista consiste exatamente no estilo que êle usa, melhor dito, na nota pessoal que se transfere para a sua obra e que não pode, sob pena de fracasso, ser imitada ou refalsada.

Entre os estrangeiros, Mauriac aponta William Faulkner e E. Hemingway como campeões do estilo pessoal para a caracterologia norte-americana. Entre nós, um exemplo típico, para mim mais fecundo e mais positivo do que Joyce, seria Guimarães Rosa.

Não existe, bem remarcado, êsse traço de originalidade no romance "Beiradão" da autoria de Álvaro Maia, nada obstante a sua relevante capacidade de observação de hábitos e costumes, o que denota um convívio íntimo com a hinterlândia do rio Madeira.

* * *

Já William Faulkner é escarnadamente sincero na sua anílise do romancista.

Dizendo que o artista é uma "criatura impelida por demônios", depois de se declarar um poeta fracassado, Faulkner diz que "a única responsabilidade do escritor é para com sua arte". "O resto não importa: — honra, orgulho, decência, segurança, felicidade, tudo, para que possa terminar seu livro. Se um escritor tiver de roubar sua própria mãe, não hesitará; a "Ode on a Grecian Urn" vale mais que várias senhoras idosas . . ."

A respeito de Freud, disse ainda Faulkner que "tôda a gente falava dêle, quando êle (Faulkner) residia em New-Orleans, mas jamais o li. Tampouco Shakespeare o leu. Duvido (diz êle) que Melville o tenha lido, e tenha a certeza de que Moby Dick não o fêz".

Aldous Huxley nunca pensou em si mesmo como um "romancista nato". Tinha grande dificuldade em inventar enrêdos. Há quem tenha uma fantástica facilidade para isso. Entre êstes pode-se assinalar, com o seu talento e a sua poesia, o escritor Jorge Amado. E uns dois ou três além dêle. Para Huxley, a ficção, a biografia e a história são as formas, tornando as personagens veículos de idéias novas, abstratas ou gerais, com êxito

E. M. Forster formava de Marcel Proust uma idéia respeitável-: — foi quem o ensinou a olhar para as personagens.

A sua técnica, no "Artic Summer", está impregnada dessa sutileza proustiana, tão simples e ao mesmo tão curiosa e tão penetrante !

Êsses caminhos seriam bem utilizados pelo romancista Álvaro Maia, se êle não se deixasse empolgar, não raro, pelo prestígio das imagens, pelo divino milagre da poesia, capaz de sitiá-lo e invadí-lo por inteiro, como a marca de sua impressionante personalidade.

* * *

Já em "Gente dos Seringais", o seu talento se ajusta melhor, com faiscação, com brilho perfeito, com deliciosa capacidade narrradora.

Exaltando símbolos amazônicos, observando o pioneirismo dos seus parsifais aeronáuticos, afrontadores de temporais ou de descargas pluviométricas esmagantes, analisando tipos humanos singulares, costumes e ângulos da vida social da planície, o seu "Gente dos Seringais" representa uma coletânea admirável de narrativas, ao jeito de crônicas muitas delas, tôdas impregnadas de forte perfume do seu talento magnífico.

A fervorosa mocidade dos aviadores amazônicos, Dorian Monteiro seu primo à frente, aviadores no legítimo sentido de Ícaros modernos, sacrificados todos no cumprimento do dever, merece no "Gente dos Seringais" uma página indelével e fulgurante de justíssima exaltação ao seu heroismo !

A figura de D. Luvinha, que estamos a ver daqui desidratada pela idade, tatuada pela dor das horas mudas, tanto mais cristã e sedutora quanto mais prateados tinha os cabelos

alvíssimos, não morrerá para a saude dos que a conheceram, tão viva ficou na paleta do grande artista planiciário.

O quadro firme e bem desenhado dos práticos amazônicos também aí se encontra, numa síntese capaz de imortalizá-los, e a êle, autor, se já não estivesse êle no Olimpo pela Poesia e pela sua profunda capacidade de amar !

O "Reservistas do Interior" focaliza uma passagem emocionante, de colorismos internacionais, que acontece rotineiramente na infinidão das fronteiras amazônicas, página que o Brasil ignora e que representa um marco que se ergue, diàriamente, em louvor do caboclo planiciário.

Assim o resto do livro, com um sabor de ensaio e de narrativas, todos repassados do terno e apaixonado amor de Álvaro Maia pela sua terra e pela sua gente !

* * *

Não queremos silenciar, por desnecessário, embora em pinceladas rápidas, o que significou, nos arrancos do seu entusiástico civismo, a "Canção de Fé e Esperança", fruto das ardentias de seu temperamento ainda jovem, empolgado de amazonismo vitorioso.

Mais um discurso que um poema, tem as côres de ambos, nos relevos firmes de suas palavras que foram preces e foram hinos, e, surpreendentemente no efeito que produziu : choque elétrico de patriotismo e de fé — na alma da juventude amazônica !

E não esqueçamos outro livro de ungida ternura e aguda observação técnica, outro livro que se integrou nas prateleiras dos que admiram o Amazonas, como um passo seguro e alto para a arte de narrar em filés de atraente documentário regional: — o "No banco da canôa". Vê-se e sente-se a Amazônia madeirense nesses "close-ups". A psicologia do caboclo freixeiro, do pervagador de beiradões, do esmador de furos e de lagos, do varador de igarapés e de corredeiras, aí está em historietas, em conversas, em cenas de um poder de fixação magistral. É um dos seus últimos livros, escrito quando o sol já lhe tramontava o destino, livre onde êle despejou tôda a sua enorme vocação para o amazonismo e a vida na hinterlândia.

Êle era um caboclo. Nem outra coisa deveria dizer Chateaubriand, para batizá-lo de nôvo. O mujique do Dniepper perderia em santa devoção pela natureza, em instantes de sereno misticismo, em silêncios instrospectivos, em narrativas filosóficas, em postura impertubável e hierática.

Nem poderia haver outra cobertura mental para um homem tão fundamente ligado à terra, um escritor tão ciosamente prêso ao cordão umbelical que o vacinou contra os ouropéis da vaidade e as festas pagãs da opulência material e moral.

Era um caboclo, no bom e elevado sentido da palavra. Pela tradição, pela renúncia, pela delicadeza, pela desbordante pujança amorosa, pela contemplatividade. O seu altar íntimo era uma pôpa de igarité. A sua Igreja, o mundo convulso que o rodeava.

* * *

Terminemos êste trabalho com um comovido sentimento de solidariedade espiritual.

Os últimos lustros dêsse grande espírito se fizeram sôbre os passos que êle empreendeu na seara de Jesus.

Não foram aventuras de quem se intitula religioso para descansar das fadigas do mundo.

Álvaro Maia enfeixou no seu "Nas Tendas de Emaús", jóias íntimas do seu escrínio interior. São "divagações espiritualistas", como êle próprio as denominou, — roteiro luminoso de sua passagem pelas tendas espíritas — onde existiu, formou corrente, vestido de uma humildade que só é dada aos altos seguidores do Cristo.

As suas palavras comovem, apaziguam tormentas íntimas, invadem os corações mais primitivos para um convívio de ternura e de encantamento.

Por onde andam os que ferem, os que apedrejam, os que maltratam ?

As palavras do Mestre Sublime aí estão, no seu estilo enleiante, tornando a sua leitura uma atração e um caminho.

Foi, pode-se dizer, na análise de sua prosa, o ponto mais positivo de beleza e de graça, de humanismo e de meditação.

"Nas Tendas de Emaús" foi a sua despedida. A mensagem do seu pensamento e do seu coração para os que ficam.

Puros e felizes os que conseguem realizar o seu ideal.
Há, no "Egípcio" de Mika Waltari, uma frase imortal : — "Todo aquêle que uma vez bebeu água do Nilo, ansiará sempre tornar para perto dêle, pois a sêde não se aplacará com as águas de nenhum outro rio da Terra.

Trocarei a minha taça por uma caneca de barro, se meus pés puderem de nôvo pisar o pó da terra de Kan".

Mika Waltari não conheceu o rio Amazonas, nem os seus afluentes.

Não sonhou sequer com o rio Negro e as suas águas côr de ardósia.

Se os conhecesse, trocaria a sua taça, não por uma caneca de barro, mas por uma cuia, para dessedentar-se e se tornar imortal.

Assim como o escritor Álvaro Maia.

ÁLVARO MAIA, o jornalista

GENESINO BRAGA

Foi no tempo em que viçavam na imprensa as modalidades nobres da redação, — o artigo de fundo, o suelto, o tópico, — que eu conheci em pessoa Álvaro Maia. E o conheci exatamente dentro de um jornal, o nosso **"Jornal do Comércio",** quando ali ingressei, em 1927, como Revisor, e êle já era Redator, com Abelardo Araújo, Cosme Ferreira e Américo Ruivo, êste Secretário. Havia muito, já, o admirava, através de seus belos poemas (o sonêto **"Champagne",** eu o sabia de cor e sempre o recitava, na minha roda, em voz alta), discursos e outras peças literárias, como aquela formosa "Canção de Fé e Esperança", que, com a pureza do seu significado, a beleza de suas imagens e a musicalidade de suas frases, andava a empolgar o pensamento sócio-lítero-cívico da época, entre os da velha e os da nova gerações.

Desde então, com a amizade gerada na admiração que o seu talento a nós todos inspirava, passei a acompanhar, através de seus sueltos e comentários, de suas crônicas e notícias, bem como dos artigos que vez por outra assinava, a linha ascendente do jornalista que nêle se afirmava com instintiva fôrça vocacional. E a acompanhei algumas vêzes muito de perto, ora fruindo a preferência da leitura do trabalho ainda no original, ou lido pelo próprio autor ao conclui-lo, ora eu mesmo encarregando-me de uma revisão mais cuidada das provas tipográficas (até bem poucos dias antes de sua morte isso ocorreu) do escrito, pondo-o a limpo das **gralhas** e dos **pastéis.** Muitos de seus artigos, de seus tópicos, das entrevistas que acabava de colhêr, dos textos do noticiário comum, eu o vi redigir ali mesmo na sala de redação, por entre o esvoaçar das palestras, entre uma e outra **boutade,** entre uma e outra interrogação sôbre isto e aquilo, ou sôbre nada, mesmo. Enquanto ouvia e respondia, enquanto ora ria ou dava a atenção que sempre a todos dispensava o seu espírito educado, ia escrevendo; ia fazendo a pena da caneta-

tinteiro deslizar sôbre o papel, ia a encher as tiras umas e outras, fixando idéias em letras, gravando, com aquêles seus caracteres nem sempre legíveis, impressões íntimas de um raciocínio admirável.

Durante tôda a sua vida, — e que vida de ação multifária, obreira e constante! — Álvaro Maia nunca, em nenhum instante, deixou fora de atividade a sua pluma de jornalista. Poeta êle o fôra sempre e dos de sua raça que usaram a imagem com mais fascinação e felicidade. Romancista, um de seus livros, "Beiradão", aí está para documentar-lhe a distinta categoria no gênero. Outros livros seus no-lo apresentam em suas facêtas literárias diversas: o homem de pensamento correto, preciso, harmonioso; o homem de sensibilidade discreta objetivando e corporificando a expressão; o homem com a obcessão harmônica das linhas, dos volumes, das superfícies, no formar a imagem lúcida, imposta pelo seu amor ao colorido forte, à nitidez meridiana. Professor, lecionou Português, mediante vitoriosa apresentação de teses (**"O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro, léxica e sintàticamente comparados"**) e **"O Ritmo na Língua Nacional): "Ninguém poderá impedir a evolução do idioma no Brasil, nas suas diivergências, a sua separação do apoio materno: a filha, hoje criancil, caminha apressadamente para a adolescência e, atingindo a maioridade, se afastará do calor lareiro e viverá por si só; a língua crescerá nesse sentido, zombando do rância zabumba dos decretalistas, que terão de seguir, rabilongos e cabeçudos, os escritores honestos"**, sentencia êle na primeira tese, perante a douta Congregação do Ginásio Amazonense Pedro I I. E na outra tese :**"A língua nacional, herdeira da cadência portuguêsa e das modulações africanas e americanas, vai adquirindo o seu ritmo eterno: ante a sua prodigiosa sinfonia, ante as suas palavras que rememoram canções, lembranças de poderosa corrente civilizadora do mundo e de selvagens tradições nativas, ante essa música perturbadora vão se esbarrondando as partículas corruptoras, procedentes das outras línguas"**. E lecionou também Instrução Moral e Cívica, provido na respectiva cadeira do mesmo estabelecimento de ensino mediante concurso com a apresentação das teses **"A Bandeira Nacional como símbolo e emblema da Pátria"** e **"Imperialismo e Separatismo". "À luz aurisolar de nosso pendão, sorva a juventude, pelo amanho dos mestres e governantes, os ensinamentos necessários à unidade e ao engrandecimento do país, adstritas às emanações da lei e da honra, porque sòmente com êsses atributos essenciais, argamassados na história e no labor, as bandeiras podem flutuar como expressão**

de beleza e soberania de um povo", — assim concluiu a primeira. E, em **"Imperialismo e Separatismo" : "Nacionalizando-se o povo, com a instrução e a justiça, salvaguardados todos os direitos do estrangeiro; destruindo-se os imperialismos estaduais pelo respeito à autonomia política e econômica dos Estados; combatendo-se o analfabetismo, pela instrução escolar, por estrada de ferro, por higiene em todo o território; ensinando a praticar e a cultuar a justiça, raríssima flor que só tem um germinadouro — o caráter, teremos trabalhado conscientemente pela unidade nacional".** Foi político e, líder partidário, combateu nas trincheiras dos comícios públicos, incendiando com a sua palavra flamejante a opinião dos seus coestaduanos, em favor das liberdades públicas sufocadas. Foi Deputado Estadual, Constituínte, Deputado Federal, Senador da República, Governador de Estado. E, em todos êsses postos, a soma de dedicação heróica que êle prodigalizara ao seu povo e à sua pátria, sagrou-o o estadista sereno e sábio, o conselheiro das resoluções necessárias.

Mas, poeta, romancista, conferencista, professor, político, parlamentar, chefe de Estado, o que, entretanto, em Álvaro Maia mais se fazia pronunciar era o jornalista. Foi através do artigo de jornal, durante tôda a sua vida, que êle dera impulso expansivo às suas idéias, nas múltiplas atividades que exercera.

A lógica maneira de emitir os seus conceitos, quer em face dos limites ambientes, quer em razão do interêsse público, foi como jornalista que êle a encontrou. E foi como jornalista que êle revelou a sua vocação à causa pública, o seu ideal do bem comum, para obter, como recíproca, a compreensão íntima e instintiva de seus contemporâneos.

Profissional da imprensa êle o fôra; e como tal sempre o quis ser considerado no seio da classe jornalística. Cordial e cooperativo com os diretores de jornais, era afetivo com os redatores e repórteres, atencioso com o pessoal das oficinas, mesmo do alto da investidura de seus mandatos eletivos. Quando, em 1940, se instalou, em Manaus, o serviço de Registro dos Jornalistas Profissionais, Álvaro Maia se achava no Govêrno do Estado, mas fôra, creio, o primeiro a registrar-se, indo em pessoa do Palácio Rio Negro à Delegacia Regional do Ministério do Trabalho, para formalizar a obtenção de sua Carteira de Jornalista Profissional. E foi nessa condição que firmou compromisso com Assis Chateaubriand para escrever um artigo semanalmente, exclusivo dos "Diários Associados", para publicação em todos os órgãos da emprêsa, de norte a sul do país.

Mas que pensamento era o de Álvaro Maia em relação ao jornalismo? Lembro-me de certos trechos de um discurso que pronunciara ao empossar um Presidente da Associação Amazonense de Imprensa . **"É o jornalismo** — dizia num dêles, — **a mais exata das profissões, a que requer o conhecimento mais largo e mais profundo e os mais firmes fundamentos de caráter".** Joseph Pulitzer, o imigrante húngaro que, de simples repórter de uma gazêta do Midle-West, chegou a diretor-proprietário do todo poderoso **"New York World",** tivera pensamento igual : **"É o jornalismo a única profissão em que se infundem, com exatidão, os fundamentos do caráter, do sentimento, da inteligência e do humor".** Num outro trecho do discurso, assim definiu seu pensamento : **"Dentro do respeito à lei e aos cidadãos, nada como o jornal para instruir a mocidade e orientar a opinião pública, promovendo-lhe o clima da ordem, da segurança e da tranquilidade. Nunca insultando, mas ponderando; nunca ofendendo, mas advertindo; nunca confundindo, mas esclarecendo, — assim cumprirá a Imprensa sua grande missão, como necessidade social no mundo moderno".** Era assim que também pensava Evaristo da Veiga, quando dera o seu conceito de Imprensa, saindo de sua pena êste precioso código de ética jornalística : **"Respeitem-se os cidadãos, para que haja tranquilidade e confiança; sirvam os jornais de instruir e não de ofender e perturbar; estendam os jornalistas um manto de silêncio sôbre tôdas as contestações pueris e indecentes, que tanto escandalizam e irritam os espíritos; argumentem, mas não insultem. Moderação nos artigos; verdade nas doutrinas; decência no estilo; moral, mais moral, muita moral".**

Dois livros de Álvaro Maia guardam, em suas páginas, muitos dos artigos de jornal que êle publicava, frequentemente. **"Na Vanguarda da Retaguarda"** e **"Gente dos Seringais"** são os dois opulentos volumes em que nos deixou insculpida a sua feição jornalística. Os do primeiro livro, **"escritos, em sua maioria, ora no interior dos seringais, ora à trepidação dos aviões em vôo sôbre a Planície",** como esclarece o autor na "orelha" da sôbre-capa, — são artigos de orientação à Campanha de Produção da Borracha, de que êle fôra verdadeiro arauto, em 1943. Os do outro livro condensam narrativas ouvidas no interior do Amazonas, em particular na região do Madeira. Selecionados dentre os muitos artigos publicados, foram depois reunidos nos citados volumes.

Encheriam, porém, dez ou mais dêsses livros volumosos os artigos de Álvaro Maia. Nestas cinco ou seis décadas, quem correr as coleções dos jornais e revistas amazonenses encontrará sempre

o seu nome subscrevendo crônicas e artigos (sem se falar nos seus belos poemas, que aparecem com frequência). Escreveu n**"A Imprensa"**, que êle fundou e dirigiu com Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, seu velho companheiro e amigo; na **"Gazêta da Tarde"**, de Ageu Ramos; No **"Jornal do Comércio"**, de Vicente Reis a Epaminondas Barahuna; n**"O Norte"**, de Paulo Eleutério; n**"O Dia"**, de Aguinaldo Ribeiro; no **"Jornal do Povo"**, órgão da revolução Ribeiro Júnior, com Paulino de Brito e Clóvis Barbosa; no **"Estado do Amazonas"**, com Raul de Azevedo, Leopoldo Peres e Francisco Galvão; n**"O Jornal"**, desde Henrique Archer Pinto; n**"A Gazêta"**, ao tempo de Avelino Pereira; n**"A Tarde"**, de Aristophano Antony; e nas revistas **"Cá e Lá"**, de Aprígio de Menezes; **"O Monóculo"**, de Grijalva Antony; **"Redenção"** e **"Equador"**, de Clóvis Barbosa; **"Amazônida"**, de Calos Mesquita; **"Cabocla"**, de Genesino Braga; na **Revista da Academia Amazonense de Letras,** para citar-se tão sòmente alguns órgãos da imprensa periódica de Manaus.

De um jornalista, de um grande mestre do jornalismo, — Assim Chateaubriand — transcrevo para o fecho destas linhas original conceito que êle emitira sôbre Álvaro Maia. Escrevendo a respeito do escritor amazonense, ao ouvi-lo pronunciar **"um dos mais empolgantes discursos da nossa Campanha de Aviação"**, o diretor dos **"Diários Associados"** chamou-o **"o mujik da steppe verde da Amazônia"**, vendo nêle **"a sinceridade e a candura tolstoiana"**. E concluía : **"O aguilhão necessário ao escritor — observa Dostoiewsky — é a acuidade do espírito inseparável de um sentimento profundo. Por essa acuidade de espírito e pelo valor dos atributos intelectuais e pela profundeza dos sentimentos em que mergulha, Álvaro Maia é um dos maiores escritores da Amazônia e do Brasil".**

ÁLVARO MAIA, o professor

JOÃO NOGUEIRA DA MATA

Quando Álvaro Maia tomou a iniciativa de ascender, mediante concurso, à cátedra de Português no Ginásio Amazonense Pedro II, já se havia firmado, em grande estilo, como homem de imprensa, poeta de rara sensibilidade, prosador escorreito, com assento em uma das poltronas da Academia Amazonense de Letras. Diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais pelas Faculdades de Direito do Ceará e do Rio de Janeiro, jamais deixara de lutar pela conquista do ideal a que se votara desde a adolescência.

Com efeito, a partir da formatura, em 1917, estivera sempre em franca atividade, de início na "Gazêta de Notícias", na então capital da República, e posteriormente, com seu regresso a Manaus, como redator do "Jornal do Comércio", da "Imprensa" e de "O Libertador". Neste, durante os acontecimentos de 23 de julho de 1924. Desempenhara, igualmente, as funções de redator de debates da Assembléia Legislativa, Procurador da República, auditor da Polícia Militar, secretário da Prefeitura Municipal de Manaus, consultor jurídico da Associação Comercial, diretor do "Diário Oficial" e da Instrução Pública.

Ao desincumbir-se de tais encargos, uns em comissão e outros em carater interino, impôs o timbre de sua personalidade, talhada, de certo, para cometimentos ainda mais nobilitantes.

A responsabilidade da cátedra, portanto, não o atemorizara, porque, homem de letras dos mais conceituados, já se habituara à liderança intelectual. Estudioso desde jovem, seduziram-no as longas incursões pelos amplos domínios do vernáculo. Pesquisas que estimulavam excelentes produções literárias, assim pelas colunas de jornais e revistas, como em tertúlias que marcaram época.

Alcandorara-se em condições magníficas o preparo do candidato, para apresentar-se perante a douta congregação do

Ginásio, vale dizer, perante os mesmos mestres que o haviam preparado para transpor os umbrais de uma Faculdade.

Catédráticos eram, nesses idos, homens da estatura mental de um Plácido Serrano Pinto de Andrade, profundamente versado em grego, latim, alemão, português e literatura; de um Coriolano Durand, admirável nas preleções de francês, prosador e teatrólogo de reconhecida notoriedade, com excursões a metrópoles européias, inclusive Paris; de um Ricardo Mateus Barbosa de Amorim, extraordinário nas explanações sôbre capítulos da história pátria.

Eram verdadeiros congregados, ainda imbuidos daquela incorruptível mentalidade emanada das Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife, ou do Colégio do Caraça em que só a matéria bem assimilada constituia o "justo motivo" para aprovação nos exames. Tamanha a austeridade dos mestres amazonenses que um Júlio Nogueira — anos depois consagrado no sul, com várias obras publicadas — não lograra classificação condígna em rumuroso concurso de Português.

Eis a congregação que achou de bom alvitre estabelecer, em 1926, as duas seguintes teses ao candidato Álvaro Maia: "O Rítmo na Língua Nacional" e "O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro". Ambas de palpitante interêsse. Aquela, afortunosa coincidência para o vate, já festejado por tantos versos inspirados, e esta um convite delicado à investigação filológica, a quem se tornara, desde cedo, exímio cultor do idioma pátrio.

"O Rítmo na Língua Nacional", que lhe coube desenvolver, só pode ter sido recebido de bom grado pelo candidato. Êste, pondo ombros à pesquisa, valendo-se dos conhecimentos auferidos em aturadas vigílias, entrou em copiosas digressões em tôrno da articulação da palavra, desde as teorias de Haeckel com seus "antropóides", de Harder com a "onomatopéia", de Giácomo de Gregório — êste sim, com a convicção de que "a linguagem é privativa do homem" — até às fascinantes explicações acêrca da evolução do português falado no Brasil, sem dúvida influenciado por dois elementos preponderantes — o ameríncola e o africano. Eis, em síntese, o opúsculo em referência.

A segunda tese distribuida — "O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro", não podia ser mais momentosa e, pois, convidativa para o candidato. Excogitação que já vinha sendo feita com grande insistência, quer por filólogos portuguêses, quer por filólogos brasileiros.

Daí por que, logo na primeira página da monografia, procurou o autor ressalvar : "Não é ousio afirmar que a enunciação de uma tese como esta, versando diferenças léxicas e sintáticas entre a língua portuguêsa em Portugal e no Brasil, seria, há poucos anos, motivo para derrancos atrevidos contra o corpo docente de qualquer instituto. O feito palmar, repudiado por severos lexicólogos, adquire alentos novos, inegáveis nos últimos tempos, e daí a coragem com que vem sendo cuidado pelos tratadistas".

Linhas mais adiante, com o mesmo sentido de equilíbrio, fixa : "Pode-se dizer que, abjurando de pontos meramente gramaticais, a congregação do Ginásio Amazonense Pedro II houve por bem estender suas cogitações a um fenômeno sociológico, irrefutável em suas manifestações, através do frasear de trinta e cinco milhões de criaturas. Negar essa diferença radical, apregoada pelos próprios mestres portuguêses, é negar princípios linguísticos alicerçados em ciência".

Diligente em todos os empreendimentos — no recolhimento de sua incurável modéstia e no silêncio de um gabinete fechado a sete chaves — Álvaro Maia elaborou tese magistral, cuja súmula, aqui, se torna difícil por angústia de espaço. Escreveu páginas lapidares, com selecionadas citações, e chegou à conclusão de que, em verdade, há marcantes diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil, sem perigo, porém, de rutura no cerne da língua comum aos dois povos.

De qualquer maneira, o concurso propiciou-lhe posição de pioneirismo e liderança nas investigações do assunto, a que se vêm dedicando tantos vernaculistas, quer em nosso país, quer em plagas lusitanas, com a formação de duas bem nítidas correntes : a dos que asseguram a existência de "diferenças", sem maiores consequências, e a dos que vão mais além e reivindicam uma "língua brasileira".

Com os preconizadores da primeira corrente formam, entre muitos outros, Clóvis Monteiro, com "O Português da Europa e o Português da América"; Sílvio Edmundo Elia, com "O Problema da Língua Brasileira", e João Leda, com "A Quimera da Língua Brasileira". À vanguarda da segunda corrente aparecem, tomados de intenso ardor nacionalista, Edgard Sanches, com "Língua Brasileira"; Artur Neiva, com "Estudos de Língua Nacional"; Herbert Parente Fortes, com "A Gramática e a Evolução da Língua Portuguêsa no Brasil"; Xavier Marques, **in** "Cultura da Língua Nacional"; Antenor Nascentes, com "O Idioma Nacional", 4 volumes; José de Sá

Nunes, com "A Língua Vernácula", da 4ª série; Domingos de Castro Lopes, com "A Língua Brasileira"; Renato Mendonça, **in** "O Português no Brasil", Cândido Jucá Filho, com "A Língua Nacional"; Eugênio de Castro, com "Geografia Linguística e a Cultura Brasileira"; Ciro de Pádua, com "O Problema da Língua Brasileira", e Herbert Parente Fortes, com "A Questão da Língua Brasileira". Notáveis, ainda, os estudos referentes à influência do ameríncola e do negro no português falado nas plagas brasileiras. Dentre outros, uma tese de concurso no Colégio Pedro II — "A Influência do Tupi no Português"; "O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguêsa", de Jacques Raimundo, e "A Influência Africana no Português do Brasil", de Renato Mendonça.

Ainda hoje — decorridos mais de quarenta anos — a tese de Álvaro Maia continúa quase inalterável, nada obstante as pesçuisas já feitas, quer em Portugal, quer no Brasil.

A defesa da tese, pròpriamente, e a aula prática perante a colenda congregação, mereceram os maiores encômios. Diante de mestres zelosos na conservação do sentido de austeridade, o candidato esteve à altura dos méritos proclamados. Estava-lhe franqueada a cátedra.

Nomeado para a regência de Português, transmudou-se o nôvo titular em autêntico apóstolo no seio da classe de professôres Orador elegante, de vocabulário opulento e eloquência arrebatadora, passou a pontificar em todos os cenáculos de inteligência. Na Academia Amazonense de Letras, em conferências que se tornaram memoráveis. Na revista "Redenção", com trabalhos em prosa e verso do mais fino gôsto. Nas tertúlias de professôres, gizando diretrizes.

De tal maneira se credenciou à estima de todos, em Manaus,. como intérprete dos anseios da elite magisterial, que sua presença se tornou imprescindível nas melhores comemorações.

Na famosa Canção de Fé e Esperança, em que desfraldou a bandeira da rebeldia, em nome das gerações novas — das quais se tornara um vexilário — eis como se dirigiu ao professorado de sua terra :

"Aos moços amazonenses — homens em botão e mulheres em manhã — cabe arquitetar a obra ressurgente, em qualquer profissão que tentarem, mas principalmente no trabalho de ensinar crianças — de formar almas e modelar caracteres. Cabe às professôras que vão exercer seu magistério em meio selvagem, desbordante de beleza e tremendo de ferocidades :

muitas desconhecem, no descuido do altruismo, o papel preponderante que desempenham, lutando, como guerreiras sem munição, num Estado em que o problema da instrução, excetuando Manaus e alguns pontos do interior, é uma tristíssima, dolorosíssima incógnita, devido à escassez de verbas".

"Sois, minhas patrícias, o grande braço da ressurreição, porque dais a centenas de crianças, e sem que recebais o pão de cada dia a letra de cada minuto, a luz de cada hora, o trigo de cada manhã".

"Sois, divinas escultoras, corrigindo as obras da criação, nas imperfeições com que brotaram das revulsões, das erosões dêsse apavorante mundo, verdadeira **selva selvaggia,** em que a ciência esbarra, espantada ante mil imprevistos — que é a criança, produto de entrechoques hereditários. Entra o salão de aula, revelando nos instintos os anátemas sombrios de mórbidos atavismos, e não perguntais de onde vem, nem para onde vai. Sabeis apenas que chega fria, que precisa de calor e de sol — sol e calor que entesourais no coração, acumulado por vossos mestres em cinco anos de curso".

"E como bate à porta do templo do sol ? Em idade capaz, passados os anos da primeira infância, na alvorada fulgente da adolescência ? Não ! Vem como um pássaro implume, tiritando ainda dos longos vôos através de espaços enevoados, na desconfiança de quem pousa em florestas soturnas, em paragens desconhecidas, veladas por sacerdotisas, em cujas frontes a auréola do respeito e da formosura imprimiu um cunho de pureza e de santidade".

"A voz, em suas bocas, ainda é um pipilo, uma suave surdina arrastada em **scherzos** e **tremolos** : os seus olhos são andorinhas medrosas, de asas sem penas, tremendo sôbre precipícios; os seus braços não têm movimento. Mas, ó delicioso milagre ! após ligeira hibernação nesses jardins de infância a que Froebel imprimiu a sua aguda penetração, após êsse interrégno de "aprender pelo divertimento", elas gorgeiam à flagante transformação; a sua voz não é mais pipilo, mas gorgeiam; os seus olhos não traduzem o espanto, mas os albores do conhecimento; os seus braços não se desengonçam, nem se desarticulam como de polichinelos, mas traçam linhas quando se estendem ou recuam. E por que ? Ingênua interrogação ! Porque lhes destes voz, porque lhes destes luz, porque lhes destes atitudes, arrancando da treva da ignorância almas para a beleza e criaturas para a pátria ! Saúdo em voz, semeadoras, o futuro de nossa terra, que reclama, para sua liberdade, a

semente decisiva nesses rebentos que se erguem, e cujos galhos, projetando-se pelo tempo, possam dar sombra e carinho a todos nós, a essa época lenços vacilantes em último adeus à vida, bendizendo o vosso trabalho e vossa luta. Nem é mister que transcorra meio século para essa ressurreição, desde que o trabalho comece presentemente, na geração de hoje".

"Cabe a exaustiva tarefa a vós, que sois como **Scheherazades** morenas, ou como fadas que vêm despertar princesas adormecidas, apenas com essa varinha mágica - o giz - e com esses sinais de quiromância - as vossas palavras" !

A pregação continuou em outras oportunidades, quando distinguido para usar da palavra, como, por exemplo, em 1930, na conferência realizada no salão nobre do Ginásio Amazonense Pedro I I, em tôrno do vulto paradigmário de Ajuricaba. Depois de fixar, em períodos candentes, o episódio heróico em que o nume tutelar da Hinterlândia preferiu a morte à humilhação, assim se dirigiu às conterrâneas, responsáveis pela educação :

"Professôras, que sois, "mães espirituais de tôdas as crianças, estudantes, que alimentais nos corações, como em orquidários, a religião auroral do amazonismo, recebei o símbolo patrício e espalhai-o pela juventude, pela raça, pelo Amazonas".

"Ajuricaba morreu há dois séculos, mas a sua lembrança, como a de todos os heróis, perfuma e ilumina os lugares que pervagou. Alvorece definitivamente para nós todos, em halos esplendorosos : é a mais bela figura de nossa história primitiva e corporifica as duas maiores lendas regionais viveu em batalhas, como as Amazonas, e buscou as águas, como as Iaras. E, se não ressurgiu aos pajés avoengos, que o esperavam para entregar-lhe o comando de novas hostes ameríndias, refloresce numa clarinada astral, hoje e pelos evos em fora, para o carinho, amor e admiração de sua gente e de sua terra".

Em 1929, quando ingressei no Ginásio Amazonense Pedro I I-retomando os estudos encetados no Colégio D. Bosco-vim a conhecer Álvaro Maia lecionando nas salas do terceiro ano. Era êle a êsse tempo um homem em plena exuberância intelectual, robusto, corado, com os cabelos castanhos e bastos a lhe emolduarem a cabeça de pensador. Esmerado em trajar ternos claros de tropical ou de linho, bem talhados. Tipo acabado do líder, de sorriso franco e idéias cristalinas.

Além dos antigos catedráticos, já citados, outros prelecionavam no tradicional estabelecimento da avenida 7 de setembro, com evidente eficiência : Paulo Eleutério Álvares da Silva, Carlos Mesquita, Joaquim Martins Santana. Álvaro Maia exercia, porém, indiscutível preponderância sôbre êles, quer pelo trato lhano, quer pelos discursos e conferências que lhe asseguraram notabilidade.

Havia nêle um vanguardista em marcha, ou um precursor de reformas sociais. Desde 1923, quando proferiu no Teatro Amazonas a "Canção de Fé e Esperança", se tornara o fiador de melhores dias para as novas gerações.

Do ponto de vista didático, as aulas de Álvaro Maia alcançavam marcantes resultados. Preleções de clareza meridiana. Em vez de textos decorados — como era exigido no tempo de estudos geográficos e históricos à base de perguntas e respostas — fazia questão que os discípulos interpretassem os trechos lidos ou analisados. Exercícios de elocução objetivos.

Ao contrário de professôres que só seguiam um compêndio, ou deixavam entrever que eram enciclopédias ambulantes-punha os alunos à vontade na escolha dos autores.

Fazia da análise sintática — insuportável para tantos jovens — tarefa perfeitamente exequível, sem canseiras ou desânimos. No emaranhado dos métodos de análise então seguidos, ora o inglês, ora o francês — preferia com ecletismo aceitável — como que se antecipando à "nomenclatura gramatical" da atualidade.

Nesse trabalho de beneditino, prontificava-se ainda em ditar pontos, suprindo assim a deficiência, ou omissões, dos compêndios em uso. Ditava êsses pontos sem esquemas e de uma sentada, passeando de um lado para outro da sala de aula, à imitação dos peripatéticos, a que aludem os livros de filosofia. De memória privilegiada, recitava poemas e sonetos de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Já influenciado pelas inovações da "Semana da Arte Moderna", costumava recomendar os lançamentos de Mário de Andrade, Ronald de Carvalho e Menotti Del Picchia.

Tão vinculado andava à mocidade, nos idos de 30, que na tarde de 12 de agôsto, de cabelos revoltos e braços levantados em protestos, saiu à frente da multidão, lado a lado com o diretor do Ginásio — o bravo paraibano Plácido Serrano Pinto de Andrade — rumo à central da Marechal Deodoro.

O prêmio dêsse gesto de indiscutível bravura lhe caiu às mãos, meses depois, mercê de criteriosa indicação do ínclito general Juarez Távora, então Delegado do Norte. A Revolução de Outubro conduziu-o da cátedra do Ginásio Amazonense para a poltrona do Palácio Rio Negro. Proveitosa quanto possível sua permanência à testa dos destinos do Estado. Iniciativas com irrecusável sentido de oportunidade.

Aquêle critério "de antes quebrar que torcer" — em face do agitado "caso da comerciária", e em conseqüência do qual preferiu afastar-se do poder — é que o vinculou pelo resto da vida à política, em condições irreversíveis.

ÁLVARO MAIA, o educador

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Permita-se distinguir os "status" do professor e do educador. Podem ambos fundir-se numa só personalidade, mas acho duvidoso que isto aconteça muito freqüentemente, pelo menos com a consciência exata de suas finalidades. O educador deve de estar um grau acima do professor, que orienta e não ensina. Ao educador cabe a tarefa ampla de orientar e educar, ou como se diz — plasmar caráteres ou personalidades, não à sua semelhança, o que seria sempre duvidoso e nada viável, mas à semelhança de modelos eleitos pelo juízo unânime.

Da minha experiência como aluno do antigo Ginásio Amazonense Pedro Segundo trago as mais vivas recordações, talvez as mais vivas e as mais interessantes daquele ciclo de atividades privilegiado que parece obter todo estudante. Tive por professôres a vários cidadãos, de que poucos restam, nem sei quantos. A alguns seria impossível lembrar sem ofender suas memórias. A outros nem cabe sequer uma referência, que passaram sem deixar impressões assinaláveis De quantos me lembram simpáticos pelos contatos diuturnos, mesmo fora de classe, convém salientar o professor Agnello Bittencourt, severo, cortês, aprumado, correto na indumentária, sempre de escuro, pontual na cátedra, sofrendo e sofreando o calote oficial naquela triste administração Rêgo Monteiro. Por outro lado, Álvaro Maia era mais comunicativo, mais freqüentemente cortejado e cercado pelo entusiasmo da juventude, inclusive da parte das mulheres. O contraste entre os dois educadores é profundo, mas não se deseja admitir houvesse distanciamento marcado entre os estudantes e o professor Agnello Bittencourt, o "velho Agnello", como desrespeitosamente o chamavamos mas sem qualquer intenção ofensiva. Mais tarde êle demonstraria que tal distância não poderia existir. Um outro educador que ficava paralelo era o "velho Plácido", Plácido Serrano. Sem ser ríspido e cruel, mantinha, como diretor do estabelecimento, uma

disciplina de ferro. Mas o seu guante era de arminho. E no entanto êsse mestre de terríveis bigodes brancos caídos chorou violentamente na Polícia Civil, naquela memorável tarde de 12 de agôsto de 1930.

É que a atitude exterior dêsses mestres, mais do que a sua proverbial interiorização, dava motivos à suspeita injusta de secreta animosidade, conferida pela atitude de outros professôres em relação a estudantes a quem deliberadamente evitavam, criando fronteiras perigosas. Êsses não eram educadores, sòmente professôres, daí a distância conotada.

Com Álvaro Maia não acontecia por igual. Pondo de relêvo a sua tática de dirigir com o coração, conseguia, nas aulas e nas conversas informais dos corredores, a amisade e a confiança da mocidade sem apelar para o recurso odioso do castigo ou da simples reprimenda pública. Parece-me agora compreender o fascínio que exercia. Sempre de branco, alegre contìnuamente, cabelos fartos de poeta e poeta até na maneira de servir-se da cátedra para influenciar, êle se tornaria nosso ídolo, um elemento perigoso como lider, se houvesse condições e oportunidades. E no entanto as oportunidades surgiram preciosamente na política, em 1930. Foi essa política que o desviou da religião a que se votara o moço idealista da **Canção de Fé e Esperança**.

O educador habitava nêle. Sabia lidar com a mocidade. E como elemento auxiliar daquela vocação, havia o implemento da cátedra de Educação Moral e Cívica, onde a sua potencial verbosidade plantava lições eternas de altaneria, de amor à pátria, de independência, de respeito à família, de ordem e disciplina na vida, crédito às instituições, devotamento ao estudo. Cada aula sua era um hino de louvor às sagradas instituições sociais e morais. Era uma comunhão espiritual que mantinha com os alunos e a quem transmitia os mais belos exemplos, sacudindo nossa sensibilidade com as frases do seu vasto repertório oracional. Palavras sêcas como coragem, disciplina, perdão, amor, adquiriam na sua bôca um sentido nôvo, maiores dimensões, estranhas repercurssões, uma receptividade profunda. O barro verde criava vida, manipulado sàbiamente. Às vêzes eu fico meditando se êle esperava de nós grandes atitudes e reflexos exatos. E também fico considerando se essas suas prédicas não foram tomadas pelos tacanhos como veneno dissorado nas nossas mentes, capaz de subverter consciências imaturas.

Suas aulas de português-literatura não fatigavam nem exigam esforços no processo de assimilação, mas as de Educação Moral e Cívica eram esperadas com ansiedade e comentadas com entusiasmo, precisamente porque afetavam mais, iam

direto ao seno e respondiam talvez a um apêlo longínquo de nossas inteligências e sentimentos juvenis, perplexos.

Prático na teorética, faria inveja a quantos se deliciam "pedagògicamente" em arrumar no baú mental do discente uma centena de regrinhas bêstas que acabam viradas e reviradas de pernas pro ar. Seu método era preciso, lógico, edificante, sem gramatiquices, ferindo o "caso" no momento, desembrulhando o difícil e condenando a imbecil discussão acadêmica dos castrolopistas e demais figueiredos... A leitura em classe, individual, "alta voce" para aprimorar o timbre e a dição, deixando uma margem suficientemente larga para futuras discussões e dúvidas. Textos arcáicos, sim, textos arcáicos para a correspondente conotação do grau de evolução da língua. Redação, muita redação, e análise coletiva dos fracassos, que eram muitos, já se vê.

A literatura brasileira em primeira plana, romances de costumes para ajudar a desintoxicação camoneana. Nenhuma distinção pragmática em literatura para efeito de aprendizado inicial. Mais tarde então começavamos a enfrentar o pior no que concerne a variações de estilo, a diferença presumível ou coerente de uma língua original, complicações outras que o amadurecimento ajuda a resolver com muita leitura, muita observação, prática de escrita. Nada de autores medíocres, sòmente os grandes nomes, as grandes obras.

Dono de uma cultura geral, para êle era difícil compreender a razão sedimentar existente, por exemplo, em Poesia, desligando-se ela de qualquer outro trecho de boa prosa. Era como se entendesse ser a Poesia aquilo que se sente e não aquilo que se Lê. Em matéria de língua não era exclusivamente partidário de uma independência fictícia, mas aceitava, como lógica, a dicotomia gerada por fatôres na dependência ou não do homem e do meio. Para reforçar tal pensamento, aconselhava-nos a reler sempre os clássicos mais antigos que haviam escrito sem estatuto gramatical, pelo menos até aparecerem os primeiros tratadistas portuguêses.

Incentivava a cultura nos seus amplos aspectos. A quem não simpatizava com uma disciplina, procurava mostrar o valor dela e as relações recíprocas existentes. Foi quem nos estimulou a organizar o grêmio literário e a lançar o jornal impresso **O Estudante,** de que fui diretor com João Nogueira da Mata, Francisco Benfica, Edmundo Levi, Alves de Meneses, Mário Bittencourt, José Tavares, Lúcio Fiuza e Alcenor Madeira, êste o presidente eleito do Grêmio Literário Pedro II. Êle

próprio orientava, apresentava sugestões e também colaborava. Meus primeiros versos foram por êle prefaciados (guardo o prefácio , mas o livro sumiu no lixo). Assistia-nos, corrigia-nos, sem levar em conta a posição de professor, mas a de educador. Não houve no meu tempo de ginasiano, mestre mais querido e mais respeitado, intelectual mais em evidência na comunidade estudantil. Tenho a impressão de que falhamos no tempo sem uma Universidade com a atuação de tal expoente.

Mas a simplicidade é o que mais conta. Nêle a simplicidade e a modéstia habitavam juntas. Despido de preconceitos, pela vida a fora parece haver sido um semeador de dádivas a quem pouco importava recolher compensações. No meu tempo de estudante primava em ser tolerante, ainda quando obrigado a servir-se do regulamento. Tolerante continuou na política, fechando os olhos e os ouvidos a quantos abusaram da sua sombra magnânima.

Honesto como poucos, refiro certo fato acontecido em classe. O aluno da minha série, de sobrenome Chauvin, perguntou-lhe certa feita algo que se relacionava de perto ao rouxinol, ave. Isto veio a propósito de uma passagem lida em classe. O mestre poderia ter-lhe respondido evasivamente, ou suprido a ignorância do aluno com um dado falso, já que êle também ignorava o assunto. Preferiu responder que iria estudar. Na aula seguinte, ou seja vinte-e-quatro horas depois, explicou a dificuldade com aquêle seu cativante poder verbal a que nos acostumamos em cinco anos de convivência. O fato possui duas facêtas : mostra (e como tem mostrado !) não ser o professor enciclopédico e como o vigarismo destrói na mocidade a impressão que o mestre deve manter nas relações curriculares. O embuste, no caso, só teria um valor : diminuir perante a classe aquêle ídolo; mutilar o deus a quem votavamos respeito e carinho.

Álvaro Maia era assim no quotidiano. Não quero me expor à crítica, considerando-lhe a personalidade fora do mestrado. Acredito piamente que a ascese política em 1930 motivasse a sua conduta posterior, de excesso de tolerância, mas nunca de um excesso que alcançasse o climax daquilo que êle combateu na mocidade, na sua mocidade radiosa. Não. Seu caráter impoluto no govêrno, sua ilibada moral não permitiriam. Mas, por outro lado, aquela bondade que perdoava a alunos suspensos e que iria perdoar mais tarde a quantos o denegriram em vida, permitiu que abussassem dêle e fizessem coisas reprocháveis no seu nome e em nome do seu govêrno.

O último ato nobre em que se empenharia o mestre **in illo tempore**, foi a 12 de agôsto de 1930. É preciso lembrar o

conjunto de circunstâncias que determinariam o conflito armado entre ginasianos e as polícias civil e militar. Quiseram atribuir-lhe malèvolamente, então, a culpa direta daquele incidente. Eu conheço tôda a história daquele movimento a partir dos primeiros contatos com a Aliança Liberal, movimento que possuía seu "antro" (na palavra do então governador dr. Dorval Pires Pôrto) no Ginásio, presidido pelo mestre. Realmente o "antro" não era lá e nem era presidido pelo dr. Álvaro Maia. A história é mais comprida, e hoje não vejo por que eliminar a influência do mestre, muito embora não fôsse êle o nosso líder naquele momento. Fôra-o durante muito tempo na cátedra de Moral e Cívica.

Acontece que no meado de julho de 1930, Francisco Benfica me procurou para acertarmos conciliábulo urgente. Não podendo a reunião efetuar-se à noite, serviu de "antro" a sala de química, no porão. Não me recordo bem dos nomes dos "chefes" presentes, mas detive principalmente os dos colegas Francisco Castelo Branco (que pajeava ao Benfica e deveria andar pelo segundo ano, se não me falha a memória), Nelson Cabral, Aloísio Nelson, Zezito Lima e Danilo de Aguiar Corrêa. Havia também um agente de ligação, talvez representante dessa quinta-coluna que aparece em tôda parte e a quem atribuo as delações havidas. Não era aluno do Ginásio e bem pouco se má dá o nome. Só o vi mais tarde, quando chegava a Manaus o general Juarez Távora, que por sinal ainda não havia ganho a patente. O "cara" iria deitar falação quando o arrebataram de cima da cadeira, expulsando-o do rol dos discursadores.

Foi naquela feita que Álvaro Maia apareceu em cena, por simples acaso. Apanhado de surprêsa, na hora, quando saía do gabinete do direitor, não se recusou acompanhar-nos. Nós precisavamos, no momento, de um conselheiro e era êle, não outro, a pessoa mais indicada. Convidamo-lo a descer e a portas abertas, em sigilo mas sem cautela, expusemos os fatos. Foi a primeira e única vez que o mestre se encontrou na órbita dos nossos negócios particulares, negócios que, na opinião de um professor relapso da época, cheirava a sujeira. Isto se verificou na reunião da Congregação, após os fatos de 11 e 12 de agôsto, reunião armada com o propósito deliberado de expulsar aos revoltosos. Nessa congregação, a que ficaram ausentes muitos dos bons professôres, Álvaro Maia foi nosso advogado. Por pouco tempo, aliás, em vista da vitória da revolução de outubro. E era de ver, agora, o comportamento daqueles professôres, fantasiados de revoltosos também, metidos no caque amarelo e no lenço encarnado getulino. Excelente canalhice . . .

Na verdade, nossos planos eram altos demais para cabeças demasiadamente ôcas. Inclusive envolviam propósitos idiotas, faturação de glórias na base do desacato à autoridade constituída e etc. e tal. Como e por que condutos veio o governador dr. Dorval Pires Pôrto a saber do conventículo é que me irrita. A porta da sala de química ficou aberta todo tempo e de onde estavamos podiamos dominar o alto da escada de acesso. Não apareceu nenhum professor nem funcionário. O "velho Plácido" saía regularmente às dezessete horas, encerrado o expediente.

O que resultou daquela conferência foi água na fervura. Álvaro Maia ponderou várias coisas a que opúnhamos sempre uma possibilidade gratuita. Mas uma teve o efeito brutal de nos lançar contra a espada e a parede : nossas mães haveriam de sofrer bastante com uma situação trágica que nos envolvesse. Saimos murchos da conferência da sala de química.

Mas está escrito que quando Deus abandona o homem o diabo (em quem não acredito) toma-o à sua conta. A campanha da revolução prosseguia no sul com Getúlio Vargas ameaçando amarrar seus cavalos no obelisco do Rio de Janeiro, o que de fato aconteceu. Corria pela cidade uma onda de boatos, mas principalmente aquêles eternamente forjados pela legalidade, de que estava senhora da situação, etc. O mês de agôsto passava quente e as espectativas não menos entontecedoras. Novos encontros no "antro", mas nada de tomada de posição, porque Álvaro Maia nos havia dito para esperar . . . E o negócio começou a assumir gravidade quando uma manhã apareceram duas trincheiras estratègicamente abertas nas imediações do Ginásio pela política militar. Com efeito, a medida preventiva, ou de cunho ostensivo era uma ameaça a que não podiamos ficar indiferentes, principalmente porque começaram as rondas à paisana de elementos da polícia civil em tôrno do Ginásio. Uma das trincheiras fôra aberta no local onde foi construída a bomba de gasolina Sabbá, no dia seguinte à outra. Guarneciam-nas soldados da polícia armados de metralhadoras e fuzis. O aparato bélico completou-se com dois canhões deslocados para a frente do quartel. Havia um rumor de praça de guerra e os transeuntes olhavam desconfiados aquela diligência, sem entender o que rumorejava no ar. Nesta altura, ainda era o mestre Álvaro Maia quem nos chamava à razão, convicto de que a ameaça contra o Ginásio era demasiadamente aberta para esconder propósitos inocentes. Conselhos não faltavam.

Nós do nosso lado, os da turma de choque, reuníamo-nos às vêzes nas "pedras" do Ginásio, acatando as ordens do diretor. Havia proibido que circulássemos pelos jardins, sentássemos

nos bancos, a fim de evitar conflitos. O velho sabia do que eramos capazes, naquela altura.

Foi nesse mês de agôsto de 1930, uma tarde, que Álvaro Maia nos procurou. Sem subterfúgios, alertou a turma sôbre o que ocorria, as vagas de boatos e a presunção (ou certeza ?) do governador, de que estavamos vinculados aos políticos e tencionavamos subverter a ordem. As trincheiras eram a melhor prova. Havia sido convidado pelo governador e conversado. Então não nos disse nada, mas soubemos que sua excelência o havia incriminado de "meter coisas nas cabeças dos estudantes". As coisas que êle realmente metia nas nossas cabeças já foram praclamadas e eram assuntos ligados à moral e ao civismo. Se a política de então estava podre cabia aos moços tomar posição. Era o que faziamos, naturalmente sem a conivência dos nossos pais e mestres.

O barulho maior foi quando o "velho Plácido" nos chamou ao gabinete, querendo saber o que havia. Não havia nada, gritou Francisco Castelo Branco, audacioso como sempre. O velho se convenceu ? Convencido ou não, passou-nos um pito, e deu o recado do governador : fecharia o Ginásio e expulsaria os manifestantes, fôsse quem fôsse. Entre parêntesis, o dr. Dorval Pires Pôrto era amigo e compadre de meu pai, padrinho da minha irmã Geraldina, e portanto concebe-se a angústia daquele ao saber-me envolvido no conflito, mas muito mais a de meu pai, homem severo nos julgamentos. A ordem que veio de palácio, para saltar-me a mim e a Francisco da Gama e Silva, se não estou equivocado, quando a noite andava a meio, encontrou a nossa resistência. Ou saíamos todos da cafua, unidos, ou tocava-se fogo na droga. Tocou-se fogo na droga, ameaçando nossas próprias vidas.

O que me parece estranho, hoje, foi a ingenuidade do govêrno e da própria diretoria. Ingenuidade ou tolerância ? Com tôdas aquelas perspectivas de barulho, a ciência do fato, os boatos alarmantes, as autoridades não se preocuparam em aparar-nos as unhas. Suficiente, para tanto, retirar as armas do depósito do tiro, fuzis e uma metralhadora, e os cunhetes de bala. Nada disso foi feito como medida preliminar. Talvez o governador duvidasse da nossa coragem ? Achasse que tudo aquilo era apenas conversa de meninos ? Não acreditasse no andamento da revolução de outubro ? Bastariam as duas trincheiras guarnecidas ? Continuo deplorando a confiança excessiva, quando já se sabia dos nossos intuitos agressivos, das nossas idas e vindas com os políticos safados, da indiferença com que

olhavamos o aparato bélico e os esquemas armados para deter qualquer conflito. Pelo menos é o que se presumia, mas acredito também que a presença das trincheiras e da ronda contínua de policiais à paisana só faziam aumentar em nós a raiva que haviamos. Mas raiva de quem ? De quê ? O govêrno não era nosso inimigo e viviamos em têrmos com êle. É verdade que uma ou outra escaramuça com a polícia civil poderia afetar a ordem, mas nunca houvera conseqüências fatais.

Andei perdido em divagações. Mas quero situar a posição de Álvaro Maia naquela jornada. Principalmente relembrar que os seus conselhos de mestre e de homem público, pois foram os últimos que merecemos, nós os quintanistas, os seus conselhos visavam afastar-nos dos políticos, asseverando tratar-se de gente matreira, ambiciosa, mendaz, perigosa, falsa, que defendia apenas interêsses pessoais. Portanto não podiamos alegar ignorância, nós que estavams sendo manobrados pelos políticos, empurrados sorrateiramente para o fogo.

De repente a coisa estourou. Assassinaram João Pessoa na Paraíba. A deixa que o sagaz Getúlio Vargas esperava surgiu de súbito com o sacrifício do amigo e parcial. Para nós foi o rompimento das hostilidades. Aquela atmosfera de espectação, de desconfiança, de hostilidade surda transformou-se de súbito num ato de vontade. Houve o corre-corre, uma programação improvisada. Era preciso saudar a revolução sôbre o cadáver ainda quente do político. Nessa noite o "antro" piriricou de gente, de idéias, de protestos, de ameaças. Na residência do dr. Sousa Brasil, o homem do punhal de metro-e-meio, ficou resolvido desde logo o rompimento das hostilidades. Primeira atitude pacífica : comício de protesto, comigo orador e outros, na praça da saudade, local neutro, distante das concentrações bélicas. Nenhum político apareceu, haviam desaparecido da circulação. Casta de ratos, êsses políticos. Mas tarde, vitoriosa a revolução de outubro, deitariam falação untuosa, lenço vermelho ao pescoço : "Nós, os revulucionários. . ." Excepções feitas ao drs. Sousa Brasil e Francisco Pereira da Silva.

Não haviam protestado, não haviam pegado em armas, não haviam corrido a prestar solidariedade na hora solar quando a cavalaria conduzia em quadrado aquela juventude garbosa, altaneira, para a cafua da rua do Marechal Deodoro. Os ratos se acocoravam nas tocas, enquanto nós eramos alvejados, espancados, brutalizados, tudo quanto Álvaro Maia havia predito. E agora êle lá estava também, com o velho Plácido, Agnello Bittencourt (ambos demissionários, e Coriolano Durand,

na Polícia Civil, olhos marejados de lágrimas, numa tentativa inútil de resgatar seus alunos. Em tôda aquela difícil situação, trovejava a voz do velho Plácido, pedindo que soltassem seus filhos, não os espancassem. "Seus filhos!" Haveria coisa mais bela? Seus filhos, nós que haviamos desatendido, nós que andavamos procurando barulho, enfezando o governador, promovendo o entêrro simbólico do chefe de polícia, desafiando os galfarros, ignorando as trincheiras, tomado armas.

Volto a perguntar: como os políticos poderiam esquecer o fato positivo, curial, dêsse dia, daqueles dias? Como se explica que olvidassem os ginasianos maltratados, pisados, surrados, ameaçados de morte pelos palhanos e camarões da época? Afinal de contas quem fêz a revolução de outubro no Amazonas foram os ginasianos e não cabe nenhuma glória a qualquer político. Tudo quanto Álvaro Maia havia dito e aconselhado, para evitarmos a companhia dos malandros, acontecera a curto prazo. Êle tinha razão, carradas de razões. E não podemos esquecer a sua atuação nesse conflito.

Na hora em que a fuzilaria anda mais acesa, foi Álvaro Maia quem compareceu ao Ginásio, foi êle quem evitou a sangueira que se prenunciava. Com uma voz em que deveria colocar todos os sentimentos humanos, uma voz que retumbava mais nos nossos corações do que nos nossos ouvidos, êle clamava por tudo, por nossas mães, que largássemos as armas e abríssemos as portas. Oh! como me recordam aquêles momentos terríveis, em que se ouvia, no alto, as crianças do grupo escolar Barão do Rio Branco e as normalistas gritando, correndo, como se uma catástrofe desabasse! Impávida, lá em cima, uma turma audaciosa se preparava para despejar boiões de ácido em cima dos agressores.

Não, não foi a polícia que nos rendeu. Foi a palavra amiga do mestre, a palavra do educador, aquêle verbo sadio que nos empolgava nas aulas e fora das aulas. À sua palavra, naquela hora prisioneira, teve o condão do Sésamo: as portas se abriram para que uma tragédia não tivesse história.

Acho que o cantor da **Canção de Fé e Esperança** (em prosa) nasceu para educador e não para político. Suas lições opimas, na cátedra ou fora dela, deram frutos proveitosos para uma geração que os soube colher e disseminar. Talvez não se encontre um exemplo mais digno do que o dêsse intelectual que mesmo govêrno, enfrentando situações as mais críticas, não perdia a serenidade, não deixava de escrever, de honrar a cultura, de transmitir conhecimentos válidos. Espírito jovem, arejado pelas

idéias mais em curso, sabia contaminar de entusiasmo a quantos o procurassem, como se ainda viajasse naquela idade alvissareira do ginásio, em que dirigia, com Demóstenes de Carvalho, Abelardo Araújo, Cosme Ferreira Filho e outros, a revista **Aura,** de famosa tradição.

Se alguém se surpreende com a atmosfera mística de muitas das suas produções literárias (e as modernas mais acentuadamente), não é de admirar, pois ela está vinculada àquele seu caráter bondoso, propenso ao perdão, à tolerância, ao verticalismo. Muito antes de por exemplo editar **Noite de Redenção, O Cântaro da Samaritana,** etc., já havia sintonizado a mística de Lázaro e cantado a Catedral, prenúncios de uma posição religiosa, de uma experiência bem datada, posição e experiência que não eram em absoluto o resultado da chegada inevitável dos cabelos brancos. Êle era assim, sempre foi assim, voltado para a humanidade, captando a dor, a humildade, o sacrifício, o perdão onde fôsse possível achá-lo. Era uma fonte de perdões, uma fonte perene de perdões.

ÁLVARO MAIA, o orador

SEBASTIÃO NORÕES

Fato por demais sabido é o de que a oratória fêz a glória e a fama de muitos vultos do passado.

Na antiguidade aponta-se o caso de Demóstenes. E ainda nos tempos remotos surgiram Cícero e Catilina, Marco Antônio e Júlio César.

Nos tempos modernos apareceram Lincoln, o grande Lincoln a lançar o seu verbo inflamado em prol dos direitos humanos; e Churchill com os célebres discursos de 1940, tornando-se aos olhos da velha Albion, um herói tutelar, um verdadeiro semideus.

Nas terras brasileiras distinguiu-se, de logo, a excelsa parenética de Antônio Vieira. Mont' Alverne deslumbrou os religiosos do seu tempo no púlpito enobrecedor. José do Patrocínio, com os discursos empolgantes e audaciosos da campanha abolicionista. Olavo Bilac espargindo belezas nos discursos plenos de ardor patriótico .Rui Barbosa, com os conceitos lapidáres de ordem jurídica e parlamentar. As orações de Lopes Trovão, eram, na verdade, verdadeiros trovões de alentada imaginação. Silveira Martins e Pedro Moacir encheram uma época. Coelho Neto, João Neves da Fontoura, Otávio Mangabeira e Fernando Magalhães foram autênticos tribunos.

* * *

Aqui no Amazonas muitas vozes de eloquência real fizeram-se ouvir. Quero falar de alguns, como Telésforo de Almeida que espumava pela bôca em cascatiantes dissertações. Araújo Filho, bastamente forrado de cultura latina e jurídica, convencia a todos que lhe escutavam as memoráveis pugnas no Tribunal de Justiça. Heliodoro Balbi era outro gigante na tribuna. Leopoldo Péres, em linguagem castiça era ouvido com admiração. Adriano Jorge, incontestávelmente senhor de um talento oratório excepcional. Hemetério Cabrinha e Ferreira Sobrinho pontificavam

neste setor. Entre os vivos, não posso fugir de citar Ramayana de Chevalier e Salignac e Souza, que ainda hoje discursam com elegância e demonstram, à saciedade, que são detentores de considerável cabedal de conhecimentos gerais.

* * *

Uma das facetas mais singulares da personalidade de Álvaro Maia, foi, sem dúvida, a oratória.

Foi poeta, romancita, ensaista, além de um bom contador de história. Mas foi sobretudo orador. Orador que possuia o dom especial de tecer imagens de alta categoria. As metáforas esfusiavam e os conceitos incomparáveis soavam nos espaços. Quase sempre a poesia ornava os seus vôos oratórios. E o sentido filosófico, muittas vêzes, coroava as suas palavras.

Não me recordo de ter ouvido um discurso vazio de Álvaro Maia. E quando improvisava tinha-se a impressão que êle preparava o discurso, porque a sua linguagem era sempre enxuta, limpa e bonita.

Quer como orador político, quer como orador parlamentar, orador de praça pública ou orador acadêmico, Álvaro Maia sempre se fazia notar, e demonstrava ser senhor do "metier".

Nas suas sadias arengas políticas jamais desceu ao baixo calão. Nunca ofendeu a dignidade e honradez dos seus adversários.

Estou me lembrando agora de um orador francês de primeira água, ao proclamar essa virtude de Álvaro Maia. É que Émile Ollivier em certo período da revolução de 1848 em terras gaulêsas, teve uma atitude dígna e sensata de um verdadeiro domador de massas. A população de Marselha aguardava uma intratável autoridade. Mas apareceu um "jovem arcanjo que pregava com candura e reconciliação". Uma comissão da cidade lhe pedia que prendesse um engenheiro muito importante e o bispo da cidade. Conta André Maurois a passagem assim: "Com os modos mais suaves e mais firmes, o jovem comissário responde que não apenas nada fará nesse sentido, como vai tratá-los com consideração. Dizem-lhe que será arrebatado pela multidão; desce ao meio dos manifestantes e os subjulga com a sua eloquência".

Parece que o lema de Émile Ollivier — "Cada homem tem seu destino. O meu não será nunca odiar e perseguir" — se ajusta exatamente a Álvaro Maia.

Foram muitos os discursos do maior dos amazonenses.

Um deslumbramento a conferência que pronunciou no Teatro Amazonas em 1923, sob o título de "Canção de Fé e Esperança".

Ainda hoje se comenta os arroubos tribunícios de Álvaro Maia por ocasião da Campanha da Produção da Borracha.

E as orações com que encerrou a campanha política, na Praça do Congresso, em 1954 e a de 1958, na Praça dos Remédios.

É interessante transcrever-se aqui trecho de um trabalho de Assis Chateaubriand : "Vi, pela segunda vez, esse homem tìpicamente amazonense, no batizado do "Alberto Torres", onde êle pronunciou, de improviso, um dos mais empolgante discursos da nossa Companha da Aviação. Nunca o tinha ouvido falar, mas sabia que era um orador de raça. Não tira dó de peito, mas desenha bemois de veludo e seda. Recorda no Govêrno e na tribuna, a todo o instante, o nosso maravilhoso Castro Pinto, sem dúvida o homem mais inteligente e original que ainda governou o jardim da Paraíba. Quando ouvi, embevecido o Sr. Álvaro Maia discursar no Calabouço, tive a sensação de que aquela voz partida de longe, de bem longe, de uma barranca prestes a desmoronar-se do Solimões ou do Purus; que êle nos chegava do fundo do pensamento remoto dos homens resignados e tristes, perdidos nas "steppes" verdes da bacia interminável. Reconstitui agora as impressões confusas daquela manhã, em que Hildebrando de Goes pronunciara uma das suas mais altas e desinteressadas orações, e disse ao antigo governador do Amazonas, meu amigo Nelson de Melo : — "O tocante e misterioso antepassado dêste Álvaro Maia é um mujik do Dniepper".

Dotado de uma cultura geral bem opulenta Álvaro Maia se sentia à vontade quando tinha de falar ao povo, quando tinha de defender seus pontos de vista nas lides parlamentares, quando tinha de saudar um grande vulto das ciências ou das letras, quando orava para os estudantes ou ocupava a tribuna da nossa Academia de Letras.

Foi um orador. E orador de excelsas virtudes e suas orações possuiam o condão de convencer, porque vazadas dentro duma filosofia altamente sã.

ÁLVARO MAIA, o estilista

JOÃO CHRYSÓSTOMO DE OLIVEIRA

ÁLVARO MAIA foi um prosador e poeta de estilo nobre e elevado, que pontificou, no Amazonas, sua terra natal, projetando seu nome no âmbito nacional.

Como prosador, fêz o seu estilo amalgamado em Euclides, Rui, Coelho Neto e alguns clássicos, mas renovado e vigorizado pelas suas vibrações próprias de notável orador, escorreito expositor e apreciável poeta.

A sua vida professoral, no início de sua carreira, deu ao seu estilo o aspecto didático, de quem procura ser claro transmissor de suas lições e idéias.

Aí estão as suas brilhantes teses : "O RÍTMO na LÍNGUA NACIONAL", "PORTUGUÊS LUSITANIO e PORTUGUÊS BRASILEIRO LÉXICA E SINTÀTICAMENTE CONSIDERADOS" em que o mestre se desdobra nas frases incisivas, manifestadoras de sua inclinação didática.

Distanciado de minha biblioteca, nas lonjuras da Terra de Iracema, onde ÁLVARO MAIA teve suas raízes, irei apenas tecer ligeiras considerações sôbre a estilística do grande senador e tribuno amazonense, dada a falta de subsídios bibliográficos.

A especialidade de didata de ÁLVARO MAIA é que êle não se submetia à secura do preceptor àridamente, amenizando esta secura com a vibratilidade de uma eloquência filosófica e a doçura de uma expressão meio poética.

Para muitos didatas, tais recursos podem ser considerados verdadeiras heresias, mas para o professor que ama os seus discípulos, como ÁLVARO MAIA, constituem verdadeiros respiradouros parar as mentes empenhadas exaustivamente em busca da verdade.

O dizer sêco não deve ser a característica da didática que também pode usar como instrumento de sua meta o dizer

humanizado, o dizer vivido em sentimento de quem deseja sintonizar-se com os ouvintes ou aprendizes.

Esta era a escola de ÁLVARO MAIA que não mediavalizou suas lições no didatismo escolástico.

Apreciemos como o mestre considera a gesticulação como o refôrço da palavra, em sua tese :

> "Hei lido e ouvido a propósito da gesticulação dos portuguêses, dos brasileiros, dos latinos, e da hierática imobilidade do saxônio. Alguns escritores censuram a gesticulação, incidindo num êrro crasso, uma vez que em certas sociedades e raças, pertence à maneira de falar. Brota com a frase aclarando a idéia, e nasce das próprias influências mesológicas e profissionais. Diz Breal que o gesto é o comentário natural da palavra".

Com que prazer, ÁLVARO MAIA endossou essa definição brealina do gesto, definição que é um misto de poesia e filosofia: "o gesto — o comentário natural da palavra" . . .

Prosseguindo, vejamos como as suas tintas de observador filósofo aprecia o modo de linguajar do nosso povo :

> "Dentro do nosso país, podemos ver que o cearense fala com pressa, ao contrário do caboclo. O pescador murmura com preguiça um ou outro monossílabo espacejado, enquanto o agricultor palra sem descanso . O nordestino conversa agitadamente, em ranchos alegres, enquanto o nativo amazônico sente os seus dias em constante contemplação. A profissão de pescador exige o silêncio, ao passo que a do agricultor, cuja atividade se desenvolve em aglomerações, disfarça do trabalho ao sol no canto e na palavra".

Não fôra o filósofo nessa digressão, não fôra o poeta nessa meditação, êsse trecho não figuraria em uma tese de concurso, em que a sobriedade e a secura são aconselhadas no estilo chamado didático. E o cearense, base de sua formação étnica, não escapou à sua inteligente observação.

Falando no português do Brasil, em comparação ao de Portugal o grande estilista amazonense, não se contém e atira-se nesse vôo de visionário.

> "O brasileiro vai aperfeiçoando êsse canto dirigido pelos agentes que o cercam e transfomará a língua numa estranha harmonia, condutora de tôdas as idéias nobres da raça".

. . . . . .

"Em vez de protofonia provençal, que ensolaram o amanhecer da literatura portuguêsa, carregada de sons meridionais, teremos uma nova música, em que se confundam os clamores dos selvagens em luta e as vozes da natureza virgem, acordada para a poesia".

Um didata ortodoxo, prêso aos ditames da exposição fria das teses científicas não abraçaria lances desta natureza, em que o poeta se trai e o filósofo se projeta em concepções avançadas. Mas nem por isto a tese perde o seu mérito que já encerra algo de poético e filosófico em seu próprio título : "O RITMO NA LÍNGUA NACIONAL", em que a fonética moderna, com escalas musicais e diagramas, é substituída por digressões empolgantes. Nem por isto, o valor da tese é prejudicado, pois ÁLVARO MAIA sabe aquecer a frieza ciêntífica com calor do seu estilo didático humanizado pelo modo "sui-generis" de encarar as questões linguísticas.

"O rítmo vem sendo o impassível e implacável modelador da linguagem — sentencia ÁLVARO MAIA, encerrando o seu trabalho com êste rasgo, apaixonado pelo seu berço e pelo seu povo:

"O brasileiro possui o segrêdo do ritmo, emitindo demoradamente as vogais com os acentos, que tem para a sua grafia o valor de sons musicais".

Era interessante que muitos didatas carrancudos com as suas exposições áridas e dogmáticas aprendessem a vivificar o seu estilo com a paixão de quem quer mais aproximação com os seus discípulos através da sua sensibilidade, como praticou ÁLVARO MAIA, nas teses comentadas e em "IMPERIALISMO E SEPARATISMO" e "A BANDEIRA NACIONAL" . . ., com as quais conquistou as cátedras de Português e Educação Moral e Cívica.

"CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA" — foi o catecismo cívico com que ÁLVARO MAIA no início de sua carreira política e literária, abriu uma cruzada sacrossanta de reivindicações em prol do Amazonas, terra abandonada e espoliada e desbrasilizada, sob protestos veementes e solenes do jovem tribuno e poeta, rugindo como uma fôrça vulcânica :

"Despovoado e inexplorado, o Amazonas é um gigante à maneira de Gulliver, e, por falta de confiança em seus membros, muito tempo levará a quebrar as linhas que o prendem à escuridão e à pobreza. Quando elas se partirem, ao abrir-se ao mundo o estádio

impenetrável, as bênçãos, que espalhamos sôbre as cinzas dos antepassados, caberão a nós atalaias das tradições redivivas, templárias das catedrais ameaçadas, videntes da glória de amanhã".

Podemos afirmar que nesta estréia do grande tribuno e pensador, êle arrebatou os seus coevos, jovens ou velhos, com um verdadeiro poema em prosa, de protesto e reivindicações do seu berço. Arrebatou de tal maneira que um grupo de amigos custeou a impressão do trabalho para distribuição gratuita.

Em "CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA", ÁLVARO MAIA demonstrou forte influência de Rui e Vieira, em seu estilo, comprometido pelas longas tiradas, mas sem cair na prolixidade enfadonha.

Vieira influiu tanto no estilo dêsse opúsculo, que ÁLVARO MAIA não escapou do tom profético, para nosso gáudio, aliás, tom profético que talvez chegue à realidade no tempo previsto pelo grande estilista amazônida !

> "E é êsse amor que nos faz prever o Amazonas de dois mil e vinte e três, como uma pátria em que milhares de homens, unidos pelo mesmo afeto, celebram uma nova era, sustentado, por seu poder financeiro, uma potência econômica formidável, cujas cariátides serão as fábricas plantadas nos campos, os armazens com incalculáveis valores, as cidades debruçadas à margem dos rios barrentos".

Mais adiante, arremata a sua profecia, depois de citar Rui, como o vexilário da liberdade, depois de citar Heliododro Balbi, como o supremo exortador, com expressões vibrantes de tom divinatório :

> "O Amazonas entoará, com a vitória dos seus filhos, o hino de uma época de ouro : o El dorado não será uma fantasia com "valles de sombra e montanhas de lua", escondidos na imaginação, como pensou Edgard Poe mas o solo em que as cidades livres e os homens livres terão cantos e bênçãos para a vida".

Eis o fecho do estilista libertário, que bem evidencia o pensador profundo, o sociólogo penetrante, em face do anseio de liberdade da massa :

> "É inútil abafar a chama da librdade nos peitos em que resplandece silenciosamente, porque, no momento oportuno, ela encontrará abertura por onde fuja em caminho do céu, rasgando valas e crateras".

Em "BANCO DE CANOA" e "GENTE DOS SERINGAIS", ÁLVARO MAIA se revela o grande narrador euclidiano, aqui e ali dominado por uma espécie de panteismo que personifica o inanimado e reveste de personalidade transcendental o ser vivente.

Deliciemo-nos como êle atribui à "montaria" e ao "banco de canoa" uma hegemonia social que só o gênio de um sociólogo e filósofo pensador poderia conceber e arquitetar :

> "Montarias, igarités, batelões, ubás, cascos velhos de igupós, nos rios e lagos, nos paranás e bamburrais. Seringueiros, pescadores, roceiros, negociantes, médicos, dentistas, padres e freiras, viajando, pescando, passeando, transportando produtos, enfermos, festeiros esfaqueados, defuntos e casamentos".

. . . . . .

> "O BANCO DE CANOA", ao léu da correnteza, rodando suavemente nos remansos, apropria-se a confidências sussurrantes ou historietas ruidosas, desbordantes de gargalhadas".

. . . . . .

> "No rapto, serve de leite : os fugitivos vão para longe, já marido e mulher".

. . . . . .

> "Há canoas respeitadas, com três ou quatro remeiros, — a do padre, do agente fiscal, do dentista, do cabelereiro, ordinàriamente motorizado. Conduzem toldas, onde se abrigam as pessoas mais importantes e as crianças".

E assim podemos notar o sentido profundamente humano e social com que êle pinta o importante papel que desempenha o banco de canoa nos núcleos interioranos, nas comunidades dos florestários para usar um dos seus mais felizes neologismos.

Os contos são fortes quadros da vida brutal e selvagem do seringueiro e do seringalista, brutalidade e selvatiqueza tão bem pintadas em "INFERNO VERDE" de Alberto Rangel.

Em "GENTE DOS SERINGAIS", sentimos ÁLVARO MAIA como o próprio protagonista das narrativas em linhas autobiográficas como as de "D. LUVINHA" em que êle pinta afetivamentem sua genitora, no seu estilo ora à Euclides ora à Álvaro Maia pròpriamente.

O seu estilo descritivo é forte e tem a vivacidade de uma pintura rembrantina.

No obscurecer do firmamento :

> "Os horizontes escurecem tragando a luminosidade do sol"

No movimento das correntes aéreas :

> "O vento acaricia as frondes, arripia o espelho do rio, movimentando-o em pequenas ondas".

Ao relampaguear, sob ventania.

> "Fuzilam claridades, entre montes escuros de nevoeiros, escarvando-os como formões refulgentes; as ventanias fortes sucedem-se às brisas encrespando vagas e arrastando os paus-mulatos para a água como se cabos e carterpilars construissem essa febre destrutiva".

Por estas poucas obras, apreciamos algumas facetas da estilística de ÁLVARO MAIA que foi exuberante na poesia — "BUZINA DOS PARANÁS", — nos ensaios "NA VANGUARDA DA RETAGUARDA" — nos contos regionais — "BANCO DE CANOA", — nos discursos e nas conferências — "VELHOS E NOVOS HORIZONTES", AS RESPONSABILIDADES REVOLUCIONÁRIAS DA JUVENTUDE", nos estudos — "PELA GLÓRIA DE AJURICABA", "PANORAMA REAL DO AMAZONAS", etc. , etc., obras em que o poeta sempre se evidenciou na prosa e o filósofo pensador se projetou na poesia, com a característica saliente : — o profundo amor à sua terra e ao seu povo.

ÁLVARO MAIA, o político

OYAMA CESAR ITUASSU

A presença do homem sôbre a terra não apenas marca sua passagem como pessoa física, como também traduz a permissibilidade de circunstância à primeira vista estranhas: é que ambos se reciprocizam no tempo e no espaço, fluindo e refluindo efeitos os mais diversos. Por isso, as tendências e atividades humanas deixam sua trilha no caminho terreno, como êste penetra fundamente na alma do ser vivo para impregná-la de suas próprias características, afeiçoando-o às suas depressões e aos seus sentidos pinaculares. Terra e Homem se completam e se influenciam sociològicamente.

Daí por que facetar a vida de Álvaro Maia, esmiuçando-lhe detalhe pessoal, é artezanato de lapidação em pedra preciosa para mostrar, em realce, a beleza que se oculta sob a camada material que lhe cobre o âmago. E não é tão fácil apesar da certeza de seu conteúdo, e por ser Álvaro Maia o que foi, porque nêle as côres variam como as gemas, segundo as luzes e sombras, o claro e o opaco do tempo, que tudo transforma e modifica. Quando se trata de estudar homens, mister observar que em cada um há os mais díspares e variados e contrastantes rostos, a marcar a verdade do padre Vieira de que existe mais dela no coração que na cara. Cada personalidade se diferencia em suas conformações, constituindo um conjunto de qualidades que se desligam do todo para ressalto de um ponto determinado. Em outros, existe como que a geminação interligada de seus caracteres, soma cromossomática que delineia e firma as distinções basilares de uma individualidade.

De tal tipo ÁLVARO MAIA, o eterno enamorado da terra cabocla e que da índole de sua gente e de sua chã amada recebeu a herança multissecular da habilidosa prudência política, assentada em segura formação cultural, aprimorada em estudos posteriores.

Sua conscientização veio da mocidade e ninguém, enquanto arou na seara, se lhe antepôs com êxito e nem lhe poude prever atitudes e gestos. Solitário por contingências anímicas, vivia em um mundo particular povoado de temas amazônicos, assunto inesgotável de poemas e livros, ensimesmado no exame cotidiano dos homens das cousas, para a colheita de lições que mais tarde se traduziriam em demonstrações firmes de uma liderança inconteste. Humilde por vocação desambicionado de bens físicos, sentia-se melhor no seio dos pobres e em grupos humanos de tôdas as classes permanecia isolado, embora cercado sempre onde se encontrasse. Discreto no falar da palestra trivial, aspirava o sabor palmáceo das plantas do chão querido, prendendo-se dia a dia à gênese de sua região e de sua gente, em um processo de implantação quasi vegetal. Sabia, como Menotti del Picchia, que na própria terra a dor dói menos.

Tais virtudes glebárias, porém, não lhe impediram sofrer o heliotropismo político, agigantando-se por três décadas definidoras de uma intensa vida pública. O crescimento invulgar não o deslumbrou e nem lhe deu soberbia. Quanto mais avançava, mais se recolhia a si mesmo e sòmente nos raros momentos de comunicação verbal com a multidão, ou com personalidades de vulto, deixava transparecer algo de seu vigor intelectual e do ardor de suas convicções, em partes semi-veladas de seu pensamento.

Líder estudantil, lançou a Revista Acadêmica da Faculdade de Direito, juntamente com Rui Gama e Silva e daí por diante permaneceu na liderança em tôdas as circunstâncias a que se viu levado pelas urgências da vida a que se dedicou. Figura admirável de professor de Educação Moral e Cívica do venerando Ginásio Amazonense Pedro I I cadeira cuja ausência se faz sentir fundamente —, suas aulas eram lições em derredor do comportamento humano nos períodos cruciais da humanidade.

Dessa atividade magisterial foi retirado pelo vendaval de 1930, quando seu dom de orador nato se fêz luz e passou a dominar a inteligência dos conterrâneos assumindo, a partir de então, o comando político. Fêz-se revolucionário e pregador dos ideais que considerava compatíveis com as premências da nação e suas orações nas praças e comícios tomavam proporções épicas de cantos heróicos, objetivando o retôrno aos destinos da democracia perfeita, que adotava, doutrinava e ensinava com seu exemplo. Lidador e lutador, eloqüente e ao mesmo passo simples na exposição brilhante dos temas que abordava, a ardência das realidades que enunciava transparecia em gestos

expressivos de sensibilidade apaixonada e apaixonante. Sabia ter nas mãos o contrôle das massas e nessa liderança jamais teve quem lhe arrebatasse o bastão. Colhia amizades e devoções permanentes, afeições e admirações no jardim da vida como se fôra um jardineiro semeador de ideias, que se incrustavam nos que o ouviam. Mantinha-as com carinho igual, dispenando a grandes e pequenos, ricos e humildes, sem escalonamento de categoria e classes, resultado vivo de seu imenso coração.

Interventor em fases excepcionais, soube exercer o poder sem ódios e vinganças. Governador constitucional, seus períodos de proeminência se sucediam entre o Executivo e o Legislativo, sem que nunca se lhe verberassem violências ordenadas ou sancionadas. Os próprios adversários — pois que inimigos não os tinha e nem se considerava capaz de gerá-los —, respeitavam-lhe a cordura e a dignidade. De honradês acendrada, viu-a tantas vezes atassalhada e aos ataques e vitupérios respondia com o sorriso tranqüilo do homem de consciência limpa, responsabilizando apenas as paixões exacerbadas como origem das ofensas irrogadas. Poderia responder, como Rui Barbosa, quando atacado como só os grandes o podem ser :

> "A minha fortuna é criação da baixeza dos meus inimigos e da depravação dos nossos sentimentos de justiça e lealdade. É rigorosamente uma infâmia que classifico assim, acentuando cada uma das letras dêsse nome. Insinuam-na, cochicham-na, atiram-me de esguelha aos rins em navalhadas. Mas, enquanto o não provarem, o labéu há de ricochetear contra os seus vibradores, pasquins vivos de si mesmos".

Nunca o fêz. Calou-se, sofreu as invectivas, amargou silenciosamente e em silêncio perdoou, sem ninguém jamais lhe ouvir queixumes e repúdios.

Senador da República, integrante da delegação brasiileira a uma das conferências das Nações Unidas, relator de processos importantes para a vida nacional, poeta, escritor amante da gleba e de suas particularidades, foi acima de tudo um político profundamente humano e tudo o que fêz está a lembrar uma existência de labores e percalços inerentes ao seu temperamento essencial e fundamentalmente dessa qualidade. Até nos romances de sua lavra traduz essa presença, em páginas de profunda consciência social a significarem orientação segura àqueles que enveredarem pela trilha que foi de sua privatividade.

Fundou aqui a Legião de Outubro, nos primórdios da vitória revolucionária de 1930, cujo prestígio local e arregimentação se deveram com exclusividade ao seu conceito e prestígio. Tempos após, já devidamente constitucionalizado o país, implantava com Rui Araújo, outro hamem de puro quilate moral, o Partido Social Democrático, como ressurreição dos pensamentos que sempre lhe povoaram o espírito e os estudos de sociologia política, crente como era na fraternidade, defensor da igualdade e respeitador das liberdades públicas e individuais.

Com a derrocada das instituições vigentes em 1964, de nôvo voltou à liça qual velho gladiador e a vitória retumbante outra vêz lhe outorgou a senatória, quando passou a sentir no ocaso da vida o ensombrar das ilusões e esperanças que formavam seu mundo político. Mesmo assim cumpria seu destino, fiel às tradições que lhe estruturam a juventude estusiasmada, a mocidade efervercente, a maturidade ponderada e a serena velhice.

Viveu épocas conturbadas — revoluções, subversão de regimes e sistemas, violação de mitos históricos. O silêncio era a resposta eloqüente que dava às conturbações surgidas e que depois submergiam quais enchentes amazônicas, as raízes filosóficas da ciência jurídica" que estudara e em que alicerçara seu pensamento de uma sã e equilibrada política.

Auferiu das glórias efêmeras sem extravasamentos; atravessou os declínios da grandeza, ascendeu às cumiadas do poder despido dos deslumbramentos dos fracos, que se deixam aromatizar pelo incenso que rodeia sempre aos que desfrutam da transitoriedade das cousas. Bebeu o fel do ostracismo integral, tendo em sua atitude a firmeza dos estóicos. Pessoalmente, nunca foi derrotado porque conhecedor profundo da psicologia das multidões. Afastava-se dos embates na hora exata, para a seguir ressurgir das cinzas políticas a que voluntàriamente se relegara e ressurgia com vigor impressionante, em uma testificação do sentido justiceiro popular.

Humildificou-se no manejo do mando e se engrandeceu na obscuridade. Quando rebrolhava na esfera que lhe emoldurou a vida pública, êle o fazia como as plantas a que se vinculava por formação e que por isso mesmo lhe formavam o quadro emocional — nada lhe detinha o ímpeto, aos primeiros orvalhos prenunciadores das chuvas dadivosas.

Como político foi extraordinário em sobriedade, habilidade e capacidade de enleio. Mesmo na direção governamental,

jamais perdia seu tonus particular e sonhava a concretização de sua formação humanística, ao dizer, certa feita, que era preferível abrir escolas a construir prisões. Para estas, bastavam as existentes no plano social e que reduziam a condição humana. Homem de atitudes nobres, nunca se lhe poude inculcar atos menos probos. Fêz de sua vida um hino amazônico e para o Amazonas viveu, no imo do peito, acalentando com carinho as barrancas do velho rio Madeira, a sua Canção de Fé e Esperança.

Sua trajetória, um lampadário de estrêlas. Dua herança, o exemplo de desprendimento que deu a gerações e sua riqueza o bem que dispensou a mancheias, o mal que perdoou a tantos e a gratidão que recebeu de tão poucos.

Rico êle o foi de inteligência que esbanjou, de dignidade que sempre teve, de perdão que usou largamente, de habilidade política que demonstrou, de saber que possuia, de bens espirituais e acima de tudo, da adoração que lhe tributava a massa humílima, fiel repositório dêsse legado.

ÁLVARO MAIA, o místico

MENDONÇA DE SOUZA

No harmonioso e lírico BUZINA DOS PARANÁS, obra reveladora da alma e do espírito de ÁLVARO MAIA, podemos vê-lo inspirado e enternecido de notável claridade religiosa e de imensa compreensão humana. Cumpriu, ao longo de admirável e aplaudido decurso de vida, com brilho, sem hesitação ou desfalecimento, o seu dever. Com êle se desvanecem e o aplaudem, lealmente, os que o sabiam insigne.

Gênio a exaltar e a revelar as grandezas desta Terra. Gênio, sim, a divulgar-se no desejo de que todos o admirassem e o estimassem como poeta e romancista, historiador e contista, vernaculista e professor, antropologista e amazonólogo dos maiores.

Realmente, nós que o conhecemos bem de perto, que o acompanhamos sempre com admiração e aplausos através dos livros e dos artigos de mestria, sabiamo-lo rico nessa fé que remove montanhas, que sabe ser forte, épica, invencível diante dos incréus.

Viveu assim nesse roteiro. Sem atitudes infelizes e obscuras contra os que o apedrejaram por despeito de inteligência, por inveja de liderança política no seio de seu povo. Jamais se afastou de seu destino espiritual para depois regressar ao ponto de partida e iniciar de nôvo a viagem. Confiante nos bons propósitos, deixava passar os ferozes, os que mais adiante se dissolviam nos próprios insultos e ameaças, sem encontrar destino conveniente.

Nas obras, deixou-nos o que foi. Lê-las, entendê-las, é estimá-lo num conteúdo de humanização. É vê-lo sem recuo na marcha de um mundo melhor. De um mundo no qual devemos enriquecer-nos na fé de que os homens são irmãos e devem viver como irmãos.

Abram-lhe o fabuloso BUZINA DOS PARANÁS e vejam, logo à primeira página, como lema de seu destino, estas sacrossantas palavras de São Paulo — Epístola Aos Romanos — Cap. 12 - v. 20 - 21 :

"Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sêde, dá-lhe de beber; porque fazendo isto, amontoarás brazas de fogo sôbre a sua cabeça.

Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem".

Os poemas alvarianos dão-nos palavras fraternas, místicas, cheias de pregação humana. Palavras luminosas, musicais, dirigidas a Deus. Sua poesia é um escrínio de bênçãos, um retalho de alma, um grandioso apostolado de fé, de canção e de esperança. Os sonetos ficam em nossa memória, repetem-se baixinho no silêncio de nossas horas de recorrência aos astros. São assim grandes, imponentes, serenos como êste SAMAUMEIRA que germina, cresce, confia-se aos homens que sabem ajoelhar e alcançar em preces as estrêlas cintilantes na terra azul do céu :

Venho adorar-te à sombra da folhagem,
Olhando o nascente, ao vento ondeando a fronde...
E soltas o farfalho, que responde
à voz das cousas, num bramir selvagem...
Teu verde-branco, verde-azul, aonde
a passarada canta em vassalagem,
vem procurar ventura na estiagem,
que doura as copas e a fartura esconde.
Ó samaumeira patrícia ! Infiltra-me na fronte,
quando o corpo volver ao transformismo,
as riquezas do ar, as bênçãos do horizonte.
Leva minha alma ao céu, que o bem resume,
e espalha-me, em piedoso romantismo,
na luz, no pendão e no perfume... (p. 117)

Êste sonêto, de fato, reflete a mensagem de um poeta místico. De um poeta cujo marco, na sucessão dos dias e das noites, é nítido, firme quer no conteúdo de humanização, quer no lavor artístico em que se define realizado em sua missão. Seus versos são harmonias de consciência. São elevações impregnadas de sensibilidade afáveis, benignas, complacentes. Em

Álvaro Maia o leitor sente a fôrça criadora que o inspirou a oferecer-nos tercêtos como êste de notável teor espiritual:

Ó árvore que as florestas embalsamas,
estende-me também, no extremo instante,
a verde bênção dessas verdes ramas! (p. 123)

Não tentou jamais fugir ao destino de aedo laborioso, purificado nos sentimentos. Soube conduzir-se com lucidez, com novas manifestações para aonde as influências do destino o levaram. Foi poeta — criador de novas felicitações à vida do homem. Purificou-se em momentos assim como êste que se vê neste caminho expressional, forte, afim de ÁRVORE FERIDA:

Ante a constelação do céu florindo em lume
temos, ó árvore, o mesmo ideal e a mesma sina...
Sangrou-me o peito inerme a sensação divina,
como a acha te sangrou em golpe de negrume.
Dando esmola ao faminto e consôlo à ruina,
subimos em bondade, ardemos em perfume...
Bendita a dor criadora, o perfurante gume,
que em mim produz o verso e em ti produz resina...
Ninguém virá curar-te! Apenas os ramalhos
ensinarão à flor a música dos galhos
e ensinarão ao galho as lutas das raízes.
Ninguém virá curar-me! Os meus versos apenas
serão o bálsamo esfeito em minhas próprias penas,
sob a ronda de dor dos dramas infelizes. (p. 127).

O sentido dos temas alvarianos é amplo na compreensão das coisas, na focalização do elemento homem em sua simbologia cósmica e infinita. As sínteses poéticas são expressionais na representação de fatos sucedidos numa imensa saudade que se prolonga em certas passagens dos versos. O jôgo das figurações, nos poemas, reconstitui-se dessa indicação artística de resumos, legendas que procuram objetivar para o leitor o clímax de sua filosofia. Neste poema ARBORICÍDIO o poeta tem uma subida em linhas de sentido triste e inconsolável:

Esqueço o peito desvairado,
que, vendo morto o seu menino,
no cedro em flor vibra o machado
para o caixão do pequenino...
Esqueço o noivo enamorado,
que, no itaubal que o viu menino,

procura o leito de noivado,
— princípio e fim do seu destino...
O que em suor o sangue vaza,
e acorda ao sol, ao sol se deita,
se corta as vigas para a casa,
os imbaubais para a colheita...
O construtor, o marceneiro,
que faz os barcos e a mobília,
e põe as ripas ao braseiro
para o aconhego da família...
A árvore em cruz, que se transporta
em correntezas, sôbre os rios,
e vai fulgir — árvore morta
nos longos mastros dos navios... (p. 129).

A cruz, sempre a cruz nas mãos, na luta espiritual, na apoteose das aleluias que representam a salvação no decurso dos milênios. Em têrmos que não deixam dúvida, no ciclo dos mistérios, no labirinto das epopéias trágicas, das tragédias simbolizadas, das gerações perdidas através dos caminhos da torre de babel, do interminável baile em que os homens de pouca fé dançam a cabra-céga, Álvaro Maia abre passagens imensas perante o mundo e as coisas a fim de oferecer-nos, de alma e coração, A BEM-AVENTURANÇA ESQUECIDA :

I

O sono dança em teu olhar... Sonha ! Sonhar a alma redime.
Sonha ! Não venho repetir, à hora serena em que adormeces,
lendas vermelhas de pajés, contos azuis dos Irmãos Grimm.
O sono dança em teu olhar... Não firo o alvor de tuas preces
com as canções de Branca de Neve, ou das iaras sôbre o rio...

II

Nos tempos da Bíblia, Jesus, florindo oásis e desertos,
jorrou aos homens nova Idéia...
Plantou uma árvore só, sem fôlhas, com dois galhos abertos,
mas de tão grande sombra que os mundos todos recobriu...
Após correr, em febre o corpo, as pétreas dunas da Judéia,
colhendo os fracos, semeando a paz, redimindo os enfêrmos,
pelas aldeias, pelos ermos,
parou num resto de montanha...
Ia rezar à turba humilde o ardente Verbo da Montanha,
e prometer-lhe, em frases mansas,
a crença e o amor, na redenção de suas bem-aventuranças...

III

Vinha de longe o cheiro em flor dos altos cedros centenários...
Vinha aromar a Imagem dÊsse,
em que fremia um coração de áureos cordões de estradivários...
Todo um verão, farto de sol, não tinha o sol de Sua Face...
NEla flutuava a luz de Deus, dEla fluía flébil fonte,
que descesse
e cantasse,
que esplendesse
e quebrasse
em degraus, pelo monte...

IV

E falou : — " Bem-aventurado o inocente de coração,
porque dêle é o reino do céu..."
E ainda : — " Bem-aventurado o que sofre perseguição,
porque dêle é o reino do céu..."
Abençoou o pobre e o bom, o que, sem lar, dorme com fome,
o que é agredido sem ter culpa e, ao agressor, lembra a concórdia;
o que respeita o alheio nome,
o que predica ao inimigo o perdão e a misericórdia...

V

E, ao filtrar à multidão aquêles bálsamos divinos,
divisou, nas abas do monte, as mães tementes, que aleitavam
os lindos filhos pequeninos...
Jesus, ao ver vultos cristãos, que o próprio sangue distilavam,
deu, cheio de graça e piedade, alguns conselhos olvidados,
— hóstia verbal, beijo de Deus, ave-maria de Maria...
Ungiu a Virgem-Mãe e as mães, que, sendo humanas, na agonia
Lhe volvem olhos desvairados,
calando gritos em que são remidos todos os pecados...
Essas palavras de Jesus foram a rir na voz do vento,
— deslumbramento e alumbramento,
para as estrêlas, para o céu :
— " Bem-aventuradas as mães que enaltecem o bem da vida,
porque delas é a bênção do céu...
— " Bem-aventuradas as mães que padecem a prol da vida,
porque delas é a glória do céu...
— " Bem-aventuradas as mães que falecem quando dão vida,
porque delas é o reino do céu..." (p. 133,134 e s.).

Estimou-se nessa poesia de fé em Deus. Nela, encontrou o caminho que o fêz chegar à meta espiritual desejada. Nela, atingiu, sem tapete mágico, sem sentir os obstáculos, as pedras,

as urtigas e os espinhos, o ponto alto da vocação natural numa caminhada sem desvio.

E em ótimos exemplos, deu-nos a ver que os obstáculos contemplados a longa distância parecem intransponíveis, ameaçam, fantastificam-se .Vistos mais de perto, tornam-se menores, desaparecem, são ultaprassados, vencidos. Tudo é questão de firmeza no lema do "querer é poder". Nada como acreditarmos naquilo que desejamos fazer. Álvaro Maia deu-se em HOLOCAUSTO nessa rota tôda-poderosa sem teias de aranha ou arame farpado à sua frente:

— " Em meu corpo sem sol, que a tristeza estrangula,
nadam, como num lago, os nervos contrafeitos. . .
Porque vivem assim, se, famintos nos leitos,
há vermes, que me vêem, com desvairada gula ?
Tenho, dentro em meu peito, as mágoas de outros peitos. . .
Terra onde medra o horror, mar onde se acumula
o hereditário mal de crimes e defeitos
de tardas gerações de heroicidade nula. . .
Olho as águas e a selva, o frêmito e a beleza,
— fôrça prêsa ao embrião, almas fugindo ao vício. . .
E, vendo em revulsões a vida e a natureza
E as horas de tormenta em que velam meus dias,
penso porque não morro e ofereto, em sacrifício,
meus átomos senis para outras energias. . ." (p. 157).

Precisamos vê-lo neste sentimento para bem o compreendermos nas dores em que viveu. A cruz que lhe coube nunca esteve aquém de suas fôrças. Carregou-a com os olhos postos nos santos sacrifícios de Jesus. Jamais optou entre a cruz do Nazareno e as outras cruzes figuradas em remorsos, falta de humanidade e devoção ao filho de Deus. É fácil, sim, encontrá-lo nesta poesia que é ACALANTO, itinerário sem tropeços, sem

queixumes, proporcionado em horas agradabilíssimas de devotamento ao Senhor :

Lá fora, a noite estende o manto
de estrêlas feitas de dulçor
sôbre as cabeças dos que pensam,
como uma bênção
do Senhor. . .
Enquanto a noite estende o manto,
os astros se enchem de esplendor. . .
Chora o luar e canta o vento,
como um memento
do Senhor. . .
Depois que a noite estende o manto,
escorre amor a todo amor. . .
Brilham, nos tetos sem riquezas,
luzes acesas
ao Senhor. . .
Depois que a noite estende o manto,
renasce a vida à voz do amor. . .
E os corações, nos peitos calmos,
sussuram salmos
ao Senhor. . .
Depois que a noite estende o manto,
os sêres bons, cheios de amor,
por sóis e céus, que estão nos berços,
desfiam terços
ao Senhor. . . (p. 163).

E agora notem no diagrama dos versos abaixo, nas feições do conjunto arquitetônico e geométrico, a maneira em que, mesmo a falar-nos de amor, transcendentaliza-se para deixar-se levar, diretamente ao espírito da razão. Diante da paixão insa-

tisfeita, malograda, liberta-se e tenta compensar-se numa forma de amor imposta pela realidade das coisas e da vida :

O real prazer da vida não no sente
o que o amor preliba em doses
com o casto aspeito
de um convalescente. . .
Filho de glebas em revoltas,
sinto-o um caudal em nevroses,
rebelde e insatisfeito. . .
Não torna o rio ao nascedouro,
nem renuncia às voltas
dos vales em dilúvios. . .
Também não renuncio à chama de ouro
dos teus dormentes olhos núveos. . .
Dar-me-ás sempre essa luz de que me inundo,
em meu tormento sôbre-humano. . .
Condenados embora, iremos pelo mundo,
num romance lindo,
como o caudal para o oceano,
— de queda
em queda,
bramindo,
borbulhando,
batalhando. . . (p. 178).

Observem, nos três versos finais, a forma gerundiva na idéia objetivada de um tempo sem fim. Não há aí um possível acidente estilístico e sim um propósito de continuidade, de progressão que se torna mais viva no fecho reiterativo do verbo **batalhar.** Nesse desejo assinala o empenho de não parar, de repetir -se sempre nesta recompensa, nesta importância em que se cuida e satisfaz-se nos atos de sua vida amorosa, espontânea, instintiva. Nesse movimento é um progressivo. É, sem dúvida, construtivo, grande, bastante expressivo no maior realce da

idéia-máter de sua mística infinita em versos assim de notável duração no tempo :

À meia luz nasceu Jesus... É a prece...
São minutos serenos,
em que a alma ajoelha sem buscar motivos,
sob a ação de desejos redivivos...
Nesse momento a vida pesa menos
e a ânsia do sonho suavemente cresce... (p. 197).

A poesia de Álvaro Maia é mística. Acende a Terra de seu nascimento de imagens maravilhosas. As sombras, os mistérios, em seus versos desaparecem. Sabe ouvir os queixumes dos rios, dos lagos e florestas da grande planície. É um extasiado nesse ouvir o vento da folhagem, o grito das aves, o zumbido dos insetos. Teve um destino conveniente ao entendimento de seu mundo. Disse muito a muita gente nesse empenho, nessa **grandeza para ouvir êsse convite augusto,/ que brame pela luz, pela água, pelas flôres, / voa do monte ao chão, dos cimos às planuras...** (p. 68).

Disse muito e revelou-nos porque a Amazônia

É a vertigem. É a febre imensa. É o áureo velo,
a transfiguração sucedendo ao flagelo...
Corre, pelo ar, um fragor de mistérios felizes :
são as fôlhas cultuando o esfôrço das raízes,
ocultas operárias,
que alimentam o galho...
E soltam, tendo em cima as pérolas do orvalho,
as árvores o olor de essências tumultuárias...
A Terra é uma lira eterna, uma lira que desborda
sadias emoções, longe de qualquer mal,
dizendo em cada som, vindo de cada corda :
— Hosana, Criação ! Hosana, Germinal ! (p. 71)

Sim, na poesia de Álvaro Maia a Amazônia é isto : lenda e realidade. Vertigem, transfiguração e flagelo.

"A terra sonha e fala... E, no sonho que a alcança/ brilha, ilude, pranteia, arrulha, atrai, seduz, / conservando na treva a encantada esperança / de sempre palpitar em seus lábios de luz..." (p. 72).

Álvaro Maia é um poeta das côres e dos sons, de tôdas as dimensões da terra dos rios colossais. Deslumbra-se. Auto-define-se e auto-descobre-se em preces de harmonia, no pleno domínio da magia inventiva, das convicções, da verve, dos recursos cerebrais e poder inspirador de vibração e beleza.

Arrebata-nos com os versos cheios de emoções, de grandiosidade e misticismo. Canta, inspira-se na grandeza panorâmica que o circunscreve, que o revela prodigioso num mundo de magia, de preces e de imaginações harmoniosas e sublimes no espiritualístico encontro com Deus. Ei-lo, pois para sempre NO TURBILHÃO em que se mostra fulgurante como grande poeta e homem confortado num destino inexaurível de espiritualismo e de infinito :

Tôdas as vêzes que me encontro em frente,
mesmo embalado em lirial arroubo,
de charcos, pantanais, bôcas-de-lôbo,
medito humildemente
nos grandes nadas dêste mundo amargo
e, abroquelado assim, caminho ao largo...
Tôdas as vêzes que me fere o ouvido,
embriagado ao fulgor de harpas cantantes,
o matraquear de notas dissonanates,
como um fúnebre ruído,
penso ter chegado ao último absurdo
e entressonho a loucura de ser surdo...
Tôdas as vêzes que, em meus passos, luzem
misérias, crimes, criações sem ordem,
nas escalas nojosas da desordem,
que injustiças traduzem,
sinto nos olhos duplas guilhotinas
ante o horror dessas cousas pequeninas...
Tôdas as vêzes que, entre a mão profana,
na ação naturalísssima do tato,
irrompe, sem querer, um desacato,
cego à pureza humana,
sinto que estaco a murmurar segrêdos,
ante a crispada retração dos dedos...
Tôdas as vêzes que, entre a bôca fria,

condenada à transformação violenta,
um sonho proibido se apresenta,
ou paisagem sombria,
ou cena letal, que a vista encanta,
— tudo isto morre à entrada da garganta...
Pensando assim, agindo assim, querendo
assim, domado pelas cinco portas
do espírito, fortíssimas retortas,
em que rolam tremendo
as ambições e as sensações da vida,
sondo o infinito sem ver a descida...
Fujo à realidade? Durmo na quimera?
Que importa?... Sinto na alma, de hora em hora,
um violino, uma cítara sonora,
um sol de primavera,
e tenho, no Evangelho em que me oculto,
o grau supremo de olvidar o insulto...
Há falsas formas de triunfos: ame-as
outro, procure-as outro.... Neste mundo,
é vencedor quem vence o pego imundo
das trágicas infâmias,
sem imitar as víboras e as lesmas,
que se arrastam, matando-se a si mesmas... (p. 75-6).

Confessa-se, neste poema dos maiores no ciclo de sua grande vida, bardo concluído num mundo de ilusórias predominâncias, egoismos, absurdos de fôrça entre vencidos e caricatos, entre subdesenvolvidos e miseráveis. Neste ciclo espiritualista, redentor, Álvaro Maia é místico a evadir-se de um mundo material, de guerra e traições para um outro infinito, reservado aos que acreditam em Deus.

Sua atitude supravivente na práxis religiosa é autojustificável nessa integridade de reconhecimento ao Criador. É êle

mesmo que, num messianismo de alta crença, assim se retrata nesta figuração extática, perplexa de uma ÁRVORE-ESPETRO :

Possa viver sòmente até o dia
em que entender a luz que o céu entorna,
e todo o sangue, na volúpia morna,
cantar na artéria em cólera bravia...
Árvore — espetro ! A trepadeira adorna
teus galhos sêcos, ermos de alegria,
mas a esmola te fere na agonia,
indiferente ao sol que te contorna.
Viver é revoltar-se, é brandir lanças,
buscar vitórias, enfrentar pampeiros,
ter esperanças e desesperanças...
Tombar com vida, e não ficar velhinho,
sem meios próprios, esperando por terceiros,
como as árvores mortas no caminho ! (p. 119).

É realmente neste ciclo mais genial de sua poesia que Álvaro Maia descobre-se em nôvo caminho. Dá rumo de suprema ressurreição evangélica ao espírito. Martiriza-se, crucifica-se em insônias e vigílias a mostrar o caminho de Jesus aos hipócritas, aos maus e ofensivos.

Nos últimos anos de sua grande existência, ultrapassou as montanhas da terra. Acordou e orientou conterrâneos e compatrícios que se estavam a consumir nas arengas politicistas, espavoridas, fatídicas. Consagrou-se. Deixou-nos versos imortais.

Cumpriu, integralmente, admirável e bela missão. Seguiu brava e convictamente os caminhos místicos dêste itinerário fraterno, afetuoso :

Só é forte o que perdoa, o que à vingança
opõe a sua humilde pequenez,
o que não verga a fronte uma só vez,
e segue pelo ideal e não se cansa... (p. 80).

* * *

Nota : nos poemas e sonetos aqui indicados ver, de Álvaro Maia, o livro BUZINA DOS PARANÁS. Sérgio Cardoso & Cia. Ltda, editôres, Manaus - Amazonas, 1958.

TRAÇOS DE UMA SOCIOLOGIA NA OBRA DE ÁLVARO MAIA

ANDRÉ ARAÚJO

A obra intelectual de Álvaro Maia enriqueceu a bibliografia amazônica, em seus aspectos mais originais.

Como historiador de fatos e de tipos humanos, até agora meio desconhecidos, em seus aspectos lendários e místicos, — é Álvaro Maia, — e o é com piedade e sorrindo — quase um criador de vasta tipologia do setentrião.

Anatole France disse certa vez que a piedade é a base do gênio.

Os livros que publicou, para mim, são livros tristes, como o é o "Dom Quixote", de Cervantes. Dos livros de Álvaro Maia partem gritos de liberdade, como partiam das graças de Paula Ney.

A "Ilíada", a "Odisséia", os "Niebelungem", a "Canção de Gesta", a "Sabinada", "Mascates", "Cabanada", estão cheios de fanfarras, de valentias, de intrugices, de ridículos, bem como de personalidades viris e eméritas, cheias de sombras, de luzes, de gritos, de desesperos humanos.

Ali estão os sinais de épocas heróicas, longínquas. Aqui na obra de Álvaro Maia os sinais da terra, das florestas, das águas, dos lugarejos, dos barracões, dos seringais tremendos, dos dramas de adultérios, das lutas pela mulher, das pragas de insetos daninhos.

São as nossas condições humanas que falam. São as nossas fontes históricas, fôrças ocultas que agem sôbre a nossa psicologia e que se tornaram objeto da antropologia dos livros ricos em sociologia, em folclore, em geografia, em história, em humorismo dêsse grande Álvaro Maia.

A gleba, a estrada, a dietética, os hábitos, o lendário, o místico, a vida social, a criminologia, as revoltas, as fugas de dentro das florestas, a fé, o amor, as técnicas, o trabalho, a

medicina caseira, o caçador, o regatão, o banditismo, a politicagem, tudo, ressalta das páginas vibrantes de seus livros, de cujo Álvaro Maia se transcende sempre de novas roupagens, como escritor realista, de forte prosa moderna, regionalista, meio sertanista, sofrendo altas influências geográficas da Amazônia.

Nessas e em outras raízes de nutrição inspirativas, o caboclo escritor se veste da tanga imortal dos "caboclos do fundo" para vibrar o tacape da ironia e das segundas intenções, em maravilhoso estilo literário, sob o fundo tropical, do clima do rio Madeira e afluentes, entre flora e fauna, numa sociedade de cuja decomposição faz surgir o sentido de uma liberdade que forma novos valôres, na paisagem cultural dos costumes locais, das lendas, dos tipos, da linguagem dos nativos, dos nordestinos, tudo com a beleza de raro estilo e rítmo admirável.

Nêsse jeito, os conflitos morais e sociais que deparamos em seus trabalhos são realidades da lei geral do desenvolvimento da civilização e dos povos, dos grupos e das comunidades.

Rivalidades, revanches, crimes bárbaros, certos tipos depravados, são o sedimento, no isolacionismo amazônico, que fermentam, não longe, através de uma evolução social acelerada, — o essencial para o desenvolvimento da região, incorporando essas regiões bárbaras na vida e na grandeza da humanidade.

No aprofundamento psicológico, a temática de seus livros é sociologia. O legado que êle nos deixa, deve ser êsse. E o saldo (usando um têrmo do seringueiro do rio Madeira) deve ser traduzido na fé e no idealismo do homem que, um dia, cantou na sua "Canção de Fé e Esperança" a beleza desta terra que êle soube honrar e engrandecer pela cultura, pela bondade, pela pobreza de bens materias em que viveu, espécie de um terceiro mundo criado pela modestia, pela humildade, por uma ascese própria.

Vila-Lobos, Francisco Mignone, Portinari, quando criaram em ritmos modernos e debussianos, ou, em traços de côres bárbaros, as linhas de incompreensível pintura, — não deformaram o belo, não distorceram a arte, quebrando preconceitos clássicos, irmanaram-se gênios, na eternidade das obras de arte.

Álvaro Maia fêz o mesmo com seus livros.

A problemática dos casos expostos tem raízes na consciência de brasilidade, e cresce em atitudes de "amazonidade".

O impacto revolucionário sob o ponto de vista moral, nada fêz perder da beleza da linguagem, do estilo, da simplicidade;

antes, é um grito que, embora no deserto, contra o abandono da terra grande de águas grandes, — grito de homens humildes que ainda são escravos de bárbaros trabalhos, dos monstros "fantasmas" do meio ambiente, sem fôrças ainda para formação daquelas gerações que se estiolam abandonadas e se desesperam, como animais das selvas amazônicas.

Álvaro Maia tem ainda, mesmo assim, tons ressurreicionais. Aqui e ali, deixa extravasar algo da mística oriental de Ramakrisna e de Vivecananda, aos quais Romain Rolland chamara a Ramakrisna de Mozart e a Vivecananda de Beethovem, — referindo-se ao transcendentalismo do vedismo, porque Mozart é um "Parte Serafiuis" e Beethovem o gênio que orquestrou a "Misse em Ré", o Jupiter Tonante da Música Sinfônica.

Os livros de Álvaro Maia são livros de fé, de fôrça telúrica geradora de gigantes, humildes e miseráveis esquesitos. São livros místicos. Desce, às vêzes, a fatos sociais pavorosos, a ridículos tremendos, a tragédias surpreendentes, como sobe também a iluminações e sinfonias maravilhosas de panteismos amazônicos.

Às vêzes, a linguagem desce cruamente para expressar melhor a realidade, a verdade dura e cruel dos dramas, das comédias humanas, nos centros das florestas ciclópicas, homéricas, dantescas.

Isso é muito comum na literatura de todos os tempos, incluindo mesmo os grandes poemas da humanidade como o Ramayana, o Mahabarata, a Odisséia, a Ilíada, Os vedas, a Bagavand Git, onde encontramos cruezas e rudezas sub-humanas, dolorosas, embora em forma de símbolos e de profundas místicas.

O sentido objetivo de expor o humano na sua realidade social de vida florestal, também pode ser altamente simbólica.

É u'a maneira de sublimar o trágico, as desgraças, e de ironizar certos tipos para interioridade espiritual, profunda, e tranqüilidade da vida da sabedoria.

Seus livros são mensagens dirigidas ao Absoluto, ao infinito, ao incognoscível que estão dentro de nós. Poderá êle ser interpretado sob outros muitos aspectos. Eu o vejo e o sinto assim.

É que cada um de nós tem qualquer coisa de Orfeu, — aquêle imenso estelário que brilhou nos céus infinitos da Grécia, que teve livros e templos queimados, para que fôsse a Pátria dos homens bons.

Homens das Trácias modernas ainda queimam livros, destroem personalidades, arrasam templos, tangem discípulos, em nome de certos fanatismos.

Que Álvaro Maia seja um Orfeu da Amazônia, livre das fúrias das incompreensões humanas, que rangem dentes, em tôrno do templo de Delfos da dignidade, da cultura, da inteligência dos bons, da pobreza dos simples.

MINHAS RECORDAÇÕES DE ÁLVARO MAIA

ALMEIDA BARROSO

Depois de assistir a missa de 7º dia que o Senado Federal e a família de Álvaro Maia mandaram celebrar na igreja da Candelária, em sufrágio de sua alma, um turbilhão de recordações me acorreu à mente, em tôrno à figura extraordinária que o Amazonas vem de perder.

Dizia Voltaire que devemos tratar os vivos com deferência mas, quanto aos mortos, nosso compromisso diz respeito à verdade. Isso, porém, nem sempre é posível. Deferência implica isenção de ânimo na apreciação, domínio emocional, serenidade e largueza de espírito. No caso dos intelectuais puros, dos cientistas, dos sábios, dos filósofos e tantos outros que ultrapassaram as dimensões comuns pelas manifestações do intelecto e pelas suas obras à margem da política, é possível a aplicação cabal da sentença voltaireana.

Os políticos pròpriamente ditos, ou melhor, aqueles que exercitam ou exercitaram ativamente a política partidária, sobretudo os de alta envergadura, em razão, sobretudo, do seu envolvente poder de liderança, como foi a exercida no Amazonas por Álvaro Maia, são sempre homens providenciais, capazes de atrairem para a sua personalidade as mesmas correntes violentas e apaixonadas de admiradores, de seguidores fiéis e de adversários odientos e prevenidos. Julgá-los, por conseguinte, em vida, sob o calor do fogo cruzado de sentimentos contraditórios, é muito difícil. Foi o caso daquele grande amazonense.

Ainda perdura na memória do povo a lembrança da influência dominadora que o gigante de Humaitá exerceu na sua e até na geração mais nova dos seus coestaduanos. Uma influência de mais de vinte anos quase ininterruptos, em que polarizou as atenções e galvanizou a admiração e muitas vêzes o ódio dos seus conterrâneos. Apesar disso, ao contrário do que tem sucedido nestes últimos tempos a outros políticos brasileiros eminentes,

desaparece agora sem, a rigor, ter experimentado o gôsto amargo do ostracismo.

É que, grande demais foi o clarão que sua privilegiada inteligência projetou em sua terra e, por igual, a influência do seu grande poder político, graças ao qual foi por três vêzes guindado ao comando do barco governamental, para que o seu destino fôsse marcado pelo ocaso que surpreendeu no fim da vida outros grandes brasileiros. Nem mesmo o impacto provocado pelo calor de uma geração irrequieta e lutadora que lhe arrebatou o bastão do comando político, levou o Tuchaua a experimentar a amargura que costumam sentir os homens públicos apeados do poder inesperademente.

Bem ao contrário, tendo tido a sorte de assistir a maior revolução política por que já passou o país, com o movimento de 64, que cassou homens públicos dos mais diferentes quadrantes nacionais, como Goulart, Juscelino Larcerda, Jânio e tantos outros, o destino lhe concedeu a sorte de ser surpreendido pelas parcas implacáveis, com a consiência tranqüila, na simplicidade que lhe era peculiar quando fora do govêrno e com um mandato de Senador outorgado pela sua terra que é, indiscutìvelmente, um dos mais altos da República.

* * *

Minhas primeiras e impressivas lembranças daquele que, devido sua execepcional posição no comando político do Amazonas recebeu dos seus conterrâneos o apelido de Tuchaua, símbolo baré da sua tumultuosa, brilhante e por tanto tempo vitoriosa carreira pública, se situam nos bancos ginasiais, quando aluno do outrora Ginásio Amazonense Pedro I I.

Sua "Canção de Fé e Esperança" embalava, então, o espírito da juventude amazonense, como o Hino da Vitória de uma revolução que arrancara a boa terra da inércia em que a detinham governantes ultrapassados, menos por falta de merecimentos próprios, de valor individual e de merecimentos intelectuais, do que pela ação do tempo, que é inelutável e não se compadece com a cristalização improgressiva de moldes administrativos envelhecidos.

Álvaro Maia estava, então, como governante, no Palácio Rio Negro, pela segunda vez. Isso antes do golpe de 10 de novembro de 37. Cursava eu a 3º série do ginásio daquele educandário e a nossa turma teve a satisfação de ouvir dêle a primeira aula da cadeira de Português, de que era titular, presente também, além do seu substituto, professor Augusto Rocha, do inspetor Júlio Neri, o diretor Carlos Mesquita, êste já falecido.

Ouvimos todos embevecidos a aula prelecionado pelo literato que, ao lado de Leopoldo Peres, era considerado à época o mais fulgurante orador do Amazonas.

Sua fama e o seu prestígio eram, de fato, indiscutíveis, numa fase em que uma constelação de intelectuais como Adriano Jorge, Péricles Morais, Araújo Lima, Huascar de Figueiredo, João Leda, para só falar de alguns mortos, dominava com a influência da sua personalidade literária irradiante a terra cabocla.

Álvaro Maia exercia, realmente, sôbre nossa geração de estudantes secundários um verdadeiro fascínio, através da sua oratória, em que a palavra límpida e envolvente, despendia chispas iluminando o nosso espírito, prendendo-o, magnetizando-o. Onde quer que êle fôsse discursar ali acorria a mocidade adolescente ávida de ouví-lo e de assistir embevecida o poder mirífico da sua palavra feita, em confirmação a uma conceituação de Latino Coelho, ao tratar da linguagem humana, para as amenas delícias do pensamento.

Depois da ditadura de 10 de novembro, continuou o prestígio intelectual de Álvaro Maia a servir de escudo às investidas que contra sua cidadela política faziam os seus adversários perante Getúlio Vargas. Além disso, gozava êle de um aprêço especial por parte daquele ditador, em virtude, principalmente, de ter sido, como se dizia então, professor de uma de suas filhas. Mas a verdade é que ainda dessa fase nos deixou discursos admiráveis com que mantinha acêsa a chama da sua intelectualidade, jamais obnubilada sob a influência para muitos negativa da política partidária.

Nossa geração conservou, assim, do tribuno de palavra alcandorada uma impressão muito profunda que, ligada a outra decorrente da sua postura humanista e humanitária de governante, tradicionalmente conhecido como homem bom, tolerante e sem ódio, não obstante certas limitações oriundas da influência tantas vêzes negativa do grupo que liderava, iria condicionar a atitude de respeito de que sempre foi cercada, fora dos entrechoques das campanhas eleitorais.

* * *

Mas, sôbre o aspecto político da personalidade do grande amazonense que o Amazonas acaba de perder, difícil é resumir, como no literário, as facetas da sua tão latitudinária atuação na administração do Estado. Será tarefa em que poderão exceder-se amazonenses como Mário Ipiranga, tão notável

pesquisador e conhecedor da nossa história, André Araújo, o sociólogo que tanto privou da sua intimidade intelectual e tanto o observou de perto, e tantos outros escritores que no Amazonas observaram e acompanharam sua tumultuosa e brilhante trajetória.

Mesmo assim, nenhum sentido positivo e sério teria a injustiça da negativa de alguns aspectos fundamentais da atuação dêsse portentoso jaquetibá humano, que vem de ser roubado ao cenário intelectual e político de minha terra, em favor da sua evolução, do seu progresso, de sua grandeza.

Algum leitor apressado, antes de esperar o fim destas considerações poderá arguir que nos meus 15 ou 20 anos de militância jornalística no Amazonas, jamais fiz um artigo tecendo, em tôrno da personalidade do grande amazonense, o elogio que aqui estou fazendo, no realce das suas qualidades intelectuais e políticas.

Isso é verdade. Mas há uma explicação, que me apresso em oferecer, à guisa de justificativa. É que quando ingressei, verdadeiramente, na atividade jornalística, através da tribuna de A Crítica e com o apoio moral que sempre me dispensou seu diretor e proprietário, jornalista Umberto Calderaro Filho, tinha me afastado do P.S.D., partido a que pertencera logo após sua fundação e reservara-me na minha terra o papel difícil de livre atirador, procurando, através de críticas e comentários diários ou semanais em editoriais ou colunas próprias a apreciar a atuação dos governantes e intelectuais amazonenses.

A essa altura, e a história dirá melhor do que eu — o governante Álvaro Maia havia formado uma escola de homens públicos no Amazonas que começava a entravar o progresso do Estado e que, como numa contraposição dialética, contribuia para a diminuição progressiva da aureola daquêle que, com sua citada "Canção de Fé e Esperança", havia sido um dia o símbolo da renovação e da ressureição da terra querida. Foi isso durante sua última volta ao Palácio Rio Negro, para substituir Leopoldo Neves. Êste havia sido eleito com a ajuda de Severiano Nunes, Vivaldo Lima, Aristofano Antoni e um grupo de novos que surgiu para o cenário político amazonense com Plínio, Áureo Melo e Paulo Neri à frente.

A administração do Tuchaua, nessa fase, burocratizava-se de uma forma enervante, amorfa, sem qualquer lampejo de benefício para a terra. Os problemas, quer do Estado quer de Manaus, os mais simples, desafiavam a atuação governamental.

Havia, fora do grupo dominante, um anseio de mudança e urgia derrubar a inoperância estratificada em poder público. Verberei muitas vêzes essa situação, convicto de cumprir um dever de defesa da terra comum.

Mesmo assim, apesar de aceitar e defender a necessidade de uma reformulação política no Amazonas, naqueles idos incertos de 40 e 50, com o domínio de figurantes mais jovens que pudessem catalizar uma mentalidade renovadora, jamais me passou pela idéia investir contra a sua honra pessoal e obscurecer seus méritos intelectuais e políticos tomando em consideração ao que o Amazonas lhe devia.

E tive ocasião de fazer sentir, em conversa amistosa com o Plínio, quando êste se preparava para desferir-lhe o golpe eleitoral com que desorganizou o grupo do Tuchaua e o seu domínio no Palácio Rio Negro, que era preciso ter cuidado de não atacá-lo com veemência, pessoalmente, uma vez que a êle a nossa geração, cujos estudos tanto auxiliou, e o Amazonas de um modo geral, muito deviam. Seria essa uma atitude de gratidão diante de quem, mesmo na ditadura, jamais oprimiu nossa gente.

Plínio, com aquela sua envergadura de predestinado de Humaitá para o derrotar seu comunícipe, e com a clarividência de lider em ascenção, respondeu-me : — Isso que estás dizendo é verdade mas, infelizmente, o seu grupo só cairá se atacarmos o chefe de frente. O fim irá justificar os meios.

A verdade é que os meios para os fins visados, por mais elevados que êstes fôssem, extravasaram em retaliações e injustiças imprevisíveis. Até a aposentadoria do chefe derrubado foi objeto de absurda reformulação. E me lembro que em artigo assinado defendi as prerrogativas do grande professor do antigo Ginásio Amazonense, atitude que, tempos depois, me valeu um agradecimento público por ocasião de uma solenidade no mesmo colégio em que Álvaro Maia fôra orador, em 1956 e eu ali comparecera também como professor.

* * *

O Amazonas acaba de perder, não resta a menor dúvida, um dos seus vultos de dimensões mais ilimitadas. Perde um grande homem de letras, um orador de linhagem excepcional, um político que encheu com sua personalidade marcante grande fase da sua história, enfim um dos seus maiores filhos em todos os tempos. Sua morte, como é comum, nos conduz à revisão de sua obra e a uma conceituação diferente daquela que fazíamos sob a influência de idéias pertubadoras do crivo crítico, enquanto

êle viveu e projetou a fôrça da sua irradiante personalidade no grande estado nortista. E assim visto, a conclusão impõe-se, imperiosa : a êle o Amazonas muito deve do seu progresso atual. Foi o Tuchaua, quem preparou, no plano cultural e político, êste envolvendo o administrativo, o caminho para a ação mais tarde revolucionária de Plínio e Gilberto. Não importa os exageros e êrros que êstes dois governantes tenham cometido. O governador Artur Reis, por sua vez, o que fêz de positivo foi plantado em terreno arado pela ação dos seus predecessores em favor do progresso da terra. De igual maneira, a postura equilibrada e serena do governante Danilo Matos Areosa traduz-se no corolário de um processo histórico e atuante dos administradores que, anteriormente, trabalharam com as vistas voltadas para o desenvolvimento e grandeza maior do Estado.

No plano pròpriamente literário, quer ao tempo em que a militância político-partidária e as atividades administrativas absorviam-no, quase por completo, quer nos últimos anos de vida, Álvaro Maia foi sempre portador de um devotado amor às letras, às quais procurou servir com a fidelidade de um predestinado.

Pode-se dizer que êle, depois que galgou posição de vanguarda nas letras amazonenses, aliás, desde muito môço, jamais deixou de servi-las, entusiástica e apaixonadamente. Daí o paralelo conservado entre o político eminente, na fase de dourada e tumultuosa atuação na cena pública, e o literato privilegiado.

E, depois que o estadista, cansado pelos sucessivos e trepidantes embates eleitorais, ante inelutáveis imperativos biologicos e históricos, se viu conduzido a uma posição de participação mais discreta na política de sua terra, para assistir, por assim dizer, as águas rolarem, com mais lazeres sobrando-lhe para as labutas do espírito e as atividades pròpriamente intelectuais, ressurgiu no homem amadurecido e provido de notável experiência humana a preocupação dominante pelo pontificado das letras através de uma constante produção literária. Foi nessa fase, realmente, que Álvaro Maia mais produziu e melhor se afirmou como literato, numa consagradora justificação do seu antigo galardão de intelectual de excepcionais merecimentos.

Sua morte representa, sem qualquer condescendência ao chavão comum, uma grande perda para o Amazonas, ao qual êle serviu, ininterruptamente, por mais de meio século, com predestinação telúrica, inscrevendo vitoriosamente seu nome na galeria das suas figuras representativas, com aquela marca dos homens providenciais de que falavam Carlyle e Emerson.

HOMENAGEM PÓSTUMA A ÁLVARO MAIA

JOSÉ LINDOSO

Sr. Presidente, Srs. Deputados :

Deliberou a Câmara dos Deputados prestar, nesta tarde, homenagens a quantos, integrando o Parlamento brasileiro, desapereceram durante os meses de recesso.

Não se trata apenas de um dever sob o impulso da saudade. O gesto da Câmara se explica como uma constante na história da Humanidade. Reverenciando os mortos, buscamos, trazer para nós, que permanecemos vivos, o exemplo de grandeza e as lições vividas pelos mortos. Participamos, assim, nesta tarde de tristeza, e de saudade, do ofício de reconhecimento e de gratidão por quantos, tendo participado das atividades parlamentares no âmbito do Senado e da Câmara dos Deputados, desapareceram nos ultimos dez meses.

O Estado do Amazonas foi golpeado de modo profundo com o desaparecimento, primeiro, de ÁLVARO MAIA; quase em seguida, de um dos seus maiores companheiros de jornada cívica, RUY ARAÚJO.

ÁLVARO MAIA era, efetivamente, uma figura de expressão nacional. Nasceu pelos idos de 1893, na cidade de Humaitá, às margens do rio Madeira, que êle, certa vez, chamou de rio-enigma, pela aparente serenidade e pelas correntezas bravias: o rio-esfinge, rio sagrado, Ganges da Amazônia, com suas águas odiando a monotonia : ora amarelas no inverno, ora azuis-turqueza no verão, verde-esmeraldinas no Candeias e escuras no Machado.

Êsse rio como que moldurou o próprio destino do seu filho, com a serenidade das águas tranqüilas, a impetuosidade das

---

Discurso proferido de improviso na sessão de 24 de outubro de 1969, da Câmara Federal.

maresias e das tempestades e o destino de caminhar sempre, rumo ao infinito, no desejo de crescer e de servir.

ÁLVARO MAIA fêz os estudos primários na sua cidade natal. Cursou os preparatórios no então Ginásio Amazonense Pedro I I. Depois de perlustrar a Faculdade de Direito de Fortaleza, bacharelou-se, em 1917, em Direito, no Rio de Janeiro. Voltou ao Amazonas e logo se projetou como jornalista, professor e poeta. Essas três colunas de luz — jornalismo, magistério e poesia — sustentaram as linhas profundas, os traços marcantes daquela personalidade.

Começou a vida lecionando Língua Pátria e Instrução Cívica, tendo conquistado as respectivas cadeiras através de concursos memoráveis. E foi assim, como cultor da língua e como evangelizador de adolescentes, que êle, no milagre do amor à Pátria e na intrepidez da defesa dos interêsses da nossa gente, se transformou em líder popular.

Na década de 20, portanto, surge ÁLVARO MAIA nos planos políticos com a sua famosa "Canção de Fé e Esperança", pronunciada no magnífico Teatro Amazonas, ao qual afluiu a mocidade sequiosa de ouvi-lo. Era uma convocação com clarinadas de extraordinária sonoridade; uma convocação à juventude para os prélios cívicos e uma advertência vigorosa e decisiva à situação política dominante. A "Canção de Fé e Esperança" tornou-se uma espécie de Bíblia para as gerações do Amazonas, e, até hoje, tôdas as vêzes em que as dificuldades toldam os nossos céus e todos os instantes em que o entusiasmo e a fé arrefecem em nossos corações, buscamos naquelas páginas o revigoramento do entusiasmo para lutar em defesa da terra e do povo.

Palavras, portanto, de sabedoria, essa canção em prosa ficou na história literária de nossa terra, incorporando-se à história cívica do País. Com êsse porte de gigante, com essa disposição de guerreiro, foi assim que o encontrou o movimento da Aliança Liberal. E a revolução de 30, com Getúlio Vargas, vinha ter em ÁLVARO MAIA o baluarte, o líder inconteste, para transmitir a sua mensagem de renovação, a sua mensagem de fé às populações amazonenses.

Quando a Junta Governativa, integrada par PEREIRA DA SILVA, SOUZA BRASIL e PEDRO HENRIQUE CORDEIRO JÚNIOR, deixou o Palácio Rio Negro, após os primeiros ordenamentos da Revolução, sucedeu-a o grande Álvaro Maia.

Bem rápido foi o seu primeiro período de govêrno. Um episódio de natureza judiciária produziu reflexos na família

amazonense. Promulgara o Tribunal de Justiça do Estado decisão que não consultava aos arroubos da dignidade do povo, e êste se amotinou contra a Justiça. Embora talvez tivesse aquêle edito base nos frios textos da lei, contrariara os brios da população. O episódio inflamou Manaus, e o jovem interventor, crente na destinação de intérprete da sua gente, ao sentir o vilipêndio à família amazonense, deliberou ouvir um ditame e acatar uma razão : o ditame — aquêle nascido da voz do povo; a razão — aquela embasada na dignidade da família. E um decreto interventorial dissolveu o Tribunal de Justiça, formando um nôvo colégio de magistrados. O fato teve repercussão nacional. ÁLVARO MAIA foi então chamado ao Rio e os líderes da Revolução — inclusive JUAREZ TÁVORA, que tinha a tarefa política de coordenador da Revolução de 30, no Norte — pretenderam que ÁLVARO MAIA transigisse e restaurasse o Tribunal dissolvido. Respondeu êle que não atendera ao chamado da Metrópole para defender o cargo, nem para permanecer no poder, mas, sim, para justificar sua atitude de acôrdo com as aspirações da comunidade amazonense. Não transigiu e, na altivez de amazônida, escudado no exemplo de AJURICABA, o guerreiro que êle soube exaltar através de páginas maravilhosas, resignou a interventoria. Logo mais, ÁLVARO MAIA era eleito Deputado à Constituinte de 1934, e, em 1935, eleito Governador do Estado pela Assembléia Legislativa. Iniciou, assim, a sua vida de administrador atuante, pleno de entusiasmo e de civismo, zeloso pela coisa pública. Em 1937, com a reformulação política liderada por GETÚLIO VARGAS, que instalou o Estado Nôvo, ÁLVARO MAIA continuou na interventoria. Sua permanência na chefia do Executivo amazonense estendeu-se até 1945, quando se verificou a redemocratização do Brasil.

Em 1945, fundava êle o Partido Social Democrático, arregimentando o povo para novas lutas cívicas, elegendo-se Senador da República juntamente com o jurista WALDEMAR PEDROSA.

No Senado, participou da Comissão de Relações Exteriores, tendo comparecido, como um de seus representantes, à Assembléia das Nações Unidas. Deu decisiva contribuição ao estudo dos problemas fundamentais do Direito do Homem.

Em 1950, voltou a disputar o Govêrno do Amazonas. Eleito em 1954, renunciou, para disputar novamente uma cadeira no Senado. No entanto, não fêz seu sucessor ao Palácio Rio Negro, nem garantiu sequer a própria eleição.

Fatos políticos, valôres novos alteraram os rumos da política nacional, contribuindo para o desfecho negativo. Depois de ter perdido, em 1954, as eleições — castigado e fustigado por elementos do Partido Trabalhista Brasileiro, os quais, na ambição do poder, esqueceram a verdade, e desencadearam uma campanha de calúnia e vilipendio — ÁLVARO MAIA escreveu em sua defesa páginas de profunda serenidade intituladas "No Pretório dos Tribunais".

Amigo que fui de ÁLVARO MAIA e como um dos seus admiradores, atingiram-me a sensibilidade as palavras do Deputado JOEL FERREIRA, quando aqui proclamou as injustiças praticadas pelo seu próprio partido contra o nome do líder nortista.

E êsse partido, àquela época, só ascendera ao poder porque, acima das conveniências políticas do Partido Social Democrático, havia a consciência de um líder como ÁLVARO MAIA, que não fustigava o adversário, que lhe respeitava a liberdade de pregar, e que, mais do que isso : respeitava a liberdade de caluniar e de difamar. A reparação histórica deve ser assinalada, porque representa ato de justiça a uma das maiores expressões humanas do norte do País.

Com o desastre político de 1954, tivemos de arregimentar-nos na Oposição, mediante aliança política entre o P S D e a U D N, na tentativa de defender os valôres democráticos na afirmação da órdem e do respeito à pessoa humana.

ÁLVARO MAIA, na Oposição, teve o seu inverno político. Nesse período é que êle se transformou no sereno conselheiro de todos nós, com a sua corajosa e prudente atitude oposicionista.

Ainda encontrava tempo para dedicar-se aos trabalhos literários e ao jornalismo. Escreveu narrativas em "Gente dos Seringais". Ensaiou, com êxito, um romance de costumes, nas linhas do realismo literário, em "Beiradão". Colecionou e deu publicidade a seu livro "Buzina dos Paranás", poesias feitas desde a mocidade, revelando, após a fase do parnasianismo, as técnicas modernas do verso, com grande sensibilidade e beleza. .Em "Banco de Canoa" voltou a tratar dos temas amazônicos. Já no outono da vida revelou grande humildade. Cultivou o espiritualismo, dentro daquela bondade que moldurara sempre a sua personalidade. De certo, para êle a glória não era senão a soma de todos os equívocos que se formam em tôrno de um nome nôvo, como diria o grande poeta RILKE, a RODIN. Para

êle a glória não contava senão no sorrir das crianças, no servir aos humildes, no prestar serviços à sua terra.

Em 1966 voltou à liça, numa renhida campanha em que todos os valôres do Amazonas como que se aliaram para prestar-lhe a homenagem da solidariedade e do reconhecimento público por uma vida cheia de grandezas e de majestade. E o resultado dessa aliança da amizade, da solidariedade do reconhecimento pelos serviços de ÁLVARO MAIA foi a sua reeleição para o Senado da Republica.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, ÁLVARO MAIA foi, realmente, uma figura singular da história política do Amazonas, com projeção na política nacional.

Desaparecido nos primeiros dias de maio, parece que estou a vê-lo satisfeito com a sua própria morte. Era madrugada. Era maio, o mês das flôres, o mês das belezas espirituais que êle tanto cultivava. Desapareceu humildemente, puramente. Humildade com a pureza da madrugada. Morreu essa grande figura da nossa história política, mas deixou para as gerações que lhe sucedem um rastro de luz de belíssima significação. É que por tôda a vida de ÁLVARO MAIA — professor, poeta e político — por tôda a vida exerceu êle um fascínio sôbre o povo, e o milagre dêsse fascínio estava no amor com que cultuava a liberdade, no respeito que tributava à dignidade da pessoa humana. E os moços, que nestes dias tumultuosos desejam sempre destruir e tudo querem aniquilar, hão de deter-se, respeitosos, ante a majestade dessa figura, cuja sabedoria, luminosa e pura, poderá ser sintetizada neste dístico.

— Êle amou a Liberdade e serviu à Democracia.

DADOS BIOGRÁFICOS DE ÁLVARO MAIA

DJALMA BATISTA

ÁLVARO Botelho MAIA nasceu em 19 de fevereiro de 1893, no seringal "Goiabal", rio Madeira, município de Humaitá, primogênito de Fausto Ferreira Maia (cearense, falecido em 1932) e Josefina Botelho Maia (amazonense, falecida em 1968). Além de Álvaro Maia, nasceram do casal os filhos Antonio Botelho Maia (antigo fiscal de consumo, ex-Prefeito de Manaus e ex-Deputado Federal pelo Amazonas), Raimundo Botelho Maia (funcionário federal, falecido em Manaus em 1942) e uma menina, Nênê, falecida em 1902, em tenra idade (1).

Formação intelectual

Álvaro Maia veio criança para Manaus, aqui fazendo os cursos primário e secundário, o último no Ginásio Amazonense, tendo como colegas de turma Cosme Ferreira Filho, Cícero Bezerra de Menezes, Romero Estellita, Carlos Studart Filho e PedroThiago de Mello (2).

Curso superior iniciado em 1913 na Faculdade de Direito do Ceará, onde morou na "República Vaticano". Em 23 de março de 1917, na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, colou grau de bacharel em direito, na mesma turma do acreano Mário Oliveira.

Atividade jornalística

Iniciada em "Aura", publicação estudantil que circulou em Manaus de 24 de junho de 1907 até 20 de junho de 1912, quase todo êsse longo período sob a direção de Abelardo Araújo (3).

Ainda estudante secundário começou a trabalhar no "Jornal do Comércio", então dirigido, pelo Dr. Vicente Reis, tendo como companheiros Abelardo Araújo, Cosme Ferreira Filho e Raimundo Santos (4).

No Ceará, participou do grupo de redatores do jornal estudantil "Vaticano", onde apareceu uma apreciação a seu respeito em que é identificado por "Alberto Maia" (5). Também no Ceará escreveu em "Radical", assistindo à agressão sofrida pelo Dr. Gentil Falcão (6).

De volta a Manaus, já formado, em 1917, Álvaro Maia fundou com Caetano Estellita "A Imprensa", de cuja redação fêz parte também Benjamin Lima, sendo Diretor o Dr. Alfredo da Mata.

Em 1921, durante permanência no Rio, trabalhou na "Gazeta de Notícias", ao lado de Cândido Campos e Franklin Palmeira.

Nos primeiros meses de 1926, no início do Govêrno Efigênio de Sales, foi Diretor da Imprensa Oficial.

A partir da I I Grande Guerra, passou a colaborador permanente dos Diários Associados, por escolha pessoal de Assis Chateaubriand, e seus artigos entraram a ser divulgados pela citada cadeia jornalística.

Atividades intelectuais

Estreou nas letras publicando o sonêto "Cabelos Negros", em o "Curumi", jornal de estudantes, em 1904 (7). Ao longo de 65 anos, consagrou-se como poeta, ensaista, romancista e pensador; sobretudo como poeta.

Durante o período de formação escreveu e versejou sempre, publicando nos jornais em que trabalhou.

Em 1918, figurou entre os 30 fundadores da Academia Amazonense de Letras, tendo escolhido para patrono o poeta Maranhão Sobrinho, então há pouco falecido.

No concurso promovido, em 1925, pela revista "Redenção", dirigida por Clovis Barbosa, Álvaro Maia foi escolhido príncipe dos poetas amazonenses, por 21 votos, tendo como concorrentes Jonas da Silva (7 votos), Raimundo Monteiro (6 votos), Francisco Pereira, Genésio Cavalcante e Heitor Veridiano (1 voto cada) (8).

Só em 1943 publicou o 1º livro, reunindo crônicas aparecidas quando da campanha da produção da barracha, sob o título de "Na Vanguarda da Retaguarda", tendo como prefácio um artigo de Assis Chateaubriand, "O Mujik da Steppe Verde da Amazônia", escrito em Manaus a 25 de maio de 1943. Foi divulgação oficial, feita pelo então Departamento Estadual de Imprensa e Divulgação.

Até então os trabalhos de Álvaro Maia (poesia, crônicas, ensaios, teses, discursos e conferências) haviam sido publicados sòmente na imprensa ou em folhetos. O livro, porém, só apareceu aos 50 anos de idade.

O 2º livro, "Gente dos Seringais", foi impresso no Rio, pelo Editor Borsoi, em 1956, apresentando um mapa da região que serve de cenário às narativas, que se prendem "ao Médio-Madeira, especialmente no Município de Humaitá, com o Marmelos, Maici, Machado e Jamari, pela margem direita; à esquerda, os rios menores, que percorrem os campos gerais, Puruzinho e Mucuim, cujas águas se comunicam ao Ipixuna e outros afluentes do Purus; ao sul, o cotovelo encachoeirado do Madeira-Mamoré, até Guajará-Mirim, na fronteira boliviana, em que se encontra a estrada-de-ferro, conseqüência do Tratado de Petrópolis" (9).

Em 1958 apareceram três volumes : um de poesias, "Buzina dos Paranás", o segundo "Nas Barras do Pretório", livro político de justificativa de sua vida, editados por Sérgio Cardoso & Cia. Ltda., em Manaus, e o terceiro, o romance "Beiradão", saído no Rio, dos prelos de Borsoi Editor.

"Buzina dos Paranás" reúne a poesia de Álvaro Maia até a época, incluinda os seguintes sub-títulos : Nos Céus do Amazonas, Portas da Amazônia ,No Tubilhão, Novo Ipiranga, Mata Invadida, A Bem-Aventurança Esquecida, Romance Azul, Terreiros de Umbanda, Na Penumbra dos Sanatórios, Traduções, Horas Antigas e **Mi Delumbraminento en el Amazonas** (traduções de Gastón Figuera).

O famoso "Nas Barras do Pretório" é uma defesa da vida do político, escrita sem malquerenças nem subterfúgios, demonstrando, à saciedade, com documentos, os atos e as atitudes de uma carreira combativa.

O romance "Beiradão" retrata o período de conquista do Madeira e seus afluentes, registrando dramas e tragédias na época em "dominava a coragem fria, manejando o rifle".

"Banco de Canôa" saíu em 1963, pela Editora Sérgio Cardoso, em Manaus, retratando cenas de rios e seringais da Amazônia. Diz o autor, no prefácio : "...é um livro de crônicas seringueiras, destinados a seringueiros e operários da selva. Espécie de folclore pioneiro — caboclitude para imitar negritude, qualidade comum às atitudes e às condutas dos caboclos do interior".

Em 1966, saíu nas Edições Govêrno do Estado do Amazonas, na série Raimundo Monteiro, vol X, uma coletânea de pequenas estórias, intitulada "Defumadores e Porongas".

Por fim, "Tenda de Emaús", livro de divagações espiritualistas, foi lançado em fins de 1968, poucos meses antes da morte de Álvaro Maia, apesar de estar impresso desde o ano anterior, por Sérgio Cardoso.

Em 1º de janeiro de 1966, foi empossada a Diretoria da Academia Amazonense, presidida por Álvaro Maia, que esteve no pôsto até 28 de novembro, quando dêle se licenciou para exercer o mandato de Senador.

Uma semana antes do seu passamento, ficou assentada uma comemoração, em julho de 1969, dos 65 anos de sua atividade literária.

Atividades no magistério

Com a criação da cadeira de Instrução Moral e Cívica nos cursos secundários, pelo Presidente Artur Bernardes, Álvaro Maia foi nomeado pelo Interventor Alfredo Sá para professor interino do Ginásio Amazonense, em 1925, empossando-se a 20 de maio, em sessão presidida pelo Prof. Plácido Serrano (10). Aberto concurso para a cadeira, foi êle, já em 1926, candidato único, apresentando tese sôbre "Imperialismo e Separatismo" e defendendo outra, de ponto sorteado pela Congregação, "A Bandeira Nacional como Símbolo e Emblema da Pátria".

Também em 1926 conquistou uma das cadeiras de Português do mesmo Ginásio, com duas teses : "O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro léxica e sintàticamente considerados" (ponto sorteado pela Congregação) e "O Ritmo da Língua Nacional (de própria escolha).

Ensinou, efetivamente, até 1930.

Nesse mesmo período ensinou Português no Colégio Dom Bosco, onde ainda tentou continuar a dirigir classes em 1931, já Interventor Federal, verificando, logo no início do ano, a falta de tempo.

No Rio, do segundo semestre de 1931 até 1933, voltou ao magistério em colégios particulares, tendo sido, ainda, Inspetor de Ensino.

Atividades políticas

Desde que retornou, formado, à terra natal, Álvaro Maia se tornou uma bandeira política. Em 1918 foi candidatado a Deputado Federal, pela oposição, sem nenhuma perspectiva de vencer (11).

Sua afirmação, porém, se deu quando pronunciou a "Canção de Fé e Esperança", em 9 de novembro de 1923. Depois dos famosos discursos-libelos de Heliodoro Balbi, foi o documento decisivo da vida política do Amazonas. Enquanto ensinava, Álvaro Maia foi conquistando paulatinamente a confiança e a simpatia dos moços. Por outro lado, sua vida era um exemplo de dignidade e desprendimento.

Após a Revolução de 1930, foi afinal chamado ao poder, como Interventor Federal, indicado pelo então Tenente-Coronel Floriano Machado, que esteve à frente do Govêrno Militar do Estado. Exerceu o cargo até meiados de 1931, no meio das maiores dificuldades, inclusive financeiras.

Tendo se exonerado no Rio, lá ficou até que foi iniciada a campanha para a reconstitucionalização do país, quando voltou ao Amazonas, disputando eleição para Deputado à Assembléia Nacional Constituinte (eleitos : Álvaro Maia, Alfredo da Mata, Leopoldo Cunha Melo e Luiz Tireli).

Votada a Constituição de julho de 1934, organizou-se a vida política estadual, sendo, em 1935, escolhido pela Assembléia Estadual para Senador Federal, juntamente com Alfredo da Mata. Logo depois, também em eleição indireta, foi eleito Governador Constitucional do Estado.

Com o golpe político do Estado Nôvo, em 10 de novembro de 1937, foi nomeado Interventor Federal, mantendo-se no poder até a queda de Getúlio Vargos, em 29 de outubro de 1945. Atravessou tôda a I I Grande Guerra à frente do Estado. Foi substituido pelo Desembargador Stanislau Affonso, Presidente do Tribunal de Justiça, durante o Govêrno José Linhares.

Integrando o Partido Social Democrático desde a sua fundação, como membro de sua comissão central, Álvaro Maia foi candidato à Senatoria Federal, juntamente com Waldemar Pedrosa. Nas eleições de 2 de dezembro de 1945 a chapa venceu por larga margem de votos, publicando Álvaro Maia, uma prestação de contas de sua administração (13).

Durante o exercício do mandato, foi Presidente da Comissão de Diplomacia da Câmara Alta e fêz parte da Delegação do

Brasil a uma reunião da ONU, em Paris, em 1948 : nessa ocasião apresentou trabalho sôbre genocídio.

Em 1950 voltou novamente ao Govêrno do Estado, numa eleição renhida, em que teve como competidor o Senador Severiano Nunes. Foi eleito na mesma ocasião em que Getúlio Vargas conquistou pelo voto direto a Presidência da República. Antes do término do mandato, desincompatibilizou-se para disputar eleição para o Senado, em que foi derrotado.

Seguiram-se mais duas eleições perdidas (1958 e 1962). Na 4ª disputa, porém, sua candidatura saiu vitoriosa. Foi como Senador, pela 3ª. vez que a morte o encontrou.

Outras atividades

O 1º. emprego que teve o bacharel Álvaro Maia, no Amazonas, em 1917, foi de redator dos debates da Assembléia Legislativa. Depois foi procurador da República, interino (1917-1918). Exerceu durante 15 dias o lugar de ajudante do Gabinete de Identificação e Estatística (1918), sob a direção do Dr. Galdino Ramos. Em 1918-1919 foi Auditor da Fôrça Policial, cargo que considerou destituido de interêsse para o Estado, propondo ao Governador Alcântara Bacelar a sua extinção. Foi então para Pôrto-Velho, como secretário do Superintendente Monsenhor Raimundo Oliveira (1920-1921). Em 1921-1922 serviu como secretário da Comissão de Propaganda e Organização do Centenário no Pará, chefiada por Djalma Cavalcanti, seu cunhado. De 1922 a 1926, serviu na Comissão de Saneamento Rural do Amazonas sob a direção do Dr. Samuel Uchôa, sendo-lhe atribuída a coordenação dos relatórios.

Quando Governador Militar do Amazonas o Cel. Raimundo Barbosa, após a chegada do General Menna Barreto, Comandante do Destacamento organizado para cambater os revoltosos de 23 de julho de 1924, Álvaro Maia foi secretário da Prefeitura de Manaus. O Prefeito, então ,foi Araújo Lima, que posteriormente, voltou ao cargo, no Govêrno Efigênio de Sales, realizando uma das mais profícuas administrações (14).

Na Associação Comercial do Amazonas, exerceu as funções de Consultor Jurídico e redator da revista, até 1930. Retomou o posto de Consultor Jurídico em 1958.

Neste ano, foi nomeado Presidente da Caixa Econômica Federal, aposentando-se, como tal, em 1966.

No Rio, manteve escritório de advocacia, associado ao Dr. Paulo Marinho, entre 1955-1958.

Morte

Morreu Álvaro Maia à 1 :15 da madrugada de 4 de maio de 1969, num apartamento do Pavilhão Santana, da Santa Casa de Misericórdia de Manaus, acometido de infarto do miocárdio na manhã da véspera. Assistiram ao desenlace o médico assistente, Dr. Osvaldo Said, acompanhado pela enfermeira Ruth Helena, pela Srta. Maria Helena Paiva Monte (prima) e Dr. Erasmo Arfaia (amigo). Imediatamente a notícia se espalhou e começaram a chegar ao hospital os amigos do morto, que foi velado no **hall** do Palácio Rio Negro desde o alvorecer.

O sepultamento de Álvaro Maia se deu ao fim da tarde 5 de maio, no Cemitério São João Batista, acompanhado por grande massa humana, sentida e emocionada.

---

(1) O enterramento da irmã caçula de Álvaro Maia foi noticiado na fôlha semanal "Humaythaense", de 2 de fevereiro de 1902, da qual era editor o Coronel Antônio Francisco Monteiro, figurando na redação o Dr. Bernardino Paiva e J. da Costa Crespo.

(2) Informação prestada por Cosme Ferreira Filho.

(3) Eleuthério, Paulo — A Imprensa Ginasiana — **Annuário do Gynnasio Amazonense Pedro II,** I: 64-72, 1925

(4) Maia. Álvaro — Em minha defesa (artigo publicado no **Jornal do Comércio** de 28 de janeiro de 1931 . . . mandando reproduzir por um grupo de amigos) — Tip. Reis, Manaus, 1931 (10 pp)

(5) Tive oportunidade de compulsar 3 números de **Vaticano,** cujo corpo de redatores era constituido de Curcino Silva (depois desembargador no Pará), Álvaro Maia, Elias Oliveira, João Vicente da Costa e Thompson Soares Bulcão, figurando como secretário Júlio Tavares.

(6) O fato está relatado no artigo **Em Minha defesa**

(7) O texto de "Cabelos Negros" é o seguinte :

Louca tormenta são os seus cabelos,
cabelos negros como nunca vi.!
Mágico poema de fatais anelos
há nessas tranças, como nunca li !

Cabelos crespos, revoltoso oceano,
cabelos negros como a tempestade !
Cabelos castos de infinito arcano,
que me consolam nesta soledade !

Cabelos magos que me seduzem tanto,
cabelos negros que beijar quisera,
cabelos plenos de magia e encanto,
cabelos lindos como a primavera !

Formosos laços de sonhado enleio,
cabelos negros da mulher que eu amo,
— vagas olentes sôbre um puro seio,
por elas morro e, suspirando, chamo !"

Estes versos datam de 1904 e foram revividos por Genesino Braga, na crônica "Álvaro Maia : o primeiro poema" aparecida no "Jornal do Comércio" de 16 de fevereiro de 1969.

(8) O nº 7 da revista **Redempção** (maio de 1925) relaciona os votantes de Alvaro Maia: Adriano Jorge, Paulo Eleutherio, José Chevalier, Carmelita de Holanda, Grijalva Antoni, Antovilo Vieira, Francisco Pereira, Paulino de Brito Filho,Otavio Sarmento, Antenor Vilela, Hemeterio Cabrinha, Luis Viana, Miguel Duarte, Olegario de Castro, Raimundo Nonato Pinheiro, Vicente Abranches, Chaves Ribeiro, Osvaldo Viana, Agnaldo Ribeiro, e André de Araújo.

(9) "Gente dos Seringais" e os outros livros de Álvaro Maia sôbre a Amazônia, inclúem um glossário elucidativo.

(10) A posse de Alvaro Maia como professôr do Ginásio Amasonense foi noticiada extensamente no número de **Redempção** de junho de 1925, com fotografia do ato.

(11) Está escrito **Em minha defesa** (e documentado através de carta) que o Governador Alcântara Bacelar dirigiu telegrama a Alvaro Maia apelando para desistir da candidatura. Resposta: '.... embora certo da derrota, aceitaria não pela cadeira, mas por solidariedade à geração que lançara, aliás sem me consultar, o meu nome às urnas".

Lembro-me de que havia uma casa, quase na esquina de 24 de Maio com a avenida Eduardo Ribeiro, em cujo oitão se lia a inscrição: "Para Deputado Federal — Dr. Álvaro Maia".

(12) Os detalhes da 1ª. ascenção ao poder figuram **Em minha defesa.**

(13) Maia, Álvaro — Nas paliçadas de dezembro — **O Jornal,** 20 de janeiro de 1946.

(14) Houve um lapso na referência de **Em minha defesa :** o Prof. Marciano Armond havia sido Prefeito no Govêrno revolucionário de Ribeiro Junior; o Prefeito de quem Álvaro Maia foi secretário foi Araújo Lima, durante 3 meses.

BIBLIOGRAFIA DE ÁLVARO MAIA

(Levantamento feito por GENESINO BRAGA)

1. — **CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA** (Discurso pronunciado, em nome da Mocidade Amazonense, no Teatro Amazonas, na sessão noturna de 9 de novembro de 1923, comemorativa da adesão à Independência Nacional, a 9 de novembro de 1823. Mandado imprimir, para distribuição gratuita, pela Comissão Promotora dos Festejos, composta do Coronel Bernardo da Silva Ramos, professôres Agnello Bittencourt, Manoel de Miranda Leão, coronel Antônio Bittencourt, Padre Thomas de Aquiino, drs Aprígio de Menezes, Vicente Reis, João Baptista de Faria e Sousa, Vivaldo Lima, Arthur Cezar, major Licínio Silva, jovens Aguinaldo Ribeiro, Antovilo Vieira, Cassio Dantas, Jorge Andrade, Galdino Mendes Filho e José de Alencar). Tipografia do Cá e Lá. Rua Joaquim Sarmento, 12. Manaus, 1923. 34 páginas.

2. — **VELHOS E NOVOS HORIZONTES (O Amazonas e a Revolução de 1924).** Imprensa Oficial. Manaus, 1924. 31 páginas.

3. — **DISCURSO** (I-Recepção do dr. Alfredo Sá, Interventor Federal. I I-Homenagem ao general Menna Barreto e coronel Raimundo Barbosa). Impresso em benefício do Leprosário de Paricatuba, sob os auspícios do dr. Samuel Uchoa, Chefe do Serviço de Saneamento Rural e do Serviço Sanitário do Amazonas. S/e. Manaus, 1925.

4. — **NO LIMIAR DA INTERVENÇÃO** (Trata da Intervenção Federal do Amazonas). Tipografia Palais Royal. Manaus, 1925. 44 páginas.

5. — **D. PEDRO II E A REPÚBLICA** (Discurso pronunciado a 2 de dezembro de 1925, no Ginásio Amazonense Pedro II, como orador da Congregação, ao ser inaugurado o retrato de D. Pedro II no salão nobre e mudado o nome do instituto para "Ginásio Amazonense Pedro II" — Sessão presidida pelos drs. Alfredo Sá, Interventor Federal, e Plácido Serrano, Diretor do estabelecimento). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926. 22 páginas.

6. — **NA MANHÃ DO CENTENÁRIO** (Conferência pronunciada no Palace Théatre, em Belém, Estado do Pará, em 1922, em propaganda da Exposição do Centenário, dirigida pelos Dr. Djalma Cavalcante). Tipografia Augusto Reis. Manaus, 1925. 20 páginas.

7. — **O PORTUGUÊS-LUSITANO E O PORTUGUÊS-BRASILEIRO, LÉXICA E SINTÀTICAMENTE CONSIDERADOS** (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Português do Ginásio Amazonense Pedro II. Ponto sorteado pela Congregação, a 30 de julho de 1925, (. . .). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926. 71 páginas.

8. — **O RITMO NA LÍNGUA NACIONAL** (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Português do Ginásio Amazonense Pedro II). Papelaria Velho Lino, de Lino Aguiar. Manaus, s/d. 39 páginas.

9. — **A BANDEIRA NACIONAL COMO SÍMBOLO E EMBLEMA DA PÁTRIA** (Tese de concurso para o provimento .da .cadeira de .Instrução Moral e Cívica do Ginásio Amazonense Pedro II. Ponto sorteado pela Congregação, a 4 de setembro de de 1925, (. . .). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926. 42 páginas.

10. — **IMPERIALISMO E SEPARATISMO** (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Instrução Moral e Cívica do Ginásio Amazonense Pedro II). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1926, 28 páginas.

11. — **APÓS A CAMPANHA** (Discurso pronunciado a 12 de junho de 1927, no Ideal Clube, por ocasião da sessão cívica em homenagem aos implicados no movimento de 23 de julho de 1924). Armazéns Palácio Real. Manaus, 1927.

12. — **EM NOME DOS AMAZÔNIDAS** (Carta aberta ao Presidente Washington Luís, em defesa do Amazonas). Tip. Palais Royal. Manaus, 1927.

13. — **ANTES DAS FÉRIAS** (Preleção aos alunos do Ginásio Amazonense Pedro II, após o encerramento das aulas, a 14 de novembro de 1928). Livraria Clássica. Manaus, 1929.

14. — **NA SEARA DA JUVENTUDE** (Conferência).

15. — **EM TÔRNO DO CASO DO AMAZONAS (Defesa de ato** de Govêrno). Rio, 1931.

16. — **AS RESPONSABILIDADES REVOLUCIONÁRIAS DA JUVENTUDE** (Conferência). Manaus, 1931.

17. — **EM MINHA DEFESA** (Artigo publicado no "Jornal do Comércio" de 28/1/931 e mandado imprimir por um grupo de amigos). Aug. Reis Impressor. Manaus, 1931. 10 páginas.

18. — **ELEGIA DE LÁZARO** (Poesia). s/e, s/1, s/d. 8 páginas. Acompanhou uma edição da revista "Amazônida".

19. — **NAS PALIÇADAS DE DEZEMBRO** Campanha política Phenix. Manaus, 1934. 37 páginas.

20. — **PANORAMA REAL DO AMAZONAS** (Discurso na Assembléia Nacional Constituinte). Tipografia Phenix. Manaus, 1934. 37 páginas.

21. — **A NOVA POLÍTICA DO BRASIL, PELO PRESIDENTE** GETÚLIO VARGAS (Estudos políticos). Serviço de Propaganda e Publicidade do Estado do Amazonas. Manaus, 1939. 90 páginas.

22. — **DISCURSO** (Pronunciado na abertura da 1ª Conferência Inter-Municipal de Economia e Administração, realizada em Manaus, a 3 de junho de 1942). Imprensa Pública. Manaus, 1942. 13 páginas.

23. — **NA VANGUARDA DA RETAGUARDA** (Artigos e discursos de orientação à Campanha da Produção da Borracha). Divulgação do D.E.I.P. Manaus, 1943. 354 páginas.

24 — **SPONSA HORRENDA** (Poesia). Imprensa Pública. Manaus 1943. 4 páginas.

25. — **NOITE .DE .REDENÇÃO** (Tema espiritualista). DEIP. Manaus, 1944. 8 páginas.

26. — **O CLARÃO SOLITÁRIO** (Tema espiritualista). S/e. Manaus, 1945. 9 páginas.

27. — **O CÂNTARO DA SAMARITANA** (Tema espiritualista). D.E.I.P. Manaus, 1945. 9 páginas.

28. — **BENDITA ENTRE AS MULHERES** (Tema espiritualista — IV).Manaus, 1945. 9 páginas.

29. — **ETELVINA, ENFERMEIRA DA ESPERANÇA** (Tema espiritualista). Reconstitui a história de Etelvina de Alencar, virgem-mártir, que obrou milagres. S/e. Manaus, 1946, 11 páginas.

30. — **SEMANA DO SERVIÇO MILITAR** (Discurso na campanha em favor do serviço militar). DEIP. Manaus, 1947. 8 páginas.

31. — **LUZ NO HORIZONTE** (Tema espiritualista). S/e. Manaus, 1946. 9 páginas.

32. — **DISCURSO.** Tipografia Fênix. Manaus, 1950. 29 páginas.

33. — **ÁGUA VIVA** (Tema espiritualista). S/e. Manaus, 1950 8 páginas.

34. — **PELA GLÓRIA DE AJURICABA (Conferência pronunciada** no salão nobre do Ginásio Amazonense, a 12 de julho de 1930). Publicação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. 1952. 43 páginas.

35. — **EM TÔRNO DO ACÔRDO COM A UNIÃO** (Estudo. De colaboração com Waldemar Pedrosa).

36. — **OS SÃOS NÃO PRECISAM DE MÉDICOS** (Tema espiritualista). Rio Madeira, "Goiabal", outubro de 1954. 18 páginas.

37. — **GENTE DOS SERINGAIS** (Narrativas de cenas e epsódios nos seringais amazônicos). Editor Borsoi. Rio de Janeiro, 1956. 375 páginas.

38. — **NAS BARRAS DO PRETÓRIO** (Exposição ao povo amazonense). Sérgio Cardoso e Cia. Ltda. Editôres. Manaus, 1958. 200 páginas.

39. — **BUZINA DOS PARANÁS** (Poesia). Sérgio Cardoso e Cia. Ltda. — Editôres. Manaus, 1958. 382 páginas.

40. — **BEIRADÃO** (Romance amazônico) Editor Borsoi. Rio de Janeiro, 1958. 296 páginas.

41. — **PRESTAÇÃO DE CONTAS** (Govêrno e Política). Sérgio Cardoso. Manaus, 1958. 17 páginas.

42. — **JACARÉ DE ASSOMBRAÇÃO** (Poesia **folclórica). Lenda** do interior do Amazonas, Rio Madeira — Toada de"Desfeiteira", samba seringueiro. Sérgio Cardoso. Manaus, 1958. 32 páginas.

43. — **BANCO DE CANOA** (Cenas de rios e seringais da Amazônia). Editôra Sérgio Cardoso. Manaus, 1963. 280 páginas.

44. — **DEFUMADORES E PORONGAS** (Pequenas estórias — Ciclo da Borracha — Amazonas) Edições Govêrno do Estado do Amazonas (Série Raimundo Monteiro, volume X). Editôra Sérgio Cardoso. Manaus, 1966. 266 páginas.

45. — **NAS TENDAS DE EMAÚS** (Temas espiritualistas). Editôra Sérgio Cardoso. Manaus, 1967. 220 páginas.

OBSERVAÇÕES

— Não se incluiram, no presente levantamento bibliográfico, os relatórios, as mensagens e as exposições de Govêrno, apresentados por Álvaro Maia quando Governador Constitucional do Amazonas ou Interventor Federal no Amazonas, por serem tais peças compreendidas como documentos oficias elaborados, nos ângulos respectivos, de cooperação com secretários de Estado, Diretores de Repartição, Chefes de Serviço, etc.

— A presente relação, em sua quase totalidade, foi revista por Álvaro Maia, cêrca de um ano antes de seu falecimento, tendo êle a acrescido em muito. Mas, declarou não haver guardado exemplares da maioria de seus trabalhos editados e de muitos dêles não se recordava das referências constantes do "Pé de Imprenta". Assim, é bem provável que a presente bibliografia não esteja ainda completa.

DISCURSOS DE RECEPÇÃO

CADEIRA 12 (Olavo Bilac)

A PALAVRA DO PRESIDENTE

DJALMA BATISTA

Está aberta a sessão solene da Academia Amazonense de Letras, para empossar Elson Farias na cadeira nº. 12, que tem por patrono Olavo Bilac e ocupada anteriormente por Mitridates Corrêa : três poetas, que se reunem, simbolicamente, para uma festa de inteligência.

Bilac foi o príncipe dos poetas de sua época, que eram substancialmente parnasianos, apenas sofrendo uma ligeira concorrência dos simbolistas. Ficou na poesia brasileira como a expressão mais alta de uma escola que fez da fórma a maior preocupação, embora sua obra encerre um conteúdo de beleza imperecível.

O nome de Bilac numa poltrona desta Casa era um imperativo a que não poderíamos fugir. E Mitridates Corrêa, na reforma estatutária de 1958, o propôs para seu patrono, com inteiro apôio dos confrades. Mitridates era um artista tresmalhado nas teias do Direito : escrevia com graça e perfeição, versejava com inspiração e finura, e pintava, no fim da vida, com emoção e acêrto. Sua poesia era sobretudo satírica e por isto pouco divulgada na província, porque feria fundamente os seus contemporaneos e coestaduanos. Descendente dos parnasianos, êle pode bem ser considerado um traço de união entre Bilac e Elson Farias, que é hoje o representante das modernas correntes de poesia na Academia.

A eleição do joven e celebrado poeta de "Três Episódios do Rio" comprova que esta modesta sociedade se renova à medida que os verdadeiros valores se afirmam, quaisquer

que sejam as suas tendências literárias. Há lugar aqui para todos que pensam e escrevem nestes longes do Brasil, onde também se amam e cultuam as manifestações da inteligência, que é a fôrça propulsora das idéias, idéias que sempre hão de governar o mundo.

Com Elson Farias está começando um novo ciclo da vida da Academia, que aumentou o número de seus sócios efetivos e os está admitindo pelo processo democrático da inscrição dos candidatos. Outros elementos de primeira água já estão eleitos, e em breve os recepcionaremos, com a alegria de quem vê chegar mais companheiros de sonhos e de luta. Lutas, sim, porque desejamos uma Academia integrada no processo de desenvolvimento do Amazonas e do Brasil, em que homens, representantes da cultura do povo, criem, debatam e transmitam — pensamentos e idéias que possam influir sôbre a mentalidade coletiva.

Falará pela Companhia, nesta, recepção, o acadêmico José Lindoso, que é um dêsses homens-dínamo ou espírtos-fonte (como chamava Tasso da Silveira), que soube utilizar na vida pública o lastro de seu espírito formado sob as melhores diretrizes. Elson Farias se desenvolveu intelectualmente ao lado de José Lindoso, que lhe conhece os itinerários da alma.

Quero assinalar, nesta oportunidade, a presença alviçareira de um visitante bem-vindo, o escritor e poeta José Amaral, Presidente da Academia Potiguar de Letras, que veio ao Norte num esfôrço de aproximação dos intelectuais de seu Estado com os Estados-irmãos. Peço a José Amaral que se sinta em casa no Amazonas, e que veja, em cada um de nós, discípulos de Câmara Cascudo, camaradas de Peregrino Junior e devotos de José Augusto. O calor desta noite enluarada traduz os sentimentos com que o acolhemos.

A POESIA DE OLAVO BILAC

ELSON FARIAS

I

Cumpro, agora, a minha primeira tarefa ao ter ingresso nesta Casa. Gostaria de ser, o quanto possível, simples para que pudesse expressar, com integridade, os meus sentimentos, a fim de que nada resultasse perdido nas entrelinhas e nas reticências que, geralmente, imperam em trabalhos desta natureza. Sei que são difíceis os caminhos de interação do homem; sei, também, que não é fácil promover, no seu espaço de mundo, aquêle encontro do homem com êle próprio, encontro sem o qual não será eficaz um verdadeiro processo de concientização da cultura. Ter consciência do seu querer, ter consciência daquilo que precisa ser feito, é emprêsa bem complexa para o homem contemporâneo, porque são muitas e diversificadas as suas solicitações, e porque vivemos hoje, em tempos de mudança. Os conflitos gerados em consequência das dificuldades que tem o homem moderno de se comunicar, o tornam infeliz e tímido, as vezes semi-bárbaro, imaginando mitos negativos para a existência, encarcerado no seu micro-universo, cioso dos seus talentos mas incapaz de os distribuir com seus semelhantes, enterrando-os com usura no seu próprio quintal, sem iniciativa de multiplicá-los segundo as advertências da parábola do Cristo. No entanto, é necessário que aprendamos a confraternizar e nos acostumemos a desenvolver êste aprendizado, com a pureza do primeiro homem, mas sem o angelismo inconseqüente que avilta e desorienta.

Senhores Acadêmicos

Quero ser, em vossa companhia, um verdadeiro companheiro. Não tenho nada de importante a vos oferecer afora do meu trabalho. Êste mesmo de quase nada me vale em face do muito que tenho para ver e experimentar. A sabedoria não se busca apenas nos livros, como bem o sabeis; a sabedoria é de "experiências feita". Por isso é que aqui estou, também e principalmente,

para aprender. Há muito que optei por êste meio de aprendizado, tal como o homem primitivo de nossa região, o índio que processa o seu sistema educacional através do diálago, da troca de conhecimentos e de experiências vividas.

Não disponho, pois, de erudição para merecer a vossa companhia. Creio nos princípios de cordialidade e solidariedade humana que nos unem e nos animam e que possuem o condão de reagir a quaisquer das indignidades que se pretendam perpetrar contra os direitos da inteligência. Alimentando os laços dêste verdadeiro abraço, os elos desta grande ciranda, é que espero somar o meu ao vossa esfôrça, porque só assim e trabalhando com pertinácia é que se poderão concentrar energias para efetivar aquelas aspirações. O homem simples se abisma em presença do amor e da morte; o homem, iludido com o falacioso aceno de grandeza, se acovarda. É que o amor e a morte são as expressões mais altas do primitivo e é perquirindo sôbre as coisas mais sem importância na máquina da vida, uma flor, um sorriso, um apêrto de mão, que o homem consegue compreender e interpretar o grave sentido da morte e a beleza inexplicável do amor. Nesta linha de idéias é que desejo situar-me, no momento em que ingresso nesta Casa, reafirmando que desejo ser, aqui, em vossa companhia, um verdadeiro companheiro.

II

Abandonando os seus caminhos, perdendo-se na trama dos seus encantamentos, muitos homens deixam de se aperceber das lições de poesia que lhe oferecem os relacionamentos sociais, ou por pobreza de vida interior, ou pelo excesso de respeito por tão elevado mister. Seria bom que eu dissesse alguma coisa de minhas experiências de poesia. Seria, aliás, mais correto que aqui deixasse escrito um conceito de poesia. Mas não me posso arrojar a tanto. Sempre pratiquei a poesia tendo-a como a arte da palavra. E por ser assim, sempre procurei tirar da palavra, ao máximo, o melhor rendimento possível, dentro de minhas perspectivas de cultura. Muitas vezes cheguei a pensar que, na poesia, a palavra fôsse mais fim do que meio, mais desenho visual do que música. Andando assim percebi que incluir, no contexto do poema, aquelas palavras que designam as coisas e os seres da paisagem que nos cerca, seria uma solução aceitável em termos de trabalho literário. E como tal agi.

Que dizer da paisagem humana? Que dizer dos problemas que afligem o homem da Amazônia? Não me foi permitido, até agora, equacionar, como devem, tais problemas. O que tenho

registrado é aquilo que tenho visto, a luta do homem subjugado pela violência da terra e as monstruosidades originárias do seu completo abandono.

É de comover e revoltar a submissão a que se jugula aquele homem. E eu queria exaltá-lo. Mas como exaltá-lo ? Explorando também a sua miséria ? Talvez, não. Talvez não fôsse êsse o caminho mais indicado. Procurei, então, fixar-me nos aspectos mais positivos de sua vivência, o conteúdo lendário de sua vida e assim me tenho orientado até agora, revelando, vez por outra, um pouco dos meus próprios sentimentos, ciente de que o artista só poderá interpretar o pensamento do mundo quando se encontre capacitado para compreender as aspirações da sociedade, com os seus movimentos e as suas contradições, objetivando sempre atingir o espaço de vida onde se possa proclamar humano.

Cumpre-me também dizer algumas palavras sôbre a missão do escritor. Principalmente porque, enfrentando as conquistas da tecnologia que se aperfeiçoa para ensejar maior felicidade ao homem, o escritor deve deter-se e permanecer constantemente atento para que tais conquistas se efetivem, em plenitude, mas a serviço do homem.

A dialética da vida se desenvolve numa cadeia de contradições. As formas de arte se repetem, mas nunca se repetem com o mesmo conteúdo social. Não é a técnica, simplesmente, que resolve o problema das formas na arte, porque, antes de tudo, o artista é um ser integrado no seu tempo e comprometido com as contingências do seu povo. O escritor é, portanto, mais do que nenhum outro, um ser social e um ser político, até quando as suas cogitações buscam perquirir os chamados problemas transcendentais da vida. Não é permitido, portanto, que se pratique a Literatura tal como se pratica um jôgo, simplesmente. A poesia é, também, jôgo lúdico, à semelhança da face anedótica do cotidiano, mas o poema não se conclui nessa esfera.

III

É de minha obrigação falar, neste momento, da poesia de Olavo Bilac. Não me sobram conhecimentos para produzir um trabalho convincente neste terreno. Me acostumei a admirar Bilac desde menino, através dos poemas divulgados nas antologias escolares. Hoje, tal admiração persiste com mais intensidade, mas na mesma linha de conhecimento. No estágio a que tem atingido a crítica brasileira, não é mais permitido que se gaste tinta e papel em dissertações improfícuas, dissertações que não revelem o objeto claro da análise e da interpretação dos textos

literários, porque no poeta, ao meu entender, o que conta não é a sua vida, mas a sua obra. De que importa, em termos de cultura, o aspecto heróico ou anedótico da vida do poeta, em face da obra que significa o contexto de uma cultura, de uma época ou de uma geração ? O poeta é um personagem que participa da vida. Aquilo que se pretendesse caracterizar como vícios ou virtudes individuais nada mais representaria, em sua personalidade, do que a soma das experiências de seu tempo e do seu povo. A permanência das vigentes ou a transformação desta em favor das novas formas, resultam da proporção em que o poeta participe da cadeia de contradições de que se constituem os movimentos das vida.

Não se pode compreender Bilac sem que se tenha em conta a compreensão do Brasil do seu tempo : o Brasil sem universidade e sem consciência popular; o Brasil tributário de outras culturas, imitador de outros estilos de vida, imitador de outros estilos de Literatura e de Arte, o Brasil anterior à Semana de Arte Moderna. Era necessário que Bilac tivesse tido uma formação excepcional, preparo político adequado, a fim de que pudesse proclamar e inaugurar os novos caminhos da vida brasileira. O seu talento e instinto poéticos haveriam de ter alcançado a inteireza do seu domínio e traçado novas perspectivas de vida a nossa gente, e a sua figura fascinante, aquela que a posteridade consagrou e que as instituições nacionais perenizaram na galeria de seus heróis, teria maior significado entre os que alimentam o espírito humano e a civilização.

As impressões que guardei da leitura de Bilac ratificaram-se na releitura que fiz para cumprimento da tarefa dêste discurso. Apenas me aventurei a lançar-me em outras observações, observações que aqui registro, com o vossa beneplácito. No volume "Poesias", onde está encerrada tôda a obra de Bilac, reunida nos livros "Panóplias", "Via-Lactea", "Sarças de Fogo", "Alma Inquieta", "As Virgens", "O Caçador de Esmeraldas" e "Tarde", perpassa uma larga atmosfera de romantismo, profundamente informada de sensualismo e erotismo. Bilac possuía as coisas com a volúpia do amor entre macho e fêmea. Ao lado disso, da temática central de sua poética, figuram marcas do simbolismo nascente e o tom elegíaco ainda como sintoma do seu romantismo e o desejo permanente de perfeição, aliás, bem visível em sua "Profissão de Fé".

Parece-me que o romantismo tem influenciado, em grande escala, os movimentos mais importantes da vida brasileira. Na Literatura, ainda hoje, a nossa poesia se ressente dêsse romantismo, principalmente a poesia política, excetuados, sem dúvida,

os casos de Carlos Drumond de Andrade e de João Cabral de Melo Neto. O nacionalismo ufanista e o helenismo pagão, tudo em Bilac recebe o sêlo do romântico que era êle. O rigor parnasiano da forma, que constituía a sua doutrina e o seu ideal de artista, a sua religião, pois que pretendia servir à "Deusa serena,/ Serena Forma !", se caracteriza na poesia conceitual, a exemplo de "Velhas Árvores", "Ouvir Estrêlas", "Língua Portuguêsa", "Música Brasileira", "Benedicite", "O Tear", etc.

E se a celebração do amor era uma constante sua, se a exaltação da beleza do corpo uma preocupação permanente, o pavor da morte e a consciência do pecado o atormentavam e o levavam a condenar o corpo, instrumento de prazeres ilícitos, numa leve denúncia aos resquícios de farisaísmo e de maniqueísmo latentes na sociedade brasileira, naquela cadeia de contradições que registra no belo sonêto "Música Brasileira", onde se refere a "todo feitiço do pecado humano", e em "Dualismo", em que define: "não és bom, nem és mau: és triste e humano. . . "E porque foi o intérprete dos nossos sentimentos e das nossas tendências, neste aspecto da vida, é que se tornou um dos grandes bardos populares, ao lado de Gonçalves Dias e Castro Alves.

Mas a poesia brasileira se processa, também, obedecendo aos períodos de crise e de triunfo do espírito humano. Desde a nossa poesia barroca dos poetas da chamada Escola Mineira, às últimas manifestações dos artistas de hoje, as formas de poesia vieram recebendo novos elementos de construção e retendo os vícios, diluídos entre os poetas menos criativos, e, revalorizados, por assim dizer, recriado, no exercício daqueles mais dotados. Em termos de Arte Literária, de poesia-arte-da-palavra, poderíamos traçar um gráfico que se inicia em Anchieta e atinge o seu maior momento com os componentes do grupo mineiro. Em seguida, ocorre o período de decadência, em que aquelas formas se estereotipam para despertar a rebelião do romantismo, que, por sua vez, conduz o poema para a esfera do discurso e gera a ogeriza aos preceitos da forma, recebendo, logo em seguida, a reação parnasiana que aspira recuperar aqueles princípios estéticos. A Semana de Arte Moderna destronou os príncipes das letras e implantou a prática do verso livre. Os líderes do movimento consideravam os parnasianos, muitos dêles ainda vivos, como "Os Mestres do Passado". Derrubaram-se todos os mitos e os tabus culturais; foram apupados pelo povo e estabeleceram uma nova ordem. Plantaram vícios e semearam virtudes e ofereceram uma nova perspectiva de desenvolvimento para a cultura brasileira.

Mas, passado aquele momento inicial, foram surgindo as novas gerações e recuperando as velhas formas, da poesia agora banhada de vida nova. Foi o período em que surgiram, se não caio em êrro, as maiores expressões da poesia brasileira de todos os tempos.

Hoje, é tôda uma multidão de poetas que se encontra em crise. Existem tendências neo-românticas e tendências neo-parnasianas em choque, e o esfôrço de pesquisa daqueles que buscam solucionar, os problemas da poesia, com os recursos hauridos nos novos meios de comunicação e instrumentos de trabalho da era da tecnologia, do pensamento cibernético. Os neo-parnasianos defendem a não participação do poeta na vida política, os neo-românticos não admitem poesia que não seja participação.

Se me lanço neste terreno, lançando mão dêste pequeno resumo da nossa experiência cultural no âmbito da poesia, é, exatamente, para fixar-me num ponto que me parece de real importânciia referir neste trabalho, e se me atenho a êle é porque concordo em que não existe poesia sem arte poética e que um poema é, antes de tudo, uma organização estética.

Quero referir-me aos aspectos do barroco em nossa poesia, esforçando-me por colocar em realce os exemplos de assimilação das velhas formas de arte, revitalizadas pelas novas experiências humanas.

A teoria do barroco teve origem do estudo realizado na arquitetura aparecida em fins do século XVI, tendo como uma de suas maiores figuras o arquiteto italiano Francisco Borromini, que era tido, entre os seus contemporâneos, como louco por causa da audaciosa concepção de suas soluções arquitetônicas. O barroco é um estilo que se popularizou como expressão de arte mais no terreno da arquitetura e da escultura. Porém, como os estilos de arte se originam da problemática experimentada pela comunidade dos homens, o espírito do barroco se manifestou na maneira do homem se conduzir na sociedade e em tôdas as manifestações do seu pensamento criador, destacando-se os já citados terrenos da Arquitetura e da Escultura e no da Música e da Literatura, em particular nos setores da oratória e da poesia. Até certo ponto, o buliçoso universo do barroco surgiu, em contraposição ao extremo equilíbrio e serenidade do clássico. Mais próximos de nós, o estilo barroco se manifestou através da poesia de Gôngora, da oratária de Vieira, da obra dos poetas portuguêses da "Fenix Renascida" e dos brasileiros do grupo mineiro. Uma das características do barroco é a monumenta-

lidade dos temas e das concepçõs e a obsessão dos pormenores, aqui próximo já do estilo recocó, última etapa e decadência do barroco. Se bem observamos, existe um barroco brasileiro ainda hoje vigente e altamente expressivo na arquitetura de Brasília, na poesia de Jorge de Lima e na prosa de João Guimarões Rosa. Diríamos, que, nestes exemplos, ressurgem as qualidades daquele estilo, porque de outro lado, chegou-se até a designar o barroco, em tom pejorativo, na oratória parlamentar e, por assim dizer, na oratória doméstica dos discursos genetlíacos e ditirâmbicos.

Encontram-se características do barroco em Olavo Bilac, principalmente entre os seus poemas mais populares, aqueles que são ditos em público e gravados em disco. Características de monumentalidade temática em "A Alvorada do Amor" e "Beijo Eterno", e obsessão dos pormenores e jôgo de palavras em "O Tear".

E se nada mais me ocorresse para dizer sôbre Bilac, concluiria afirmando que êle cultivou o idioma com o mesmo amor revelado em sua "Profissão de Fé": "Invejo o ourives quando escrevo: Imito o amor/Com que êle, em ouro, o alto relêvo/Faz de uma flor, e que a êle se poderia atribuir aquele verso famoso de Fernando Pessoa : "A minha pátria é a língua portuguêsa".

IV

O dever me impõe que prossiga nesta fala. Digo errado. Não o dever, mas uma necessidade interior, nascente dos domínios da amizade, me determina formular outras palavras, para referir-me ao meu antecessor na Cadeira 12, o intelectual Mitrídates Corrêa.

Falo dos terrenos da amizade, por uma das virtudes que a poesia da vida nos oferece e que aproxima os homens, com o mesmo sortilégio, com que, as vezes, os afasto. Não conheci Mitrídates Corrêa, não obstante vivermos na mema cidade. Isto é, conheci-o de passagem pelas ruas ou por ocasião de um ou outro encontro casual nas festas de lançamento de livros em Manaus. Li, alguns dos seus trabalhos, poemas e ensaios, nos órgãos da imprensa diária, mas muito poucos porque vivi, grande parte de minha vida, no interior do Estado, naquelas paragens onde não chegam os veículos de imprensa de nossa terra.

Mas me referi à amizade para confessar, que aquelas determinações da atmosfera poética que aproxima os homens permitiram que, através dos seus filhos, eu pudesse ter o seu convívio, já fortalecido, socialmente, pelos liames inconfudíveis que urdem o contexto de uma mesma geração.

Não conheço, como era do meu desejo, a obra literária de Mitrídates Corrêa, tôda ela esparsa em nossa imprensa diária. Tentei, a fim de melhor desincumbir-me desta tarefa, realizar uma pesquisa nos arquivos particulares do poeta, com a aquiescência de seus familiares. Mas depois refleti que o poeta Mitrídates Corrêa é demais contemporâneo para ser objeto de pesquisa nestes termos.

Assim é que, me parece, seria de muito interêsse para esta Casa, organizar uma edição dos poemas e ensaios de Mitrídates Corrêa, exemplo que deveria ser repetido com todos os que, por qualquer motivo, não diligenciaram iniciativa de reunir, em livro, a sua produção literária.

Senhores Acadêmicos

Confesso-vos que me sinto honrado em poder estar em vossa companhia e que tudo farei para dignificar esta Casa.

SAUDAÇÃO AO POETA ELSON FARIAS

JOSÉ LINDOSO

A nossa paisagem literária foi avaliada ùltimamente em duas oportunidades: a primeira, em agôsto de 1967, quando do Seminário de Revisão Crítica da Cultura no Amazonas, promovido pela Secretaria da Educação e Cultura; a segunda, em janeiro de 1968, nas montras da exposição dos 50 anos da Academia Amazonense de Letras — louvável iniciativa da Diretora da Biblioteca Pública do nosso Estado.

As avaliações chegaram a resultados inteiramente diversos. Para o Seminário, através do Relator, a literatura amazonense só teve expressão com o "Movimento Madrugada", enquanto a exposição documentava produção literária expressiva, alinhando as obras de Araújo Lima, Péricles Morais, Benjamin Lima, João Leda, Jonas da Silva, Agnelo Bittencourt, André Araújo, Pereira da Silva, Mário Ypiranga Monteiro, Djalma Batista, Gaspar Guimarães, Arthur Reis, Genesino Braga, Leopoldo Péres, Sodoc Pereira, Américo Antony, Mendonça de Souza, Mavignier de Castro, Cosme Ferreira, Anísio Jobim, João Chrisostomo, Nunes Pereira, Waldemar Pedrosa, Thiago de Mello, Aderson de Menezes, Álvaro Maia, para referir os nomes que guardo na memória.

Não parecerá incômodo enfocar as duas posições, agora, que pelo tempo e na missão renovadora de Djalma Batista, na Academia Amazonense, se encontram elementos històricamente ligados ao Movimento Madrugada. Efetivamente, o Clube da Madrugada exerceu papel positivo no esfôrço de renovação literária e artística entre nós, surgindo nomes que vingaram, num movimento em que se misturavam boêmia com pureza da madrugada; arte com política; sonhos revolucionários e adolescência com a expressão definida de arte. Vêmo-los, numa citação ilustrativa e desordenada: Jorge Tufic, Elson Farias, Luiz Bacelar, Sebastião Norões, Luiz Ruas, Moacir Andrade, Farias de Carvalho, Guimarães de Paula, Alencar e Silva, Athur Engrácio. O grupo era anti-acadêmico.

Não sei qual a sensação que sentem, agora, nesta altura da caminhada, no curso dêsses quase quinze anos, em face dos novos grupos de jovens que estão surgindo aqui e que não aceitam os renovadores da madrugada.

A Academia sempre congregou individualidades literárias, mas, nunca representou, nesses cinqüenta anos, um centro de irradicações, um movimento cultural, nem lhe animou, em qualquer das fases de sua vida, uma posição política. Foi guardião, depositária, templo de cultura, mas, nunca rebeldia, afirmação, proselitismo. Foi remanso; jamais correnteza.

Acredito que o Seminário e as comemorações cinqüentenárias da Academia constituam marco a indicar nova era nas letras regionais, pois possibilitaram a retomada do movimento intelectual no Amazonas, e tiveram a significação de um encontro, de uma soma de esforços, para o engajamento de todos na redação de um capítulo nôvo, na história regional..

Sem mêdo, a Academia precisava de Djalma Batista para renová-la.

Somos felizes por nos encontrarmos aqui, nesta calorosa recepção a Elson Farias. Superando a fase de luta, a nova geração dos escritores trava o diálogo construtivo, no domínio das artes e das letras.

Nos dias que correm, dentro da nossa problemática, há uma revisão a ser feita na posição do escritor. Tenho insistido nisso.

Acredito que a missão do escritor brasileiro só se cumprirá na proporção em que a sua poesia, a sua palavra, a sua oficina enfim, estiver com tôda a pureza da fonte, com tôda a grandeza dos céus, com tôda a rudeza do mar enfurecido, a serviço da nossa gente, no esforço contínuo, no labor infatigável que, às vêzes, só as estrêlas da madrugada testemunham, de criar condições para a crescente afirmação do País, para o crescente amadurecimento do povo, na linha de suas tradições cristãs; para o desenvolvimento do poder de criatividade de sua própria fisionomia política, consciente de seus autênticos valores nacionais, perante o mundo.

Sintonizam com meu pensamento as "Lições do Cinqüentenário", do Presidente Djalma Batista :

> "O espírito acadêmico não pode ser mais condicionado pela aparência das cerimônias, nem pelas galas das frases e das imagens; tem que ser vivo, inquieto, agitado, atualizado. De há muito ruíram,

fragarosamente, as tôrres de marfim, até os conventos estão se popularizando, ao se irmanarem monges e operários e ao se escancararem suas portas para abrigo dos perseguidos; no Extremo Oriente vemos os sacerdotes budistas se transformarem em tochas vivas para protestar, com o próprio sacrifício, contra a imolação das populações que aspiram o direito da autodeterminação, consagrada na Carta das Nações Unidas".

A lição maior é de que as Academias não podem continuar como clubes, para diletantismo de poucos, porque a arte, o saber, a cultura é patrimônio popular, e, na linha da crescente promoção humana, é imperioso que se leve ao povo os bens da inteligência, que se lhe desperte o poder criador, para que a Nação se fortaleça e se eternize na sua missão histórica.

Essa mentalidade tornou-se o liame, a ponte, entre as gerações de intelectuais, fecundando doravante a história da Academia. Ela é uma legenda explicativa desta festa.

II

Em face do desenvolvimento tecnológico, da Cibernética, o poeta tem de renovar seus meios de expessão.

Não haverá fronteiras definitivas entre a poesia e a ciência, numa perspectiva de futuro, no trato dos mistérios da vida e do mundo, no domínio do profético.

Se ontem, Bilac era capaz de ouvir estrêlas
— ". . . Amai para entendê-las !
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrêlas !"

Hoje, com a conquista dos espaços, a inspeção dos "mares" da lua, diminuiu o conteúdo do mistério dessa temática.

Qual a expressão da Poesia em face da Cibernética ?

Até que ponto o cientificismo irá influenciar na expressão poética ou vice-versa ? Na proporção em que a Ciência devassa os mistérios dos mundos, da vida e das coisas, nem sempre pode ela precisar com exatidão, o nôvo fato que, às vêzes, é sòmente pressentido. Na chamada Física Quântica há exemplos tão significativos, no campo da semântica. Segundo registram Jacques Bergier e Louis Pauwels, nesse desnorteante livro que é "O Despertar dos Mágicos", os cientistas conseguiram explicar o mistério do "spin".

"Descobriu-se, por exemplo, que entre as três partículas conhecidas : prótons, elétrons, neutrons (e as suas imagens no espelho : antipróton negativo, posítron, antinêutron) existia mais uma trintena de outras partículas. Os raios cósmicos, êsses grandes aceleradores, produziram-nas em grandes quantidades. Ora, para descrever essas partículas, os quatro números habituais — massa, carga, momento magnético, "spin" — já não eram suficientes. Era necessário criar um quinto número, talvez o sexto, e assim indefinidamente. E foi de uma forma inteiramente natural que os físicos chamaram essas novas grandezas de "números quânticos de estranheza". Esta saudação ao anjo Bizarro tem qualquer coisa de imensamente poético. Como muitas outras expressões da Física moderna : "Luz Interdita", "Algures Absoluto", o "número quântico de estranheza" prolonga-se para além da física e tem ligações com as profundezas do espírito humano".

A referência é longa, mas não despropositada. O Poeta é o profeta do mistério, o seu intéprete, e às vêzes o criador do mistério.

Estará êle em frente de duas novas realidades, que terá de sentir poèticamente. As conquistas tecnologicas com a Cibernética, e o avanço da ciência, que no caso da Física atravessa a matéria e se colcca num campo em que esta é indissociável do espírito.

Mas, a Poesia é um processo criador. A observação ora feita é uma preocupação do futuro. A Poesia se vincula aos estágios culturais, às fases econômicas. Ela é mistério, é amor, mas é antropologia também.

Euclides da Cunha escreveu que a Amazônia é uma terra sem história. E que "ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva já longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estritamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo inferior a um sem número de outros lugares do nosso País. Tôda a Amazônia, sob êste aspecto, não vale um segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponte do Munduba". (Euclides da Cunha — "À Margem da História" — 6ª. ed., Pág. 6).

Êsse mundo amazônico, última página do Gênese, terra ainda quente do sôpro criador, é o universo poético de Elson Farias.

Êle não o vê como o engenheiro e o sociólogo de "Os Sertões", nu de poesia, vazio de motivações, minimizado na perspectiva estética.

Elson chegou nessa terra imatura, onde Deus está concluindo a sua obra-prima para, como um operário divino, pintar seus quadros, recriar e conferir inteligência aos seus valôres, dimensioná-los no mistério das coisas virgens e, mais do que isso, integrar-se.

E o Poeta, na sua tarefa, se enxarca na água, descobre peixes e se engaja nesse quadro como Homem, misturado ao barro e ao capim :

1

"me assumi no barro
de capins e estêrco
para o canto fresco
das manhãs da várzea.

Força-me no verso
— alguidar polido —
o cuidar do canto
e o talhar de estátuas".

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

4

"Os utensílios
neste trabalho
são barro e água
granito e sal

Paleta lisa
colher metálica
pote e galhetas
beira de rio".

O Poeta chega com o Criador nessa terra e vai trabalhar. Vai ajudar a grande construção. São os detalhes. O canto, o diálogo de mistérios com o lago, com os peixes, com os pássaros. Não os dominando, como São Francisco, mas contemplando-os, exaltando-os e, às vêzes, ouvindo, pintando e amando-os sempre :

"O dorso do lago fala
cascalhos de prata :

"Senhor
o canto é murmúrio
da calma do lago.

Senhor o canto é
verde neste lago,
é fluído e aberto
sôpro da estrêla da manhã,
leve e sereno
o canto é
água que se bebe
e se sacia a sêde de alegria".

A "Cantata do Lago em Agôsto", que é uma das mais belas realizações poéticas de Elson Farias, representa uma espécie de via-láctea. Houve um esbanjamento de situações poéticas, de mensagens, que ora se libertam do puro quadra da natureza e adquirem dimensões magníficas.

Vejamos ainda esta paisagem :

"....
Palavra por palavra
a flor medita a corola :
— delírios de tessituras
fatigadas
vertem côres e
se perdem.

— Olhai as flôres
e tereis esperança.
...."

"Barro Verde", livro de estréia de Elson Farias foi editado em 1961. Os trechos referidos são dessa obra, que se constitui de vários poemas e de oito sonetos. Todos guardam a mesma fidelidade ao tema da descoberta do chão, da água, e revelam excelente domínio de uma técnica própria.

Em 1963 o Poeta publicava "Estações da Várzea". Aí, o elemento humano começa a bulir no mundo telúrico de Elson, ao lado de cromos da natureza.

Exemplos dessas pinturas, encontramos em "O Silêncio das Fôlhas".

1

"A formiga morde
a tala nervosa,

suas garras sêcas
no verde se sucçam

Inseto amargo
de resinas e ácidos,

rude mel de raízes,
travos da terra".

Em "Três romances para meu Tio Luiz" surge o Homem não como transformador da paisagem, mas submisso, passivo, acidente dessa paisagem.

O poema "Meditações sôbre a Herança do Pensador" é um exercício que não está dentro do seu universo e representa poesia de circunstância.

No poema "Cheia", ainda é o elemento natureza que domina :

"a sezão solapava o sítio,
turvas canoas equipadas subiam o rio
macabras
levando no japá um morto de mágoas.

Piavam nos pátios pintos vegetais
fôlhas famélicas
tajás inchados".

Mas a tragédia, o choque entre o humano e a natureza, vamos encontrar em "Três Episódios do Rio", lançado em 1965, realização poética singular. Em "A Adolescente Desaparecida" o folclore foi mobilizado para obtenção de um efeito estético notável.

"rezaram nove novenas
mas de nada adiantou
seus irmãos desesperaram,
seu pai quase se matou
se pobre sua mãe existe
de chorar se definhou,

o mistério da menina
que em mistério se acabou".

"A Tragédia da Moça e o Peixe", "isto aconteceu no rio no verão num certo dia" — tem sabor bárbaro e notável efeito sensorial.

Em "Sábado", ainda domina o elemento natureza. A água, o peixe envolvem o livro.

Afortunada foi a deliberação do Poeta em reunir êsses livros todos numa só edição sob o título "Ciclo das Águas", editado em 1966, Edições Govêrno do Estado do Amazonas, porque efetivamente a água é o tema que avassala a vida do Poeta. Êle está prêso ao rio, ao lago, à chuva.

Elson Farias é um poeta em realização, em crescimento, e não pára de trabalhar, de lavrar a sua terra, de estudar com seriedade.

Seria omissão grave, nesta despretensiosa dissertação, não chamar atenção para os seus belíssimos sonetos onde usa recursos novos e é de extraordinária mobilidade, conseguindo efeitos poéticos positivos.

E o Poeta que parece ter desembarcado da arca de Noé e descido à Planície para ajudar a criar as coisas simples com a água, o barro e o sal têm, na paisagem literária do Amazonas posição singular. Constroi seu mundo com palavras, usando-as com parcimônia e na plenitude de seus valôres totais. As coisas, por isso mesmo, têm para êle eloqüência própria, intrínseca, singela, substantiva.

Descobre-se haver recebido êle certa influência da poesia regionalista de Jorge de Lima, a quem dedicou um sonêto em sua memória.

"....

Cantando a voz de escamas, voz que role
do nascente ao poente, voz que deixa

vestígios de pegadas no tormento
das horas que me vêm nadando em sangue".

Viveu no meio de agitações políticas, mas sua poesia não foi tocada pela problemática social, não se constituindo em instrumento de luta.

Já tem escrito em verso, ao que sei, a Carta de Pero Vaz de Caminha. Pois bem, a sua mensagem poética é como se fôra uma nova carta a El-Rei, contando e cantando a planície recém-descoberta.

Poeta Elson Farias :

Sinto-me extremamente feliz em dar-vos a mão amiga para introduzir-vos na Academia Amazonense de Letras.

Sois um simples. Tendes a tranqüilidade do lago e na alma o mistério do perau, onde não dá pé para ninguém, é morada do mistério. Sois um poeta consciente de vosso ofício.

Poderíeis repetir Cecília Meirelles :

"Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste :
Sou poeta".

Recebo-vos, não com palavras solenes. Recebo-vos com o coração aberto, a mesa posta, sem requintes. É para receber amigo.

Armai aqui a vossa tenda. A água e o barro serão cozidos ao calor da amizade profunda dos vossos novos companheiros.

E hoje, para esta Academia, o seu ingresso representa um amanhecer, onde a festa é alegria da claridade, a mensagem é a esperança do bom trabalho a fecundar a terra.

Sêde, pois, dos nossos pela arte e pelo coração.

CADEIRA 31 (Raimundo Monteiro)

ABRINDO OS TRABALHOS

DJALMA BATISTA

Declaro abertos os trabalhos da sessão solene da Academia Amazonense de Letras, para a posse de Sebastião Norões, que inaugurará a cadeira nº. 31, patrocinada pelo poeta Raimundo Monteiro, que foi um dos fundadores ilustres desta Casa.

Sebastião Norões é o primeiro a se empossar, dos dez novos consócios que integrarão a Academia, com o aumento para quarenta poltronas, decorrente do novo Estatuto, ultimamente promulgado. A rigor já deveria ser de há muito, um dos nossos pares, mercê de sua inteligência, de sua cultura e de sua dedicação às letras.

Poeta modernista, não tem publicado tão "frequentemente" como sugere o título de seu livro celebrado com justiça. Os versos que escreve, porém, são consistentes, eurítmicos, e sobretudo belos.

Coincidentemente, patrono e recepiendário nasceram na mesma terra, a cidade madeirense de Humaitá, que é também o berço de Álvaro Maia, o príncipe dos poetas amazonenses. Eleito porém não empossada na Academia, nasceu ainda em Humaitá mais um intelectual, Plínio Coêlho, que é cultuador das Musas. Trata-se portanto de uma cidade privilegiada, que tem enriquecido, em gerações sucessivas, a heráldica mental do Amazonas.

Esta Academia tem procurado reunir representantes das diversas correntes de pensamento e das várias escolas que florescem no Estado. E' êste o seu papel, de incorporar os valores, estejam onde estiverem, quaisqúer que sejam os seus caminhos ou os métodos de se realizarem intelectualmente.

Por isto Sebastião Norões ficará bem ao lado de Américo Antony, como Elson Farias se situou à maravilha ao lado de Mavignier de Castro, para falar em alguns dos maiores poetas do Amazonas atual.

Mario Ypiranga saudará Sebastião Norões, em nome da Confraria. Êle é hoje um conspícuo antropólogo, mas em sua mocidade escreveu versos, e uma vez por outra ainda os escreve, sempre caracterizados por uma extraordinária beleza.

A noite é pois dos poetas.

Já não cabe mais a palavra de um homem de ciência, mesmo que seja o ocasional presidente da Academia.

De RAIMUNDO MONTEIRO e Da POESIA

SEBASTIÃO NORÕES

A NAMORADA PREDILETA

Quando foi a minha vida os melhores idos, aquela fase maravilhosa entre a meninice e a puberdade, tive muitas namoradas. Gostei de várias. Apaixonei-me de algumas. Namorei, por namorar, outras. Mas apareceu na minha vida uma paixão mais violenta, um amor mais puro, porque único. E a êsse amor me dediquei por completo,sem no entanto, desprezar os outros, como é natural.

Desde os 13 anos de minha existência, o cêrco da poesia se procedeu em mim de maneira inquebrantável. E só à poesia eu fui sincero, demasiadamente submisso aos seus caprichos.

Comecei então a rabiscar as minhas primeiras produções em verso. E tudo que dizia a respeito à grande arte e ao poeta, despertava em mim um interêsse incomum. Lembro-me de ter copiado à mão, todo o "Eu" de Augusto dos Anjos, porque na cidade em que eu morava só existia um exemplar, assim mesmo datilografado do livro que foi marco na literatura brasileira.

E fiz da poesia de Augusto dos Anjos, Antonio Nobre, Casimiro de Abreu, Manoel Bandeira e outros, uma espécie de bíblia de todos os dias.

Cresci assim. Fiquei homem assim. E a poesia comigo, acompanhando-me os passos, inseparàvelmente.

Li. Estudei. Tornei-me bacharel em Direito, como tôda gente.

Quero rememorar agora um vulto inesquecível e um pormenor que muito me serviu.

Quando ainda estudante de curso superior, estive morando, algumas vêzes, na casa de Emiliano Stanislau Afonso, figura honestíssima de magistrado e figura humana como poucas que se encontra na vida.

Pois Stanisiau Afonso, a quem rendo minha homenagem neste instante, sempre dizia para mim : "Norões, você que é metido a poeta, capriche e você ainda será membro da Academia de Letras".

Passou-se tempo. Um dia deparei-me num jornal com um edital de inscrição desta Casa, para o preenchimento da cadeira do poeta Raimundo Monteiro.

Lembrei-me de Stanislau Afonso. Lembrei-me de Raimundo Monteiro, que é filho do Rio Madeira. E nasceu como eu, em Humaitá.

E era, acima de tudo um poeta. E poeta de alta estirpe.

E, eis-me agora aqui ocupando a sua poltrona, graças à generosidade dos eméritos acadêmicos que se dignaram a sufragar meu nome nas eleições que se procederam para o preenchimento daquela vaga.

Estou deveras satisfeito por três relevantes motivos : 1°) por ter sido eleito para êste preclaro sodalício, onde conviverei com figuras das mais representativas da cultura planiciária; 2°) porque venho ocupar a poltrona de Raimundo Monteiro; 3°) porque terei Mário Ipiranga Monteiro para me abrir as portas do ilustre silogeu. Há u'a amizade de mais de trinta anos, ligando Mário a mim. Há, uma afinidade digna de registro : ambos professôres catedráticos de Geografia do Colégio Estadual do Amazonas. E há ainda uma admiração que eu tenho por êssse grande Mário Ipiranga Monteiro, poeta como eu, folclorista de mérito, historiador conceituado e um dos vultos que, inegàvelmente, dignificam e honram esta Casa.

O POETA : MAGO OU APÓSTOLO. UM PÉ NA TERRA OUTRO NO CÉU

É ponto pacífico para mim, levar, muito a sério, essa coisa maravilhosa que é a poesia. Tenho-a como ponto mais alto na minha vida. Sirvo-a com aprêço e respeito.

A terra sem a poesia seria monótona e insípida. É como se a natureza flôres não apresentasse. As cidades, as árvores. O homem, o sentimento.

"Tão admirável e quase milagrosa pareceu aos antigos gregos a ação da poesia que a compararam a um sôpro sagrado, a um entusiasmo, a um furor, a uma divina mania; e separaram os aedos dos outros mortais e os honraram como inspirados pelos deuses. "Assim é que se expressa o lúcido esteta Benedetto Croce.

Já o pensador italiano havia diito que a poesia é. por certo, parte integrante da história da humanidade que se veria mutilada e incompeensível sem os seus poetas.

Philip Sidney afirma que o mundo real é de bronze e só os poetas nos oferecem outro, que é áureo.

Os poetas são anormais, como anormais são os santos, os apóstolos, os videntes, os profetas e os anjos. Todos êles assumem na vida uma atitude tal, um excepcional modo de viver que jamais poderia ser tomado como normal. Normal é o homem comum.

E os poetas por serem anormais se aproximam muito dos santos, dos apóstolos, dos videntes, dos profetas e dos anjos.

Não temo dizer que os poetas possuem algo de santo, de profeta, de vidente, de anjo ou apóstolo.

E neste particular estou em boa companhia para expender tal conceito. Senão vejamos, com uma série abalizada de opiniões a respeito, proferidas por vultos incontestes das letras.

David Daiches, arítico e insigne ensaista de língua inglêsa diz : "O poeta participa do eterno, do infinito e do uno". "Em verdade a poesia é algo de divino. Os poetas têm não só procurado dizer o que possuem dentro de si mesmo, como procurado demonstrar o que querem dizer. O santo confirma a sua visão, marchando alegremente para o fôgo. O poeta, de maneira um tanto menos espetacular, prova a sua quando a submete ao fôgo da ironia — ao drama da sua própria estrutura pessoal — na esperança de que a chama a depure".

Adonias Filho, estudando a poesia do nosso Tasso da Silveira, exclama o seguinte : "Conquistando o eterno, trabalhando com elementos que existencialmente estão além da morte, o artista atravessa as fronteiras do Edênico — é um santo. E Strindberg diz que êxtase poético é um "État qui procure un bonheur indescriptible, une vraie béatitude tant que dure l'inspiratiion". Claudel diz que a poesia é "l'oeuvre de Dieu, qui fait la matière inepuissable des recits e des chants du plus grand poète comme du plus pauvre petit oiseau".

E é Renato de Almeida quem afirma : "A velha alma humana encontrou em Dante um guia, daí a dúvida de Petrarca, em lhe atribuir o poema cujo autoria julgava divina, não compeendendo como a inteligência pudesse compor tal obra, sem um dom singular do Espírito Santo".

Rimbaud, o exelso Rimbaud em "Lettre du voyant", considera Baudelaire **un vrai Dieu**.

Com a palavra de nôvo Benedetto Croce : "Achava-se Píndaro em inteligência e harmonia de alma, com esta poesia moral proveniente de Pitágoras e que havia sido declarada santa por Platão, plena, por inteira, de pinturas brilhantes e pensamentos graves com freqüência tão vasta e elevada que os primeiros padres da Igreja o acusaram de ter furtado a palavra de Deus.

Mas a grande poesia é um dom dos deuses que êles outorgam quando querem".

Arthur Rimbaud foi a seu modo um vidente, que procurou obter a nova visão e a nova ética do mundo renegando a lógica e a moral, abandonando-se à selvagem e desordenada fuga de todos os sentidos e a realização do perfeito **voyou** ou do perfeito malvivente, para tocar, através de uma experiência de tal espécie o último fundo da realidade".

Giuseppe Mazzini acha que o poeta é um apóstolo.

Schiller exclama : "poesia é a fôrça que atua de maneira divina, além e acima da consciência". E Banville : "poesia, é essa magia que consiste em despertar sensações por meio de uma combinação de som. . . êste sortilégio graças ao qual idéias nos são necessàriamente comunicadas, de uma maneira certa, por meio de palavras que, todavia, não as exprimem".

E vem Paul Valery e acrescenta : "o verdadeiro poeta é um mago".

David Daiches profere : "o poeta seria um possesso, que não se utilizava das palavras como os sêres humanos comuns, mas delírio, inspirado pelos deuses".

Platão desenvolve essa opinião mais extensamente no **Ion,** quando o poeta é apresentado como rapsodo, cheiro de inspiração, através do qual Deus nos fala.

E avança Philip Sidiney : "os romanos chamavam os poetas de **vates,** o mesmo que adivinho, vidente ou profeta e que a poesia tem qualquer coisa de divina está demonstrado pelos Salmos de David".

O céu é olhado com carinho pelos poetas. E o céu guarda os santos, os apóstolos e os anjos".

Neste sentido é opinião de Lamertie : "a poesia ininterruptamente em todos os tempos, procura impelir o homem na direção do céu".

E Chesterton afirma que "o poeta pede para introduzir sua cabeça nos céus. É lógico para quem procura introduzir o céu na cabeça".

Jaen Cocteau define o poeta como um homem que tem um pé na terra e outro nas nuvens. Se êle fincar os dois pés na terra, poeta deixa de ser.

Acredito que o criador de "L'Enfant Terrible" teve a idéia de céu quando falou em nuvem.

Um dos mais notáveis poetas metafísicos da Inglaterra, John Donne, declara que a poesia é como uma simili-criação e faz coisas que não existem, como se existissem.

A êsse propósito é bom que se observe o seguinte fragmento poético de Nietzsche : "o poeta capaz de mentir conscientemente, voluntàriamente, só êle é capaz de dizer a verdade".

Santo ou apóstolo, anjo ou profeta ou, simplesmente como diz Fernando Pessoa, o mais alto cume, juntamente com Camões, da poesia de língua portuguêsa.

"O poeta é um fingidor,
finge tão completamente,
que às vêzes finge que é dôr,
A dôr que deveras sente"

O fato é que a poesia, meus senhores e minhas senhoras, tem um dom de fascínio incalculável e neste fascínio fui envolvido de tal maneira que jamais deixarei de ser seu servo, obediente e constante.

UM EXILADO DENTRO DA PRÓPRIA TERRA OU UMA POESIA QUE, VINDO DOS MEIOS MAIS CIVILIZADOS, ESBARROU E SE FINOU NA SELVA.

Proclamei, bem há pouco, que Raimundo Monteiro era um poeta de alta estirpe. Criador de versos heráldicos, êle se portava na poesia como um verdadeiro nobre. E até o seu próprio físico era de um fidalgo. Como tal eu o tenho na minha memória. O momento em que eu o vi pela primeira e única vez, guardo com basta alegria.

Certa feita, pouco antes de sua morte, passava eu, na companhia de meu pai, de canoa, pelo seringal "Mirari", acima da cidade de Humaitá quando, olhando para o alto do barranco, vi um homem de idade avançada, de cabelos brancos aflando. Mas ereto e com o olhor dirigido ao infinito. Notei, de logo, que se não tratava de um simples caboclo e indaguei de meu pai quem era aquela pessoa que, a meu ver, deveria ser muito importante. E a resposta não se fêz esperar :

— É o poeta RAIMUNDO MONTEIRO.

Que era elegante e cioso de sua cabeleira de menestrel di-lo Martins Fontes, seu grande amigo e companheiro de boemia no Rio de Janeiro. Depois de uma noite de danças e bebidas, a turma do poeta santista, saiu, "doidamente cantando uma estrofe de la Bresse, ensinada a Raimundo Monteiro por seu amigo íntimo Gabriel Vicaire. Era assim :

De plante en pousse...
De pouse en fleur...
De fleur en graine...
De graine en vert...
De vert en mure...
De mure en coupe...
De coupe en cuve...
De cuve en verre...
De verre en bouche...

Já eram sete horas da manhã e continuavam naquela bailada louca, por todos os cantos do mercado municipal. Fiel ao aprumo da barba, feita ao amanhecer, fui ao meu barbeiro, que trabalhava no salão "Ideal", à rua dos Ourives... Raimundo Monteiro acompanhou-me. Sentou-se, fatigadíssimo e, instantâneamente pegou no sono. O fígaro que o ia servir, o célebre Guimarães, que tinha a mania de usar os pentes espetados na gaforina e só falava sôbre dolorosos assuntos domésticos, vendo a descomunal cabeleira de Raimundo Monteiro, que acreditava estar a força de sua inspiração concentrada na juba, não teve dúvidas : meteu a tesoura heróicamente. Quando me volvi e dei com Raimundo adormecido e pelado, estremeci de pavor ! Jamais, jamais Raimundo perdoaria atentado, desrespeito semelhante à sua fisionomia artística, máximo orgulho de sua individualidade. E enquanto, em zigzag, coruscando, êstes terrores me ensanguentavam o cérebro, Raimundo acorda ! Trémulo na orquestra ! Olha-se ao espêlho e não se reconhece ! Insiste, fixa o olhar, supõe-se demente, vítima de alucinações visuais, e pula da cadeira, e corre, e remira-se em todos os espelhos... De repente, avança para o Guimarães, toma-lhe os pulsos e berra : — Dalila. ! Dalila ficou três meses sem sair de casa, fazendo versos em segredo criando fôrças novas, encabelando".

Nascido aos 24 de outubro de 1882, na cidade amazonense de Humaitá, o poeta, oriundo de família abastada, estudou aqui no Brasil e na Europa.

No velho mundo, passeou Paris, com seu talento, sua elegância e sua boêmia, ao lado de Mendes, de Verlaine, de Albert Mérat e de Léon Valade.

No Rio de Janeiro, princípios dêste século, viveu intensamente a sua vida de poesia e de estúrdia, na companhia de Anibal Teofilo, Oscar Lopes, Goulart de Andrade, Coelho Netto, Olavo Bilac, Emílio de Menezes e outros. Chegaram até a formar um grupo que tinha o apelido de "NÓS, AS ABELHAS".

Era a grande e talentosa boêmia do Rio de Janeiro. O Rio da Confeitaria Colombo, onde se reuniam os poetas e escritores notáveis daquele tempo.

Martins Fantes que compunha, também, o grupo, elucida, admiràvelmente, a colmeia : "Neste cenário como poderíamos deixar de ser o que fomos ? Fomos cigarras ? Não, fomos abelhas doiradas, infatigáveis. As abelhas construiram em Delfo o Templo de Apolo. . . Nós, ilustramos a Confeitaria Colombo. . . A abelha era o símbolo de Minerva, divindade tutelar de tôda a sapiência. Tôda a divina Itália está repleta de abelhas. A idade média inteira está cheia de abelhas, mas a sua maior colmeia foi a Renascença".

Era a fase feliz. Raimundo, quando passavam aos sábados, as moças bonitas pela sua frente, atirava-lhes, às mãos cheias, pétolas multicores.

E é justamente dessa fase o seu primeiro livro : "Volutas". publicado no Rio de Janeiro em 1905. Em "Volutas" sente-se o poeta a esfuziar-se de lirismo intenso. É sobretudo o romântico a perpetrar o amor. É o livro da mocidade, estuante de vida. Vida que se repartia entre os estudos, o amor e a boêmia.

Êste livro de poesia traz o zêlo de Paris. Dessa Paris que marcou indelèvelmente Raimundo Monteiro. Logo no pórtico, depara-se cam os versos de Edouard Schuré :

"Le verbe chante en moi. . . mais nul rayon propice

N'a descellé ma bouche — Ô misêre ! Ô Supplice !

No bôjo, nada menos de cinco produções na língua de Flaubert. Raimundo Monteiro era exímio fazedor de versos em francês.

"Volutas" é um hino ao amor, exclusivamente. Pululam na obra, os nomes das enamoradas de Raimundo : Cecília, Tereza, Fani, Maria, Lizette e Ninon.

No poeta já se vislumbra o simbolismo, com o gôsto pelo emprêgo das maiusculas como em "Amantes Mortos", "A um

poeta e outras poesias. E, singularmente, Verlaine perpassa por essa páginas.

O livro é quase todo assim :
"Aquela cujo amor minhalma em vão procura
Anciosamente — a errar de ternura em ternura,
Como se procurasse em meio do deserto
Da Vida um poiso ideal de anêmonas coberto
Onde, exáusta, sonhasse esquecida dos males,
Melhor do que um pastor no retiro dos vales;
Aquela que me fôra um raro céu aberto
Numa aurora sem par de alacridade e pompa.
— Oculta num mistério o inviolável da Graça —
Não dá que de sua alma e de seu lábio irrompa
A carícia que menos infeliz me faça !
Idolatro, no entanto, essa Deusa sem nome
Por quem meu coração de mágua se consome
E loucamente crêa um mundo sempre em flôr :
— O Eldorado do Sonho, o Eldorado do amôr !
E nesta ancia febril de possui-la na Vida,
A todo o instante a vejo e em tôda a parte a sinto".
. . . . . .

O primeiro livro de Raimundo apresenta os primeiros arroubos poéticos e amorosos de sua mocidade.

Entre êsse livro de estréia e "As horas lentas", segundo e último do poeta, medeiam quase trinta anos.

Neste ultimo, Raimundo Monteiro surge na poesia, já senhor de sua magnificente forma.

E forma bem apurada do parnasianismo.
Ai se vê o poeta de corpo inteiro.
Aparece preocupado com a forma e a técnica da Escola.

Cresce, incontestàvelmente, a poesia de Raimundo, mas ainda se nota, em algumas páginas, a lembrança de Verlaine, de Samain e de outros simbolistas franceses.

Da simplicidade de "Volutas" chega-se à grandiosidade de "As horas lentas".

De fato tudo é majestoso no derradeiro canto do poeta. O vocabulário é rico. A forma é primorosa. Surgem os cantos reais, as baladas e os rondós, requintadamente burilados.

Eis :

"Aurora. Vermelhão de incêndio. Fogo e brados,
Ardendo no claror das chamas aurorais,
Como um louco tritão incandescente, o "Paes
de Carvalho" deslumbra os peixes assustados !

Circundando o vapor flamívomo, queimados,
Alucinadamente os ecos matinais
Despertando ao pavor de dissonâncias tais,
Morrem na grande luz, sêres desesperados !

Flamejantes florões festoando à tona da água,
Recordam, na ignição primeva, frágua a frágua,
Milhares de vulcões abrindo em rubros lises !

Alvorece. Ao rosear da antemanhã, lá no alto,
No longínquo azulor do céu que tanto exalto,
Vésper tem por brandão mortuário os infelizes. . ."

No mesmo diapasão excelem nas "Horas lentas" jóias de alto lavor, como : ESTÂNCIAS, VESPERÁLIA, ALEGORIA, NEVROSE, MEIO-DIA, SELENE, e AMANHECER NO AMAZONAS.

Depois de ter vivido a boa vida de Paris, ter gozado, plenamente, as delícias do Rio de Janeiro, Raimundo Monteiro volta, voluntàriamente ou impulsionado por converniências familiares, aos pagos onde nasceu.

E ei-lo, de nôvo, nos seringais do Rio Madeira :

"Volta, enfim, do sertão, desiludido, aquele
Que partira cantando à frente da Bandeira. . .
Da ambição, que levou, de andar a terra inteira
Atrás da Maravilha (o Amor a tanto impele) ,
Só lhe resta, ao fulgor das retinas, o mal
De padecer com arte a moléstia do Ideal. . .
Andou, por monte e val, sem bússula, a procura
das pedras verdes-entrevistas no sol-pôr. . .
E tantas encontrou. . . e tantas em loucura
Beijou. . . crendo beijar, triunfante, o seu Amor !
Incansável, porém, correu montanha e pampa,

E as florestas correu, incansável, na esteira,
Da Ilusão que o guiou para a planície escampa,
Onde se dispersou tôda a sua Bandeira !
Abandonando ao léu da vida tumultuária
Roto o gibão, frustrado o sonho, enfermo o aspeito,
Volta, enfim, do sertão, desiludido. . . E a vária
Cidade o aclama, enquanto abnegado no peito,
O herói vencido trás, dolente, um coração
Que amou em vão, sofreu em vão, bateu em vão. . ."

Poderia ter sido um nome nacional se tivesse permanecido na metrópole ao lado de Bilac, de Alberto de Oliveira e de Coêlho Netto.

Mas preferiu vir para selva, num exílio amargo, porém resignado.

As horas lentas e tristes que passou nesse exílio ressaltam de seu último livro, a começar pelo título. E mais pelos poemas : DERRADEIRO ALENTO, EPINÍCIO, PRESSENTIMENTO, CANTO REAL DA ÁRVORE, A QUE PASSOU, DESILUDIDO, NOITE MORTA, SAUDADE, SONHO EXILADO, NO RIO MACHADO, DESALENTO, MIRARI, HIBERNAL, e CREPÚSCULO DE SÃO FÉLIX.

"Neste exílio meu, soturno e agreste" passou os dias o poeta.

Tempos depois, exercendo a função de notário público vem a falecer, aqui em Manaus, no dia 20 de junho de 1932, quase esquecido, aquêle que foi um dos pontífices das letras amazônicas e fundador dêste respeitável sodalício.

Poderia, meus senhores, estender-me muito mais a respeito de Raimundo Monteiro e de sua obra. Por enquanto julgo ter dito o suficiente para dar cabal cumprimento ao estatuto acadêmico.

Pelo exposto creio estar o meu ínclito patrono dentro daquela categoria humana opontada na segunda parte dêste discurso.

Raimundo Monteiro foi um mártir que se deixou imolar, dentro da Jangla misteriosa e traiçoeira, legando uma obra que merece revisão e reabilitação.

E quanto a mim, parodiando a Mário da Silva Brito, confesso ao aqui chegar :

Pertenço à lua e ao chão. Mas pertenço sobretudo, ao reino encantatório das palavras.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO A SEBASTIÃO NORÕES

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Sr. Sebastião Norões :

É-me sobremodo satisfatório o encargo de receber-vos nesta Academia, e ainda mais jubiloso fico diante da oportunidade duplamente esplêndida, que se me oferece, de repetir conceitos firmados acêrca da vossa poesia e sôbre a poesia de Raimundo Monteiro, vosso parente próximo e acaso meu longínquo parente.

De Raimundo Monteiro posso falar sem modéstia, que o conheci bem, mas não familiarmente, quer no seu apogeu, das rodinhas do "Café Itatiaia" ou das tertúlias diárias na porta do tabelionato, à rua do Marechal Deodoro. Não encarnava nem de longe a tipologia clássica do poeta que sugerem os seus versos heráldicos. Ninguém que o visse, opulento e forte, sem melenas esvoaçantes, diria dêle que encarnava o verbo triunfal enamorado da Beleza e da Vida !

Não faz muito, li em René Wellek a discussão do processo de dependência do autor-obra-de-arte, ou como se deseje, a literatura genética. Raimundo Monteiro em hipótese alguma impressionava pelo exterior e qualquer pessoa que o visse o tomaria por uma réplica deslocada daqueles pacíficos burgueses dos contos de Maupassant. Era um cidadão de gestos tardos e de parola singularmente medida, — um contraste com o aspecto individual. A teoria das "compensações" poderia encontrar nêle um padrão, se valesse a pena justificar seus infortúnios discutíveis, aparentemente comunicados em alguns versos, alguns apenas, não todos.

Foi sob as primeiras impressões de leitura dos seus dois livros que em 1938 aventurei aquela prentensiosa página titulada "A Musa Heráldica de Raimundo Monteiro", acolhida na revista "A Selva", de Clóvis Barbosa. Na aportunidade não possuía experiência bastante em ordem a discutir determinados aspectos do processo criador nem a corrente a que se filiara o bardo já então falecido.

Mas recordo que andei sugerindo estreita afinidade entre a sua estética e o Parnasianismo, de maneira entendível, sem excedências. O seu Simbolismo, que o poeta Sebastião Norões elege, parece-me a mim um acontecimento suficiente, de vez que a "corrente" vem sendo hoje em dia muito visada pela crítica e submetida a severas restrições e reconsiderações da parte da análise fundamentalista. Dizer-se de Raimundo Monteiro que era simplesmente Simbolista não vem resolver o problema da categoria estilística, pois todo poeta é simbolista por tendência ou por dandismo. É o que ensinam doutrinadores do estalão de Martino, Bowra, Wellek, Trilling e quejandos modernos, acenando com o enfoque no mito e na metáfora. Especialmente enquadrado na classificação do filólogo rumeno Liviu Rusu, cujo oferece certa curiosa distinção dos tipos consagrados na literatura conotativa.

Ainda não consegui compreender por que se fala tão constantemente em "escola simbolista", quando o mais coerente seria admitir-se uma tendência simbolista, levando-se à conta que o símbolo jamais estêve afastado tanto da poesia como da linguagem comum. Daí o conhecimento urgente de duas tendências do Simbolismo : o "privado", afeto aos poetas ditos "modernos", e o "natural" ou "convencional", exaurido pelos versejadores do passado e que herdamos na literatura oral e escrita, na loqüela. Raimundo Monteiro e Sebastião Norões são ambos simbolistas, com uma área de significados diferentes, temporais, sem nenhuma filosofia jacente. Mas não é Raimundo Monteiro um Simbolista de Escola, apenas porque convergiu para determinados mistérios da Poesia. Não. O espírito, o caráter, a natureza da sua tendência deve ser perquirida numa província poética de configurações abstratas, de que surgem, informes a princípio, em tateios tímidos, os plurissímbolos aliviadores da tensão do "eu", dêsse "eu" constantemente projetado e que denuncia apenas uma fase lírica. Mas eu vejo nos seus poemas, além de tudo o que parece apenas exterior, um sentido de Humanidade, não dessa humanidade imponderável, mas dessa humanidade que constitui a preocupação do homem em si como coração e nervos, ternura e sofrimento, alma e máteria. Sem compromisso.

O que se espera, ainda, dêsse poeta maravilhoso que foi Raimundo Monteiro é um estudo exegético em que deixe bem caracterizada a estrutura do simbólico pelo isolamento dos elementos imagísticos e metafóricos. Só então êle estaria apto a ser definido como um chefe-de-fila no Amazonas, mas um chefe-de-fila sem epígonos. Gloriosamente só.

O que me ocorre no momento é preciso e oportuno. Suspeita-se de Raimundo Monteiro que haja recebido poderosa influência de Verlaine, ou quando nada da sua forma estética exterior (e nada, mesmo nada, do substrato interno), o que seria mais vantajoso e coerente, se esta insinuação não aparecesse prejudicada pela recente teoria da estratificação literária, a qual possibilita maiores prospecções no território da análise cartesiana.

Não se nega aqui nenhuma negação ao fato corrente e rotineiro de certo literato ou determinado escritor (que são coisas diversas em técnicas de estilo e de perspectivas dirigidas) — sofrer influência dêste ou daquele criador, tendência ou maneirismo. Mas, judiciosamente, não sugerimos a ocorrência de ubiquações entre a maneira de sentir de um e a de expressar de outro, válidas apenas as exteriorizações, aqui e ali freqüentes. O mais que podemos liberar, no sentido de justificar uma aproximação, ou como se deseje — uma influência, é admitir uma projeção paralela em têrmos antropológicos e raramente uma convergência. Todavia, é bom que se fixe isto : a convergência existe em ambos os poetas, trate-se de Verlaine ou de Raimundo Monteiro, mas individualmente, como duas águas bastantes que fluíssem de manadeiros distintos para uma calha comum. E acontece que ambos poetas não se fizeram em cima de uma pretensa escola Simbolista, devotos de um mesmo credo. Em ambos se conota a indecisão, impossível de negar, mesmo sacrificando a linguagem convencional.

A inclinação fácil para extrair subordinações sob a rubrica de paralelismos ou integrações é severamente condenada pela crítica moderna, sòmente justificada quando se opera um estudo em profundidade, que se chama análise, nas obras de dois ou mais autores, servido o prospector de uma dialética menos ornamental e mais positivista, além, já se vê, do necessário cabedal de cultura, que possa colocar o crítico a cavaleiro de qualquer predisposição. É o que ensina Adolfo Casais Monteiro e o que a lógica racional exige. No entanto, diga-se de passagem, — o que se vê ordinàriamente é o nocivo, é a ligeireza acaciana com que determinados censores se permitem tiradas opiniáticas a propósito dêste ou daquele autor, sem explorar-lhes o sentido dirigido da obra, sem deterem-se no mais essencial e no mais requisitado, que não é apenas estilo. No mais, o que ocorrem são generalizações cabotinas, medíocres fraseados, ignorância extrema de fontes subsidiárias e pior, nenhuma consciência do valor intensivo e extensivo da crítica, dessa crítica que necessita ancorar-se em sistemas filosóficos, antropológicos, religiosos e sociais, visto que nenhuma obra-de-arte deixa de portar em si

mesma, como experiência dirigida ou não, as esferas de realidade aqui e ali implexas no condomínio da expressão ou da substância. Outros, à fôrça de preocuparem-se pelo formalismo, se perdem no aranhol de proposições e acabam encurralados, alvos de prêsa fácil. Foi o que aconteceu com as "correntes cruzadas" do sr. Afrânio Coutinho.

Temos o direito de suspeitar tôda vez que um crítico de arte ou mesmo um analista de obra-de-arte sai a campo para, num esmirrado linguado, proclamar a influência de Eça de Queirós sôbre Machado de Assis, ou vice-versa, sem que exiba as provas materiais e lógicas, que não se reduzem, meramente, a opinião pessoal — que o crítico não deve ter, mas deve extrair do conjunto de fatôres estéticos ou motivos dissorados da obra-de-arte.

Nula, portanto, é tôda crítica que abstrai da teoria do conhecimento e do seu propósito dirigido, também criador, e ainda mais pedagógico ou didático, as categorias de valor que importam no processo social, na economia, na estilometria. Daí a crítica e mesmo a análise da obra-de-arte constituirem uma escatologia científica que para ser nobre necessita e demanda cultura, habilidade, intransigência, intuição, vocação para a pesquisa e também o apossamento de uma técnica especial que não se traduz simplesmente pelo fluxo de palavrório. O crítico deve de ser como um detetive armado de lupa e de fita métrica. A comparação não é minha, é dos críticos.

Conseqüentemente, não estou pondo em dúvida o simbolismo de Raimundo Monteiro. Acredito mesmo que da sua permanência em Paris, naquele agitado fim-de-século, muita coisa a sua capacidade recepetora jovem assimilou e o talento predisposto movimentou, acelerando o processo de construção do seu universo estético. Um artista pode dar-se ao luxo da perplexidade face à explosão do novidadesco — embora eu não acredite na novidade — sem ser necessário um mentor. Seria até ocioso pensar o contrário. Mas também não é ignorado que o autor da obra-de-arte se torna pífio subserviente quando se agarra como carrapato-de-anta ao seu mito. Às vêzes se torna até um hóspede indesejável. Estereotipa-se, banaliza-se. É o que acontece com certos poetas e contistas "suplementares".

Ora, eu não peco por desacreditar que Raimundo Monteiro houvesse, de pleno, se abastecido no surrão vadio de Verlaine — um poeta que se despejava do Decadentismo parnasiano sacudindo as penas úmidas do mel himético e entrava a furta-passo na errôneamente chamada Escola Simbolista, — uma categoria que não deixa de ser fronteiriça e que não perdeu o nexo umbelical. Uma tendência, apenas uma tendência e não

uma "escola", e da qual nem Baudelaire e nem Verlaine, nem Rimbaud e nem Mallarme apareciam na qualidade de inovadores, mas apenas de herdeiros dos epítetos ornamentais do passado. Mas o mito era outro e não é por acaso que se chamava Edgard Allan Poe, tipo "demoníaco anárquico".

Para um Mallarme saudosista do passado, nada melhor do que a leitura de "O pensamento secreto de Mallarme", da autoria de Arturo Marasso, com enfoques na literatura latina e uns plagiozinhos inocentes de Vergílio no belíssimo "O dom do Poema". Apenas uns plagiozinhos bastante verificáveis, sem que o dualismo dêsse poeta barulhento perca a trilha de outras criações contemporâneas onde bebeu a furtadela e enfartelou-se até a degeneração. Mallarme, como outros de sua têmpera, foi buscar nos misteriosos arcanos da filosofia e da ritualística egipcíaca o material para a construção da sua obra-de-arte, mas sòmente agora é que a análise prospectiva está pondo a nu a sua recriação que deixa de ser genial, pôsto que malandríssima. A diferença que há entre êsses simbolistas verdadeiros e originais e Raimundo Monteiro está em que êste fêz caso omisso do substractum filosófico, fiando-se apenas nas experiências individuais.

Digamos simplesmente isto e diremos tudo: Raimundo Monteiro viveu a época — passe o lugar comum —, saturou-se no fluxo literário em voga, exercitou-se num simbolismo híbrido, coágulo de melismo localista e de parnasianismo triunfal, êle o egrégio cantor dos meus rios e das minhas árvores natais, — êle um poeta meio romântico, para quem a paisagem continuava sendo, ainda, um doce refúgio, o "locus amoenus" propício à contemplação, transcrita não por necessidade imperiosa da estesia, mas por imperiosa necessidade carismática. Não é precisamente essa contemplatividade que o desloca totalmente para o plano axial do Simbolismo dogmático, e sim o "eumismo".

Não compreendo um Raimundo Monteiro fielmente simbolista com ares de heráldico trovador, marcando o compasso do metro como se tangesse a rota medieval. E acontece que à falta dêsse instrumento de comunicação, várias de suas produções foram musicadas pelo maestro Donizetti. Mas isto corre numa outra linha de preocupação, que, sem compromisso de nossa parte, e apenas como sugestão passeira, vai coincidir, sem intenção? — com a forma medieva do "trobar leger". A outra face do acontecido está na própria obra do poeta, quando êle ressuscita, passim, vocábulos que estão fora de curso e até mesmo, acredito, fora do conhecimento de críticos singulares, e que, na aparência, dizem respeito ao ciclo trovadoresco.

Pois, em 1938, nos três longos artigos publicados nas edições de 15 e 30 de abril e 15 de maio de "A Selva", com tôda a minha inexperiência eu considerava numa passagem que releio gostosamente : "Sonharia com êsse sofrimento diuturno, por que desse, à sua última cantilena egressiva à primavera romântica do seiscentismo, a flor maravilhosa da fidalguia e da graça ?" Não quero negar que me deixei conduzir, naquela altura, pelos vinte anos de Raimundo Monteiro derramados no simbólico de "Volutas". Mas também, já àquele tempo, eu padecia da suspeita de que o seu lirismo confidencial havia procedência romântica, suspeita confirmada agora. O êrro de muita gente é esquecer que o romantismo nunca deixou de ser humano de passo que decaiu como "escola", se é lícito ainda se falar em "escolas". Isto me lembra a anedota do crítico de arte Parrington, citada por Lionel Trilling, o qual considerava a literatura dividida em três períodos distintos : pré-romantismo, romantismo, e pós-romantismo. E mais nada, o que, em suma, significa o não recesso do romantismo, que outros situam a partir do século XVI.

Não me estou permitindo desacreditar no símbolo ou no simbólico, pois sabemos que o símbolo fazia parte do chamado "trobar clus" ou seja da poesia misteriosa provençal, com enfoques no hermético. Por isto tudo é muito fácil conciliar o simbolismo metafísico com o simbolismo racional, mas duvido muito que, à mão tôdas estas constelações de valôres apropriados ou supérfluos, se possa pleitear uma relação de causa e efeito, ou pelo menos uma causa causada em que as soluções claras e objetivas fôssem situar-se no conflito de jurisdição do Parnasianismo com o Simbolismo formal. E acontece que Raimundo Monteiro era um erudito. Não perleúdo nem livresco, a julgar pela sua animosidade ao gênero prosaico, se tem valor uma confidência do escritor Péricles Morais. Mas sou testemunha de que sua biblioteca, pequena quando a conheci, pois já havia sido desbaratada, bastava para julgar das suas preferências. Lido no francês, que falava e escrevia, pode-se conceber a amplitude de conhecimentos que lhe servissem ao ofício de artífice do verso. Não admira, portanto, que a sua obra-de-arte responda, direta ou indiretamente, aos influxos da leitura, da meditação, das experiências. Mas não lhe encontro uma vinculação, mesmo remota, com os mistérios da filosofia ou da religião, como seria de esperar num simbolista de influência francesa daquela época áurea. Neste particular êle ficou distante dos possíveis mestres. Satisfaz-nos, por isso, acreditar que a sua simpatia pelos símbolos não vem, exclusiva e temporalmente, de influências de poetas franceses como Verlaine, Mallarme ou Rimbaud, e sim, e não

exclusivamente também, de mais longe, de muito mais longe, da oferenda gratuita da terra encharcada de sol e de água, onde, intemporalmente, as lendas eternas florescem nos mais formosos e nos mais influentes símbolos que a mente capta e grava a partir das experiências pueris. Neste ponto se pode aproximar Raimundo Monteiro de Rimbaud, mas ambos se distanciam também quando se encara corajosamente a mediocridade responsável do francês nos bancos escolares, preferindo a aventura, a liberdade, a vida com os seus complementos de implicações amorais.

Do evidente caráter simbólico da poesia de Raimundo Monteiro guardam-se umas que outras expressões que não apontam exclusiva e abusivamente para o Simbolismo dogmático, desde que por símbolo se entenda uma categoria de imagens que diverge em estrutura e substância, como ensina Benedeto Crocce em "A Poesia e a Literatura", e repete em "A Poesia" e no "Breviário de Estética". Simbólicos são a maioria dos poetas e até mesmo certos artistas da prosa, mas entre a "escola" simbolista dogmática — passe a referência sem valor — e um artista heterodoxo que não se pôde furtar ao nominalismo ontológico vai grande distância. A distância marcante entre o processo de captação do símbolo e a maneira de comunicá-lo sem que perca a sua autenticidade e se corrompa mediocremente. Daí a exigência cada vez mais preceptora de ordenação do símbolo em jerarquias de valor intrínseco e estético, não os encipoando rigorosamente nem ao corpo das imagens nem ao corpo das metáforas. E advertindo-se, todavia, de que os tratadistas ecléticos consagram, para valer, duas classes de símbolos : os monossímbolos e os plurissímbolos, que é como quem diz, à justeza, que o poeta possui tendências variáveis para explorá-los na medida da expansão do seu universo poético, ou do momento crucial do parto ontológico. Todavia, não devemos confundir apressadamente o armazenamento anárquico de símbolos, como se fôssem secos e molhados de espelunca, com a grandeza maravilhosa do verdadeiro símbolo explorado pelos talentos de Rimbaud, de Mallarme e quejandos. Mas os artesãos "suplementares" julgam que fazer poesia simbólica é isso de surripiar vocábulos a qualquer dicionário e dispô-los vistosamente em prateleiras de versos. Racional e màgicamente, todo símbolo é obrigado a possuir seu nexo, que não é sempre aparente e obriga o crítico-analista a mergulhos profundos em busca do sentido oculto. Logo mais ofereceremos um exemplo em Raimundo Monteiro, com respeito à palavra "loto".

Na oportunidade queremos deixar confirmada a nossa sugestão, não opiniática, a respeito da presença, não todavia

perene, de símbolos nos poemas de Raimundo Monteiro, quer se trate do breviário da mocidade — "Volutas", ou do livro da maturidade — "As Horas Lentas". Em ambos a constante nominalística predomina, mas os símbolos verbais são mais flagrantes, quase linha-à-linha, numa sucessão explosiva de pirilampos a iluminar as unidades de sentido. Um vocabulário especial, a serviço do artista preocupado, permite-nos aferir, por comparação e não por processo de definição, as tentativas pendulares, demonstrativas do enraizamento do poeta à gleba, aos chãos molhados do seu misterioso Madeira.

Conote-se, de passagem, que Raimundo Monteiro não oscilava entre o caráter urbano e o rural, como é de praxe no poeta sem noção de equilíbrio eustático, mas deixava-se arrastar muito ternamente para o rural e o doméstico (que pode ser urbano também), tal o seu rio arrasta uma ilha belamente...

Eis um exemplo, um só exemplo de quantos pontificam afirmativos na obra-de-arte do poeta :

" — E nem sequer colhi as ninféias lacustres

— O loto e o matupá que a lua, em seu transporte,

Ama com o puro amor que eu sempre te votei..."

A associação perdulária de certas categorias prosoponímicas : a ausência, aqui, de assíndetos : e alhures de polissíndetos : a revocação de epítetos ornamentais : as aliterações : cabo-rôto : paranomásias, etc., transferem-lhe, por suposto, uma singular nostalgia de paisagens distantes, de coisas indefinidas mas não indefiníveis, de nomes-mitos, de lugares abstratos, de eventos líricos que nunca jamais foram propriedade exclusiva do Simbolismo dogmático e sim, muito pròpriamente, apesar de tudo, da poesia intemporal, do romantismo com ou sem escola.

Quem associa o loto oriental — flor romântica de românticas possibilidades eurísticas ao provinciano matupá, que é rural, não perdeu possìvelmente o contato com os pagos. É como quem está com um pé na terra (verossímil abstrato) e o outro nas nuvens (realidade inverossímil), como diria o poeta Sebastião Norões na sua fala acadêmica. Certamente que há muito que investigar na poesia de Raimundo Monteiro, mas aquelas duas flôres que aparecem citadas no trecho acima não estão sem motivo transcendente. Possuem, ao revés, um sentido metafísico que a "lua" ajuda a complementar. O loto, como se sabe, era a flor mítica dos egípcios e possuía um significado puramente hermético : a noite negra, como a "rosa" era a luz ou a chama de onde surgia a Esfinge. O tema foi bastante explorado por Mallarme,

dado às ciências herméticas. Continuo afirmando que há muito a explorar na poesia de Raimundo Monteiro, mas não sabemos até onde chegaram as suas vinculações com a metafísica oriental e mesmo regional. Há, todavia, no verso citado, uma alegoria pendular, um nexo indiscreto entre a realidade exigível e a fantasia não desprovida dos seus contextos dinâmicos. Sôbre tudo isto, uma atração irresistível da paisagem, forçada por aquêle telurismo romântico que sacode os nervos do poeta. Eis porque ando duvidoso dessa ancoragem definitiva e absoluta de Raimundo Monteiro — o poeta da melancolia e da dúvida, o cavaleiro andante da Incerteza, o bardo dos Cantos Reais, o trovador imperecível, o coletor dos mais altos e mais nobres símbolos que a sua terra e a minha terra lhe ofereceram em escanção. Todavia, se foi êle um derrotado, ainda encontrou fôrças latentes para gritar :

"De pé, na solidão das ruínas, sôbre o escombro
Do que eu podia ser, ainda bendigo a terra
Onde amei e sofri pela primeira vez. . ."

E não era a França que êle bendizia, nem era muito menos a terra física, mas a Poesia.

Sr. Sebastião Norões :

Eu vos devo, agora, duas satisfações e um agradecimento. Na apresentação que escrevi para o vosso livro "Poesia Freqüentemente", situei o rio Madeira entre as grandes áreas de projeção da cultura regional. Não o fiz sem propósito nem motivo. Se é verdade que a História é menos filosófica do que a Poesia e menos detalhadora : se é verdade ser ainda a História que se ocupa do passado e a Poesia do presente-futuro ou sòmente do futuro, ao menos tive a consolação de saber que os homens-poetas se ocuparam mais do rio socializador do que pròpriamente os cronistas de fatos pregressos. Então surge o rio Madeira como um verdadeiro centro de interêsse comunicante, desencantado pelas gestas dos seus poetas trilhadores ou pela poesia dos seus romancistas pioneiros. Não estou apoucando o mérito de outras gentes não menos interessadas no descobrimento e na revelação, mas a maior paisagem, a mais clara, a mais aberta, a mais fixadora de impressões agradáveis, é, sem sombra de dúvida, aquela em que nasceram as mais nobres expressões da poesia (incluindo-se o romance, a novela e o conto), representadas em Raimundo Monteiro, Francisco Galvão, Álvaro Maia, e atualmente vós.

Na minha terra, que é vossa também, existem dois rios, sagrados por filiação histórica e consagrados pela revelação experimental : o Negro, em cuja solidão escura os ancentrais ainda batem nas noites misteriosas os seus torocanos de guerra e as virgens aguardam as oferendas verdes. E o Madeira, onde a civilização plantou mais depressa as botifarras conquistadoras. Ambos, os dois, ilustraram a História, e ambos, os dois, representam áreas de interêsse cultural. Mas se o Negro ainda é o rio da Buiúna e das suaves lendas de encantamento, o Madeira, por diverso, ganhou mais rápida projeção como a estrada da economia pioneira, e sagrou-se nas entradas dos traficantes de guaraná e do cacau, traficantes que vinham empós dêles desde os plainos bolivianos e desde as selvas de Mato-Grosso. Isto não implica numa negação da herança moral aberta em perspectivas aliciantes, da zona madeirense. Mas acontece que a região não teve um Alexandre Rodrigues Ferreira, um Enrique João Wilkens, um Max Robert, um Stradelli, um Antônio Brandão de Amorim, um Barbosa Rodrigues, um Koch-Grünberg, — verdadeira constelação de inteligências postas a serviço da coleta e divulgação das lendas e costumes do rio Negro. De passo que o Madeira, até onde me é lícito comprovar, sòmente agora — e como me regosijo com isto ! — sòmente agora, dizia, encontrou em Álvaro Maia o maior dos seus intérpretes.

Por isto tudo é que eu vejo naquela emprêsa um primeiro motivo para que a literatura erudita se desenvolvesse com mais liberdade na área de maiores perspectivas econômicas, pôsto que não esteja interessado em discutir demasiadamente a ascendência do econômico sôbre o literário como causa e influência, guardadas as condicionantes naturais. Todavia, é bom que lembremos dois fatos importantes : são originários do rio Negro os primeiros poetas amazonenses e o primeiro poema epopéico escrito em língua Mura. Mas sempre será o rio Negro o maior repositório da literatura oral-popular, origem, no espaço e no tempo, da literatura escrita.

Elegemos o rio Madeira como uma das pátrias dos mais destacados representantes da cultura amazonense nessa questão duvidosa das áreas culturais, não pela quantidade de cerebrações mas pela importância radical que tais cerebrações tiveram e têm na valorização da cultura.

Ê êsse rio Madeira um rio de função social, um rio para o qual se voltaram desde cedo interêsses de tôda ordem que possibilitassem o seu maior conhecimento. Claro, pois, que seus filhos se deixassem dominar por influências díspares e que, para exalçar a sua grandeza prevalecessem critérios exorbitantes na

estética, como aquêles maciços Cantos-Reais de Raimundo Monteiro ou como os poemas cósmicos dêsse coboclo barranqueiro que é Álvaro Maia, sem dúvida ainda um dos nossos maiores poetas e sem dúvida também oscilando entre o rural e o urbano-doméstico, mas, de qualquer modo, telúrico.

Sr. Sebastião Norões :

Anotei, como excurso da vossa menage, a incidência daqueles critérios específicos tantas vêzes chamados à discussão na análise fenomenológica da obra-de-arte : refiro-me à anormalidade e à mentira do poeta. Certamente a questão que envolve a personalidade do criador foi posta na berlinda já ao tempo de Aristóteles e de Platão, mas sendo anterior a êles em têrmos de mitológico-religioso ou de político - cultural. Evidentemente não cito êsses autores por diletantismo, mas para que se observe a antigüidade doutrinária ou secular de certas perspectivas na crítica ou na análise, persepctivas que nos colocam à vontade para discutir a razão e a sem-razão, digamos científica, do fato.

No vosso discurso considerais os problemas de passagem, claro, mas insisto, com a devida vênia, em trazê-los à superfície porque há, concomitantemente, certas confissões em Raimundo Monteiro. Êle também, influenciado ou não pelas correntes naturais do pensamento determinista (e foi o meu êrro de julgamento em 1938) convocou a sua neurose e a sua mentira, não sabemos se com motivo ou por mera fidúcia. Citemos as "confissões" em "As Horas Lentas" :

"Para a estesia, para a neurose do artista,
Nesse langue momento, eras a Perfeição !"

Eis a segunda :

"Não quero mais que profiras
Amuada, e cheia de encanto
Grave, que em meus versos canto
Mentiras."

E a terceira :

"Depois que o meu amor em estâncias fulgura,
Cada verso é um gemido e uma angústia secreta. . .
E na pausa feliz de uma inútil cesura
Arde o anseio e flameja a loucura do poeta !"

Sôbre mentiras a confissão não é direta (apenas transferência conceitual), me parecendo destituída de envolvente interêsse como documento capaz, mas fica a citação.

É verdade que surpreendemos na obra-de-arte de Raimundo Monteiro, aqui e ali, explosões de ressentimento contra a sua própria denominada "covardia" ou sua "infelicidade", ou seus momentos de dúvidas, apreensões, angústias, um tônus bastante expressivo, mas nem sempre argumentável, de lirismo romântico, êsse lirismo romântico que os maiores simbolistas franceses não puderam ou não desejaram evitar. O endopatismo pode ser entendido de duas maneiras e não somos nós capazes de negar as crises que porventura haja sofrido como Homem. Mas creio que êle se referisse também a uma falha na sua ascenção, a inevitável perda de um objetivo adrede fixado e jamais aquela atitude masoquista que se costuma perceber nas mentiras dos poetas, segundo a interpretação psicanalista na Literatura.

Todavia, não acontece êsse autoflagício permanente em Raimundo Monteiro, quero dizer, não fêz êle de algum possível desastre a regueira para escoamento dos versos. Tôda a sua angústia possível e admissível se estrela de encontro a um degêlo anímico e se espande em vibrações de luz, de alacridade festiva, de fixação sexual, de amor idealista ou material, de namôro pagão com a natureza amazônica de que foi sincero apologista, foi mesmo não sòmente devoto mas também oficiante, se considerarmos certas apologias ao abscuro

Mas... e a neurose? Ou como insinua o próprio Freud, a anomalia? Ela não existe como desculpa de genialidade, ou pelo menos a sua vigência e autenticidade não explicam de nenhuma maneira o gênio criador. Se explicassem o reverso da implicação seria um estímulo para todos os neuróticos consabidos, mesmo os pobres analfabetos de nenhuma escola. Já o mestre Lombroso pretendera o mesmo no seu famoso livro "O Homem de Gênio", doutrina perniciosa cuja falha foi abastecer-se êle por demais e indiscriminadamente no configuracionismo patológico. A discussão dêsse dogma falso se pode também acompanhar com proveito bastante no esplêndido livro de Lionel Trilling — "Literatura e Sociedade", em que não se nega a participação da neurose ou anormalidade no poeta ou romancista, mas se coloca o problema nos seus devidos têrmos. Conseqüentemente, não se pode admitir como tese a anormalidade congênita do artista na literatura e sim exemplos excepcionais que em hipótese alguma podem constituir regra geral. O que deve de haver, e há mesmo, são oscilações pendulares que justificam êsse ou aquêle sintoma de angústia, natural até porque o homem é um animal

digno do sofrimento, sem ser necessário vincular uma confissão passional ou atos amorais, ou uma alusão fortuita ao capítulo escabroso da loucura.

Sr. Sebastião Norões :

Não devemos esquecer que viestes das tardias repercussões que tiveram as insurreições literárias havidas no mundo em 1917, no sentido de "modernizar", e que culminaram no Brasil com a Semana de Arte Moderna, em 1922. Fostes, no Amazonas, uma espécie de pioneiro. Não bem pioneiro exclusivo, mas formastes à ilharga dos que atuavam de vanguardeiros, dirigindo a agressão contra o passivo Parnasianismo e o Simbolismo. Agressão que obteve reação instantânea, mas uma reação que se expressou pela gozação. Guardo ciosamente na minha livraria particular o folheto, veículo dessa reação diferente. Chama-se êle : "O Homem que Engoliu o próprio Sonho". E leva como subtítulo : "Literatura como a concebo". É uma impiedosa sátira, aliás sem valor estético, contra as pregações barulhentas de Mário de Andrade, quando estêve aqui em missão de catequese do movimento. Uma catequese que não surtiu aparentemente nenhum efeito e que só teve um mérito : revelar o romancista de "Macunaima" e o folclórogo erudito a quem devemos algumas pesquisas incompletas. Mas o mal da reação foi precisamente os homens de cumieira não estarem preparados culturalmente para admitir o sentido de renovação que a plêiade "modernista" pleiteava, embrulhando o aspecto estético-histórico do movimento com rótulos de nacionalismo verde-amarelo, antropofagia, etc. Eu sinto a verdade nisto, mas não devemos esquecer que um movimento que buscava novas inspirações na terra e precisamente valorizar a terra não poderia nem deixar de ser nacionalista (portanto algo romântico) nem de ser aplaudido pelas sadias consciências literárias. Todavia no Amazonas isto não aconteceu numa medida exata. Os seguidores da tendência "modernista" ficaram isolados, sem apoio, alvos de umas tantas críticas. Talvez no fundo houvesse uma razão para desconfianças de talentos surgidos, uma vez que a confusão estabelecida era grande. Isto porque no meio das vocações havia, inevitàvelmente, a improvisação, a ausência de conhecimentos básicos daquilo que se desejava obter na literatura : uma nova dimensão, uma estrutura, um nôvo nacionalismo, uma ignorância, por exemplo, daquilo que o talentoso poeta maranhense Sousândrade fazia sessenta e cinco anos antes do "modernismo" e que coincidia em muitos aspectos com Baudelaire.

No entanto, o que aconteceu com o poeta Sebastião Norões, com José Chevalier Carneiro de Almeida, Jaime Sisnando e outros mais, foi que ficaram comprometidos com a situação renovadora, alvos dos motejos dos que não compreendiam o movimento e dos que, pior, não compreendiam a Poesia. Mas vós, poeta, ficastes, não sòzinho, enfrentando a traição. Traição que vos impediu de ingressar nesta Academia há mais tempo, como se fôsse possível submeter a capacidade criadora do homem a regras e à exatidão trigonométrica. Quando circulou vosso livro "Poesia Freqüentemente", a atitude de muitos foi de repúdio, um repúdio que pecava principalmente pela ausência de interêsse em compreender que a Poesia não se restringe a uma norma externa de mensurações verbais e de regras. Falo de Poesia e não de Arte Poética. Mas vós tivestes boa acolhida na revista "Vitória-Régia", que eu e o pranteado môço Francisco Benfica dirigimos de 1931 a 33, e onde colaboravam com poemas "modernistas" Genesino Braga, Adonai de Medeiros, Ida Uchoa, Viloleta Branca, Martins Santana, Antônio Almeida, todos êstes mais ou menos atraídos ao movimento. É daquela época o vosso poema "Gigante que dorme", que não possui ainda a verdadeira expressão poética que adquiristes depois à custa de leituras, de experiências, de permanência na verdadeira província poética. Mas também não se poderia exigir mais, quando se sabe que o próprio movimento buscava um destino, oscilando entre tendências sòmente muito depois mais ou menos fixado. É precisamente essa fixação que eu discuto, pois vejo que o movimento literário de 22 não se preocupou demasiadamente com amparar-se numa tradição mais brasileira do que forânea, embora os corifeus tivessem buscado, com a pressa que exigia a "bandeira" penetrante, motivos e temas nacionais para justificar o verde-amarelismo, a antropofagia. Tivessem voltado as vistas para o exclusivamente nacional que estava à mão com a tempestade provocada pela poesia de Sousândrade, e não ficaríamos atordoados com a insatisfação, a desordem provocada pelo movimento àquela altura, e que o sr. Nilo Bruzzi relata de maneira especial.

Note-se que essa poesia de efeitos diversos, do poeta maranhense, é precisamente aquilo que veio a ser preocupação dos modernos, em certos limites. Quem quiser que faça a comparação, invés de usar textos de Pound ou de outros forâneos.

Claro é que todo movimento social se depura com o tempo, e vós abandonastes, como outros no panorama nacional, aquela primeira preocupação, ingressando no mais simbólico e no mais sugestivo. Não se interprete mal o que ficou dito acêrca do passadismo. Tanto no silabismo como no versolibrismo o poeta

de talento poderá sobreviver. E será melhor mesmo que um poeta deixe-se estar contando sílabas a ser medíocre no modernismo sem escola.

O que certos míopes não descobrem é que a matemática e a música conotadas no silabismo têm suas raízes precisamente situadas na filosofia esotérica, nessa filosofia em que se abrevaram Mallarme, Eliot, Fernando Pessoa e quejandos. E não é por acaso que a Poesia é Filosofia, no passado com maior ancoragem. Pelo menos uma filosofia da vida (à parte a Metafísica) onde o poeta vai buscar a matéria-prima. Portanto, automatismo psíquico ou cosmovisão suprarealista, a Poesia é una e eterna. Mas, realmente, não é nenhuma "escola", tendência ou maneirismo que empurra o artista da obra-de-arte para a frente, e sim o talento, a fôrça de expressão, a capacidade e o instrumento de comunicabilidade, a habilidade na exploração do tema, elementos que podem encontrar, vivos e atuais, em qualquer época e em qualquer lugar, em qualquer página ou em qualquer estímulo orientativo. E que necessita, igualmente, do seu complemento direto a que o crítico Adolfo Casais Monteiro chama de "nova capacidade de recepção" do público. O que não houve naqueles idos de 22 no Amazonas.

É por isto mesmo que Raul Castagnino apresenta, nos planos de evasão da Literatura, os polos sinfrônico e sincrônico. O conceito de limitação da capacidade receptora do povo não se esboça dentro de um critério ditatorial e a ninguém é vedado o privilégio de optar. O que não é verdadeiramente racional é a omissão. Justifica-se o fato de que tôdas as obras clássicas (nos dois sentidos) ainda encontrarem leitores e até copiadores precisamente pelo caráter de atualismo, de vigência, que muitas delas portam e pelo fato, também para não esquecer, de que o caráter do homem não mudou, como não mudam os estímulos, as angústias, a sociedade, os sentimentos privados. Daí essa constante busca da novidade, novidade que jamais estêve tão esquecida que o homem não a pudesse reformular.

Eis a razão por que a tendência moderna dos tratadistas é limitar ao mínimo e até mesmo anular de todo o critério abusivo das "escolas" e as datas inexpressivas que as fecham num parêntese constritor. Neste particular parece que a "Decadência do Oriente", de Osvaldo Spengler, possui validade quanto ao aspecto filiatório das culturas, incluindo-se a literatura, em relação a épocas distantes mas ubiquadoras, conformando-se no sincronismo e quiçá no sinfronismo.

Pôsto que a teoria spengleriana deva oscilar por excessiva distensão do problema no espaço e no tempo, a realidade histórica

adverte-nos de que o Realismo, o Naturalismo, o Psicologismo, o Barroquismo e outros "ismos" não possuem senão covancas fáceis de vingadas. E que realmente foram vingadas. Mas é precisamente nestes transportes que se verifica e não poderia deixar de ser assim — o atualismo de certas convicções ou melhor dito, o espírito de avaliação do fenômeno, a sua "constante" lei de equilíbrio e a sua melhor compreensão e análise funcional, o seu amadurecimento. Acrescida, já se vê, de notórias autonomias, de maior ênfase, e de, mesmo, algumas emancipações. É o que vejo na orientação moderna da Literatura como processo humanista universal de conhecimento, de penetração, de quanto pode fornecer a sociedade como tema ou o indivíduo como produto indeslocável dessa atmosfera social.

Na vossa poesia, sr. Sebastião Norões, não vos definistes senão umas poucas vêzes por uma consciencialização social, mas ficastes subordinado a uma projeção empírica intimista, que, "mutatis mutandis", converge para o egocentrismo. Êsse egocentrismo que invalidou de certo modo ao Parnasianismo perante o movimento chamado "modernista" e que, ainda mudando o que deve de ser mudado, não é precisamente o egolatrismo parnasiano. Mas forma de perplexidade diante do horizonte memorizado, captado em vários planos de conotações realísticas. Experiências vividas ou simplesmente visionadas, sem vinculação com a realidade subjetivo emocional. O ideal estético e um outro ideal simbólico. Em todo caso, me parece a mim, o pleno domínio da realidade pelo acessório indispensável do subterfúgio estético, ou seja, pela imagem. Como queria aquêle poeta latino Álano, imagem que Eça de Queirós reinventou. Mantenho, apesar de tudo, e corajosamente, as minhas impressões escritas acêrca do vosso livro "Poesia Freqüentemente", impressões que levaram propositadamente o título "Édipo e a Esfinge" e não me culpo de haver demonstrado, passo a passo, a existência de processos filiatórios na demanda de um comportamento na Poesia. Estamento e comportamento que existem apenas temporalmente, pois a ninguém é dado vaticinar sôbre o que deverá ocorrer daqui por diante, quando novos processos de dizer, de comunicação, sobrevirem.

Seria oportuno demonstrar as diferenças marcantes entre o Parnasianismo, o Simbolismo e o Modernismo canônico atuante. Enquanto se conota no Parnasianismo uma solução demasiado objetiva pela explicação e portanto para a inteligibilidade, no Simbolismo e no Modernismo, elàsticamente, se observa que o artista opera num plano de comunicação diferente, isto é, força o público a intuir. De outro modo, no Parnasianismo o leitor se

encontra apto a varejar as fronteiras do estético em que o artista se move. No Simbolismo o efeito é relativo, mas no Modernismo conceitual a densidade de comunicação é mais proibitória, obrigando o leitor, não raramente, a desistir de compreender. Mas o conteúdo não parece de tão difícil ininteligibilidade. Isto vale dizer que apenas a roupagem exterior de certa poesia moderna (que não negamos possuir virtuosismo) é que é espêssa, mas espêssa aos olhos míopes, à percepção falha que não lobriga o mundo interior além do estreito horizonte de sua própria receptividade, mas só o que está "presente" ou "objetivo", "inteligível" ou "fronteiriço". Daí a incompreensão de alguns para êsse potencial de ininteligibilidade conteudística da poesia do vosso livro citado.

Mas tôdas essas discussões derredor de "escolas" e de movimentos, tendências, etc., de nada valem, pois passa. O que é preciso mesmo, exigível, necessário, é manter viva a chama votiva da Poesia, pois é ela a única coisa que nós mortais ainda não corrompemos e pela qual nos depuramos dêsses conflitos cruéis que a vida nos impõe.

Sêde benvindo a esta casa, que se honra com receber-vos e tocar-vos a fronte com as láureas simbólicas da imortalidade. Símbolo desculpável, mas que possui o mérito de conciliar o útil — a Literatura, com o agradável, a vossa presença e companhia efetiva entre nós.

CADEIRA 40 (Paulino de Brito)

AO INICIAR A SESSÃO

DJALMA BATISTA

Ao declarar inaugurados os trabalhos desta sessão solene, congratulo-me com a Academia Amazonense pela aquisição do novo consócio Waldemar Batista de Salles, que aqui chega depois de uma longa peregrinação de devotamento à literatura e de amor à Amazônia. Não é um neófito nem uma esperança que esta Casa recepciona. e sim um escritor que conseguiu conquistar, palmo a palmo, o seu lugar ao sol, com muito esforço, grande paciência, admiravel humildade e bôa dose de inteligência. Não é um criador ou um inovador, porém um cultor das letras como veículo de idéias e sobretudo como meio de defender, propagar e interpretar a região.

Em Waldemar Batista de Salles admiramos o self made man, **que conquistou títulos universitários e postos de relevo, com estudo, trabalho e sacrifício; o jornalista fiel ao seu propósito e que há mais de 20 anos publica um artigo semanal na imprensa manauense; o autor de livros pacientemente elaborados e pensados, nos quais, quando discordamos de um ponto de vista, sempre respeitamos a honestidade e a superioridade com que o escritor o expõe e defende.**

Waldemar Batista de Salles foi eleito para a Academia já cinquentão e por uma votação expressiva de 20 sufrágios, como nunca tinha acontecido antes. Disputou a eleição duas vêzes, demonstrando o seu aprêço pela Companhia que o acolhe com simpatia e admiração.

Está designado para a saudação oficial o ensaista Mendonça de Souza, que tem esmiuçado com percuciência a obra do recepiendário e a do patrono, que é um amazo-

nense do maior renome Paulino de Brito, professor, prosador e poeta, que neste 1969 está fazendo 50 anos de morto. Waldemar Batista de Salles é o primeiro ocupante da cadeira Paulino de Brito, que tem o número 40 e foi criada na última reforma estatutária.

Como sucede com os santos e os herois, os poetas que souberam cantar e interpretar a alma de seu povo começam mesmo a viver depois que fecham os olhos, porque então a glória é alcançada em todo seu esplendor. E esta sessão de investidura de um novo acadêmico tem também o objetivo de celebrar a glória de Paulino de Brito.

Convido o acadêmico Waldemar Batista de Salles a pronunciar o seu discurso de posse.

O POETA E O GRAMÁTICO

WALDEMAR BATISTA DE SALLES

Chego a esta Academia Amazonense de Letras, nesta noite solene e festiva, com o espírito tranquilo e isento de vaidades, trazido e incentivado pela bondade de meus amigos.

E trago para a ilustre Confraria das letras amazonenses, nesta hora estelar, os olhos ainda cheios de paisagens e admiração imensa pela terra dos grandes rios e também de Ajuricaba.

No prefácio do meu último livro, "O AMAZONAS — o meio físico e suas riquezas naturais" — afirmei que escrevia aquele trabalho com profunda admiração e respeito aos homens, mulheres e crianças que, no interior do Estado, enfrentam as intempéries da natureza, as hostilidades do meio físico e as doenças, lutando, cada dia, pela conquista do pão, no trabalho árduo e fecundo do extrativismo e do amanho da terra. E ainda em homenagem àqueles caboclos que, nascidos às margens dos rios, povoam o Amazonas com alta dignidade, no sentido de integrar a região na realidade brasileira, sem fanfarras, sem músicas e sem encenações.

Êste é o primeiro sentido de minha presença entre vós, ilustres Acadêmicos, como uma homenagem sincera ao Amazonas, às suas paisagens, ao esfôrço de seus filhos, nesta região equatorial e úmida.

O outro impulso, orientado pelo coração e pelas lembranças, é o de trazer a esta Academia, onde pontificaram espíritos elevados e ilustres, como de Adriano Jorge, Péricles Moraes, Álvaro Maia, Jonas da Silva e outros, de saudosa memória, a minha colaboração simples, amiga e sincera, a fim de que se conserve a sequência de esplendor nas letras amazonenses.

Não havia procurado, nem era de minha intenção, desejar a imortalidade mental, que outra não pode ser — pois somos todos mortais e humanos — nesta minha luta constante entre funções públicas, que desempenhei e desempenho ainda e as

lides forenses, numa profunda experiência humana de cultuar o Direito e a Justiça e dar, dentro da realidade brasileira e da sociedade em que vivemos, o equilíbrio jurídico necessário, a fim de que essa mesma sociedade possa sobreviver com dignidade, liberdade e alta independência.

PAULINO DE BRITO

E chego a esta Academia como que iluminado pelo espírito do patrono que escolhi — PAULINO DE BRITO — uma das figuras mais singulares das letras e da literatura, gramático, poeta e prosador, nascido em Manaus a 9 de abril de 1858, formado em Direito pela Faculdade do Recife.

Era filho do tenente de artilharia Paulino de Almeida Brito e d. Ricarda de Almeida Brito. Seu pai morreu em campanha, na Guerra do Paraguai, na Retirada da Laguna.

Sua genitora, apesar do oferecimento de pensões do Govêrno, recusou tal favor, regressando a Belém, estado do Pará, onde Paulino de Brito iniciou seus estudos, no Colégio do Professor Saraiva. Mais tarde, por falta de recursos, aventurou-se pelo interior, sem maiores proveitos.

Voltando à Belém, tempos depois, matriculou-se na Escola Normal daquela cidade, cujo curso terminou com raro brilhantismo, conquistando, mais tarde, a cátedra de Português.

E, posteriormente, bacharelou-se em Direito, que constituia o seu maior sonho, consoante já afirmei antes.

Seus trabalhos espelham sua viva inteligência e atividades mentais, destacando-se os seguintes: Gramática Primária — Gramática da Língua Portuguêsa e Gramática do Professor.

Daí se nos afigura, portando, que o ilustre patrono era apaixonado pelo idioma, tinha a meticulosidade na colocação dos pronomes e além dessas gramáticas que serviram e orientaram diversas gerações, ainda escrevia romances e poesias.

Publicou inúmeras obras, destacando-se: "Cânticos Amazônicos", "Noites em Claro", Histórias e Aventuras (Contos); "O homem das Serenatas" (romance); "Dolores" (Romance); "Brasileirismos da Língua Portuguêsa e "Colocação de Pronomes" (Polêmica).

Na capital paraense foi colaborador constante do jornal "Provincia do Pará" e também fundou e dirigiu "A Palavra", para então defender seus ideais católicos.

Mas, Ilustres Acadêmicos, Paulino de Almeida Brito foi também foi poeta.

E ser poeta é um destino, uma espontaneidade, uma vivência.

Já nos alertara, certa vez, o poeta J. G. de Araújo Jorge, no prefácio da Antologia da nova poesia brasileira :

"O poeta é instrumento. A poesia é música. Ou, dizendo melhor, o poeta é instrumento e música, porque, a música do poeta está com êle, muito embora os motivos lhe venham do mundo exterior. É um instrumento que prescinde do artista, porque se executa a si mesmo. É um instrumento que tem coração, nervos, alma e por isso mesmo vibra e se manifesta independente de agente. A vida é o verdadeiro agente que faz o poeta vibrar : a vida, o mundo".

E mais adiante, J. G. de Araújo Jorge, poeta de rara sensibilidade, ainda esclarece, referindo-se às tendências dos parnasianos, simbolistas e modernistas :

> "são vellhas as duas teses : a da arte pela arte, de caráter individualista, em cuja defesa acorreu um dos mais belos espíritos da Inglaterra, talvez o seu escritor de maior parentesco espiritual com os latinos, Oscar Wilde : é a da arte em função social. As duas foram colocadas frente a frente repelindo-se. Errado evidentemente, desde que uma e outra têm o seu papel, a sua missão, e podem coexistir no mesmo artista. O essencial é que sejam sinceras, correspondam a manifestações espontâneas de beleza, a solicitações profundas do "eu" individual, debruçado ou sôbre si mesmo "para dentro" ou sôbre os problemas complexos da coletividade, "para fora". A arte é uma síntese. O poeta pode ser individualista sob o ponto de vista da concepção de sua arte, e nem por isso deixará de cumprir sua missão social de espalhar o belo, de deleitar e refazer os espíritos. Nem só de uma arte que tenha uma feição política ou social vivem os homens. Mas o poeta pode sentir os anseios de tôda uma coletividade, ser solicitado por poderosas fôrças interiores de sua vocação e se interessar por ela, e lutar por ela".

E assim Paulino de Almeida Brito foi também poeta. Não escreveu sòmente gramáticas, mas teve inspirações, tornou-se instrumento da poesia, esta fôrça que vem do alto, transcendentalmente, modificando os sêres humanos, muitas vêzes completamente alheios aos problemas e ambições dêste mundo.

De suas poesias destaca-se "Rio Negro", que o poeta externa sua emoção assim :

"Na terra em que eu nasci, deslisa um rio
ingente, caudaloso,
porém triste e sombrio;
como noite sem astros, tenebroso;
qual negra serpe, sonolento e frio."

No final de seus versos, acha que o rio Negro se parece com êle, que entre o riso, o prazer, o gôzo e a calma, passa entregue aos fantasmas do seu sonho e às trevas de sua alma !

E dêle já nos dizia Marques de Carvalho, no prefácio de "Noites em Claro", em fevereiro de 1.888 : "possuindo inveterado conhecimento do coração humano, Paulino de Brito sabe emocionar a alma do leitor, despertar nele êsse entusiástico arroubo do convencimento que também produzem as poesias de Ramon Campoamor. Não raro propende para a melancolia, desferindo na lira sentidos sons da mais pungente saudade.

Os seus versos perdurarão longamente no seio do povo amazonense. A sua musa é verdadeira, é humana, e daí pode tirar o melhor motivo para o mais justo orgulho, como há de tirar tôda a fôrça, sua ilimitada vitalidade na alma popular. Só morre o que é fictício. O exemplo do asserto, encontra-lo-emos a cada passo na história das nações. Balzac, Flaubert, os Goncourts, Daudet e Zola só viverão por longo tempo, porque foram humanos e souberam descrever-nos a humanidade exatamente como ela é."

Sua poesia, assim, tem sensibilidade e humanismo. No sonêto intitulado "Lágrima de Mulher", o poeta se manifesta plenamente, dizendo saber o aprêço que lhe merece uma lágrima em rosto de mulher.

E nesse mesmo livro "Noites em Claro" inseriu belíssimo poema a Carlos Gomes, figura singular de musicista e glória de nossa nacionalidade.

Como em todos os seus versos, o poeta aspira o amor puro, ideal, sincero e não o encontra neste mundo tão cheio de imperfeições, de angústias, de ódios e de misérias.

E então canta :

"Se eu pudesse ! Ai ! Se eu pudesse
encontrar o que procuro :
um amor sincero e puro
n'um coração de mulher !
Amor imenso, poético,
amor ideal, profundo,
amor que não tem o mundo
nem sabe compreender ! . .

E desiludido, diz para cumprir-se o seu destino, levando ao Calvário a sua cruz !

Todo poeta sonha com u'a mulher ideal, esquecendo que o ser humano sempre tem defeitos e virtudes, próprios da Humanidade.

Ressalte-se, porém, em suas poesias, a beleza de linguagem, polida, burilada, refletindo imagens interessantes, sem descair para o lugar comum, rasteiro, do simples fazedor de versos.

Disse antes que os poetas constituem seres diferentes, emotivos, de rara sensibilidade, buscando a perfeição, plenos de musicabilidade. E Paulino de Brito não podia fugir a êsse desígnio consoante podemos observar em seus trabalhos literários e, de modo particular, em suas poesias.

De seus contemporâneos as opiniões são excelentes. Consideravam-no "a pérola dos talentos", na expressão de Verissimo do Couto, reafirmação feita por Marques de Carvalho, que o tratava sempre de nobre literato, inspirado, porém, no belo, no amor e nas humanas virtudes.

Sua personalidade, assim, era fascinante. Na infância, por falta de recursos, fez-se aprendiz de tipógrafo e daí, as primícias de sua futura vida de intelectual, de professor e jornalista emérito.

Sentiu a atração da selva amazônica e aventurou-se pelo interior, chegando a trabalhar como caixeiro em um seringal no longínquo rio Purus.

Mas essa aventura não durou muito, para felicidade das letras e da literatura. E, como o inesquecivel, Machado de Assis também foi tipógrato.

Cultivou, com especial carinho, a lingua portuguêsa. Foi um dos maiores mestres do nosso idioma. As gramáticas que

escreveu, as polêmicas que travou com o lexicógrafo Cândido de Figueiredo, demonstram à saciedade, sua privilegiada inteligência.

Sua polêmica com Cândido de Figueiredo, a respeito da colocação de pronomes, foi notória, despertou entusiasmos e não se podia distinguir qual o mais culto, o mais inteligênte, o mais atilado.

Na sua vida jornalista, consoante afirmam os seus contemporâneos, também exerceu grandes atividades, lutando pelas boas causas. Fazia comícios, discursava com desembaraço, travava diálogos e sempre espelhando cultura e sabedoria.

Êste é o patrono de minha cadeira nesta Academia.

Professor, gramático, poeta e romancista, também Bacharel em Direito, — o inesquecível Paulino de Brito, amazonense dos mais ilustres, honrou e dignificou sua terra. E seu devotamento por ela, levou-o ainda a escrever o belo poema "A abertura do Amazonas", premiado e classificado em primeiro lugar, na Exposição Benjamin Constant em 1895, em Belém, Estado do Pará.

Glória das mais lídimas desta terra de Ajuricaba, seu espírito culto e sensível enalteceu o Amazonas, tornando-se assim um nome digno e respeitado na literatura nacional.

Os mestres da literatura nos ensinam que "a Arte é visão ou intuição lírica. Arte é teoria no sentido originário da palavra, isto é, contemplação do sentimento. É conhecimeno sensível e não conhecimento inteligível.

E isso Paulino de Brito nos demonstrou sobejamente, nos seus contos, nas suas poesias, nos seus romances e nos diversos trabalhos publicados.

A LITERATURA

Já Platão, num de seus célebres Diálogos, colocava na bôca de Sócrates estas palavras : Êsse dom de bem falar sôbre Homero é, em ti (Ion) não uma arte, como eu há pouco dizia, mas uma fôrça divina".

E essa fôrça divina é a capacidade de criar.

Todo ser humano tem essa fôrça, restando simplesmente opraveitá-la, usufruí-la.

A literatura nacional tem seus expoentes, suas glórias, suas altas capacidades, na poesia e na prosa .

De modo idêntico a literatura regional.

No seu livro "Letras da Amazônias", o ilustre Presidente desta Academia, Djalma Batista, já se expressava assim em 1938 : "os intelectuais militantes, atualmente, no cenário das letras amazônicas, vêm realizando uma obra grande e tenaz, como eu a chamei, de início. São obstinados, trabalhadores, desajudados de tudo — muitos encravados nos limites esterilizantes da provincia, quando têm capacidade para brilhar em qualquer grande centro.

E então evocava nomes como Péricles Moraes, João Leda, Adriano Jorge, Álvaro Maia, Agnello Bittencourt, Anisio Jobim, Artur Reis e Ramayana de Chevalier, assim como tantos outros, verdadeiras glórias literarias desta Academia e do Amazonas.

E os trabalhos dêsses intelectuais estão aí, espalhados nas bibliotecas, nas escolas, nas páginas de revistas e jornais, antologias, numa evidente realidade.

Mas ao lado dêsses altos espíritos, outros de igual valor se alinham, dignificam as poltronas dêste Sodalício, numa manifestação clara e bonita de que a literatura continua viva e atuante.

O ESCRITOR NOS DIAS ATUAIS

O escritor atual, vivendo nos entrechoques do mundo moderno, sente na própria carne os efeitos e as tendências das gerações. Uma não quer compreender as angústias, as necessidades, os sentimentos da outra.

E há um conflito permanente, entre aqueles que continuam a seguir os preceitos da velha moral, onde a multiplicação da espécie era quase um culto e as tendências de hoje, na era das drogas, dos anticoncepcionais e das experiências de laboratórios.

Otto Maria Carpeaux, analisando as tendências contemporâneas da literatura, nos adverte que a época se inclina para o irracionalismo. "É irracionalista o fundo de todos os modernismos, de todos os primitivismo e do surrealismo, do realismo "mágico", do existencialismo; irracionalista até é o neo-realismo que se entrega de todo à realidade, isto é, a um fenômeno que não pode ser completamente analisado com os recursos da "ratio". Mas a fôrça do irracionalismo revela-se sobretudo nas modificações que conseguiu imprimir a movimentos bastante racionalistas.

E adiante. Houve resistências e muitos ficaram contra o irracionalismo.

É um pensamento que se deve respeitar, na oportunidade.

Mas voltando ao tema.

Já nos advertia o prosador CIRO DOS ANJOS, referindo-se ao escritor e seus contemporâneos : " a liberdade a que o escritor nos convida não consiste simplesmente na conciência abstrata de ser livre. Essa liberdade concreta nem existe, propriamente : conquista-se, numa situação histórica. Nisto se funda a necessidade de que o escritor só se dirija aos seus contemporâneos. Aliás não poderia ser de outro modo : a prosa é elitica; não diz tudo; suprime uma infinidade de relações, que ficam subtendidas. As pessoas da mesma época e da mesma coletividade, que viveram os mesmos acontecimentos e formulam ou evitam as mesmas questões, têm um gôsto idêntico na bôca, guardam, uns com relação aos outros, certa cumplicidade. Assim, não é preciso que o escritor diga tudo. Há palavras-chaves. Escritor e leitor se acham jungidos à história e têm de conquistar sua liberdade é no meio em que atuam.

No mundo contemporâneo muitas barreiras separam o escritor do público. Tais barreiras se eliminariam, porém, numa sociedade sem classes, numa sociedade do futuro. E então o escritor atingiria o grande público, deixando de escrever apenas para pequeno grupo de privilegiados".

É fundamental que o escritor precisa produzir para maior número de leitores, ampliando o horizonte intelectual da massa sedenta de idéias, refletindo, nos seus trabalhos, as esperanças, as cóleras, as suavidades e as alegrias da Vida.

O ser humano tem uma insatisfação permanente. Nunca está satisfeito com os acontecimentos, as conquistas da civilização, das ciências e das artes. Parte do belo para o horrivel, da contemplação maravilhosa dos quadros de pintores célebres para as berrantes pinturas futuristas; do poema mais bonito para os versos sem emoção e sem encanto dos versejadores comuns.

E, quanto mais livros forem escritos, quanto maior fôr a atividade de nossos escritores, refletindo o que ocorre na sociedade atual, mais teremos conhecimento de nossos problemas. E então através do livro, os integrantes de uma sociedade podem contemplar a si mesmos, conhecer sua situação, como naquela sentença de Sócrates, na velha Grécia.

A ACADEMIA NA MINHA LEMBRANÇA

Acabei de vos relembrar, nestas páginas, o meu patrono.

Fi-lo com o interêsse de dar maior relevo à sua vida literária, como êle merecera.

É oportuno que fale agora dêste cenáculo das letras. Relembro as inúmeras vêzes que aqui compareci, neste templo da literatura amazonense, para ouvir e avaliar a fôrça intelectual de seus integrantes.

As palavras eloquentes e brilhantes de Adriano Jorge, Ramayana de Chevalier, Péricles Moraes, Pe. Nonato Pinheiro, Aderson de Menezes, Djalma Batista e tantos outros, guardando ainda viva, na memória, a suntuosidade que Péricles de Moraes punha nos seus discursos, o vocabulário esfuziante no desejo de enaltecer os ilustres membros da Casa.

As Academias têm u'a missão a cumprir. A de manter vivo e aceso o interêsse pelas letras, pela literatura, pela poesia, congregando aquêles que ainda acreditam nas belezas das palavras e nos encantos da poesia, da cultura e da inteligência.

Claro que, nestas poltronas, onde pontificam as mais diversas personalidades e gêneros literários, não pode haver homogeneidade, mas prevalece aquela chama sagrada, de manterem-se vivas as tradições e as glórias do povo.

Militando na advocacia, depois de longos anos de serviço público, sei que há necessidade de estabelecer-se um perfeito equilíbrio entre as ânsias existentes no mundo de hoje, os antagonismos sociais e políticos, os gritos de independência da imprensa e aquêles que cultivam as belas letras, a fim de que, no entrosamento existente, possa surgir a compreensão como um reflexo exato do que vai pelo mundo.

E muitas vêzes ouvimos os gritos tremendos das massas insatisfeitas, alarmantemente injustiçadas e, na impossibilidade de resolvermos seus problemas imediatos e urgentes, transformamos êsses gritos e essas injustiças em crônicas e versos, expressivos e justos, que possam revelar e fazer sentir aos responsáveis, as angústias e as espoliações do mundo moderno.

E se examinarmos a literatura nacional, a literatura universal e a amazônica, em particular sentiremos imediatamente que êsses anseios estão vivos e atuantes.

É a literatura refletindo a vida e os sonhos dos homens.

MENDONÇA DE SOUZA

Mas, ilustres Acadêmicos, o destino me reservava uma agradável surpresa.

E esta se revela esta noite, nesta festa de congraçamento intelectual e de magnificência, com o acadêmico designado para receber-me : Mendonça de Sousa.

Escritor primoroso, advogado e professor, é meu grande amigo de longos anos. Ambos funcionários de Fazenda, lidando com números e leis fiscais, nossa amizade se fortificou no trabalho diuturno e na mais pura sinceridade. E ao chegar a êste Sodalício, tenho o ilustre amigo e intelectual para apresentar-me as boas vindas da Casa.

É autor de "Visões do meu Amazonas caboclo", de "O Grande Amazonas" e de outros trabalhos não menos importantes, que o povo de Manaus já está habituado a ler em seus brilhantes artigos de jornal, de modo particular, no veterano "JORNAL DO COMÉRCIO", escrevendo sôbre os mais diversos assuntos, numa prova inconteste de sua inteligência e de sua cultura.

E Mendonça de Sousa, na sua modéstia, já exerceu elevados cargos públicos, inclusivé Secretário de Educação e Cultura e em todos se tem revelado o intelectual cuidadoso, de espírito público e de grande cultura das letras.

Amigo particular do saudoso professor João Leda, que também brilhou nesta Academia, Mendonça de Sousa raramente é visto na cidade em conversa com amigos. Para encontrá-lo e ter o prazer de sua companhia e vivência, é necessário ir procurá-lo em sua residência entre livros, revistas especializadas em História.

Confrade no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, de alguns anos, conheço Mendonça de Sousa, de perto. E sinto-me honrado em vê-lo, nesta noite, porque sei da inteligência viva e arguta do autor de "Visões do meu Amazonas caboclo" e de "O Grande Amazonas".

É o amigo de longa jornada, que vem trazer a outro amigo, as boas vindas da Academia.

EXALTAÇÃO AO DIREITO

No meio, porém dessa alegria, eu não podia deixar de ressaltar a minha profunda convicção pelo Direito em si, pois o meu patrono, PAULINO DE BRITO, além de literato, era formado pela Faculdade de Direito do Recife.

E a Nação é uma realidade sociológica e resultado da evolução histórica de determinado agrupamento humano.

E tanto é verdade, que o Estado é a nação politicamente organizada.

Não pretendemos fazer longas explanações sôbre o Direito, nesta oportunidade, mas simplesmente exaltá-lo como uma das mais lindas concepções da humana inteligência em todos os tempos.

E fazendo essa exaltação, rendo minhas homenagens àqueles que cultuam as belas letras e o Direito, porque se harmonizam entre si, no eterno cumprimento de suas sublimes concepções. E admiração, ainda, a Paulino de Brito, pela inflexivel vontade de aurir, nesta fonte de cultura, as verdades eternas de que nos falavam os romanos.

O Direito que nós chamamos a análise do que é bom e equitativo. E a Justiça a virtude de dar a cada um o que é seu.

Já nos esclarecia em brilhante conferência realizada no Auditório do Ministério da Justiça em 23 de junho de 1967, o jurista Aloysio Maria Teixeira, fazendo referências ao sentido do Direito Moderno.

"Seja a filosofia cristã ou a grega, tôdas voltadas para o bem do homem, visando à sua felicidade, também na Terra.

O sentido é o mesmo. A tranquilidade, a bondade, a fé no homem, que só pode viver dignamente com os olhos voltados para o alto. Todos almejam qualquer coisa de superior. Todos vivemos com os pés presos ao chão, mas com o espírito alevantado. A vida não nos dá tudo. Queremos alguma coisa mais, fora ou além da vida. Seja o céu que Deus prometeu, para os que experimentam a ventura da fé. Seja qualquer coisa sadia, desconhecida, mas sempre almejada. É o estado de tendência do homem, procurando, pela fé, o conhecido, ou o desconhecido, mas sempre outra coisa boa, duradoura, tranquila, e não efêmera e incerta como a vida terrena.

Para que nasceste ? perguntaram certa vez a Anaxágoras. E a resposta profunda : Para contemplar o Sol, a Lua e o Céu !"

E mais adiante : "o homem nasce, vive e morre. Para que ?

Ama e sofre. Sente saudades. Sofre e se alegra com elas."

E conclui : "cristãos e gregos adoradores de Deuses vários. Todos amam e querem a felicidade. Contemplam as estrêlas.

E isso por que ? Porque todos têm coração. Fonte da vida e do sofrimento."

O individualismo deturpou o Direito. Modernamente, porém, continua a luta pela sua Humanização, estendendo-se suas luzes em todos os setôres de atividade, sobrepondo-se o interêsse comum sôbre o individual.

Esta é a moderna tendência do Direito.

E outra não tem sido minha preocupação, desde que me iniciei nos estudos jurídicos. E rendo, também, minha profunda e sentida homenagem aos meus pais, que não tiveram a alegria

e a honra de me verem neste Sodalício, no convivio com os grandes intelectuais da Planicie Amazônica, como uma recompensa aos meus esforços e estudos.

Não chego a esta Academia com a arrogância dos que se julgam senhores da Humana Sabedoria. Somos eternos estudantes. E constantes pesquisadores da Ciência dos homens.

E procuro ter a serenidade exigida pela prafissão, na lide constante com as misérias e os profundos problemas da Humanidade.

Chego com o espírito aberto às cintilações de vossas inteligências, certo de que, na distinta Companhia, saberei honrá-la e dignificá-la, contando para êsse objetivo com a vossa bondade e imprescindivel compreensão.

No meu livro "O Amazonas — o meio físico e suas riquezas naturais" procurei mostrar as possibilidades econômicas desta terra. E no trabalho intitulado "Pétalas Rubras" inseri crônicas espelhando as paisagens, motivações e problemas sociais desta área, com imensa sinceridade.

Espero que as fôrças cósmicas que dirigem o Universo e os sublimes eflúvios que delas emanam, nesta noite de alegria, me iluminem e me inspirem. Que a luz de suas estrêlas e as belezas dos ensinamentos de Salomão me orientem sempre no caminho do Bem e das Virtudes.

Nada mais posso oferecer para vossa alegria, nestes momentos de encantamento para mim. Sou um cultor das letras e de nossa literatura, que vem fazer-vos companhia.

Ilustres Acadêmicos : A literatura só poderá subsistir num mundo democrático e num ambiente de harmonia, de inteligência, de alegria e de paz. E também de liberdade.;

Quanto maior fôr a liberdade, mais poder criador terá o intelectual para aprofundar-se em seus trabalhos, em suas pesquisas, que reflitam em consequência as realidades do mundo moderno.

E esta Academia assim poderá expressar, pelos seus ilustres Membros, em brilhantes trabalhos, as belezas da literatura e os anseios das gerações atuais.

O filósofo Sartre, criador do Existencialismo, já nos dizia : "o fazer é revelador do ser; cada gesto desenha figuras novas sôbre a terra; cada técnica, cada utensilio é um sentido atento para o mundo. As coisas têm tantas faces, quantas são as maneiras de nos servirmos delas. Não nos colocamos entre os que pretendem possuir o mundo e sim entre os que desejam mudá-lo."

O escritor tem que exprimir o que sentem as coletividades.

Espelhar através de seus trabalhos as ânsias e as aspirações da massa obreira e das elites, que constroem e governam o mundo.

E me encontro entre vós para usufruir as luzes de vossas inteligências. Não para possuir o mundo, na expressão de Sartre, mas para mudá-lo, torná-lo amêno, suave, melhor.

Trago-vos ainda a sensibilidade de meu espírito. O desejo de ser útil a êste Amazonas imenso, de grandes florestas, de rios bonitos, de aves multicôres.

Onde as luzes do sol, no fim do dia, tornam as paisagens diferentes, no contraste do verde das clorofilas e as águas barrentas do rio-mar.

E neste século de tecnologia, de vôos espaciais, de transplantes de órgãos, de energia nuclear e de foguetes balísticos, de viagens à lua, as entidades culturais têm profundas responsabilidades.

As grandes responsabilidades da inteligência e da cultura, intransferíveis e belas, a fim de que a máquina não nos conduza para a auto-destruição e tenhamos um dia de chorar nossa própria incapacidade de usar a inteligência e o discernimento.

A vida de cada escritor, poeta, artista, jornalista, gramático, tem inúmeras facêtas que podem ser observadas por diversos modos.

Traçar nessas páginas, com tôda exuberância, a vida de meu patrono, se me afigura impossível, mesmo seria tornar-me prolixo e enfadonho aos vossos gôstos estéticos e sensibilidades.

Ressalte-se ainda que êste sodalício ao perpetuar o nome de Paulino de Brito numa de suas cadeiras, já reconheceu de público, a alta capacidade intelectual do ilustre amazonense e a saudade que êle deixou no meio em que viveu e se tornou profundamente admirado.

Vim esta noite reafirmar êste reconhecimento e dizer que o esplendor desta recepção não me pertence. Pertence a esta ilustre Casa onde altos espíritos difundem suas luzes e sabem manter ainda acêssa a chama sagrada da Cultura.

Eis-me entre vós, Ilustres Intelectuais. Vim ao jardim de Acádemus buscar as flôres da Literatura e da Humana Sabedoria.

AO RECEPIENDÁRIO DA CADEIRA 40

MENDONÇA DE SOUZA

Sois um escritor em perfeita harmonia com o lugar de relêvo que conquistastes no cenário de nossa cultura. Realizastes com dedicação e muito trabalho a obra que agora, orgulhosamente, tendes para nos oferecer. Mas, para conclui-la, não gozastes horas de lazer e de ociosidade. Olhastes para a frente. Em vosso discurso, nas marcantes qualidades do escritor com ânsias da pesquisa real, positiva, revelastes quanto necessitamos de bons olhos para ver e bem sentir as modificações estruturais, constantes, das sociedades contemporâneas.

De fato, vivemos demasiadamente depressa. Não há tempo para observarmos calmamente o caminho percorrido. Os olhos, postos afanosamente nesse empenho, tornam-se míopes para maravilharem-se dos grandes espetáculos do mundo. A carga das obrigações, a multiplicação das necessidades são demasiadamente caras à formação de famosos escritores. São precárias as nossas visões cotidianas. Desaparecem como desapareceram os legendários operários que levantaram as pirâmides do Egito.

O aceleramento do Educar para a Ciência, da hierarquia cósmica, do superdesenvolvimento industrial, até parece que se opõe às complexas estruturas da existência artística. Na incorporação soberba de um mundo envolvido em medidas astronômicas, fantásticas, o homem omite-se de viver espiritualmente, de sentar-se e filosòficamente participar dos banquetes da Antiguidade. Dizem que vivemos a fase de unanimização da Terra entre a Complexidade e a Consciência, as façanhas grotescas, estouvadas e o estado atual das opções lúcidas.

Agradecemos vossas palavras amigas a nosso respeito. Mas, sem esquecer que seguimos os itinerários maiores dos regimes de urgência. Sem deslembrar as oposições que se

levantam entre o "mais-ser" e o mais-ter" em face dos encantos e maravilhas do Reino interior. Somos elementos naturais desta civilização que diàriamente nos oferece surpreendentes exemplos de aventura humana.

Ninguém hoje encontra tempo para ler uma obra de ressurreição, de passado morto, como GUERRA E PAZ. Vivemos a época da tecnologia, da cibernética que promove o superdesenvolvimento da riqueza, da cultura anônima, embebida dos Computadores Eletrônicos. Vivemos o tempo da opulência moderna, só das grandes nações industrializadas, só do progresso dos grandes povos superdesenvolvidos.

Estamos no ápice da fase chamada maderna. Despoja-se o monopólio artístico pela cultura imperativa das máquinas. Propõe-se ao homem um ideal de vida mecanizada. O homem deixa de acumular saber para sentir-se máquina laboriosa. Homem sem beatitude de vida espiritual. Mas, homem, sim, da apologia de embriaguez dos partidários dos paraísos artificiais.

Sem novelística, sem tragédia, consideramos que sois um escritor vivido nas satisfações de ler ótimos filósofos, notáveis poetas e filólogos. Acabais de nos dar provas de vossa admiração por nossos temas regionais, pelas celebradas e maravilhosas preeminências amazônicas de PAULINO DE BRITO, vosso imortal patrono nesta Casa de Adriano Jorge e Péricles Morais.

Até nesta reiteração de escolherdes um patrono amazônida, fostes fiel ao amor que devotais à gleba de Ajuricaba. No vosso ASPECTOS GEOGRÁFICOS observamos que há chamas e fulgores de pesquisa segura e de vivência autêntica a concorrerem, de maneira honrosa, para esboçarem os quadros grandiosos de nossa vida interiorana.

Vossos quadros são naturais. São quadros do homem ribeirinho nos trabalhos épicos dos jutais. Rápidos, vivos na confirmação de luta e de sobrevivência do seringueiro, do pescador ,dos valentes caboclos. São resenhas dêste fabuloso Celeiro que vos empolgou. Memórias dêste Vale maravilhoso que abriu visões agassinianas aos vossos olhos amazonidificados. Resumos desta Planície Verde que vos levou, sem mais demora, às observações cuidadosas, sintéticas, do vosso recentíssimo: O AMAZONAS — O MEIO FÍSICO E SUAS RIQUEZAS NATURAIS.

Valha-nos isso, nesta honraria, nesta distinção que vos nobilita como escritor amazônico nos impulsos do progresso e da civilização. Nascestes naquela Paraíba nordestina de José Lins

do Rego e de José Américo de Almeida. Menino aqui chegastes. E é agradável isto dizer-se: hoje, com idade acima dos cinqüenta anos, maior é vossa estima e paixão pela Terra verdejante que fêz do imortal poeta Álvaro Maia um glebarista épico. Sois um amazonense de coração pela obra que, devotadamente, estais a escrever acêrca da região extraordinária do Rio Mar.

Jornalista e cronista, advogado e pesquisador, didata e poeta, sois, pela finura do trato e as maravilhas da educação, leal e boníssimo amigo. Admirável, por isso, a vossa sensibilidade em sentir o homem sofrido dos seringais, dos castanhais, dos balatais.

Só agora, de fato, a Amazônia Ocidental pode proclamar, bem alto na imprensa, que sente o Brasil doutras plagas objetivado, presente nos seus anseios e reivindicações. Só agora, através dos benefícios superiores da Zona Franca, revelamos aos olhos dos compatrícios do Sul uma fotografia exata, rigorosa de nossa feição contemporânea.

Durante longos anos pintar para os senhores doutros rincões os lances desesperados de sobrevivência do povo amazônico era receber, de volta, frases espirituosas, ditos chistosos, sorrisos perenes de fina malícia. E como mudou tudo isso depois da implantação da Zona Franca de Manaus. Como mudou, realmente.

Podem os egoistas, ou mesmo os hipnóticos de nosso mundo, arremessar-nos às valas da ironia, esmagar-nos com o solipsismo dos interêsses desvairados, acoimar-nos de visionários; mas, para nós, em face do que os anos nos deram em conhecimento objetivo, esta Planície do Rio Mar será o Celeiro do Brasil.

Enquanto é tempo, bom seria que se iluminasse a inteligência dos que lhe devotam indiferença profunda. Dos que a observam através dos tapumes da antipatia. Dos que não se atualizam na verdade dos fatos e a consideram na conversa dos videntes ou na dos profetas derrotistas. Enquanto é tempo, ótimo seria que os seus contumazes negadores a estimassem no tema, na pesquisa cuidadosa de obras como a vossa. De obras positivas, reais, inteligentes acêrca de nossas riquezas mineralógicas, ictiológicas e florestais.

Sois, pelo nascimento, um nordestino. Sois, pelo conteúdo de vossa obra, um escritor maravilhado com as grandezas da Amazônia. Mas, diga-se: ainda neste cenário da mais vasta região do Brasil, tendes olhos tristes. Olhos de ver longe, nos horizontes dos tapiris e tipitis, a miséria, o abandono do

ribeirinho nos rios, furos, lagos, sangradouros e paranás interioranos.

Êsse acento da verdade sôbre as coisas desta região em vossos livros é que nos convence dos vossos propósitos honestos, sem efeito de ficção, sem invenção de fantasia. Vossas obras representam descrições acêrca dos hábitos e costumes de nossa vida regional. Observamos em vossos temas, paisagens que já contemplamos. Tipos, de carne e osso, que de há muito nos acostumamos a admirar no homerismo do caboclo ao arpoar pirarucus e peixes-bois.

Vimos, sentimos quanto o Amazonas em vossos escritos "é uma bela página de geografia". Sem dúvida, bem gravadas estão em nossa memória as cenas de abandono, de sofrimento que vistes no interior de nosso grande Estado. Elas continuam envoltas em vossa evocação. Povoam de constantes lembranças cíclicas os trechos de vossos trabalhos. Na realidade, os episódios trágicos, funestos da Amazônia, estão debruçados dentro de nós mesmos.

Nascemos a ver esta paisagem amazônica que para Alberto Rangel foi INFERNO VERDE; para Ferreira de Castro, A SELVA; para Euclides da Cunha, TERRA SEM HISTÓRIA; para Alfredo Ladislau, TERRA IMATURA. Para nós, no entanto, a razão do cultivo, do amanho dessas visões aplica-se, já agora, fora das medidas humanas e em desacôrdo com a estrutura física de um Mundo Nôvo, à divisa de A RELIQUIA, de Eça de Queirós: "Sôbre a nudez forte da Verdade — o manto diáfano da Fantasia".

Mas, sem preocupação de palavras bonitas aqui nos permitimos dizer-vos que fostes feliz na escolha de vosso patrono. Dêle, ainda há pouco, nos destes maravilhosas laudas de recordações sentimentais. Vamos, pois, seguir-vos nessa lembrança acêrca de um mestre consagrado, conhecido e popularizado como poeta estético, cívico e venturoso nos CANTOS AMAZÔNICOS.

Adiante-se, porém, de início, sem rebuço: PAULINO DE ALMEIDA BRITO honra o quadro de patronos dêste Silogeu. Escolheram-no, imortalizaram-no os ilustres membros da Academia Amazonense de Letras em face das pompas de sua inteligência, das maravilhosas páginas de seus poemas eternos. Foi poeta de doces afetos. Teve na alma, ardentes paixões, estrofes consoladoras, harmoniosas e divinas.

Andou nos caminhos evolutivos, colossais da filologia. E nessa peregrinação feliz, ofereceu-nos seu famoso e ainda hoje discutido: COLOCAÇÃO DOS PRONOMES E BRASILEIRISMOS.

E mais : GRAMÁTICA DO PROFESSOR, GRAMÁTICA PRIMÁRIA e GRAMÁTICA COMPLEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUÊSA.

Certo, como vós o aceitastes, também nós o aceitamos nas glórias, nas esperanças, nos desalentos, nas angústias, nos júbilos de grande poeta. E foi através das mais altas revelações do engenho poético que pertenceu à Academia Paraense de Letras. No conceito do admirável poeta Alfredo Sousa, em seu tempo, foi um líder, "emérito chefe literário da Amazônia".

PAULINO DE BRITO, abre seus CANTOS AMAZÔNICOS, em homenagem a Manaus, cidade onde nasceu, com o poema RIO NEGRO. Nêle, a sensibilidade descobre-se num jôgo paralelístico entre solidão, tristeza, horror, luto, desconforto e trevas. Inicia-o a conjurar os males que lamenta, a entrever os negrumes que lhe conflitam cada vez mais o angustiado coração.

Sentimos que no cadinho das desventuras supremas, entre os rebates pungentes das lutas dramáticas, a maldição, as feridas do desalento e do ceticismo atormentaram-lhe a consciência poética. Pois, realmente assim se deplora e vê com acerba mágoa que na terra onde nasceu há um rio imenso, solitário, tenebroso, sonolento, feio, no seio do qual o sol não tem esplendor. Monstros legendários dormem e habitam-lhe tôda a longa existência de tragédia e horror.

Seu leito parece estagnado e morto. **Passa — e como que a morte tem no seio.** Ao Vê-lo tem-se a impressão de que **das lágrimas estéries de Satanás proveio. Ou que ficou, do primitivo dia,/quando ao faça-se ! — a luz raiou no espaço,/esquecido, da terra no regaço,/um farrapo do cáos que se extinguia !**

Para acordá-lo, a onça dá rugidos
que os bosques ouvem de terror transidos !

Para alegrá-lo, o pássaro levanta
voz com que a própria penha se quebranta !
Das flôres o turíbulo suspenso
manda-lhe eflúvios de perene incenso !

Mas debalde rugis, brutos ferozes !
Mas debalde cantais, formosas aves !
Mas debalde incensais, mimosas flôres !
Nem cânticos suaves,
nem mágicos olores,
nem temerosas vozes

o alegrarão jamais !. . . Para a tristeza
atroz, profunda, imensa, que o devora,
nem todo o rir que alegra a natureza !
nem tôda a luz com que se enfeita a aurora !

PAULINO DE BRITO condensa, nesse poema, as dôres individuais ou sociais que já se tornaram seculares, infinitas nas crises econômicas das zonas mestiça e ameríndia do Rio Negro. Nessa escuríssima e dolorosa existência aceita-se. Como o rio letal, afunda-se no sonho e nas trevas de sua alma.

Compreende-se que tão medonha observação, sinistra e pavorosa, lhe tenha acontecido em face dos desertos rionegrinos, profundamente segregados da própria civilização amazônida. Dotado de notável talento, poetizou-nos o Rio Negro sem embelezá-lo das visões do mundo, sem enfeitá-lo com as matutinas substâncias da ilusão.

Em Belém do Pará, editou a LIRA AMAZÔNICA, cuja publicação não foi além do terceiro fascículo. Ainda assim, fizeram-lhe justiça : reconheceram-na de louvável empreendimento. No meio das lutas dramáticas, pungentes acêrca da vida de nossos bardos, serviu admiràvelmente às letras regionais.

No primeiro fascículo da LIRA AMAZÔNICA, PAULINO DE BRITO a circunscrever o ideal de suas concepções, os fundamentos das imagens de fé, de esperanças consoladoras, dizia-nos como que a desfazer a pequenez intelectiva dos escritores do Extremos Norte :

"Não somos, literàriamente, ricos; mas, da nossa mediania, ou mesmo pobreza, para essa indigência vergonhosa, que nos atribuem a diferença é grande.

Já possuímos alguns nomes nas letras, que podemos com orgulho apresentar à consideração do país e do estrangeiro; e algumas produções literárias que os mais conspícuos poetas da língua, quer antigos, quer madernos, poderiam assinar sem deslustre, antes, com glória, para a sua reputação.

Donde, pois, êsse abatimento, que nos infligem, êsse despreso profundo e injustificável **pomo caso** com que são tratados as letras e os literatos da Amazônia ?

Disto, sem dúvida : que se não aprecia o que por absoluto se desconhece".

Ao rever assim os iconoclastas que buscam notoriedade a demolir os que lhes ensombram a glória, PAULINO DE BRITO

não respeitou os erros e desacertos dos falsos literatos. Em seu tempo, o romantismo tomou conta do Brasil. O indianismo foi um movimento de vanguarda. Fêz escolas. Teve adeptos e diletantes.

Além de poeta, romancista, gramático e educacionista, PAULINO DE BRITO foi cronista admirável sob o pseudônimo de Belisário da Frota e Rosa dos Ventos. Pertenceu ao movimento abolicionista que bastante concorreu para incentivar e ampliar o cultivo das letras no Pará.

Com o desaparecimento das revistas a "Arena" e "Sílvio Romero", no espaço de um lustro, cessaram, na Cidade de Belém, os comícios populares tão comuns no glorioso advento da fase republicana. Em 1894, Natividade Lima descruzou os braços e arregimentou os novos cruzados da Literatura Amazônica. Surgiu a MINA LITERÁRIA retumbantemente anunciada através das colunas de O PAÍS, do Rio de Janeiro, edição de 24 de março de 1895.

Os intelectuais que a fundaram davam, ao seu presidente, o nome de **mestre.** Ao vice-presidente, **contra-mestre**. Aos secretários, primeiro e segundo **chefes de turma.** Ao tesoureiro, **guarda das ferramentas.** Ao bibliotecário, **guarda dos minerais.** Aos demais sócios, **mineiros.** Os livros dos escritores da agremiação chamava-se **pranchas;** as atas, **lâminas;** o edifício-sede, **poço.**

Havia o título de **mineiro honorário** para as autoridades do País. Os meses eram marcados pelas ferramentas. Janeiro, como **martelo.** Dezembro, como **áurea picareta.**

Cada mineiro tinha um nome de guerra, que poderia ou não usá-lo na assinatura de suas produções. Por exemplo, o nosso conhecido Alcides Bahia, era **petróleo.** Entre as páginas que enriqueceram a biblioteca dessa associação, registramos, da autoria de PAULINO DE BRITO, as seguintes: NOITES EM CLARO, HOMEM DAS SERENATAS e CONTOS.

O orador oficial do ato, na inauguração da MINA LITERÁRIA, a 1°. de janeiro de 1895, no salão nobre do Teatro da Paz, foi o **mineiro** PAULINO DE BRITO. A seguir, jovens estudantes do Liceu Paraense fundaram a sociedade literária ORDEM e PROGRESSO, da qual fazia parte, em posição de evidência, o nosso inesquecível PÉRICLES MORAIS. No cabeçalho, seu jornalzinho trazia o lema positivista: "O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim".

Numa lembrança muito justa, diga-se aqui que Humberto de Campos publicou seus primeiros versos e crônicas na FÔLHA

DO NORTE, em 1905-1909. Daí passou-se para A PROVÍNCIA DO PARÁ e, finalmente, para a imprensa do Rio de Janeiro, onde foi sagrado membro da Academia Brasileira de Letras. Nessa época, no Pará, eram reputados como nobres intelectuais, nossos conhecidos Alcides Gentil, Martins Sant'Ana, Raul Bopp e Bruno de Menezes.

Igualmente, nessa fase, sobressaia-se através das Revistas **Acadêmica, Efêmeris** e **Guajarina,** já como aplaudido cronista, o escritor Peregrino Júnior. Ainda nessa época estética da Ilustração Paraense, destacavam-se de maneira notável: Angyone Costa, Bertino Miranda, Barbosa Rodrigues, Bianor Penalber, Bento Aranha, Raimundo Nina Ribeiro, Fran Paxeco, Celso Vieira, Raimundo Morais, Cândido Costa e nosso saudoso amigo e crítico Padre Dubois.

No Pará, realmente, PAULINO DE BRITO foi escritor de escol, líder literário. Prefaciou livros de poetas famosos, como LARVAS, de FRANCISCO OLAVO GUIMARÃES NUNES.

Para nós, PAULINO DE BRITO é um poeta imortal nos domínios de nossas letras.. Cada vez que o lemos, sentimo-lo imenso, consagrado nos sobejamente conhecidos CANTOS AMAZÔNICOS. Sabe desenvolver, com brilho, as idéias sôbre os temas que lhes são afetos. Dotado de genial inspiração, encontra no amor as mais belas formas de poesia estética: grande, vigorosa, ampla de ótimos sons, de boas côres, de momentos agradáveis e simpáticos.

Foi chefe de uma literatura cabocla que ainda não morreu. Lutou valentemente a favor de uma Amazônia mais fecunda, mais radiante nas Letras Pátrias. Onde a esperança lhe fazia qualquer aceno, aí parava e sorria à espera da felicidade. Jamais aceitou que o caminho da fama fôsse juncado de bôcas-de-lôbo. Nunca sentiu os pés sangrarem na heróica caminhada da peregrinação sublime.

Senhor WALDEMAR BATISTA DE SALLES, nos temas amazônicos, inegàvelmente, tendes largas aproximações com o vosso patrono. Como êle a estimou, estimais a Poesia. Como êle a amou, amais a Amazônia. Fôstes um pesquisador tenaz a buscá-lo nos livros em que se imortilizou. Hàbilmente, no-lo revelastes em palavras claras, transparentes, preciosas.

Em frases felizes, falastes na missão das Academias em face dos movimentos literários. Realmente, só é possível ilustrar-se um povo com definições luminosas e grandezas de criação. Um povo é grande, progressivo, quando pode revelar-se

em atividades altamente refinadas nas boas letras e nos conhecimentos exatos dos avanços tecnológicos. E, sem dúvida, fora dessa consciência admirável não é possível produzir-se arte objetiva; mas, arte frustrada e sem afeto.

De fato, as Academias de Letras são necessárias para medirem as diferenças impostas aos extremos valôres da vida pelo tempo. Nelas se robustecem o grande encontro na exploração dos ciclos e a afinação no espaço da temática. Nelas, as gerações literárias sucedem-se no sentido das percepções que se congregam em tôrno dos motivos artísticos sempre renovados.

A palavra vive a serviço da Arte e da Ciência. Presta reais serviços aos escritores. É atuante na base de todos os movimentos literários. Explica nossos encontros através da tribuna ou do livro. Na voz de Castro Alves, de Silva Jardim, de Lopes Trovão, de José do Patrocínio, de Joaquim Nabuco, de Rui Barbosa colocou-se a favor da liberdade contra a escravidão.

A palavra é a responsável pela aliança entre o intelectual e os movimentos literários porque surge como determinação social, como mensagem inovadora e reformadora a caracterizar a cultura de um povo. A palavra existe entre situações e acontecimentos. Sem ela não há progresso, não há renovação artística. Todos os resultados são nulos, inqualificáveis. É na palavra que a obra-de-arte se robustece, consolida-se.

Na Amazônia, há uma palavra de desenvolvimento sem orgulho e sem ódio històricamente confiada à inteligência. Na Amazônia não se reinventam tragédias, elas existem. Do Amazonas áureo da borracha surgiu uma civilização que ficou, sobretudo, em Manaus. Inconfundível na característica própria do Teatro Amazonas, do Palácio da Justiça; das Igrejas da Matriz, dos Remédios e de São Sebastião; da Fábrica de Cerveja, da Prefeitura Municipal, da Biblioteca, do Palácio Rio Negro, do Colégio Estadual e de tantos outros notáveis edifícios que continuam a embelezar a nossa, já agora, Capital Tricentenária.

Mas, diga-se : em temas como os vossos acêrca de regiões como a nossa, ninguém diz a última palavra, ninguém escreve a ultima obra-prima. Vossa obra é uma contribuição accessível ao povo. Vossos livros trazem um pouco da história do chão e do homem da borracha, marcado pelos carapanãs, maruins e mutucas. Homem inclementemente perseguido pelo beriberi, pela verminose, pelo paludismo.

Sentistes, vivestes os temas de vossos livros. E por isso, êles nos oferecem páginas honestas de exatidão, de realidade, de

grandeza acêrca da modalidade de vida dos ribeirinhos, dos pescadores e canoeiros. Não foi como frio espectador que falastes no trágico espetáculo das enchentes. Não foi sem experimentar funda tristeza que interpretastes a fase cíclica, do gado em marombas, de famílias inteiras em canoas, balsas, pequenos flutuantes à mercê das cobras, das piranhas, dos jacarés.

Certo é que vossa obra tem calor de realidade, pinta-nos sentimentos e paixões humanas. Nela, não há o disfarce. Existe a representação dêsse viver anônimo, sem domínio das matas. Dêsse viver de vida livre e ociosa de pária. Vida do caboclo errante, de êxodo constante. Vida sem progresso, na qual não existe a riqueza e a cultura coletiva, o engrandecimento do Estado e o bem-estar social dos ribeirinhos.

Vossa obra, no conjunto, é informativa e bastante didática. Mostra-nos heróicos caboclos em luta contra uma selva implacável. Onde o trabalho é ignorado. Onde os doutos do saber, da ciência se afundam em ilusórias metas. Onde só os indiferentes não vêem, não enxergam a massa anônima de escravos dos rios, das florestas, em lutas de sobrevivência ultra-humana.

Neste mundo fechado de apuiseiros, cobras, onças, árvores colossais, no qual se movem caboclos e ameríndios, no qual o homem é reduzido ao mínimo, vossa interpretação é sóbria, breve e clara. Em vossos trabalhos, sem vacilação ou incoerência, nas informações que nos dais, só pensastes, só desejastes ser útil ao Amazonas e ao Brasil.

Na selva gigantesca, ouvistes o grito de ciclópicos seringueiros e sentistes que nela o homem a enfrenta sem observar que o seu heroismo permanece desconhecido, sem energia, sem progresso sucessivo para vencer os obstáculos dos espaços vazios. Consome a vida sem sentir-se num trabalho de valorização econômica autoconsciente.

Vossa abra não é um drama de ação. Mas, sem dúvida, é uma interpretação de dramas. Uma história de homens escondidos e solitários numa região de sombras e mistérios. Sem arrogâncias de titã, também desejastes penetrar-lhe a significação oculta, mítica, intransponível.

Mas, o que se precisa fazer para desvendar-lhe o mistério é apenas isto : possibilitar-se ao interiorano sair de uma vida solitária e contemplativa em desertos e rios para uma vida de emancipação econômica. O que não é justo, humano, é deixá-lo entregue à própria sorte, estranho à nossa civilização e aos nossos interêsses econômicos e sociais.

Senhor WALDEMAR BATISTA DE SALLES vosso livro O AMAZONAS — O MEIO FÍSICO E SUAS RIQUEZAS NATURAIS deu-nos visão para observar tipos, produtos, objetos de um Estado dividido em regiões de vida rudimentar. Conceitua-se dentro de um estudo de externalização de nossas possibilidades econômicas, culturais.

Fêz-nos ver, considerar que o homem, em face da realidade rionegrina, no meio de tantas coisas : florestas, oceânos de água doce, terras dadivosas, não deixa de ser um épico. Constrói o que necessita para sobreviver : canoa, flexa, arpão, arrastão, tapiri. É um titã nessa modalidade de vida.

Não se sente infeliz. Da mandioca, produz : farinha, beiju, tapioca e os famosos caxiris das noitadas de festa. Quando não tem caça ou peixe para o almoço, toma chibé. Pertence a um mundo diferente, da matéria bruta. Um mundo que êle não pode utilizar para um destino mais progressista.

O caboclo, dentro de um encadeamento de atos e situações explica-se na origem de sua vivência, das atividades que o limitam aos objetos, às coisas, aos fatos de seu mundo cotidiano sem relação com outros de níveis mais complexos, mais integrados aos processos da tecnologia avançada. Sua produção é rude, quase primitiva.

Dos habitantes do Rio Negro mestiço e ameríndio, alienamo-nos. Não compreendemos seus índios quando se apresentam diante de nossos olhos como selvagens na recente atrocidade dos Atroaris. Vivemos, de fato, num mundo de vidas regionais, diferentes. Algumas brutalizadas, semi-escravizadas, insuladas. Outras, altamente especializadas.

A linguagem do homem, pois, é regional. É qualificada através de seu mundo cotidiano, de sua função. Alienada é a linguagem dos homens da selva, dos seringais, dos beiradões, dos defumadores e porangas. A linguagem científica dos supercivilizados, dizem alguns filósofos, que é loura, bela e boa. Enquanto que a dos superdesenvolvidos, como a da região mestiça e ameríndia do Rio Negro, consideram-na primitiva, selvagem.

Senhor WALDEMAR BATISTA DE SALLES, vossa linguagem acêrca de nosso Estado não é moderna, não é sofística, não se apura em côres psicodélicas, em veleidade fantasiosa. É real, objetiva. Resulta de vossas viagens através dos municípios e vilarejos interioranos. É clara. Participa das coisas e ações de nossa vida regional, cotidiana.

Na corrida tecnológica em que porfiam os superdesenvolvidos para o ano 2.000, o Amazonas não pode continuar deitado em selva esplêndida. Necessita de ser desmistificado. Indentificado com as fôrças progressistas da nação. Precisa de ser olhado com realidade nessa sobrevivência bastante primitiva, quase selvagem. Por isso mesmo, não natural, não relativa, mas realmente de expectativa.

O homem amazônida não pode continuar nessa imobilidade interiorana do selvagismo e do primitivismo. Um Amazonas livre dos efeitos do Inferno Verde e da Terra sem História será um nôvo Amazonas desmitificado e desmistificador. Será um nôvo Amazonas com base científica de progresso, de trabalho, isento dos perigos de um desafio internacional.

Nesse sentido, a vigilância crítica deve existir para que a sua valorização econômica não se deturpe, para que a Zona Franca não desapareça. Um Estado com um jornalismo atuante, uma notável equipe de bons escritores, com revistas culturais, associativas, universitárias, sem dúvida, isenta-se de uma fraqueza doméstica e solidária.

No campo das reivindicações pùblicamente debatidas, da vigilância crítica, veja-se, por exemplo, o que é São Paulo com seu imenso poderio jornalístico, seus escritores de vanguarda, sua indústria complexa, acessível nessa história da máquina e dos vagões, cada vez mais indispensável ao paulista que se modifica pela valorização econômica, com seu parque industrial sempre melhorado contra o atraso, o analfabestismo, a espoliação, a alienação, a mistificação e a fome.

Sim, nesta hora de mutação humana, dos circuitos eletrônicos, do homem na Lua, em dimensões planetárias, felizmente, vê-se, sente-se, que esta extraordinária região do Rio Mar começa a incorporar-se, de fato, às atividades integrantes de nossa civilização. Os habitantes do Rio Negro ameríndo, dentro em breve, gradativamente, terão novos meios de comunicação e uma vida mais total, mais concreta, em nosso quociente econômico, social e político.

Senhor WALDEMAR BATISTA DE SALLES: neste momento em que tomais posse de vossa Cadeira neste Silogeu, como amigo e admirador dos vossos trabalhos literários, sentimo-nos felizes, honrados, orgulhosos em vos dar as boas vindas.

Após os votos que vos consagraram numa eleição séria, refletida, ponderada e conceituosa, aqui estais com honrada e digna valorização de homem e de escritor. A tão caro destino

merecestes chegar pelos temas de beleza e de glória que em alto sólio soubestes aprimorar no cultivo das boas letras e no convívio de nossa aristocracia mental.

Sim, nesta assomada do caminho, neste preciso momento, recebeis, entre aplausos e louvores, o majestoso prêmio só concedido aos lavradores que se imortalizam em perfeito trabalho de vida intelectual.

Sem dúvida, neste propósito que se eleva na arte e nas alegrias do coração, sois um dos nossos. Esta Casa de Adriano Jorge e de Péricles Morais também é vossa. Em nome de nossos ilustres pares apressamo-nos em dizer-vos: SÊDE BENVINDO.

CADEIRA 18 (Jonas da Silva)

ALOCUÇÃO DO PRESIDENTE

Ao instalar a sessão, o Presidente Djalma Batista falou de improviso, destacando a alegria com que fôra aceita a candidatura de Jorge Tufic, legítimo representante dos grupos de intelectuais jovens, reunidos no Clube da Madrugada, que exercera, no início de sua atividade, uma espécie de reação contra a Academia. Nem tão fechada era a Academia, nem tão forte tinha sido a reação daqueles grupos, que, depois de depurados pelo tempo, estão sendo hoje admitidos pela própria Academia, onde se abrigam livres e conscientes. É que a Academia está sempre apta a fazer justiça a quem tem valor.

Outro aspecto importante da admissão de Jorge Tufic era a sua condição de descendente da operosa colônia sírio-libanesa, que trouxera uma contribuição importante à cultura brasileira, especialmente no Amazonas, — o seu primeiro descendente a figurar na Casa de Adriano Jorge e Pericles Morais.

Salientando a condição de acreano, regozijou-se o Presidente pela recepção de outro acreano, filho de Sena Madureira, que vem reafirmar o prestígio da inteligência da terra natal sob a cúpola acadêmica.

Por fim, o fato principal era a chegada de um legítimo poeta, à maneira de Gibran, senhor da inspiração e criador da beleza, para engrandecer a Academia, que encarregara de saudá-lo outro grande poeta, Elson Farias, companheiro de lutas e de ideais de Jorge Tufic.

«O POETA É TRANSPARENTE»

JORGE TUFIC

Como iniciar este discurso, sem ouvir da consciência o dever que ela me impõe de uma severa autocrítica ? O que deve um poeta sentir no grave momento de seu ingresso numa Academia de Letras, quando a praxe espera dêle um discurso, mas um discurso variante do tipo comum, consubstânciado numa experiência literária que soe diferente das anteriores, e traga ao ambiente desta Casa novos subsídios que lhe honrem a tradição e o renome ? Ao conceber estas idéias, garanto-lhes, já começava a elaborar ìntimamente o ilegível esquema das qualidades positivas em que os ilustres membros da Academia Amazonense de Letras se louvaram no ato de minha eleição. E a segunda pergunta foi conseqüência natural da primeira, e o resultado de ambas teria sido adiar indefinidamente a data de minha posse, não tivesse o acaso vindo em meu socorro, dando-me a oportunidade de um feliz reecontro com a poesia de Jonas da Silva, patrono da Cadeira nº. 18, para a qual fui eleito. Devo êsse reencontro a Genesino Braga, membro como eu do Conselho Estadual de Cultura, cuja solicitude motivou abordagem menos apressada às duas últimas abras do poeta, **Uhlanos** e **Czardas,** não me tendo sido possível conhecer de perto o **Anforas,** seu livro de estréia. Trata-se de um volume raríssimo, editado em 1900, reunindo os mais conhecidos trabalhos poéticos do autor, declamados e comentados através de gerações sucessivas, e chegados ao conhecimento da nossa pela suave modulação de seus versos, pela contagiante dramaticidade mística.

Sôbre o ex-ocupante da Cadeira, jornalista e crítico Aristófano Antony, não me foi difícil colher os pormenores que me faltavam a respeito de sua laboriosa carreira na imprensa de nossa terra. Seu desenlace carnal data de muito pouco tempo, fator êsse de entrave a um julgamento acertado daqueles que, a seu lado, aprenderam e amaram com êle o exercício cotidiano de levar ao público ledor, a beleza e a verdade que andavam sempre juntas em sua infalível chave de prosa. Daí a parcimônia

em dar-se conta de sua obra, na perspectiva histórica e humana que se descortina entre nós e o meu estimado antecessor, não sendo legítimo arriscar aqui um juízo crítico ainda mal informado de sua contribuição no campo das letras, embora rico de sugestões no que fale diretamente ao homem, ao pai de família, ao conversador vespertino, ao mestre, ao amigo, ao companheiro de batente. É o Professor Agnello Bittencourt quem nos comunica, em seu "Dicionário Amazonense de Biografias — Vultos do Passado" : "Aristófano Antony nasceu a 24 de maio de 1903, em Manaus, sendo filho legítimo de Leandro Antony e de Maria Ferreira Antony. Seus avos foram : maternos, Miguel Ferreira dos Santos e Maria Ferreira dos Santos, êle natural de Portugal, e ela do Estado do Rio de Janeiro; e paternos, Luiz Antony e Francisca Antony, ele natural de Florença, na Itália e ela do Amazonas. Luiz Antony foi dos mais antigos habitantes de Manaus, de onde saiu para defender o Brasil na guerra com o Paraguai, onde morreu com o pôsto de coronel, depois de ferido por um estilhaço de granada. O Imperador D. Pedro II, por serviços relevantes, condecorou-o com a Ordem da Rosa.

"Antes de ter concluído o seu curso ginasial, por vocação, Aristófano Antony já se iniciara no jornalismo, dirigindo um semanário chamado "O Monóculo". Era, também, repórter do "Jornal do Comércio". Frequentou o primeiro ano da Faculdade de Direito e, depois, o primeiro ano da Escola de Agronomia, cursos que abandonou para dedicar-se, exclusivamente, à imprensa. Nesse mister esteve no Rio de Janeiro, onde trabalhou, seguidamente, nas revistas "Seleta", "Fon-Fon" e nos jornais "DiárioCarioca", "Jornal do Brasil" e Agência Telegráfica Brasileira, isto de 1927 a 1929. Chegou a redação do vespertino "O Dia", que elementos amotinados empastelaram na Revolução de outubro de 1930. Constituíndo o govêrno revolucionário, foi secretário da Prefeitura Municipal de Manaus, quando prefeito o professor Marciano Armond. Deixou, espontâneamente essas funções, para fundar "O Jornal", órgão da Revolução, no qual permaneceu, como redator-secretário, até 1937, ano em que criou o seu próprio vespertino "A Tarde". Foi obrigado a vender "A Tarde", que há doze anos vinha combatendo os governos trabalhistas. Com o desaparecimento do seu jornal, passou a colaborar diáriamente em "A Crítica", sendo depois o articulista de "O Jornal". Seus artigos, sôbre assunto gerais, ou especialmente tratando da política nacional ou internacional, sempre foram assinados, muito lidos e comentados." (. . .)

"Aristophano Antony pertencia à Academia Acreana de Letras, à Sociedade Literária dos Amigos de Balzac, de

Montevideu, à Academia Amazonense de Letras, desde 1947 e ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Era um dos sócios mais antigos da Associação Brasileira de Imprensa e sócio fundador da Associação Amazonense de Imprensa, que presidia ao falecer. Deixou prontos, para entrar no prelo, os seguintes livros — : "Evocações Sentimentais" (novela); "Política, Democracia e Revolução" (artigos de jornais). Em preparo, o livro "No turbilhão dos Ventos Tropicais", de crítica literária. Sob o patrocínio da Academia Amazonense de Letras e da Associação Amazonense de Imprensa, foi lançado a público, pòstumamente, no dia 21 de novembro de 1968, o seu livro "Sombras e Reflexos".

Cabe-me, também, nesta introdução, agradecer e dedicar minha entrada nesta Academia aos acadêmicos Djalma Batista e Álvaro Botelho Maia; um, porque me deu incentivo e coragem no passo decisivo que me levara a aceitar o privilégio de minha inscrição à vaga de Aristófano; o outro, por ter aberto as mãos num gesto largo de poeta, delas brotando, e de seus lábios, o súbito oferecimento de receber, neste Silogeu, o irmão menor que lhes agora dirige a palavra. O tuchaua partiu. No silêncio coroado pelo sol amazônida de suas estrofes eternas, o tuchaua partiu. Para longe de nós, para os braços de Deus. Não será êle, portanto, que irá me receber daqui a momentos. Será outro excelente poeta, da cêpa heróica e tranquila de que proveio o cantor viril da gleba caluniada : Elson Farias. Minha alegria tem sido a mesma, desde que me transmitiram a notícia, pela certeza de que ambos saberiam compreender a modéstia que envolve o diminuto espaço que começo a vir de ser, acampando à margem de sua glória acadêmica.

Quero agradecer, outrotanto, aos demais acadêmicos, pelos votos de austera confiança que me deram, rostos amigos que ora vejo desta tribuna, agora desanuviados pela distância que os separava da moderna geração de escritores amazonenses, tranquilamente certos de que a tradição e a cultura que defendem, podem ser interpretadas defendidas à luz de outros processos relacionados com a produção literária e o conhecimento de modo geral. Assim vêm fazendo v. Excias., e assim faremos nós, em têrmos afinados com a nossa época e nos limites permissíveis pela dimensão funcional que aproxima as artes da ciência, e estabelece, para sempre, que sem o conhecimento de outros campos, nenhuma dessas atividades poderá ser exercida em plenitude. A poesia, atingindo as experiências da praxis e do neocroncretismo nô-lo comprova tal assertiva. O cinema, valendo-se da imagem, lançando mão de recursos criativos abrangentes desde o romance, o teatro, a dança, a música, a

escultura, a história, o urbanismo, à ficção científica, é outra evidência que aponta o futuro como um todo unificado, onde a arte será uma utilidade semelhante ao pão, à mesa, ao telefone, à janela, aos objetos decorativos. Não digo pop, mas arte, sem distinção de escolas ou galerias, para todos. Foi pensando nisso que entrei nesta Casa. O facho olímpico, se o não trago nas mãos, podem V. Excias. vê-lo arder em meus olhos, na apoteose de quem recebe sua luz transfiguradora e mutável, transmitida pela firmeza das mãos anônimas que a sustentam e conduzem pelos caminhos abertos e livres, ou pelos túneis da escuridão fanática e total.

O PATRONO DA CADEIRA Nº.18

Jonas da Silva nasceu na cidade de Piauí, a 17 de dezembro de 1880. Piauiense da gema, das márgens do Parnaíba, suas retinas deviam guardar a lembrança dos campos gerais e seus ouvidos o barulho familiar dos trapiches para atracação de navios pertencentes às velhas companhias de navegação de Pernambuco e do Maranhão. Havia também o rumor do Oceano Atlântico, mais além, na faixa litoránea. O poeta andava pelos oito anos quando as grandes marés começaram a invasão de alguns municípios fincados no litoral. Dunas de areia soterraram moradias e uma vila ficou reduzida a um pequeno grupo de casas. Aos onze anos veio para o Amazonas, onde fêz os primeiros estudos. Dessa fase de sua existência os dados reunidos são bastante imprecisos. O certo, porém, é que aos vinte anos de idade êle estréia na poesia. Mello Nóbrega, no longo ensaio que escreve para a **Revista do Livro,** nº. 12, ano III, de dezembro de 1958, subordinado ao título "Evocação de B. Lopes", refere-se a este como autor de um único trabalho em prosa até hoje conhecido : o prefácio de **Anforas.** O emplumado burilador dos **Cromos** exercía, de fato, um poder mágico sôbre a criatividade descritivo, pomposo, até certo ponto místico ou vincado aqui e ali de um "saudosismo" que anulava seu tempo para mergulhar nas atmosferas épicas de Hespanha e do Oriente lendário... Mas estas já eram características do simbolismo daquela fase de nossas letras, inclusivè a brancura e a "vaguidade verbalista, que é um dos pendores da nossa gente". E quanto ao simbolismo, surgido em fins do século XIX, como reação literária ao neorealismo piegas e ao espírito clássico dominante em outras correntes, foi largamente cultuado a partir de 1900, o que desloca sobremodo a fixação de uma única origem da influência poética de Jonas da Silva (no caso B. Lopes) para o amplo território de conotações simbolistas que tinha por cenário a

época em que ambos viveram. Na opinião de quantos o leram, **Anforas** marcara com letras de ouro a abertura do século XX, maxime trazer em si próprio o breve declínio da escola que tão bem representava. Nele estão insertos os mais finos e suaves extravasamentos da temática lírica que governaria até o fim o coração do poeta, expondo em cada desfecho de sonêto o amago de sua cultura aleitada nos clássicos antigos e contemporâneos. Ainda hoje, com frequência, ouvimos declamar versos de estranha e comovedora beleza saídos daquelas páginas que os anos amarelecem, e de reeditá-las, ninguém se lembra. Dir-se-ia que o destino, ardiloso, reservara ao Patrono da Cadeira nº. 18 a mesma sorte que de seu mestre e contemporâneo B. Lopes, cujos dez volumes de poesia foram legados ao mais completo silêncio e abandono. Basta dizer que Andrade Murici, para obter as obras completas dêsse último, teve que esperar vinte anos, enquanto coligia, pacientemente, os subsídios para o seu monumental "Panorama do Simbolismo Brasileiro". Já é tempo, portanto, de se pensar numa reedição, em um só volume, das obras completas de Jonas da Silva, a exemplo do que vem fazendo a editora Civilização Brasileira com as obras dos nossos clássicos.

No estudo da obra do poeta fluminense B. Lopes, Andrade Murici faz o recorte social de uma época que teria infundido naquêle "o requinte saloneiro" e cosmopolita dos **Brazões.** Em verdade, além da preferência pelo culto às expressões ornamentais, ruidosas, consentidas e deflagradas pelo mais congênito sangue mestiço, talvez houvesse nele profundas "recordações de infância", de vida passada em contacto com a aristocracia rural fluminense, nas festas dos engenhos senhoris". Vemos, assim, que a influência do autor de **Brasões** sôbre Jonas da Silva amiuda-se em face das notações subjetivas que fluem dos versos que conhecemos do **Anforas,** e ficam, sem dúvida, ainda mais distantes do **Uhlanos.** Conferi este ponto de vista com o escritor Mário Ypiranga Monteiro, e chegamos à conclusão de que o simbolismo de Jonas da Silva, dada naturalmente a sua formação e temperamento arredio, era mais introspectivo de que propriamente influenciado pelo estilo cromático, descritivo e cheio de neologismos pedantes do autor fluminense. As belezas e agonias do mundo exterior, para Jonas da Silva, se apresentam à guiza de componentes estéticos de sua alma em diálogo consigo mesma, no qual êle invoca os símbolos terrenos mais representativos da inutilidade humana, "o mar em revolta contra a praia", o homem contra seu destino ; e em meio ao incenso e a nobreza da linguagem, borda o verso com a fina tessitura das imagens comparativas, exumadas ora de um "trecho da Gioconda", ora da alegre e misteriosa Hespanha dos toureadores. A Dor, o

Bronze, a Luz, a Morte, a Descrença, a Dúvida, a Paz e outras, são palavras escritas com maiúsculas, individualizadas como fôrças que dominam e subjugam as criaturas ao sistema geral das coisas efêmeras. Alguns sonêtos bucólicos, de intenção decorativa, tocados marcialmente pelas metáforas de efeito puramente declamatório, trazem, contudo, a marca indelével de B. Lopes. Não creio, porém, que este tenha sido o fraco do poeta, ao qual não agradava apenas a forma pela forma, a côr ou a luz distribuídas ao longo de uma tela, cópia fiel da natureza. Os aspectos exteriores, dizía, são para êle como as fôlhas e os frutos das árvores são para os ninhos e as aves : aspiração, alimento e perfume.

Assim, pode-se exemplificar com os dois tercetos dêste "Vesperal" :

"Logo depois que aos mármores vetustos
Desças, ó Noite do pezar, dos sustos,
Depois que as azas de albratoz envergues,
Há de a Lua surgir pálida e etérea,
A Lua, a triste lampada sidérea,
o sorriso do azul para os albergues"

De **Anforas** e **Uhlanos** a poesia de língua portuguêsa herdou sonêtos antológicos como "Santa Teresa," "Coração", "A chácara", "Novembro" e outros. Mas o Simbolismo brasileiro, conquanto perdurasse além de 1900, daí por diante seu **reinado** — êsse reinado de que nos fala Adolfo Casais Monteiro — terminava para ceder lugar ao que êle chama de **interregno,** "aquele tempo em que não reina ninguém na literatura, aquele período em que, apagado o fogo sagrado que alimentou a vitalidade duma fase, talvez já refervam nas profundezas, mas não chegaram ainda à superfície, as lavas ferventes que trazem consigo a renovação". Foi assim que, nas primeiras duas décadas dêste século, a voz de nosso patrono se recolhera aos harpejos secretos de uma lira que deixava de estar a serviço da letra de fôrma, para acompanhar o rítimo contemplativo de uma existência doméstica, terna e cuidadosa. Fruto dêsse longo período de hibernação é o **Czardas,** caderno denso, de sonetos e poemas ditados na maioria pela circunstância, e onde o autor reproduz, bem de propósito, alguns dos melhores instantes de seus livros anteriores. Esgota-se aí, talvez, o líquido sagrado que os deuses concedem aos heróis do canto maior, para a embriaguez da beleza e o resplendor poético daquele "autêntico real absoluta" que tão bem simboliza a vida e o pensamento de Novalis. Mas essa mesma voz ressoaria depois, na lembrança que o passado, de verdadeiro, lega ao presente na voz dos novos e no

comovido assentimento dos velhos que o conheceram de perto. E por arte dessa curiosa viravolta da história, dezenas de sonêtos de Jonas da Silva andam por aí, e seu nome adquire, aos poucos, aquele timbre de lenda e mistério que nos envolve e atrai...

A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Entro nesta Casa re-pensando, com a lucidez de quem morre para renascer, êste "ideograma de vitalidade" que os Irmãos Campos aproveitam numa das entrevistas com Ezra Pound: "Não há literatura sem curiosidade. Quando a curiosidade do escritor morre, êle está perdido — êle poderá fazer não importa qual acrobacia, mas nada escreverá de vivo se a sua curiosidade estiver morta". Dessa curiosidade se alimentam, initerruptamente, o russo Maiacovki, o italiano Ungarete, o frances Jean Paul Sartre, o português Fernando Pessoa e o brasileiro Machado de Assis. As Academias, quaisquer que sejam as normas e os sortilégios do prêmio que elas conferem ao escritor que toma assento numa de suas poltronas, jamais atuaram como freio ao desenvolvimento das idéias ou da obra literária daqueles que passam a integrar o seu quadro de sócios. Êsses quadros podem, muitas vêzes, receber elementos que apenas se ajustam à convivência social, ou cuja atividade nada tenha a ver com literatura, mesmo que se extraia dêste gênero o seu lado puramente criador em proveito do tratamento que se dispensam aos temas de naturza científica. Nada disto, salvo a distorção completa de suas derivas, lhes impede de absorver, em determinados instantes, a essencia de movimentos de arte e literatura que se cristalizam na projeção de nomes e obras básicas da inteligência humana. Da França, argüimos o caso de Anatole France. Do Brasil, os exemplos bem exemplares de Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Guimarães Rosa e, mais recentemente, o de João Cabral de Mello Neto. São figuras que participaram de movimentos decisivos em nossa **inteligentzia :** Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, movimento antropofágico "Anta" e geração de 1945. Com exceção de "impopular" e gigantesco romancista de "Grande Sertão: Veredas", que é um capítulo à parte em nossa literatura de ficção, todos os demais assumiram uma atitude crítica em face de seu tempo, engajados com rigor analítico à necessidade de preencher um vazio em nossa cultura artística e literária.

No Amazonas, guardadas as proporcionalidades do binômio tempo espaço, ocorrera um fato idêntico: surge, em 1954, o Clube da Madrugada, que agita, em quase todos os setores do conhecimento, uma bandeira nova de reformulação

atrás nessa "coexistência" até alí inédita entre nós, de artes, artistas, críticos, teatrólogos, juristas, sociólogos, economistas, cineastas, jornalistas, cantores e poetas. Uma espécie de "vasos comunicantes". Uma pequena universidade eclética, ou, com mais exatidão, um forte anseio precursor de uma cidade universitária. Dessa maravilhosa "coexistência" nasceram poemas que se nivelam aos melhores de nossa época, no contexto mundial. Dessa universalidade linear, entre linguagem e temática, chegou-se a firmar um raciocínio definitivo a respeito, por exemplo, da participação do artista nas convulsões e nos problemas sociais de cada época, sobretudo na em que êle encontra. Soube-se discernir, nìtidamente, o panfleto político da literatura, sem negar ao poeta o direito ou o dever de presentificar o manejo de sua inteligência a serviço dessas causas. Divulgaram-se experiências, ainda hoje válidas, e dêsse intercâmbio ccm o público chegou-se à conclusão de que há processos sociais transitórios, que criam circunstâncias favoráveis a uma poesia de igual tipo. As exceções existem, quando os graus do poético sobrelevam as circunstâncias históricas, e perduram em função da mensagem que tira aos eventos uma forma de protesto que seja, ela própria, uma nova forma de poesia.

Na opinião de Sérgio Millet, tôda poesia é social. E pudemos aduzir, explicando : social, na medida em que, muito embora trabalhada à margem da "história" ou de seu tempo, dá-nos um perfeito modelo de tudo quanto não deverá servir a nenhuma outra poesia, cujos alicerces se meçam pela sua integração nos problemas que agitam os seus arredores. Emprego aqui o têrmo integração no sentido de participação efetiva em suas múltiplas tarefas e objetivos culturais.

Sem êste movimento, sem essa agitação de idéias, que proporcionou ao núcleo geracional em vigor a oportunidade de assistir e manipular os acontecimentos evolutivos da espécie que atualmente presenciamos no Amazonas, com o franco progresso de uma Universidade modêlo, quase nada poder-se-ia balancear de verdadeiro como fato cultural devido ao esfôrço conjunto nosso e de nossos contemporâneos, mais recentes. A Academia Amazonense de Letras já compreendeu êsse fenômeno, aqui e ali documentado através de artigos e ensaios de vários de seus integrantes, que se empenham em análises concisas em derredor de arte, de poesia, de folclore, de literatura moderna, dirigidos no propósito de estimular, compreender, despertar e trazer para o seu meio valores reais que se firmam nas letras. De Thiago de Melo a Elson Farias e Sebastião Norões, e dêstes aos futuros nomes cujo alto valor não poderá, também, ser esquecido por esta

cultural, enfatizando, ao modo peculiar da região, a cunhagem de valores poéticos afinados com a realidade brasileira, com a presença nela de uma consciência universal em diálogo com os problemas estéticos da atualidade. Alguns dêsses valores alcançaram os objetivos da vanguarda; e a pintura não ficou Academia —, já temos, aqui, provas suficientes de que a morada espiritual de Adriano Jorge e Péricles Morais, vem de abrir suas portas e janelas para que a luz de um mundo nôvo, de solo e supersolo, penetre, radiosa e pura, nos seus bastidores. Pálidos ou cintilantes, estes reflexos de môça eternidade e renovação se cruzam e se misturam neste velho cenáculo, para irradiar, finalmente, uma única luz comum de trabalho, estudo e preservação continuada daquelas obras e daqueles nomes, que fazem de nós seus irmãos na dor e no sentimento de criar belezas — e espalhar verdades.

MINHA PRESENÇA

O que me traz a esta Casa já não permite, nem talvez de leve, arriscar uma suspeita de vaidade intelectual. Minha pequena fôlha de serviços tem muito pouco dessa escureza mental de que nem Salomão, com tôda a simplicidade de seu raciocínio filosófico, viu-se livre de carregar sôbre os ombros. Em dosagem menor ou maior, todavia, ninguém jamais poderá se ver completamente liberto dêsse anátema do Eclesiastes. A vaidade é fruto natural do homem, e assim foi desde que outros sentimentos afins, mais edificantes, fizeram dêle a medida de tôdas as coisas, o substrato do universo. Sei, contudo, à maneira incomum daquele personagem de Lêdo Ivo, em seu "Ladrão de Flor", que "o destino, a fatalidade e a essência de obra de um poeta é ser incompleta — dessa incompletude ela vive e morre". Tenho, desde cêdo, que mais vale uma longa preparação para o ato de escrever, de que levar a rascunho ou à letra de fôrma o cavaco apenas que serve de crosta ao âmago das coisas que se procura. Daí os extensos exercícios que medeam entre a publicação de um livro e outro de minha autoria, as longas pausas de silêncio que escondem a linfa do corrego interior que nos anima ou angustia; e a demolidora suspeita, contemporânea da máquina e dos vôos interplanetários, de que as nominações que damos às coisas e aos objetos que nos cercam, padecem de um teor comunicativo, que nem as palavras, menos que os objetos e as coisas, despertam livremente em nossa inteligência. Nunca pratiquei literatura como deleite. Isto sim, é uma forma aguada de vaidade, de negação da arte. Nossas fronteiras do real conhecido ou imaginário discutem um dialeto flexivel entre o

que foi e o que poderia ter sido. A arte concreta, a neo, a praxis e a pop arte são exemplos atuais de que ao poeta, tanto quanto aos demais artistas e homens de letras, não cabe deleitar-se apenas com o que lhe parece deleitar a maneira de seus leitores, mas, sobretudo, policiar frequentemente seus instrumentos de ofício, sujeitos também ao desgaste dos aplausos fáceis, e ao hábito contagiante do nenhum-esfôrço das tiradas epidérmicas, que tremulam por momentos vagos e fugaces nas cordas do entusiasmo coletivo. Eu sempre fugi disso.

Em 1956 fiz minha estréia na poesia com "Varanda de Pássaros, e, dez anos após, editava meu segundo volume de poemas, "Chão Sem Mácula", que o poeta e ensaista Pe. Luiz Augusto de Lima Ruas me dera a honra de saudá-lo, em belo e substancioso discurso, no ato público de seu lançamento na praça Heliodoro Balbi. À margem, porém, e talvez acima de meu labor poético, tive que empregar tempo e suor nas pesquisas e outros empreendimentos culturais do Clube da Madrugada. Neste ideal coletivo chegou-se a lavrar terras áridas, resguardando prèviamente nossas pequenas árvores dos danos peculiares às condições do solo, no das altas frondes e as sombras úmidas e estéreis desajudavam o saudável rebrotamento das flores e dos frutos. Um trabalho — uma luta — animados pelo calor de um entendimento universal das contingências humanas, pejados de compreensão e renúncia ante os percalços do meio ambiente, atingido anualmente pelo êxodo de jovens estudiosos ao sul do país, descrentes,na sua maioria, do nosso futuro e das nossas autoridades maiores, donas do poder. Ombro a ombro com as equipes do Clube da Madrugada, realizando o que podíamos realizar, anônimamente ou através de iniciativas que marcaram época em nossa terra, a poesia teve forçosamente que ceder terreno à execução de tarefas urgentes, e de igual importância para nós. Assim, a organização de Semanas de Estudos e conferências, as comemorações de datas históricas, acompanhadas de levantamentos biográficos de vultos proeminentes das letras nacionais, a ereção de monumentos, a implantação de um jornalismo literário mais chegado à grande massa de leitores e a construção da praça Gonçalves Dias, foram alguns dos inúmeros feitos em que tive a modéstia de colaborar sem barulho nem critério de média personalista. Se mais não fiz até hoje, dentro do vasto roteiro traçado pelo Grupo madrugada, a culpa disto não será apenas minha nem do Clube a que pertenço : "Nenhuma atividade" —— disse Ghandi — "pode tornar-se excelente se o mundo não proporciona espaço para sua excursão".

Prezados confrades :

Para mim, todos os caminhos que encontro me conduzem à poesia. Na observação mais simples que ouço de uma evasiva popular, tenho encontrado um motivo de emoção. Muitos de meus poemas começam ou terminam com a vibração de um afeto anônimo, retalho cotidiano de uma tarde ou madrugada, em que um gesto, uma palavra, despertaram em meu íntimo êsse corpo estranho e absorvente que é o poema. É um sentimento (ou instinto) que trago de bêrço, como todo ser humano, em maior ou menor dosagem. Já o título de meu livro de estréia parece elucidar êste fenômeno em que palavra e emoção, o abstrato e o concreto, se interligam para a visível postura do que se pretende figurar através dos símbolos verbais : **"Varanda de Pássaros".** Um título aprentemente fugitivo ao conteúdo do livro, mas lógico, claro demais como tentativa de conceituar plásticamente um paradoxo que não se limita ùnicamente à poesia, mas também à poesia em relação ao mundo em que vivemos. Da poesia em relação ao homem; e ao seu vazio metafísico.

Em literatura, dar é muito mais difícil do que receber. Penso naquilo que li, nas experiências que recebo a cada passo, e tanto basta para que eu decida adiar os meus planos de obra. Nunca me seduziu dizer apenas o que sinto. Isto qualquer um pode fazer em seu diário de **travessia.** Mas dizé-lo com a fria segurança de um transplante de órgãos vivos, ou com a avassaladora surprêsa que nos pode motivar uma audácia capaz de nos fazer parecer estranhos a nós mesmos — isto sim : é inventividade.

Com êste pensamento e com estas obras — que marcarão, decerto, o inicio de uma ascese bem mais proveitosa entre meus ilustres confrades de Academia — é que venho tomar assento na cadeira nº. 18 desta Casa. Tamanha honra, para ser avaliada, não bastam apenas a colheita e o esfôrço que lhes tenho dado até agora na esperança de correspondê-la, mas principalmente, a vontade e a fôrça que nos manieta ao ofício de aprender criando alguma coisa. De útil ? De necessário ? Pergunta-se, de Adão, primeiro habitante do paraíso terrestre ao último da Silva. Posso — ou podemos — responder com a frase de Cassiano poesia já foi objeto de volumosos ensaios, aqui no Brasil e no Ricardo, tratando da "Função da Poesia" na época do Robot : "A poesia serve — pela faculdade criadora — para evitar que nos tornemos simples peças do mundo mecanicista, capaz de cortar as relações líricas do homem com a paisagem e, o que é pior, do homem com os seus semelhantes." No entretanto, definir

estrangeiro, dos quais, todavia, sobressai intacta a famosa sentença de Novalis, antes mencionada, e que Fernando Pessoa utiliza como epígrafe de sua extraordinária "Mensagem" : ". . .quanto mais poético, mais verdadeiro". Esta assertiva se confirma com a mesma grandeza pela voz de um dos nossos maiores poetas e doutrinadores de vanguarda :" Uma canção de Safo, uma ode de Píndaro, a "Vita Nuova" de Dante, os sonetos de Petrarca, o "Divan Ocidental — Oriental" de Goethe, os poemas de Leopardi ou de Holderlin, qualquer dessas obras nos dá muito mais que uma série de emoções flutuantes e sôltas, que desapareceriam logo e se perderiam no nada. Entretanto, tudo isso "é", "perdura", "permanece". Abre ao nosso espírito um conhecimento que não é possível aprender em conceitos abstratos e que se ergue diante de nós como uma revelação de algo nôvo, até então ignorado e desconhecido".

Humílimo servidor público das letras, solitário artezão das palavras, eu ofereto aos meus companheiros desta Casa, e aos demais que antecipo com o meu ingresso na ilustre Companhia, esta última tentativa de definir a posição do poeta no mundo contemporâneo — e por que não dizer em tôdas as épocas e modos como êle se apresenta, vário e imutável, aos olhares nublados de terra ? São versos de "Varanda de Pássaros", nosso livro de estréia, em 1956 :.

III

O poeta vai pela rua.
Ninguém está vendo o poeta
porque o poeta é transparente.

O poeta atravessa a ponte
o poeta desfolha a rosa
o poeta contempla o mar.

Ninguém está vendo o poeta.
Mas duvida que ninguém sinta
a sua presença abstrata.

Senhores e senhoras : muito obrigado.

SAUDAÇÃO AO POETA JORGE TUFIC

ELSON FARIAS

A poesia é imponderável. Pelos imperativos da poesia aqui nos encontramos. Pela poesia devo saudar-vos nesta noite e por ela ingressais hoje nesta Casa. Permito-me, portanto, o direito de saudar-vos em tom de quem se inclui, há mais de dez anos, à gentileza do vosso convívio e do vosso humanismo. Permito-me, também, o direito de dizer que constituís uma personalidade excepcional e que convosco muito aprendi, percorrendo os desígnios indecifráveis da beleza.

Agora, devo saudar-vos, cumprindo uma tarefa ao mesmo tempo árdua e agradável, pois não poderia falar de vós sem que me imiscuísse no conteúdo da fala.

Pertencemos à mesma geração, esta geração que não ficou isenta do sofrimento e que também não ficou marginalizada do amor, apta a oferecer o vinho precioso da amizade e da comunhão de interêsses, predisposta a aceitar a amarga tinta das divergências e das contradições.

O que eu teria de dizer, neste momento, ao poeta? Proclamar o seu elogio? Fazer de sua obra um estudo crítico? Compor, ao seu nome, uma canção lírica de solidariedade? Muitos são os caminhos que se me descortinam ao iniciar estas palavras. E o que me vem possui o rumor das recordações recentes, ainda molhadas do dilúvio emocional da pura juventude.

Vejo a praça, a velha árvore, os grupos de sombra caminhando pela noite, o meu silêncio indeciso, preocupado com o meu e com o destino dos companheiros no seu ofício de escritor; recordo as lições de humanidade recebidas nos diálogos diuturnos, enfim, revejo o Clube da Madrugada.

Não sei se a idéia que dêle tenho, está prejudicada pela própria natureza de quem dêle participou, possuindo-o através de uma imagem íntima, orgânica, autobiográfica.

Temo pelo vitupério e pela imodéstia, mas tenho convicção de que não irei ferir a modéstia dos que aqui se reunem, nesta Casa, e dos que nos honram com a sua audiência nesta noite.

Se o Clube da Madrugada é um movimento de renovação artística, em nosso meio, aspirando pelo aparecimento de novas concepções de cultura e se aqui nesta Casa, encontrou um de seus alvos mais concretos para o debate e o recontro, o Clube da Madrugada, aqui nesta Casa, também encontrou apoio e aplauso, não isentos da crítica virulenta e do parecer exaltado, condição indispensável sem a qual não poderá alvorecer a luz meridiana do entendimento.

O que seria de uma sociedade neutra, onde todos concordassem com todos? Seria uma sociedade empobrecida num mundo gerador de indiferença, laboratório da pusilanimidade, ninho nefasto da hipocrisia.

O Clube da Madrugada raiou, com o poder da juventude, sem amarras e sem barreiras. Reuniu-se na praça, usou de todos os meios de comunicação, o jornal, o rádio, a rua e não se escondeu para pregar a sua mensagem.

Horda de sonhadores? Poderíeis objetar-me; mas eu vos responderia: o que seria da vida sem sonho? Onda de ociosos cortejadores da poesia? Não se pode admitir um mundo sem poesia.

É muito cêdo, contudo, para que se possa avaliar, em todos os seus ângulos, o resultado da ação do Clube da Madrugada em nosso meio. Somos vida e personagens dêste pequeno episódio de História. E se me apresso ao fazer tais comentários, é apenas para incutir conteúdo a êste momento, poeta Jorge Tufic, em que esta Casa recebe um dos mais genuínos representantes dêste movimento de renovação das nossas letras.

Minhas senhoras e meus senhores

Senhores acadêmicos

A poesia de Jorge Tufic inaugurou, inegàvelmente, um nôvo período na história literária do Amazonas. "Varanda de Pássaros", seu livro de estréia, obra também pioneira na série de realizações posteriores do Grupo, representa uma nova posição de nossa sensibilidade, pela expontaneidade, pelo rendimento de sua fatura, fruto do labor permanente com os elementos do verbo, pelas perspectivas abertas aos que procuravam praticar uma poesia que tivesse o seu princípio e o seu fundamento na matéria-prima essencial da poesia: a palavra.

De tôdas as cogitações levantadas sôbre êste tema, parece-me que as mais verdadeiras são as que convergem para um ponto comum de definição da poesia como arte da palavra, porque a poesia é, antes de mais nada, um fenômeno lingüistico. A Língua se enobrece ou avilta na prática do bom ou do mau poeta. A conquista do estilo próprio, a angústia de originalidade, o desejo ardente de contribuição cultural, encontram a sua resposta e o seu objeto no obscuro ou claro universo da palavra. É neste ponto que se torna falaciosa a distinção feita entre a chamada poesia moderna e os outros chamados tipos de poesia. Mesmo para efeito de compreensão didática, o mais correto, me parece, seria designar, a referida poesia moderna, de poesia contemporânea.

Se a condição primordial da poesia é interpretar a realidade, temporal ou intemporal, mística ou mundana, do mundo dos homens ou do mundo de Deus, seu ofício e seu estudo nos levam ao convívio daqueles que, nas planícies indefinidas do passado, o mais remoto e indevassável, construiram os bens subjetivos da vida de que hoje usufruimos.

Quero dizer que a proporção em que entramos neste território, na medida em que nos abeberamos dêsse veio de cultura, passamos a constituir um traço de união do passado com o presente. O poeta é um dos mais autênticos agentes da contemporaneidade. Êle não repete o que já foi feito, êle recria o mundo criado, porque, na afirmativa do santo jogral das escrituras, não há nada de nôvo sob o sol.

As virtudes de um bom verso residem na própria estrutura da frase poética, quer haja quer não haja rima, quer haja metro quer não haja. Da leitura dos bons exemplares da produção poética de Língua Portuguêsa, conclui-se que o que muda, no passar dos tempos, não é a maneira de uso da palavra no espaço em branco da fôlha de papel, mas os comportamentos impostos pelos modos de vida vigentes ao homem, as aspirações do seu tempo, as mudanças e as revoluções. Existem, contudo, sentimentos permanentes, que por serem puros e primitivos, primitivos no sentido lato da expressão, por serem do próprio paraíso interior do homem, se assomam com identidade de natureza e até de concepção.

Em "Menina de olhos verdes", é Jorge Tufic quem afirma isto.

Menina de olhos verdes
os poetas querem bailar
com as côres de teu vestido

(Os poetas querem bailar
com os peixes do teu vestido
e as luas de teu olhar)

Menina de olhos tristonhos
mais tristes que os da sereia
por noites claras de luar

(Os poetas querem teus lábios
feitos de sonho e coral
Os poetas querem tuas mãos
pra colher búzios do mar)

Menina de olhos verdes
Vestida de algas e luar
os poetas querem teus sonhos
e um pouco de teu olhar

Menina de olhos tristonhos
os poetas querem bailar

Em outra peça, o Poeta define o "Homem":

Trajetória de sombra dispersada
Das mãos lhe escorre o tempo que sonhou.
Quantas almas possui na alma pisada ?
Qual dentre tôdas a que mais amou ?

Seus passos abrem sulcos de alvorada.
Por estrêlas errantes se enredou.
Onde a sua face ausente procurada
E as ilhas de além-mares que fundou ?

Máscara leve lhe recobre a fronte.
(O silêncio por trás constrói o mito)
Traz nos ombros a sombra do horizonte.

De fundas cicatrizes cava o mundo.
E, sendo humano, um pouco de infinito
Guarda no peito como em céu profundo.

É necessário que sejamos humildes para que possamos verificar a irmandade dêste com os grandes bardos de nossa Língua.

Em "Possível Sonêto à Dalva", Jorge Tufic registra e fixa um momento de alucinação amorosa.

> Dalva era seu nome. O resto uma cidade
> e nela o meu orgulho. Uma janela
> e Dalva no ar de sonho que flutuava
> sôbre tudo; um vapor, uma agonia !
>
> Deu-se então, (como às vêzes acontece)
> o inevitável : mágua ? alumbramento ?
> Foram vêr-me no quarto. E que tristeza
> havia que eu não via em meu semblante ?
>
> (Que balões de mil côres pela noite
> pintados pela febre !) O doutor veio
> e disse : muito doente. Atrás do vidro
>
> a imagem redourada de uma lua
> — igual a um fôrno — e nêle o fogo brando
> como Dalva em meu peito, a consumia.

Todos êsses símbolos são símbolos que se oferecem para nós no simples viver da hora cotidiana, apenas com uma diferença: é que não nos apercebemos daquilo que angustia o poeta e que o destruiria se não fôssem as palavras.

Vejamos o que êle diz "Ao recém- nascido do Bairro do Céu" :

> Neste gesto em que assomas para o mundo,
> nesta quase evasão do que puderas
> sentir de encontro ao nada que te cerca,
> neste impossível ser que te projeta
> qual a sombra de um pássaro no cáos;
> nesta angústia sem teto, neste vale
> de páginas molhadas em teu pranto,
> de palavra sem eco ou distorcidas
> na opaca inconsciência destas horas
> que desfilam muralhas de silêncio,
> eu volvo os olhos mornos como um rio
> para as tuas vestes puras, quando Vésper
> seu claro augúrio sôbre nós apruma.

E em tudo vemos a poesia social porque tôda poesia é social, isto é, tôda obra de arte é social, tôda obra de arte é participante, participante da criação do mundo, participante da transformação do mundo. Registro ou protesto, ninguém fica isento do poema e ninguém sairá o mesmo de um poema. Um poema é uma fonte de desenvolvimento e um minuto definitivo de opção. Parece-me que o melhor poema de protesto será aquele que não precise de dizer "faça isto", ao contrário do que Geir Campos afirma num de seus poemas. Parece-me que o melhor poema de protesto, é aquele que predisponha o homem à mudança, à melhoria dos padrões vigentes de vida, a organizar a sociedade de modo a que se possa de fato confraternizar e trabalhar para produzir riqueza para todos, condições materiais sem o que o espírito pára no processo de caminhada para a perfeição.

E assim o poeta interpreta o seu "Discurso da Ponta Negra."

Negro. De margens palustres.
Morte por dentro onde ardem
carcassas de peixes e de
homens. Êste rio que impregna as
nossas retinas, afluente soturno
do Letes imaginário;
um novelo de serpes estriadas de
aurora — esta surda armadura
de heróis adormecidos na
lenda, acorrentados músculos
sem nome, — êle vibra,
e nas praias úmidas de orgasmo
resfolega como um falo
entre a manhã das lavadeiras
e a tarde viril, das carnes jovens
e rijas.

Por sob a densa
floresta, em seu dorso calado
nêste azul que esmaga a visão dos
enfermos,
combatente urbano do tédio,
entre as barbas corretas de Shakespeare
e os tormentos financeiros de Baudelaire,
eis-me aqui, outra vez **le beau sauvage,**
abrandado pelo rumor terciário
destas águas viúvas,
onde escavo meu rosto,
onde escrevo; soletro os enigmas

de sombra e cal legados por
êste côro de pássaros roucos
(de plumas anoitecidas) que
rangem o tempo das coisas.
Ano após ano, uma
fúria silenciosa avassala estas margens;
e uma onda opressora reboa sob as
pedras, que guardam, no entanto
êsse contôrno erosivo de si mesmas;
pedras, gumes, crateras.
Ano após ano, a voz confusa dos
elementos estruge nesta Ponta calcárea.
Negra. E por tôda essa encosta
lavrada pela chuva, a terra se contorce
debaixo das grandes árvores
que desabam, solenes, para o
bôjo das águas escuras.

Poeta Jorge Tufic,

Foi minha intenção fazer uma pequena amostragem da vossa obra. Não sei se o consegui, levando em conta o primeiro pensamento expresso no início dêste discurso, de que a poesia é imponderável, quer do ponto de vista de seu valor subjetivo, quer de sua significação como arte da palavra.

Aceitai esta intenção, forma adequada que encontrei para receber-vos, nesta Casa que, doravante terá em vós um companheiro dedicado, pelo ofício e pelo coração.

CADEIRA 32 (Bernardo Ramos)

A FALA PRESIDENCIAL

DJALMA BATISTA

A Academia Amazonense de Letras se reune hoje, solenemente, para empossar o Cônego Walter Gonçalves Nogueira, que inaugura a cadeira nº. 32, patrocinada por Bernardo Ramos.

O ilustre recepiendário, em quem todos reconhecemos um intelectual legítimo, tem sabido ser, ao mesmo tempo, um homem da Igreja e um homem do mundo, sempre identificado com a vida do espírito e com a vida da sociedade humana.

Sua presença nesta Casa de há muito se impunha. Vem êle trazendo seus livros, seus artigos, suas pregações e suas idéias, dentro do conceito ecumênico que vem revolucionando o Credo Católico desde o pontificado de João XXIII, que a todos surpreendeu e sensibilizou. Acredito mesmo que o então Pe. Walter Nogueira mais se humanizou depois que o ex-Cardeal Roncalli deu novo alento aos preceitos de "Paz na Terra aos homens de bôa vontade" e "Amai-vos uns aos outros", que tinham sido ensinados há 2000 anos.

A Academia tem sido, e deve ser sempre, uma síntese da intelectualidade de uma época, através da escolha de seus elementos representativos. O Cônego Walter Gonçalves Nogueira é uma dessas figuras representativas do Amazonas atual, não por que o cerque uma unanimidade de aplausos a que nenhum homem em consciência pode aspirar: exatamente a grandeza está em ser discutido, até mesmo negado. Pessoalmente discordo de muitos de seus pontos de vista, respeitando-lhe porém o direito de os expor e defender, como acredito que êle aceite a recíproca da minha discordância. Admiro-lhe porém a cultura e a inteligência, as grandezas e as fraquezas, as lutas e as

conquistas, como homem de seu tempo e sacerdote da nova Igreja.

Bernardo Ramos, que foi um exemplo de constância no trabalho e de dedicação às nossas tradições, quarenta anos depois de morto, está sendo celebrado com a inscrição de seu nome numa das poltronas da Casa de Adriano Jorge e Pericles Morais. E' o pagamento de uma dívida que o Amazonas tem para com o seu filho eminente, que lhe deixou importante patrimônio moral e intelectual, além de uma descendência que honra sua estirpe, sintetisada em Mário Barroso Ramos e Julião Barroso Ramos, dois amazonenses que constitúem valiosa contribuição do Estado à grandeza nacional.

As bôas vindas da Academia ao Cônego Walter Gonçalves Nogueira serão dadas por André Araújo, que tem sido um homem fiel ao pensamento católico, ao longo de um vida de constante dedicação a nobres causas e de ininterrupto esfôrço para interpretar os fatos sociais. Tive também a honra de seu paraninfado, ao ser recebido na Academia, e mais não quero dizer para expressar a minha admiração e o meu aprêço pelo seu grande espírito e pelo seu generoso coração.

André Araújo falará ao espírito, ao coração e à inteligência de Walter Gonçalves Nogueira, em nome de seu pares.

ELOGIO DE BERNARDO RAMOS

CÔNEGO WALTER NOGUEIRA

INICIALMENTE, uma consideração se impõe configurando êste instante de encantamento para mim e de evocação. Desde muito me acostumei a assumir posição de respeito admirativo diante da Academia Amazonense de Letras, quer pelo que representou e representa de valôres intelectuais, quer pela função orgânica que assume em nossa cultura.

Não é sem propósitos que destaco a doutrina de De Tarde na sua concepção organicista da sociedade. Acolho-a evidentemente como figura ilustrativa e de modo analógico, pois mesmo comparando a sociedade como órgão que vive e se desenvolve, faça-o respeitando a liberdade individual do homem que a compõe. O indivíduo racional será sempre o elemento autônomo que se insere livre na unidade social.

Estou absolutamente convencido de que a sociedade palpita nos indivíduos e, como êstes, atravessa as etapas da evolução natural; nasce, cresce, sofre possíveis atrofias, antes de alcançar a maturidade, que é ponto de aperfeiçoamento, de plenitude, que transborda, e de creatividade. Permitam-me ver nas Academias uma expressão autêntica do amadurecimento mental do ambiente em que elas aparecem, como consequência de um somatório de valôres e com os anseios de unir-se para não se perder e, dêste modo, ter o direito de subsistir. De onde o título pomposo de "imortal" que as Academias de Letras conferem aos seus integrantes, sem dúvida alguma muito mais uma reação à caducidade e contingência dos atos e fatos humanos, do que mesmo um embevecimento pessoal.

Curvo-me à insistência da idéia : vejo nas Academias a sociedade que atingiu o grau de maturidade para projetar-se no porvir, enriquecendo o momento histórico em que atuam como elemento catalisador de valôres. Atingida a sua plenitude, passam a criar, a corrigir, a completar, modificando a obra humana sempre pejada de deficiências. Antes dessa plenitude,

creio que todo o desassossêgo primaveral não passa de aventuras teoréticas, de hipóteses inteligentes que reclamam a confirmação e o endôsso da experiência da vida em seu sentido mais profundo, sob pena de desacreditar-se e morrer de ansiedade e de imprudências.

Agrada-me de igual modo, acreditar na existência, ainda hoje, dos talentos geniais, e até nos cérebros carismáticos, que dispensam o desenvolvimento normal da racionalidade, constituindo a exceção. É de bom alvitre, porém, não vulgarizar tanto o fenômeno excepcional. A indulgência em vislumbrar genialidades e carismas a cada passo, sobretudo nas inteligências irrequietas e fecundas, acaba por traduzir mau gôsto e a induzir a equívocos desconsertantes.

Por outro lado, distintas senhoras e meus senhores, pergunto: não é essa uma constante na história original de tôdas as Academias e Centros de ciências, e Centros de Culturas? Vieram sempre de homens que se agrupam, pensam, e decidem defender patrimônios conquistados com a argúcia do intelecto e que de outro modo ter-se-iam diluido na voragem dos tempos. Não é bem êsse ainda o critério de ingresso nêsses núcleos, o de ter atingido o candidato a idade adulta, através de produções literárias. Uma serena reflexão confirma e legitima tal procedimento, porque inteiramente de acôrdo com a dinâmica da racionalidade, como acabamos de verificar.

Assim meus distintos amigos, resulta muito clara a alternativa : a não ser a pródiga fidalguia que presidiu a minha eleição para êste sodalício, de tanta elevação e prestígio, não descubro outra justificativa para a solenidade desta noite, quando positivamente a gente fica indeciso em preferir, se a extrema generosidade dos senhores acadêmicos, se a perplexidade em efusão do novo sócio da Academia Amazonense de Letras.

O PATRONO — Com a mais recente reestruturação, a Academia Amazonense de Letras aumentou os números de suas cadeiras. A poltrona azul encimada de adôrnos da glória, de nº. 32, traz o nome de **BERNARDO RAMOS**, cujos traços biográficos passo a deslindar como um dever da proxe e como um preito de admiração e de enaltecimento.

BERNARDO AZEVEDO DA SILVA RAMOS era amazonense de Manaus. Nascido a 12 de novembro de 1858. Seus genitôres foram Manuel da Silva Ramos e Jesuina Maria de Azevedo. Seu pai viera a Manaus fazendo parte da comitiva do primeiro Presidente da Província do Amazonas, João Batista de Figueredo

Tenreiro Aranha; era jornalista do Pará, e aqui chegara no desempenho de sua profissão e a convite do novo govêrno para editar o **CINCO DE SETEMBRO,** o primeiro jornal da nova Provvncia. Sua mãe "descendia de Bonifácio João de Azevedo, amazonense ilustre, cujo nome aparece nos fastos de maior relevância ocorridos na vida política e social da Capitania do Rio Negro, ocupando cargos de alto relêvo. Foi Presidente da Câmara e, por fim eleito deputado às Côrtes de Lisboa, foi o presidente da Junta Governativa que assumiu o poder local, quando da proclamação da Independência do Brasil, em 1822". E concluem seus filhos Mário Ramos e Julião Ramos com amarga sinceridade : "A despeito, porém, de tão destacada descendência, Bernardo Ramos nasceu pobre, muito pobre mesmo, e teve a infelicidade de perder seu pai nos primeiros anos de sua vida. . ."

Do que foi a sua infância, batida pelo desdém da sorte, basta o pronunciamento do próprio Bernardo Ramos aos seus filhos, acarinhados então, pelo confôrto conquistado a duras penas. São suas estas palavras : "Sim, eu tenho um grande pecado, pelo qual pedirei perdão a Deus antes de morrer. É o pecado da inveja. Eu invejo o que vocês hoje têm e desfrutam : água encanada, luz elétrica, automóvel, cinema ! . . . No tempo em que eu era menino, a água eu tinha de ir buscar no igarapé. Era meu trabalho, tôdas as manhãs, trazer latas d'água na cabeça, até encher os depósitos de casa. Banho ? Era no rio. Luz ? era dos lampiões de cobre, queimando óleo de andiroba. Eu e meu irmão é que tínhamos de cuidar dêles. Todos os dias devíamos prepará-los para que estivessem prontos à noite. Nossas mãos ficavam gorlurosos e com o amargor do óleo de andiroba perenemente. Sapatos ? Ah ! Nós não tínhamos. Recebi um de herança do meu padrinho, o único que possui na minha infância. E tínhamos de vender na rua os doces que mamãe fazia. Levávamos aos freguêses a roupa que ela lavava. Precisávamos fazer tudo isso, para podermos comer, para podermos ter onde morar, para podermos viver" (Mário Ramos e Julião Ramos — **UM CABOCLO AMAZÔNICO,** Ed. Sérgio Cardoso, Manaus, 1965 — págs. 20 e 21).

Os sucessos na vida de Bernardo Ramos apresentam um encadeamento normal e exemplar, como frutos de caráter vantajoso e retilíneo que lhe ornou a forte personalidade. Assim foi na sua primeira vitória, ao lograr ser nomeado para única vaga de "carteiro" com apenas doze anos de idade; assim será muito depois, em Bruxelas, quando representante do Brasil assegurou-nos a conquista do Grande Prêmio no Juri Internacional, onde se não conseguiu triunfo duradouro, não deixou que fôsse

imolada a borracha silvestre do Amazonas em favor da goma de cultura da Malásia, da Indonésia. O nosso desastre econômico nêsse particular logo em seguida, por carência absoluta de planejamento e de previsões administrativas, pode esvasiar de esplendor a ação patriótica de Bernardo Ramos, mas a sensataz e a honestidade histórica não serão capazes de negar o mérito da causa, em que empenhou galhardamente obtendo êxito incontestável, na época. Tratava-se de contrariar o "financial power" da Europa, rica e orgulhosa. E Bernardo Ramos o fêz, com desassombro e sucesso. O Grande Prêmio foi conferida à borracha brasileira. Vitória difícil, mas efêmera, mais pareceu um simples paliativo ao processo agônico que fúnebre já debilitava a economia amazonense, tão perdulária e imprevidente.

Bernardo Ramos foi um cidadão que se fêz à própria custa, como se costuma sentenciar em casos semelhantes. Recebeu do berço paterno, como se viu, apenas um patrimônio: o da dignidade e o do trabalho, transformado por sua inteligência e sagacidade em confôrto e riqueza. Hábil comerciante, chegou a acumular bens que lhe possibilitaram uma vida social com bastante desenvoltura, dando-se ao luxo inclusive de transferir residência com tôda a família, do Amazonas à mimosa cidade de Nice, a pérola da Côte d'Azur, na França, onde viveu em discreta opulência, de 1905 a 1908. Apesar dêsse episódio e de mais outros de sua vida, quer no Brasil, quer no campo internacional, talvez por uma concepção mais exigente da atualidade, encontro relutância em aceitar que se possa, realmente, falar de **FORTUNA,** conceito prodígamente usado no livro **CABOCLO AMAZÔNICO** da série Torquato Tapajós, Edições Govêrno do Estado do Amazonas, Manaus, 1966. Quero, de pronto justificar essa prodigalidade. Ela assenta tão bem no recamo de inspiração filial. Tem o tom encantador na linguagem do amor de filhos. O rigor da técnica dobra-se, aqui, no rigor do afeto. Além disso, a própria mentalidade local talvez não fôsse tão exigente. Nem por isso se nega o alcance ou se entende diminuir sequer a possibilidade patrimonial de que dispôs Bernardo Ramos e sua venturosa família, no comêço do século.

ESTUDOS E PESQUISAS — A propensão ao cultivo do espírito foi uma bela qualidade incorporada desde cêdo à atividade normal de Bernardo Ramos. Não é outra conclusão que se deve retirar dessa rica personalidade. Liberta-se, ainda menino, da caturrice pedagógica de um mestre escola para estudar sòzinho todo o curso primário; comprova à farta sua competência no exercício de "escrivão" com a bela caligrafia,

gabada por todos que o conheciam. O exaustivo trabalho de tipógrafo, "compondo letra por letra, fazendo revisões". . . adestrou-o a escrever com correção. Uma característica convém seja logo acentuada. Mal lhe caem às mãos alguns vinténs, fruto de árduo trabalho, apesar da situação apertada da família, consegue, impondo-se a mais custosa parcimônia pesoal, colecinar as moedas de cobre do Brasil — Império.

Do êxito obtido em concurso para a Tesouraria da Fazenda e que lhe valeu honroso 2º. lugar (sendo aproveitado), sabe-se que o jovem Bernado Ramos era primeiranista do Liceu. Daí veio o empolgamento pelo comércio, correndo a sua cultura por conta de um autodidatismo, verdadeiramente impressionante. Bernado Ramos cultivou-se por índole e esfôrço pessoal. Estudou e pesquisou com paixão de sábio. As viagens freqüentes no território nacional e no exterior, de par com a satisfação delas colhidas, foram mais um atendimento à insopitável avidez por novos conhecimentos. Dedicou-se a arqueologia. Houve época em que se apaixonou pela etnologia, agarrando-se, pouco depois, com volúpia de descobridor a dados etnográficos e ao folclore da região do Rio Negro. Colheu importante material, estudou-o longa e pacientemente, comparou-o, com escrúpulo, chegando a conclusões pessoais de alcance científico. Tomou posição, e escreveu a obra "Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica, especialmente do Brasil". Obra riquíssima de informações e de depoimentos que destacam a competência mental do autor, legitimando seu empolgamento pela causa, que se não é a verdadeira, se não é a esposada pela ciência especializada de hoje, se não resiste à crítica da moderna tecnologia, não se anula completamente, não se desacredita de modo absoluto. Porque, além das palavras de sadia prevenção do próprio Bernardo Ramos quando diz textualmente : "E eis, finalmente, o resultado de alguns anos de perseverante, meticuloso, e insano labor, de iniciativa pròpriamente pessoal, a par da inteligente cooperação da consorte amada, sem outro intúito que de sermos de algum modo úteis, ao tão contravertido e secular problema pré-histórico de nossa Pátria" e imediatamente a conclusiva : "Aqui terminamos estas perseverantes investigações pré-históricas, ora oferecidas ao julgamento dos competentes arqueólogos, as quais nos foram sugeridas pelo culto à Verdade e pelo amor à Pátria", repetindo, além destas duas declarações preventivas e repassadas de nobreza, está por Bernardo Ramos sua indesmentível sinceridade de propósitos. Foi atacado; também a calúnia tentou dilacerar-lhe as abnegadas intenções. Sofreu as amarguras do desencanto do que foi o seu fascínio de tantos anos de observações e de vigílias. Não lhe faltou, outrossim, o contrapeso da amizade

de muitos, que admiraram e enalteceram o seu trabalho. Afinal de contas qual teria sido a pretensão das "Inscrições e Tradições da América Pré-histórica, especialmente do Brasil"?

— Bernardo Ramos procurou demonstrar:

a) que houve conexão entre os primitivos habitantes do Velho e do Nôvo Mundo;

b) que gregos e fenícios estiveram na América, muito antes dos seus "descobridores" do século XVI, deixando evidentes vestígios de sua estada ou passagem;

c) que os habitantes da América, encontrados por Colombo e Cabral, representavam remanescentes de uma civilização extinta, retrogradada ao estado de selvageria, por vários motivos, inclusive o da provável perda de contacto com os povos do Velho Mundo.

Jungindo-me a uma posição pessoalíssima e assumindo, de plano, o facho elucidativo da criteriologia, permito-me as reflexões que seguem:

1ª. — As teses de Bernardo Ramos foram contestadas pela crítica científica por **ineficientes.** Provaram demais e por isso não provaram coisa alguma. Faltam-lhes, dizem, o arrimo da moderna tecnologia a serviço de ciências, como arqueologia e etnografia. Muito bem. Acontece que a problemática continua de pé desafiando os peritos. Qual origem dos povos da América? Não surgiram das pedras, nem das florestas densas...

2ª. — Pelo que tudo indica, para a civilização cristã, as Escrituras designam o Oriente como berço da humanidade.

Dele se espalhou a humanidade a todos os quadrates da terra, e, incontestàvelmente, do Oriente vieram os povos da América. **Quando, como através de que estirpe humana?** São indagações que tombam na mais densa escuridão da História. Ninguém sabe. Inexistem condições convincentes de uma certeza. As hipóteses tomam conta do problema sem o exaurir em conclusões definitivas. Aos cientistas, aos estudiosos e pesquisadores, cabe formular as teorias, ávidas de convicções, mais ou menos sólidas. Portanto, sem tomar partido "pro ou contra" na questão, em volta da qual se levantam as hipóteses, filhas legítimas de criações fantásticas ou da mera curiosidade, apraz-me usar o aforismo filosófico que desfibra os antagonismos: "quod gratis affirmatur, gratis negatur" isto é, aquilo que se afirma gratuitamente, gratuitamente também se nega. E daqui

partir para valorização dos méritos da causa, fugindo assim da aventura irresponsável dêste antagonismo inócuo, liquidado pelo provérbio filosófico. Prefiro o respeito fidalgo pelas idéias de quem quer que seja.

Não creio que Bernardo Ramos escrevesse um livro para divulgar apenas alucinações de seu espírito. Não posso admitir que se tenha empenhado em uma obra para espalhar conclusões graciosas. Vou cultuar a lucidez de sua inteligência. Não duvidarei do vigor de seus talentos privilegiados. Para mim, padeceu apenas de um êrro de seu tempo, época pobre e desprovida totalmente dos recursos, necessários à segurança de convicções. Vou ser mais claro : Bernardo Ramos não pôde transmitir à posteridade um nome aureolado de títulos universitários. Não adicinou à sua obra as franjas coloridas dos diplomas, conferidos depois de escolaridade sistematizada, dos centros de ciência e de cultura. Isto não era possível no seu tempo. Foi traído, como serão todos em igual situação, pelo delírio individualista do autodidatismo, sempre comprometido consigo mesmo e incapaz de saídas arejadas para a objetividade. Em geral o autodidata erra crendo acertar. Por esta razão, merece o maior respeito.

ÊLE E A NOSSA NUMISMÁTICA — Já é tempo, por uma questão de justiça, firmar entre nós, a reciprocidade irrecusável: não se falará de Bernardo Ramos sem que se fale da nossa Numismática, e não se falará desta, sem que se evoque imediatamente o nome de Bernardo Ramos .Na verdade, Bernardo Ramos viveu para sua numismática, e esta não existiria sem êle. Relatar a história do Museu de Numismática do Amazonas será colocar em evidência os lances mais destacados da vida de Bernardo Ramos, seu amor aos estudos, sua dedicação singular de autodidata que adquire soberba cultura, ao ponto de crer-se suficientemente capacitado a construir teorias, a formular hipóteses a respeito de momentosos problemas, hipóteses que se não chegam a convencer, não podem ser absolutamente desprezadas nem sequer em nome de uma ciência, despida até hoje das adequadas condições de fazê-lo.

O museu começou na sua meninice. Desde então forçou sua parca economia e guardou os vinténs que pôde retirar da circulação e os colecionou com pendor de artista.

Esta manifestação numária atingiria o seu apogeu, muito mais tarde, com a publicação do **CATÁLOGO DA COLEÇÃO NUMISMÁTICA**, em 4 volumes, pela Real Academia dos Linces de Roma, em 1900. Um ano antes, em 1899, indo Bernardo Ramos pela segunda vez a Paris, alí adquiriu novas moedas e, seguindo

dalí para Roma conseguindo na "cidade eterna", antes de imprimí-lo, submeter o seu catálogo à valiosa apreciação dos doutores Vicenzo Grossi e Dante Vagliori, numismatas italianos, que no prefácio emitiram a seguinte opinião :

"O Sr. Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, com rara inteligência e grande amor, vem colhendo, no decurso de mais de vinte anos, uma coleção de moedas de todos os países. Sua obra porém não se limitou sòmente ao dilentantismo de simples colhedor : êle tem sido atento também à descrição cuidadosa de suas moedas, de modo tanto mais digno de elogios, quanto se tenha sabido que êste catálogo foi compilado pelo autor na sua cidade natal, hoje certamente destinada a famoso futuro, porém no passado não podia oferecer muitas facilidades a pesquisas" . . . E êste depoimento do mais alto valor conclui-se nestes termos : "A exposição do Rio de Janeiro que se abrirá no próximo mês de maio para solenizar o quarto centenário da descoberta do Brasil e na qual o catálogo e coleção do Sr. Ramos darão ótima prova de operosidade intelectual do florescente país". (Dados colhidos nos arquivos do Museu de Numismática do Amazonas).

Seus filhos Mário e Julião põem em destaque não sòmente o valor técnico do próprio catálogo da coleção de moedas e de medalhas, mas também o valor intrínseco metálico e sobretudo o grande valor estimativo decorrente da raridade.

E justificam esta opinião transmitindo o que segue. Com êles a palavra :

"Como espécimens de alto prêço pela raridade, integrantes da coleção numismática amazonense, citaremos, com exemplos apenas dois :

a) as célebres "barras de ouro", com sinetes de autenticidade, que serviam para pagamentos de grandes transações, nos tempos coloniais, tornados depois muito raras;

b) coleções de "vinténs" em vários metais, inclusive em ouro, que não diremos raras, mas **ÚNICAS** no mundo, conforme passamos a esclarecer.

"O Imperador D. Pedro I I era numismata e, ao serem inauguradas alguns modelos de cunhagem de 20, 40 e 80 réis, em cobre, para o curso monetário normal, mandou se cunhasse uma série dos novos modelos, em prata e em ouro, para sua coleção. Dêste modo, cada espécimen dessa série, não era apenas "raríssima", era "única". Um episódio explica como alguns dêsses celebérrimos "vinténs de ouro" estão figurando em nossa coleção numária. Furtados por mordomo infiel da Casa Imperial, foram

arrematados por Bernardo Ramos em Amsterdam por ocasião de um importante leilão de moedas antigas, incluindo sul-americanas. Na oportunidade, foi grande a surprêsa do arrematador. Viu ao lado grande número de moedas brasileiras antigas, os famosos "vinténs de ouro". Não tergiversou um instante, e arrematou os vinténs que assim voltavam ao Brasil, integrando a coleção de raridades da Numismática do Amazonas.

Em 1900, quando exposta no Rio de Janeiro, por ocasião das festas centenárias do descobrimento, afirmam que foi considerada a nossa Numismática, como **a quarta coleção do mundo, em número de peças de valor e raridade.** Conta-se até, que o então Presidente da República, manifestando sua admiração e interesse, apoiado em pareceres de autoridades no assunto, teria proposto a desapropriação pela importância de 600 contos de réis. E naquela altura contava a coleção numismática de Bernardo Ramos com 12.000 peças diferentes. Recuso-me a apreciar em cifras o atual valor dêsse patrimônio do Estado, porque nem sempre o dinheiro pode estimar suficientemente os valôres dessa ordem.

Quanto à sua importância como museu numismática em confronto com outros do mundo, considero honrosa a classificação no 4°. lugar que lhe foi dado na exposição do Rio de Janeiro, em 1900. Não tenho condições técnicas para duvidar de tal colocação naquela época. Sinto-me apenas orgulhoso com a leve impressão de um julgamento demasiadamente generoso. Em todo caso é questão de cortesia acreditar no critério de 69 anos atrás. Hoje é bem outra a situação comparativa.

Para comentar o caso de nossa Numismática é de suma conveniência revestir-se antes da maior indulgência diante dos responsáveis por ela. As administrações se sucederam, ou a ignorando simplesmente, ou adormecidas sob os louros conquistados, dia a dia, mais difíceis de se impor à credulidade dos novos. De fato, a numismática, cujo processo vital reclama um enriquecimento constante de atualidades, entre nós ela parou. E parou de verdade. Quando em 1900 ela oferecia a vitalidade de 12.000 peças, quase setenta anos mais tarde, quero dizer, **HOJE,** ela poderia apresentar nada menos de 50.000 peças, tantas foram as cunhagens de moeda e de medalhas históricas no Brasil e em todo o mundo. No entanto, a Numismática do Amazonas, que contou em sua origem com a dedicação apaixonado de seu fundador, **PAROU,** empobrecendo-se com desvios e desfalques criminosos, ao que parece, de meros maníacos pela arte numária.

Ainda me recordo com certo desapontamento do fato que passo a relatar. Eu visitava a numismática de Chicago, nos Estados Unidos, por volta do ano de 1956. O cicerone, sabendo-me brasileiro, falou da Numismática do Amazonas com acentuada curiosidade. E eu... não me senti capaz infelizmente, de corroborar o manifesto entusiasmo porque nem sequer conhecia a Numismática do Amazonas. Quando regressei a Manaus procurei o mais breve possível resgatar-me da inexplicável omissão. Ainda : anos depois, quando Secretário de Educação e Cultura, quís olhar com desvêlo o nosso Museu de Moedas e Medalhas, agasalhado então no andar térreo do edifício onde funciona a Secretaria do Interior e Justiça, no Palácio Rio Branco. Deparei uma dificuldade insuperável : a carência completa de pessoal habilitado para dirigir a secção de Numismática. Ainda hoje, salvo melhor informação, persiste o impasse e pelo mesmo motivo. Convenhamos que com inabilitação, não é possível manter um museu de tal natureza. Sem desmerecer nem duvidar da festiva classificação do passado, hoje, forçoso é confessar, ela não tem mais sentido em ângulo algum de considerações. E quem viu as seções de numismática dos opulentos e majestosos museus de Berlim Ocidental, do Cairo, de Londres ou do Vaticano, por exemplo, é levado a aceitar a opinião derrotista de alguns críticos que chegam a levar à troça a honrosa classificação de 1900. Ao meu ver, porém não andam bem os demolidores de nossa fama, atentando-se para o rigor de justiça da ciência histórica que manda julgar respeitando-se fielmente a cronologia e a mentalidade própria de cada idade. Se hoje, não ocupa a nossa Numismática o 4°. lugar no mundo dos museus dessa espécie, há sesenta e nove anos atrás poderia ter ocupado, e porque não ?

O HOMEM PÚBLICO — Estou conferindo o título de homem público ao patrono de minha cadeira acadêmica não no estilo comum em que se tem a expressão, decorrente de posições galgadas através da política. Desta Bernardo Ramos só recebeu decepções e amarguras. Mas êle serviu ao público de modo exemplar, quando grassou em Manaus em 1873, terrível epidemia de varíola, fazendo-se tudo para todos os enfermos. Foi homem público quando integrou a Junta Comercial do Amazonas aí se havendo com descortino admirável; serviu ao público quando chefiou delegações oficiais, quer no Rio de Janeiro, quer no exterior, saindo-se sempre com aprumo e benemerência. Foi homem público quando fez parte do grupo de patriotas que fundou o Instiutto Histórico e Geográfico do Amazonas, do qual foi seu primeiro presidente, tendo pronunciado na data da solene instalação, a 13 de maio de 1917, um

belíssimo discurso. Na provedoria da Santa Casa de Misericórdia demonstrou energia e bondade, ao mesmo tempo. Foi homem público tôdas as vêzes em que convocado pela autoridade constituída, deu sua sólida opinião ou dirimiu questões pessoais entre litigantes de importância no cenário da gleba. Foi um homem que inspirava respeito, austeridade e confiança na sociedade de seu tempo. Em tôda Manaus a ninguém foi lícito desconhecer o nome alcandorado de dignidade e de respeito ao "seu" Beré.

E FINALMENTE, respeitabilíssima assembléia, permiti-me uma evasão de sentimentos. Gostaria de criar de repente um recanto de solidão para refletir alto, falando comigo mesmo, pensar com palavras, enfim. Há 16 dias ocorreu o centésimo décimo primeiro aniversário do nascimento de Bernardo Ramos, e já a 5 de feveireiro completou trinta e oito anos de falecido. No entanto, não se pode negar que êle, nesta noite de festiva amizade, reviveu entre nós. Entreteve conosco momentos de emoção e de encantamento. Sua vida foi desfolhada na recordação dos episódios e fatos mais atraentes. Não, um homem de bem, virtuoso e bom, não morre, se é que por morte quer entender-se o fim de tudo. "Vita mutatur, non tollitur", "a vida muda apenas, não se extingue", é a mensagem que estamos recebendo do Espírito Santo através da liturgia de cada Missa exequial que celebramos. Estou convencido de que nos elevamos e nos engrandecemos ao aceitar com alegria as manifestações do Espírito Paráclito. Nada temos contra quem pensa de modo diferente. Por esta razão pedi a tolerância de sentir-me à vontade por alguns instantes.

O homem, feito à imagem e sem semelhança de Deus, é um ser marcado de eternidade, queira ou não queira, aceite ou não aceite êsse privilégio entre as demais criaturas, conheça-o ou não e reconheça, pouco importa. O conhecimento e a vontade se entrelaçam, aqui, numa opção que liberta ou que escravisa. Cabe à posteridade executar os desígnios do alto. Proclamar a escôlha da liberdade na ternura das memórias, ou a escravidão que foi livremente escolhida e provocou o silêncio. A gente é livre, na verdade, quando é capaz de sair de si mesmo e viver para os outros, em dimensões de serviço, de condescendência, de bondade, de patriotismo. Que, por sua vez, florescem em júbilo, na meiguice das lembranças, na justiça do registo da história. Escravisa-se, porém, aquele que não foi capaz de libertar-se de si mesmo, não respondeu o apêlo da fraternidade, trancou-se no egoísmo, do qual surgiram o esquecimento e o desprêzo.

Em têrmos filosóficos, o homem bom, vibra no espaço sua marcante personalidade, que repercute no tempo projetando valôres que constituem a própria cultura e fazem a história. As vibrações vitais tomam curso em elos concêntricos, se expandem e se fixam na memória dando conta do tamanho do homem. Êste ocupa o ponto nodal do processo maravilhoso de distribuir a vida. Quanto maior o tamanho do homem, quanto mais penetrantes e douradoras as memórias que se transformam em evocações frequentes, que são "modo de viver de novo"! Os homens pela sua inteligência e bondade gozam do poder, na filosofia e no exemplo. Os recursos estupendos da tecnologia devem funcionar apenas como instrumentais dessa imortalização, sobretudo hoje. Permitam-me senhoras e senhores mais uma evazão sentimental. Não foi ao acaso que escolhemos o mês de novembro para esta festa.

Fazendo também o registro emocionante do aniversário natalício de minha Mãe que ocorreria precisamente dia 15 se viva estivesse, ainda sob a inefável sensação de conversar comigo mesmo, eu digo, os filhos de Bernardo Ramos devem sentir-se muito felizes, sabem que o pai extremado morreu confortado com os sacramentos da Igreja e dispõe de um túmulo onde vão debulhar suas lágrimas e depositar as flôres do carinho, enquanto eu não conto sequer com a lembrança nem de sacramentos, nem de funerais e não disponho se não de uma campa erguida num montão de saudades. Mas como o momento é de festa e não de pompas funerárias, permitam-me, ditosos amigos, desviar de mim as palmas finais, que o formalismo da ocasião e da fidalguia costumam oferecer, não só, mas a elas me incorporar, transformadas que serão em dois grandes ramalhetes de rosas rutilantes; o primeiro depositaremos no túmulo de Bernardo Ramos, como preito de justa homenagem e de louvor da posteridade, e segundo nêsse túmulo de saudades feito, como um poema de meu amor à minha mãe.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

ANDRÉ ARAÚJO

Quando chegou a esta casa o ruído de vossa celebridade, os apóstolos dêste cenáculo, que representam a consciência, o equilíbrio, a sabedoria literária de nossa terra, — na ingenuidade de uma possível imortaildade, — ofereceram-vos um lugar em nosso convívio.

O critério que sempre adotamos nessas escolhas, na busca de companheiros para êste Silogeu, seguindo a tradição da casa de Péricles Morais, foi o mesmo : o de pessoa inteligente, equilibrada, culta, não dada a escândalos, com trabalhos escritos e publicados, com uma tradição, no meio social, de dignidade, de afetuosidade, de algum poder de renúncia, porque isto aqui é uma fraternidade, uma confraria de espiritualidade, de homens que se querem, que se estimam, que se respeitam, tudo sem certo espírito de elogios mútuos, de sórdida igrejinha ao serviço da pretensão de se supor que somos donos de áreas da inteligência, da cultura, da sabedoria.

Vossa posição aqui é perfeita, dados os requintes daquele conjunto de predicados que afloram e ornamentam vossa personalidade de sacerdote, de professor, de homem de sociedade, de cidadão respeitável, de inteligência aprimorada.

Para o ressalte dessas e de outras qualidades, nós vos guardamos esta ressurreição, através do laurel que vos concedemos, consagrando-vos, pùblicamente, hoje, um imortal nas letras, na cultura e na inteligência.

A grandeza de cada um de nós está em sermos nós mesmos. Foi essa convicção, em conjunto com aquêle sentido de talento, que gerou Schelling, Holderlin, Goethe e tantas outras figuras que enchem as páginas da história da filosofia. A dialética de Hegel, como a de Platão ou de Parmenides, como a dialética de qualquer um de nós que amamos o diálogo no Direito, na Teologia, na Filosofia e na Sociologia, é que faz de cada um,

nesta casa, um poeta, um filósofo, um jurista, filósofo ou cientista social, um Proteu das idéias, da cultura, da sabedoria.

Falamos assim, mesmo relativamente, em face de nossa pequenez, e de nossa modéstia.

O estilo é o homem, dizia Buffon, e a melhor de tôdas as filosofias será uma língua bem feita, usada, afirmava Condillac. Sabemos que houve gênios, como Hegel, e outras que escreviam desgraçadamente, confusamente, mas nem por isso, deixaram de ser influentes no pensamento contemporâneo.

Vindes ocupar, com um aprumo de linguagem, a cadeira nº. 27, da Academia Amazonense de Letras, porque sois um homem que, verdadeiramente, podeis estar na companhia dos membros dêste Sodalício. Lúcida inteligência, cultura literária e histórica, cultor do direito, homem de rara elegância mental, sóbrio, discreto, escrevendo de forma escorreita, com certo aticismo; jornalista, com sabor humorístico, quando quer esboçar ironia ao modo de Swift ou de Montaigne.

Sois, Sr. Cônego Walter Nogueira, um conjunto de qualidades excelsas que afloram vossa personalidade espiritual e cultura, vossa pessoa moral, vossa sensibilidade de artista e de precioso historiador da filosofia, sabedor profundo e eminente conhecedor da ciência de Herodoto, Spengler, de Toynbee...

Sois o estudioso preciso e necessário à cadeira que ides ocupar, a de Bernardo Ramos, homem notável, emérito arqueólogo que nos deu dois monumentos de cultura e sabedoria.

Sois um amante da Ciência do Direito e da Filosofia, conhecedor respeitável de S. Tomaz, — com o seu mundo objetivo; — latinista como os grandes estudiosos do direito, pesquisador que não admite as fosforescências dos sem tolentos, os serpenteios dos astutos ou dos pobres de espírito.

Romanista, sois, e, dada a historicidade do Direito Romano, viveis essa eternidade de fontes imortais, que vem sofrendo as influências das superestruturas dos direitos antigos e da filosofia oriental.

Romanista, portanto sois vós. Difícil, admitir-se um enamorado do Direito, de circunspecção e erudição, que hoje não seja um romanista, como o sois.

O Direito Romano enche os fundamentos do Direito Universal. Seus princípios, foram o criador da nova ordem jurídica no mundo.

Na França, Stllivas e Bellan, Accarias; Van Wetter da Universidade de Gand; Ortolan, Gaston May, Troplon, Charles Maynz, Lagranger no mundo francês; na Alemanha as figuras de Jhering, Mackeldey, Teodoro Mommsen, Rodolfo Sohm; na Itália, o natável Giuseppe Carle, Guido Padelletti, Pietro Cogliolo; tôdas essas figuras enchem os tempos e os templos do Direito, arrebatando-nos a todos com as suas fulgurâncias maravilhantes.

A cultura daqueles tempos, nos longes do ontem em matéria de direito, nascia dessas fontes eternas. E não ficavam até aí. Mergulhavam até pelo direito hebreu, através da Bíblia e do Talmud, como se vê através das figuras excepcionais de Mateo Goldstein, no direito vesigótico; com os estudos de Paulo Meréa, jurista português dos mais sábios; no direito muçulmano, com o padre José Lopel Ortiz, de Barcelona.

As fontes clássicas, eternas, obrigavam ao estudo do grego, do latim, do inglês, do francês do italiano, línguas essas, as três últimas, em que pontifica um Péricles Morais; no latim e grego, um podre Manoel Monteiro e Araújo Filho; no alemão um Plácido Serrano, o velho Moers, ambos nossos professôres, no antigo Ginásio Amazonense.

Os clássicos, o direito romano, a filosofia do direito, a história das civilizações, as grandes obras consagradas pela literatura clássica, serviam de base à cultura dos bons tempos.

Dados êsses píncaros de espírito, conquistastes lugar de destaque entre os das gerações que não nasceram esclerozados.

No meio artístico, nêsse tempo, entre nós, dominavam os clássicos da boa e grande música francesa com Chopin, Debussy, Ravel, Berlioz, César Franck; da musica alemã com Haendel, Haydn, Bach, Gluk, Mozart, Schubert, Weber, Beethovem, Wagner, Mendelssohn; música romântica de raízes clássicas, de subjetividade rara, como nos de alma slava, personalizados em Prokowieff, Glinka, Mussorgsky, Stravinsky, Chostakovitch, Sibelius, Schoenberg; música de raro esplendor e de profunda técnica e sensibilidade, surgindo no Amazonas, da influência de grandes melómanos, como Joaquim Franco, João Donizzetti, Sobreira, Adriano Jorge, Xavier de Albuquerque, Freitas Pinto, Marçal Ferreira, Gastão de Castro, Sabbas Telles.

Andava-se, nesse campo pela chamada estrada de "Bayreuth". Ainda não havia chegado a hora da música atual, da sinfonia americana.

Naquela música, também pontificais, pois compreendeis a arte polifônica, os trovadores e mestres, aceitando, muitas

vêzes, a música popular de estilo à Vila Lobos, à Hans Sahs, êsse sapateiro e poeta genial.

Por influência de ambiente, assim de suprema espiritualidade, de profundos sonhos criadores, — lestes escritores franceses, inglêses, portuguêses hespanhoes, e especialmente, Taine, Pascal, Montaigne, Balzac, Fraubert, Eça, Ramalho, Camillo, Baudelaire, Racine, Corneille, Vieira, Barnardes, Gil Vicente, Calderon, Teresa de Jesus, João da Cruz, Ortega e Gasset, Schiller, Goethe, Lessing, Charles Dickens, Byron, Shakespeare, Pope, Milton.

Vasta massa de escritores de quase tôdas as literaturas lestes, e fizestes, assim, o lastro de vossa cultura polimorfa e admirável, a excelência espiritual de onde refulgem os raios cintilantes de vossa onímoda inteligência.

Vossa sensibilidade é de uma estesia encantadora. Nessa interioridade em que viveis, falando pouco, fazeis desabrochar, de quando em vez, as belezas de uma conversação altamente culta, primorosa, banhada de sabor ático e de beleza encantadora, de onde saiu, por exemplo, — "Sindérese".

Sr. Cônego Walter Nogueira : —

A cadeira que ides ocupar tem uma fulgurância na tradição imensa em que se projeta, através da personalidade intelectual de Bernardo Ramos : — magnífica cultura, esplêndida inteligência que honra esta casa.

Bernardo Ramos foi um arqueólogo que muito brilho deu às lides das ciências pre-histórica e histórica. Emérito cultor de línguas antigas, pesquisador de requinte e sabor à Schlliemann, cultura extraordinária e lutador dos mais destemidos, no campo da pesquisa científica.

Escreveu muito. Conheço-lhe diversos e esplêndidos trabalhos. Bernardo Ramos, viajou grande parte da Europa, para se especializar em pré-história. Foi um seguidor de sábios, nesse e noutros campos. Era um homem de pensamento, obstinado, corajoso, sábio. Lia muito, escrevia e escrevia bom e bem. Beré Ramos escreveu poucos livros, mas deixou obras profundas como o monumental estudo sôbre "Inscrições e Tradições da América Pré-histórica", em dois volumes e o célebre catálogo de numismática, em três volumes além de várias conferências sôbre o Egito, paleografia, etc.

Era um homem perseverante, lendo inglês e francês corretamente, espanhol, italiano e dado ao grego. Conhecia regularmente línguas antigas e suas literaturas.

Agora, o ocupante dessa memorável cadeira, sois vós, Sr. Cônego Walter Nogueira, sacerdote culto, inteligência fascinante, professor de filosofia, manejando muito bem o francês, inglês, o italiano e o latim.

Enveredastes agora, como bom instrumento, pela grande ciência do Direito, um outro rumo para vossa cultura, sem descer a certos legalismos que viciam. Um "direito" assim sentido numa atitude intelectual da vida de um homem.

Como um acidente, os estudos, — vos levaram para o campo maravilhoso da história, ciência onde pontificam os Spengler, Benedetto Croce, Toynbee, Dutt, Gordon Childe, Barraclough, Hook, Lloyd Jones e outros, que fizeram da história um instrumento para interpretação do mundo e dos homens, como o fazeis também.

Era vossa conduta êsse sentido de se estabelecer, no mundo pensamental e moral, um equilíbrio, de tranqüilidade, na profundeza de vossa vida espiritual, através das mais variadas leituras de ciências como a psicologia, a sociologia, o direito, a literatura, as artes, a filosofia. Nesses campos sempre trocávamos idéias, debatíamos alguns problemas.

Creio, que por êsse poliformismo do vosso espírito, vos coube magnìficamente a poltrona que vos ofereceu a intuição dos colegas desta casa.

Poucos terrenos tão ingratos à cultura e à ciência como êsse que se relaciona com as inscrições antígas, a egiptologia, a assiriologia, com os graves problemas da paleontologia, problemas que mergulham nas raízes pre-históricas dos continentes, das civilizações desaparecidas, temas êsses cheios do fantástico e das lendas da humanidade.

O grego, o fenício, o assírio, o hebráico, língua orientais, o estudo histórico dos alfabetos, das legendas, dos símbolos, dos mitos, do pensamento antigo, dos velhos filósofos do Oriente, de distante passado, — são fontes, elementos e bases para as ineterpretações das inscrições a que Bernardo Ramos se dedicou.

Os petróglifos do Brasil são tão importantes como os de qualquer parte do mundo: Egito com os seus hieróglifos, a Babilônia com os seus **"tijolinhos"** cheios da escrita cuniforme.

As interpretações de tôdos eles têm sido obra de gênios. E isso tem sido feito por homens notáveis como Bernardo da Silva Ramos, apezar de dúvidas, certas maledicências, maldades e despeitos.

Uns acham que os riscos e traçados são cousas naturais, nas pedras rústicas, de hinterlândia brasileira.

Outros acham que êsses riscos, não têm nenhuma significação intencional dos primitivos que os traçaram.

Outros ainda consideram que êsses traçados, nas pedras, são sinais escritos por navegantes que aqui aportaram, na antiguidade.

Mas outros entendem que os sinais são verdades, conselhos, recomendações, lembranças da civilização brasileira, indígena, que aqui se desenvolveu.

Nesta ultima corrente se alistaram Bernardo Ramos, Alfredo de Carvalho, Wallace, Stradeli, Alfredo Ladislau, Coudreau, Burton, Stein, Ehrenreich, Koch-Gruenber, Hart, Barbosa Rodrigues, Angione Costa, Ferreira Pena.

Na interpretação de Bernardo Ramos, os litóglifos brasileiros são de origem fenícia ou grego-arcaico, como outros também os consideravam.

Há, também, os que entendem que os nossos petróglifos são instruções judaicas.

Daí surgem as hipóteses de que Salomão determinou busca de ouro e madeira, no Rio Solimões. A hipótese da região do Ofir, como a questão do **"Parvaim"**, esta por Onoffroy ou Thoron, vem em relação à Amazônia.

Penafort encontra semelhança entre os nossos petróglifos com os hieróglifos egípcios.

Alfredo Brandão faz um quadro em que se verifica que em 75 signos do Brasil pre-histórico, podem ser relacionados com caracteres sabeanos, cretenses, megalísticos, etruscos, egípcios, berberes, gregos, fenícios, hebraicos, sumerianos, ibéricos, púnico, grego-caldeu, jônico eclodórico, arameu, samaritano, sidônio, sináitico, ogâmico da Irlanda ou runos da Escandinava.

Assim, creio, ficam plenamente justificadas as razões ou os motivos que levaram Bernardo Ramos a aceitar a tese de que as inscrições pre-históricas do Brasil são as provas de que os fenícios e os gregos andaram em terras americanas, em tempos antiquíssimos.

Não era difícil o intercâmbio entre o Brasil ou entre a América, a Eurapa e a Ásia.

Muitos pre-historiadores, estudaram em documentos antigos, em opiniões de notáveis homens como Platão, — no diálogo de "Crítias", — o problema do continente Atlântico.

Estrabão e Solon ouviram dos sacerdotes de **Sais**, cidade egípcia, certas narrações sôbre os Atlântes.

Também, não nos esqueçamos de que a mitologia, que nada mais é do que maneiras exdrúxulas de relatar verdades que deviam ficar ocultas, — a mitologia, digo, explica, através do simbolismo das fábulas, dos contos, das legendas, fatos verdadeiros de cataclismas convulsionários na terra.

Por exemplo : — o livro IV da "História" de Herodoto fala no mar interior do Sahara.

É conhecida a teoria, ou hipótese de Hartt e Orville Derby que afirmava que o Vale do Amazonas foi, no princípio, um vasto canal entre duas ilhas, que são hoje os contrafortes do sistema guiano e o do planalto central do Brasil.

Parece que, nessa época, — ou antes ainda, — o contato das terras, hoje chamadas americanas com a Europa, era muito fácil.

Questões sutis, nêsses problemas, agitam-se, como : a relação do **quichua** com o **sânscrito,** e, mais ainda, com a velha escrita **brami,** com o alfabeto **devanagari,** e, possìvelmente, com os dialetos **pákritos** e **védico.**

Para interpretar muitas das variadas questões da petrografia, muitos dos problemas das origens do homem, das origens da terra e das cousas, — é necessário o estudo profundo dos mais sérios assuntos das religiões; bem como estudos sérios da mitologia comparada, da simbologia oriental e ocidental; de um vasto e memorável material mitológico (no bom sentido); problemas difíceis da linguagem humana, no ponto de vista sociológico e filosófico, bem assim a investigação estudiosa e indagadora dos livros básicos da humanidade como : os "Vedas", o "Livro dos Mortos", o "Zend Aveste", a "Odisséia", a "Ilíada", o "Popol-Vuh", a "Bíblia", o "Manu".

O que é verdade, é que as inscrições rupestres na Amazônia e no Brasil são de alta significação e de grande valor histórico, ante tudo isso.

Elas retêm verdades, conselhos, ensinamentos, ao que nos parece.

Revelam aqui, certas unidades de raízes de linguagem, como em referência a **Teo,** a **Thiá,** e a **Thôr** dos atlantes, dos gregos, dos gauleses e dos egípcios.

Bernardo Ramos recolheu vastíssimo e precioso material, e procurou interpretá-lo através de vários recursos linguísticos, imaginativos, como fizeram outros técnicos da pre-histórica.

Não se pode deixar, ao menos, de admirar a cultura, a paciência de Bernardo Ramos na sua monumental obra "Inscrições e Tradições da América Pre-histórica", trabalho de indagação e persistência, dividido em duas partes, ou dois volumes: o 1°. tratando da história e epigrafias dos fenícios, e o 2°. tratando da permanência, no solo americano, dos gregos.

Hoje, uma grande corrente científica não crê na ação dos fenícios, como autores das inscrições existentes na América.

Se bem que o estudo das inscrições brasileiras ainda não permite nenhuma conclusão, definitiva, sôbre os problemas de nossa préhistórica, porque sejam ociosos, grosseiros, insignificantes em arte primitiva, — isso não impedia que Bernardo Ramos avançasse, em pontos, na definição do problema.

E porque fôsse muito imaginoso, e se enchesse de fantasias, em certospontos de sua obra, ninguém, mesmo assim, lhe poderá negar o poder de realização e de ter escrito, no Brasil, o maior livro onde se encontra condensado um vastíssimo documentário arqueológico.

Só através dêsse trabalho, demonstrou um profundo conhecimento de numismática, de inscrições rupestres, de arqueologia, de conhecimentos sôbre certas línguas antigas, de egiptologia e de outras ciências, demonstrando enorme paciência, perseverança tenacidade, — qualidades essas próprias dos sábios.

E Bernardo Ramos era uma inteligência privilegiada. Se teve excessos, êsses excessos também os tiveram Ladislau Neto, Schliemann. A exaltação incontida que encontramos quase sempre nêle, não lhe pode diminuir o valor da obra que produziu, sob certos aspectos.

Angione Costa também aponta os excessos de Ladislau Neto, na sua "Introdução à Arqueologia Brasileira".

As exaltações de Ladislau são maiores que as de Bernardo Ramos, mas nem por isso a obra de Ladislau, apesar de certos excessos, através de sua fertilíssima imaginação, — não ficou inteiramente desmerecida.

Comparem-se as "INVESTIGAÇÕES SÔBRE A ARQUELOGIA BRASILEIRA", de Ladislau Neto e as "INSCRIÇÕES E TRADIÇÕES DA AMÉRICA PRE- HISTÓRICA", de Bernardo Ramos.

Não há, nesse assunto, cientista que não tenha tido excessos. É porque todos êles são pioneiros, nesses temas encantadores e transcendentais.

Vejamos se a obra de Schlliemann, desenterrando Tróia; a de Winckler, buscando os Hittitas; e a de Ventris, decifrando a escrita mais antiga da Eurapa.

Os que não são muito condenados, — como Ferreira Pena e Von Ihering, não avançaram muito, nesse campo.

Nesses assuntos, muitos temeram as conclusões dos fatos. Foi o que fez Theodoro Sampaio. Entretanto, muitos o condenam, apesar de todo, como o próprio Angione Costa, que também é negado bastante, — quanto ao problema da filiação dos ARUANS com o tronco CARAÍBA.

Theodoro Sampaio entende que os riscos e círculos concêntricos são garatujas de tôda a espécie, feitas pelos povos que passaram por aqui. Diz-se que não há intenção de transmitir, nos nossos hieróglifos, um pensamento, uma máxima, uma história, um símbolo moral. É uma posição bem cômoda essa. . .

Mas isso não impede que existam outras correntes contra êsse modo de ver.

Sabemos que tudo isso é um enigma, como o foi a **"Pedra** Rosada", de Champolion, em relação à série de garatujas, em egípcio, ou em dolmático.

Veja-se a grandeza dêsses assuntos, que fora o objeto da vida de Bernardo Ramos.

A Atlântica, por exemplo ainda é campo de investigação, e isso desde Platão.

O **"Codex Troanus",** a pirâmide de **"Xoxicalco",** o **"Codex Popul-Vu",** o **"Livro dos Mortos"** dos egípcios, com as conjecturas de Scnwennhagen, de Onffroy Thoron e do próprio Platão, com a descrição que faz da cidade Posseidonis, — são assuntos que podem arrancar muitas interpretações.

E quantas outras conjecturas sôbre êsses problemas, como as de Schulten e Belioux, as de Hermann, Boudoin, as de Stanley, Gardiner, Wegener, Bilau, de Theayer Ojeda, de Reck, de Frobenius, as teorias de G. Hurley, — tudo isso feito com coragem igual a de Bernardo Ramos.

Os problemas da Atlântica, através do magnífico diálogo de Platão, — o "Critias"; os problemas da linguagem, os problemas das origens, de Ofir, de Parvaim ,e de antiguíssimas civilizações, estiveram presentes no espírito daquele prescrutador.

O Egito, com a sua escrita sagrada, — os hieróglifos; — como os fenícios e os gregos, através das muitas doutrinas de sábios como o Visconde Onfroy de Thoron, Cesare Cantu,

Nadaillac, (L'Amerique Prehistorique), Oncken, — foram a obsessão do pre-historiador amazonense.

Teve erros; foi incompreendido; foi combatido como... Schlliemann, como Teodoro Rodrigues, como Florentino Ameghino.

Todos os homens que se aventuram por êsses campos da sabedoria são tidos como embusteiros, loucos, farsantes. Os que conhecem a vida de Schlliemann, de Champolion e dos pacientes sábios que deram novas orientações sôbre culturas como a **mohenjo-daro,** a da Ilha de Páscoa, a dos Hittitas, — estão sujeitos a essa guerra da incomprensão humana.

Max Muller dizia : — "Lembrai-vos de que, se quereis descobrir alguma cousa, tereis de resignar-vos a cometer erros".

Bernardo da Silva Ramos sustentou a tese de que os fenícios e os gregos estabeleceram uma civilização na América.

Por isso foi muito combatido. Tinha direito de assim pensar.

Outros sábios também assim o entenderam. O professor... Schwennhagen descobriu em Niterói e em Campos, em Tijuca, galerias subterrâneas de origem fenícia. O pesquisador Alexandre Braghine, em um livro notável "O Enigma da Atlântida", citando Bernardo Ramos, refere-se, em estudo profundo aos **guanches;** povos que habitavam as Canárias, — povos imberbes, de cabelos compridos, cujo alfabeto se assemelhava muito ao das línguas semitas, como sejam o fenício, o cartaginês, o hebraico.

É vasto êsse campo para expansões de estudos e investigações.

A inscrição da Gávea, em caracteres de três metros de altura, atribuem uns, ser ela cuneiforme, de origem fenícia. Outros, pensam ser ela um petróglifo da pre-história do Brasil.

Bernardo Ramos chegou, assim, a admitir fenícios e gregos no Brasil, em face da interpretação que deu a muitas inscrições que estudou, como outros sábios viram, em centenas de inscrições e gravações alfabéticas, influências ibéricas, carianas, etruscas, cretenses.

Citado pelo referido Alexandre Braghino, — A. Frot, engenheiro francês que não era arquéologo profissional, — mostrou que além dos fenícios, os egípcios se estabeleceram na América. Os seus petróglifos foram achados no norte do Brasil, na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

A grande diferença entre o pensamento de Bernardo Ramos e outros, como Braghino, é que o arqueólogo amazonense

admitia que as culturas fenícia e grega vieram instalar-se na América; e outros mestres entendem que os egípcios, além dos fenícios, têm seus antepassados saídos da América do Sul.

Frot encontrou assim vestígios de civilização egípcia na Amazônia; e Schwennhagen, em sua "Antiga História do Brasil", além de egípcios, encontrou fenícios, através de caracteres **demóticos,** espécie de escrita popular egípcia, ou escrita cursiva do antigo Egito.

Cândido Costa, em **"As Duas Américas",** às páginas 43, traz uma fotogravura de uma inscrição da pedra lavrada na Paraíba, a qual o sábio Ernesto Renan considerou ser de origem fenícia.

Ora, diante dessas autorizadas opiniões, — Bernardo Ramos refletiu o espírito de seu tempo, amparado por homens estudiosos que aceitaram a hipótese de civilizações como a fenícia e de povos como os cartagineses, terem vindo se estabelecer na América.

Conhecemos a inscrição que Renan admitiu ser fenícia. É só comparar os seus caracteres com os a que Bernardo Ramos, em seu livro "Inscrições e Tradições de América Pre-histórica", admitiu serem também fenícias. E isso é notável.

E o mundo precisa de homens que vivam seus ideais como um Henrique Schlliemann que, tendo fé em Homero e em outros escritores antigos, descobriu Tróia, seus tesouros e sua história.

Falam no diletantismo de Bernardo Ramos, mas esquecem que as baterias dos sábios, contra Schlliemann, visaram êsse mesmo diletantismo que arrancava dos subterrâneos, do mundo a Tróia de Homero.

Bernardo Ramos, homem inteligente, estudioso, prescrutador, viajou o Oriente, a Europa, leu, estudou, pensou, conheceu algumas línguas antigas.

Bernardo Ramos errou em muitos aspectos, como também erraram Winckelmann, Schlliemann e outros.

A respeito do aparecimento do homem em terras americanas, em dois campos se dividem as opiniões : uma admite a origem autóctone e outra a origem alóctone.

Eminentes figuras de antropólogos e etnólogos, como D. G. Brinton (On varions supposed relations), Florentino Ameghino (Filogenia), aceitam a autóctonia das civilizações americanas.

Quanto a aloctonia, uns acreditaram até em troncos de povos como os cananeus, hebreus, cartagineses.

Salvador Canais Frau, no seu magnífico livro "Las civilizaciones pre-historicas de América", se refere a Hyde Clarke que defende a tese da origem **suméria** da civilização americana.

Cita êle, também, H. S. Gladwin que aceita uma origem asiática. Refere-se ainda Frau aos etnólogos Heine-Geldern e G. F. Ekholm que viram traços da arte budista nas esculturas mayas. Gregório Garcia acreditava em nossa origens chinesas; e muitos, como Bernardo Ramos, aceitaram a hipótese originária fenícia, cartaginesa, grega.

Hoje, essas teorias poderão ser superadas, face a aceitação que tem a tese das influências polinésicas levantadas, com brilhantismo, pela escola Histórico-Cultural, com a doutrina dos chamados círculos de cultura, do eminente mestre Graebner (Etnologia de América), Rivet, Schmidt, Nordenskiold e outros.

Mas a arte, a escrita pictográfica estão vivas nas rochas do mundo.

A escrita dos povos antigos era pictográfica, isto é, cada letra representa um objeto.

Tenhamos em vista a escrita egípcia, com os seus hieróglifos e ideográficos.

O professor de egiptologia, J. Farina, em sua **"Grammaire de l'ancien égyptien",** esclarece-nos isso, magistralmente.

A própria escrita cuneiforme, o persa antigo, a escrita hitita têm suas origens pictográficas.

Herodoto atribue a Kádamos, — o grande fenício, — a invenção das letras.

No comêço, encontramos sòmente sinais geométricas gravados em pedra, em madeira, em tijolos. São escritas ideográficas como as egípcias, a suméria-acadiana, a egeia, a chinesa.

Encarnam idéias, poderes, avisos, estilização de pinturas e de cousas, objetos ou sêres. E então encontramos quadrados, triângulos, losangos, cruzes, homens, animais, astros, árvores, etc., além inúmeras formas de estilização humana.

Sabemos que a escrita antiga se compunha de rudes sinais ou figuras dos objetos que se desejavam fôssem representados. Assim, havia símbolos que queriam dizer : — homem, mulher, criança, sol, lua, boca, ôlho, monte, rio, etc.

Por isso o dia era o sol; o mês, a lua, etc.

Outros sinais tinham interessante significação, pelo justo sentido que expressam : — claridade, deserto, campo, agricultor, prisioneiro, alto, subir, baixo, descer, união, meio, manhã, noite.

Todos aqueles símbolos, que se relacionam com as cousas referidas acima eram expressões rudimentares da vida, da linguagem escrita. Êles evoluiram e tiveram outras representações como as seguintes : — ôlho, monte, rio, claridade, agricultor. Isso é um fato comum na escrita : certa tendência para simplificação dos símbolos.

"Os hieróglifos egípcios" que são desenhados de cima para baixo, têm, nos símbolos, muitas semelhanças com o hierático e o demótico.

Cuneiformemente os assírios, babilônicos e os persas tiveram, em vetusta antiguidade, uma escrita muito especial : — pequenas formas de **"cunha"** em diversas direções e posições.

Ainda no livro "Iniciação linguística", de F. V. Lorenz, podemos ver algumas formas antigas de escritas babilônicas e assírias.

Para se ver como é possível confundir o investigador, em relação a qualquer escrita antiga, basta o estudo, ainda do livro de Lorenz sôbre as escrituras assíria, meda e persa.

Foram, entretanto, os fenícios que derem origem às escritas samarita, heraica, siríaca, árabe, cúfica, etrusca, grega e latina.

Pensávamos ser necessário maior detalhe sôbre diversos alfabetos, para que pudéssemos esclarecer os tipos das diversas escritas, a fim de ir detalhando os caprichos dos hieróglifos, da hierática, do fenício, do hebraico, do grego, do russo, do rúnico, do arábico, do sanscrito, do chinês, do japonês, etc., para irmos compreendendo o trabalho na decifração dos petróglifos, e inscrições rupestres.

Só assim é que poderemos compreender a grandeza dêsse homem extraordinário que foi Bernardo Ramos.

Sr. Cônego Walter Nogueira : — **De cordibus nostris,** aqui estamos para vos dar as boas vindas trepidantes, nesta noite de glória, para nossa vida cultural.

Sêde benvindo !... Cônego Walter Nogueira. Dissestes me que, vós e eu, teríamos de exaltar a personalidade do vosso patrono.

Isso me fêz tecer análise sôbre a obra de Bernardo Ramos, para vos atender, simplesmente, em relação à análise que empreendestes sôbre a vida e obra do vosso imortal patrono.

Sois, no meu entender, para terminar um herdeiro da tradição dêsse cientista eminente.

Só um homem da vossa estatura intelectual, pode hombrear-se com um Bernardo Ramos.

Eu vos saúdo, em nome desta casa.

Sêde benvindo.

COMEMORAÇÕES

ALGUMAS ANOTAÇÕES SÔBRE TENREIRO ARANHA, poeta

ELSON FARIAS

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha nasceu, na vila de Barcelos, a 4 de setembro de 1769. Naquele tempo Barcelos, correspondia à capital do Estado do Amazonas, era a cidade-sede da comarca do Rio Negro. Mas não nos iremos ocupar dos dados biográficos do poeta. Tentaremos, neste momento, proceder a algumas rápidas anotações sôbre a produção poética do primeiro bardo amazonense, aquele que permaneceu, em nossa lembrança, até os dias presentes. Isto se justifica e é o que pretendemos realçar nesta oportunidade. Passaram-se dois séculos, a sua poética está sendo objeto das preocupações dos homens de hoje e é o maior motivo e o tema que dá significado à celebração desta noite na Academia Amazonense. Referimo-nos, em particular, a Tenreiro Aranha, posto ser esta noite dedicada, também, a outras figuras representativas do nosso passado cultural e que constituem, em nosso contexto, o múltiplo painel da inteligência da região.

Tenreiro Aranha viveu em meados do século XVIII, em pleno apogeu e princípio de decadência do barrôco brasileiro, êste movimento que, como expressão de formas literárias, teve o seu maior significado na aglutinação de artistas conhecida com a denominação de Grupo Mineiro ou Escola Mineira, também conhecida com a denominação de Arcádia Brasileira.

A sua poesia, portanto, não poderia ter deixado de sofrer das influências do seu tempo. Homem estudioso e sensível aos problemas do mundo, Tenreiro Aranha realizou uma obra verdadeira, fundada nos princípios mais genuínos da arte literária. Grande parte dela, quase tôda inédita durante sua vida, desapareceu no incêndio que destruiu a propriedade onde se encontravam os seus arquivos particulares. O que restou foi mandado editar por seu filho, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, primeiro Presidente da Província do Amazonas, e reeditar em

1899, pelo Govêrno do Estado, na administração do Cel. José Cardozo Ramalho Júnior. Esta edição nos chegou às mãos e se encontra catalogada na Biblioteca do Estado, estando sendo reeditada pela Fundação Cultural, sob a orientação de Luiz Bacellar.

Quando descobrimos Tenreiro Aranha, tivemos com êle uma grande surprêsa. Muitos dos seus poemas nos foram mestre, no aprendizado da faturação vocabular, na estruturação do verso, na revalorização dos lugares comuns.

Dizemos estas coisas, com o intuito de aproximar, o quanto possível, de nós, aqueles textos já quase esquecidos dos nossos professores de Literatura, em conseqüência de que não se ouve deles se falar entre os estudantes das nossas Faculdades de Letras.

São muitos os critérios que se adotam para aferir a valoração de um poema ou de uma página de boa prosa, no âmbito da criação literária. Parece-nos que o primeiro passo a se cumprir, nessa tarefa, é verificar as identidades da escrituração poética, isto é, comparar os textos literários de uma Língua, no nosso caso particular a Língua Portuguêsa, nas diversas fases de sua experiência, a evolução de seus recursos expressivos e de sua estrutura sintática, produto da criação popular concentrada pela ação criadora dos artistas da palavra, os escritores. E' partindo dêstes pressupostos que os teóricos da matéria batizam as infinitas qualidades de rima, as aliterações e as assonâncias, os hemistíquios, onomatopéias, sinestesias, etc.

Ao lado dessa verificação, voltamos os olhos para um outro aspecto do problema, o da contribuição individual do artista que não exclui as contingências do meio ambiente, o cheiro e o sabor da paisagem, as tendências do pensamento de sua época.

Tenreiro Aranha viveu, conforme já referimos linhas acima, no tempo do barroco brasileiro em decadência, já se apresentando com sintomas do estilo rococó. Seria demais, portanto, exigir-se do nosso poeta mais pura originalidade. Sem condições materiais que lhe oferecessem uma formação cultural mais organizada, vivendo o ambiente de limitações próprio daqueles vilarejos sem vida própria, Tenreiro Aranha conseguiu realizar esta obra não despida de todo valor, além daquele que lhe é atribuído, o de ter sido, simplesmente, o primeiro poeta nascido e vivido por estas paragens.

Não queremos lembrar o famoso sonêto dedicado à mameluca Maria Bárbara, assassinada por um sentimento episódico

revelador de drama conjugal; queremos lembrar-nos do sonêto "a um passarinho, quando o autor sofria vexações". E' uma peça equilibrada, muito bem construída, sôbre o velho tema da solidão humana. O sonêto está assim escrito :

"Passarinho, que logras docemente
Os prazeres da amável inocência,
Livre de que a culpada consciência
Te aflija como aflige ao delinqüente.

Fácil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providência;
Sem futuros prever, tua existência
E' feliz, limitando-se ao presente.

Não assim, ái de mim ! porque sofrendo
A fome, a sêde, o frio, a enfermidade,
Sinto também do crime o pêso horrendo.

Dos homens me rodeia a iniqüidade,
A calúnia me oprime; e, ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade".

Não se trata, portanto, conforme se vê, de um mero versejador frio, sem motivação e desligado da vida. Trata-se de um homem com os seus problemas, e de um artista convertendo sua augústia em formas estéticas. Sua obra, aquela que chegou até os nossos dias, está constituída de alguns discursos, sonetos, odes, idílios e dramas em verso, todos êles reveladores dêste comportamento.

Vale a pena lembrar, também, nesta noite, a ode escrita em homenagem ao "Sr. João de Mello Lobo, quando naufragou nos baixios da Tijóca à entrada do Pará".

Peço vênia a Vossas Excelências para ler esta peça, integralmente, de onde se pode averiguar as qualidades de estilo de Tenreiro Aranha.

"Em vão dos bravos ventos combatido,
Bramar se vê na praia o mar irado;
As fúrias não abrandam os bramidos
Do denodado Bóreas !

Em vão quem da desgraça sente o golpe
Geme, clama, lamenta, desespera,
As lágrimas não curam a ferida
Do penetrante ferro.

De que serviu àquele, que os presados
Haveres viu roubar-lhe a fatal cheia;
Da cabana, que os Deuses lhe guardaram,
Derribar as paredes?

Se a fazenda se vai, existe o nome,
Se um e outro, ainda resta a doce vida;
Cede todos; porém, rindo da sorte,
Alma nobre lhe fica.

Com ela ficam livres as virtudes,
Que o fazem feliz, ou desditoso;
Embora diga o vulgo cego e rude
Aquele é desgraçado.

Não será certamente se conserva
O lema da razão, que da tormenta
Seguro o tornará, forçando o remo,
Ao porto da fortuna.

Infeliz o que a perde, que turbado
Das rôtas velas, dos quebrados mastros
Às vagas em tumulto se abandona
Dos empolados mares.

As vagas das paixões que nos figuram,
Em um mal aparente, um mal eterno,
Quando pilôto sabes, que sucede
A calma à tempestade.

Que da rápida roda, o raio ardente,
Que rasga, que revolve a dura terra,
Não descansa no chão, ligeiro sobe,
E procura outro ponto.

Se em extrema desdita te ponderas,
Espera, Amigo, espera nova sorte,
Não aflijas os Céus, se das maiores
Desgraças não padeces.

Que disseras, se os olhos entreabrindo
Entre mãos Argelinas, vis cadeias,
Perdida a liberdade, a pátria, o sangue,
Te viras sem amigos ?

Oh que a amizade, a cândida amizade
E' Santelmo nos mares da fortuna :
Feliz aquele que, mudando as Cenas,
Os amigos descobre.

Não digo que gracejes ao aspecto
Dos pacotes rolando sôbre as ondas;
Dos tristes companheiros em derrota,
À Ermitões reduzidos.

Nem quero que presumas serveria
Em sorte igual meu ânimo de exemplo :
Eu te mostro o caminho, que encoberto
Te tinha cega mágoa.

Apara a fôrça da cruel pancada
Em escudo de heróico sofrimento,
Quem de Cristo as bandeiras segue firme,
Quem por homem se tem;

E qual viçoso délfico loureiro,
Que ora sofra do inverno o sôpro frio,
Ora aperte o verão, não perde a gala,
Não murcha, nem abate.

Assim deve ficar uma alma grande
Já nos maus, já nos prósperos sucessos,
Assim ganhar a c'rôa reluzente
Do mesmo louro feita".

Aí está o poema, escrito em versos brancos e de tal modo construídos, que neles não se denotam falta de harmonia e rima, porque as rimas de Tenreiro Aranha se fazem dentro da frase, na interrelação das palavras, na melodia dos fonemas. Uma das características da poesia barrôca.. Nêle não se encontram preciosismos gratuitos, nem a palavra enganosamente considerada poética, nem aquela tida por não poética. Na sua obra encontra-se a palavra, a palavra despojada, simples, silenciosa, imune dos pecados do discurso, mais próximas do desenho metafórico e da imagem.

Queremos encerrar estas anotações sugerindo, aos estudiosos de Literatura, em particular àqueles que estão saindo de nossa Faculdade de Letras, para que procedam a um levantamento dessas coisas, tragam à tona dos debates êstes temas, situando no tempo estas figuras que, na sua época, sonharam convosco os mesmos sonhos e contribuiram, com a sua parcela de trabalho, para o triunfo e o aperfeiçoamento do nosso espírito.

CENTENÁRIO DE UM VARÃO ILUSTRE

OYAMA CESAR ITUASSU

A comemoração de um centenário de nascimento, fato por si excepcional pelo que representa de homenagem, torna-se maior em significado quando o homenageado se chama ANTÔNIO GONÇALVES PEREIRA DE SÁ PEIXOTO, jurista e filósofo, magistrado e advogado, político e homem de letras, cuja vida, inteiramente vivida neste Amazonas, planificou uma época e se projetou à distância.

Nascido em 27 de fevereiro de 1869 no Rio de Janeiro, Município Neutro, cedo veio para cá e aqui desenvolveu fecunda e produtiva atividade, tornando-se mestre em sua seara múltipla. Onde quer que estivesse, destacava-se com impressionante vigor — aulas, discursos, conferências, defesas de pontos de vista, habilidade política —, tudo exercia e marcava com o sêlo de sua personalidade. Atraido pelas possibilidades regionais e cuja riqueza mirífica deslumbrava, aconteceu-lhe algo de imprevisível — em vez de enriquecer-se materialmente, objetivo real de todos quantos procuravam o cíclo áureo, enricou a terra que o acolheu, com o tesouro de sua cultura e com o seu profundo saber. Não amealhou, deu de si com magnanimidade e o talento natural serviu-lhe de portal para o ingresso nos tribunais, nas assembléias políticas, no magistério superior, na advocacia e nesta Academia, onde honrou com sua presença a poltrona para a qual foi selecionado.

O Amazonas é grande por uma simples razão de ser : não se prende a conceitos econômicos e nem dêles faz a pedra de toque de suas realizações, apezar do critério fantasioso que presidiu o comêço do século. Vale pelo conteúdo espiritual e cultural dos que lhe fizeram a grandeza. Por isso, as primeiras décadas desta era constituiram o quadro mural da intelectualidade amazônica e que desbordou das margens interioranas para se fazer conhecida do Brasil. E dentre os que pontificaram, destacou-se SÁ PEIXOTO, desde que se lançou no cenário

nacional como integrante da Comissão dos 21 incumbida de emitir parecer sôbre o projeto Clóvis Beviláqua.

O estudo dos primeiros vinte e cinco anos de cíclo amazônico exige uma averiguação sociológica, pela influência catalizadora que desempenhou a cultura como ponto de partida para a obstenção de postos de relêvo e do respeito coletivo. Não é fácil explicar o fenômeno, pois foi um período de imensa magnitude e os mais admiráveis talentos expluiam naturalmente, como que impulsionados pela fôrça interior da terra, a lhes emprestar a exuberância tropical. Talvez a pressão climática tenha contribuido para a explosão intelectual, mas o fato é que verdadeiras constelações de astros de primeiro brilho povoaram esta capital, que se tornou pequena para abrigar tantas genialidades. SÁ PEIXOTO integrava a brilhante plêiade que dominou a sociedade de sua época.

Antes disso, já se destacara na política, fiel a princípios éticos e a defesa vibrante que fêz de Fileto Pires demonstra sua posição moral. Professor magnífico, lecionou na antiga Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus. O Direito não lhe guardava segredos e percorria Medicina Pública, Direito Civil, Direito Constitucional, Direito Internacional Público e Privado com a mesma facilidade, como se percorresse uma estrada asfaltada de saber, em uma demonstração admirável da versatilidade de sua cultura jurídica. Tudo sabia e tudo ensinava, com o mesmo amor e com a mesma disposição. Era um professor completo e o magistério o campo específico de sua aplicação.

Daí por que sua escolha para integrar a Comissão dos 21 caiu bem pois, ao lado conhecimento especializado que era mister, ainda mais se ajustava pela contribuição de sua vasta sabença dos vários assuntos ligados às concepções do direito então vigentes e que lhe permitiam manejar com mestria o trabalho de esmerilhamento do projeto de Código Civil. Êle o fêz e bem, como sempre, cabendo-lhe tarefa árdua que cumpriu galhardamente, ao exarar parecer acolhido quase em unanimidade, depois de combates verbais com Andrade Figueira, Amaro Cavalcanti e com o próprio Clóvis, autor do projeto.

Voltou laureado com o reconhecimento de sua cultura, como já fôra em Direito, cujo doutorado alcançou com sua tese "Fundamento e Fim da Neutralidade". Alicerçado em seu invejável valor, mas discreto nas atitudes públicas e na simplicidade de viver, foi o primeiro advogado a ingressar no então Superior Tribunal de Justiça do Estado como desembargador classista e

depois seu Presidente várias vezes. **Semper primus** na magistratura, primeiro também o foi na Ordem dos Advogados e no Instituto dos Advogados, de ambos dirigente por largos anos.

Tanto mérito não podia ficar à sombra da intelectualidade oficial e a Academia Amazonense de Letras foi buscá-lo para o seu seio, elegendo-o seu membro. Ao recebê-lo aquêle homem também invulgar que foi Huascar de Figueiredo, sintetizou-lhe a figura impressionante em palavras que refletem exatamente o SÁ PEIXOTO, brilhante em sua vida, em sua obra cultural e em sua projeção :

> "Sempre fôstes, neste cenáculo provinciano, onde por um fenômeno esquisito se depuram às vêzes valôres esporádicos de outras paragens, corrigindo-lhes os excessos pergaminhosos para os colocar na sua devida esfera de justa mediocridade, sempre fôstes uma figura, um nome, uma personalidade representativa, não na significação ordinária dessa expressão, mas emprestando-lhe o cunho exato como significação de valor".

E tinha SÁ PEIXOTO êsse conceito de valor. Basta relembrar-lhe a vida pública — professor, deputado estadual e federal, senador, desembargador, advogado, vice-governador, político consumado, para se lhe avaliar a estatura intelectual. Poucos se lhe podem antepor, num confronto de qualidades intelectivas.

Eu o conheci, ao iniciar minha vida funcional como magistrado também, e me encantei com o brilho de sua palestra sempre cordial e delicada, com a profundidade de seus ensinamentos, com a sua concepção filosófica em tôrno da precariedade das cousas terrenas. Êle, que podendo ter sido rico de bens, viveu pobre dêles, legando porém um acêrvo de dignidade e cultura, patrimônio que supera a presença da fortuna. Lhano, afável, com um olhar vivo que retratava a percuciência avaliadora, elegante de gestos e atitudes, era uma figura inesquecível. Jamais julguei eu que um dia, trinta anos transcorridos, tivesse o instante precioso de comemorar-lhe o centenário de nascimento. Lamento apenas a crueldade do tempo etário, que me tirou a alegria de lhe dizer de viva voz o alto aprêço que desfrutava em minha geração.

Falar sôbre SÁ PEIXOTO é abrir a cortina da luminosa época da vida amazônica, vida em todos os sentidos, palpitante de revérberos emocionais e onde o dia a dia era feito de estrêlas. Nesse palco iluminado atuou com brilhantismo o homenageado

de hoje, cuja existência não tem critérios dosimétricos para medí-la e aferí-la.

Desembargador ANTÔNIO GONÇALVES PEREIRA DE SÁ PEIXOTO, sempre presente em nosso pensamento, nesta Casa e nesta homenagem. A Academia de Letras reverencia sua memória e lhe presta o carinho cultural que sempre soube partilhar e distribuir, como perdulário do saber que foi.

EM MEMÓRIA DE TH: VAZ

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Na tumultuosa paisagem social de entre-século, surgiu em Manaus o piauiense dr. Taumaturgo Sotero Vaz, formado pela Faculdade de Direito do Recife, aquêle então ninho de águias jovens que deu ao Brasil tantas cerebrações. Ao contrário de muitas figuras curiosas que vinham atraidas pela fartura proporcionada pela borracha, o poeta Taumaturgo Vaz trazia após si uma tradição literária e não apenas aquela vontade de vencer, de enricar, que impelia a outros. Mas, evidentemente, qualquer sujeito de talento se infiltrava fàcilmente naquela atmosfera de competições, de lutas partidárias, de ambições políticas e de desenfreada vivência à margem dos condicionantes econômicos.

Creio poder distinguir razoàvelmente duas bandas de atividades culturais na Manaus de ontem, até a década de vinte inclusive. Havia o grupo daqueles convencionais do equilíbrio estético e a banda dos improvisados, dos que se faziam à sombra dos sobas, fazendo uma literatura de circunstância, premidos pela necessidade de sobrevivência. E' natural que se vá encontrar nos jornais de determinada época, os nomes representativos que assinavam artigos equilibrados, de análise, de orientação, produto de meditações concentradas, de estudos dirigidos, de cultura bem sedimentada. Mas também encontraremos o artigo trabalhado no joelho, escrito de afogadilho, arranjado em estilo de arranque, batido em coluna maciça mas sem conteúdo, sem seiva.

Àquela época, no Amazonas, proliferou o jornalismo em maior quantidade e qualidade do que hoje. O último jornalista a quem se pode realmente conferir o título está morto e não é da geração de Taumaturgo Vaz. Os modernos já encontraram

uma imprensa melhor aparelhada e menos sobrecarregada da responsabilidade partidarista, menos politiqueira e muito mais aberta às experiências dos literatos, dos plumitivos. Isto significa que ser jornalista no tempo de Taumaturgo Vaz era preciso duas coisas — ter talento e ter coragem. Também significa que não existem mais nem a oposição sistemática que gerava ódios e acarretava dissabores, nem o privilégio da cobertura pseudonômica. Os jornalistas daquela época viviam sempre sobressaltados, ameaçados de chibata, caçados até nas residências, e os jornais eram empastelados, incendiados, varejados pela polícia. Comparando essas épocas, a Manaus de hoje é pacata, aburguesada, despreocupada daqueles extremos de violências.

Foi naquele ambiente dinâmico que Taumaturgo Vaz viveu os melhores dias da sua existência de poeta e de jornalista, uma existência alegre, dividida entre a burocracia e o jornal, entre o teatro de "vaudeville" e as tertúlias dos cafés. Uma plêiade de talentosos homens de letras alvoroçava o ambiente, uma plêiade de que faziam parte Heliodoro Balbi, Maranhão Sobrinho, Teodoro Rodrigues, Quintino Cunha, Adriano Jorge, Tecelino de Almeida, Caetano Briones. Era uma turma alegre, uma malta turbulenta, amiga dos discursos nos salões, das tiradas em versos, das conferências, dos altos planos alguns dêles jamais realizados. De Taumaturgo Vaz diz-se especialmente que era bom pai de família, bom amigo, dono de um coração magnânimo, desambicioso e simpático a tôdas as amizades feitas em qualquer circunstância. Diz-se também que era irreverente, gostava de uma boa pilhéria e hábil no manejo da pena para desancar os adversários.

O que caracteriza a personalidade de Taumaturgo Vaz é precisamente a sua condição de literato e não de advogado. Parece ter vivido mais em função da literatura e por isso não enriqueceu, apesar de haver sido secretário de estado. Como poeta convencional êle apresenta sempre o lado lírico, mas há o outro lado que quase se desconhece — o satírico, o humorista das charges anônimas nos jornais de Manaus. Taumaturgo Vaz escrevia diàriamente e usava vários pseudônimos, dissorando a verve em rimas picantes. E parece incrível que êsse poeta haja atirado fora tanta oportunidade e tanto talento e apenas um pequeno livro recolhesse a sua poesia.

Quem repassa os velhos periódicos daquela época fastigiosa encontra a presença do poeta satírico nas glosas que costumava diàriamente enviar a amigos e inimigos indistintamente. Sòmente por acaso consegui desencantar um dos seus famosos pseudôni-

mos, que me deu a chave para descobrir, por análise comparativa, muitas das suas produções anônimas, ou sejam caricaturas literárias.

E' uma pena que ninguém se tenha dedicado ainda a êsse gênero literário, mas estou certo de que uma boa coletânea de anedotas e de poemas humorísticos completaria a história literária da região, uma vez que êsses elementos ajudam a completar o retrato do artista e da sua obra de arte.

Creio que neste rápido balanço da existência de Taumaturgo Vaz, o Th. Vaz como era geralmente conhecido, podemos distinguir três aspectos distintos : o poeta, o jornalista e o dramaturgo. Enfrentando um público já entusiasmado com a introdução do "vaudeville", Taumaturgo Vaz encontrou, na "revista" chamada de costumes, um recurso oportuno para extornar a verve, cultivar o humorismo e criticar determinadas personalidades. Principalmente uma das suas mais famosas "revistas", denominada "O Patureba", valeu-lhe a alcunha por que ficou sendo tuteado. Patureba era o brasão popular de certo indivíduo, àquela época. A revista subiu à cena no Teatro Amazonas e causou escândalo pelo fato de glosar episódios grotescos da sociedade. Naturalmente com muitas gargalhadas pelo meio, muito sal, muita piada. Um arranjo que não deixou de provocar a ira de uns e a alegria de muitos. Documentei o fato num dos volumes da obra "Teatro Amazonas", mas continuo deplorando a ausência dos originais daquelas peças alegres, bem escritas, que deliciaram uma geração. Andei interessado junto à família do poeta, em ordem a recuperar o material deixado, nada conseguindo. Entretanto agora sei que os netos do poeta são depositários de grande parte da obra inédita.

O que se salvou da literatura do talentoso piauiense é o reduzido folheto de versos — "Cantigas", editado em Manaus, 1900. Não me conformo em exibir aqui nesta modesta memorização tão pequena parcela daquele famoso talento. E' soberanamente impossível que Th. Vaz tivesse passado pela vida deixando apenas como rastro quase apagado da sua inteligência um simples folheto de versos. Parece isto incrível, mas infelizmente não foi possível a êle mesmo fazer editar tôda a sua obra, que imagino grande mas infelizmente dispersa. E' lamentável que tenhamos de apelar para a tradição oral em ordem a conceber e reconstituir a existência daquele vulto alegre, boêmio, feliz na sua condição de simples funcionário público alguma vez, jornalista sempre e poeta tôda a vida.

Considero que a escolha para falar a respeito daquele excelente homem de letras não foi acertada. Ainda existe nesta Academia alguém com mais credenciais, alguém que conheceu de perto ao poeta. O dr. Sadoc Pereira estaria em melhores condições de reconstituir passagens curiosas da vida de Th. Vaz, inclusive trazendo testemunho valioso do anedotário corrente. De qualquer sorte, estamos cumprindo, com a melhor das disposições, um dever cultural, relembrando epidèrmicamente o nome de um dos mais ilustres membros desta Academia que se credenciou à nossa admiração pelo seu talento, pela sua atividade no jornalismo, pelas excelentes "revistas" com que deliciou a platéia de Manaus. Sem a pretensão de havermos cumprido rigorosamente o nosso mandato, pela ausência de documentário à mão e pela necessidade de sermos breve, deixamos aqui o nosso pequeno contributo à memória de Taumaturgo Sotero Vaz, piauiense de nascimento que fêz do Amazonas sua terra, honrando-a e dignificando-a pela cultura.

O AMAZONENSE PAULINO DE BRITO

WALDEMAR BAPTISTA DE SALLES

Honrou-me êste Sodalício, nesta noite de grandes evocações, fôsse eu um dos interpretes da Casa para falar a respeito de Paulino de Almeida Brito, amazonense dos mais ilustres e patrono ae umas aas cadeiras neste templo de cultura.

É que transcorreu, a 16 do mês em curso, o cinquentenário de seu falecimento, deixando vácuo enorme nas letras e na poesia amazonenses.

A literatura em si constitui um campo amplo, onde florescem as mais diversas inteligências, espelhando o pensamento de cada um de nós, a interpretação que se tem do mundo e da vida, nas diversas tranformações porque passa a sociedade atual.

E esta Academia não podia deixar de rememorar, solenemente, um de seus patronos mais eminentes — poeta, prosador, contista, romancista e gramático.

Dêle muito bem já nos afirmou o acadêmico MENDONÇA DE SOUZA, em brilhante artigo publicado em "O Jornal", coluna de Letras e Artes :

"Paulino de Brito como poeta é um clássico. Camoniano no melhor conceito dos quinhentistas. Embora, nalguns momentos, se deixe marcar nos passos das novas escolas poéticas de seu tempo, em sucessivas transições : Condoreirismo, Parnasianismo, Realismo, Simbolismo e Evolucionismo. Notável metrificador. Esteta dos maiores na técnica do verso polido, na eliminação das sílabas excrescentes aos efeitos musicais.

Bardo com rima de estrêlas, de luar e de sol. Com riquissimas melodias de lindas manhãs, de planície sem fim, de rios a dormir em praias de areias côr de prata. Poeta de fulgurantes paisagens, de belos e expressivos versos a cantar as seringueiras e os castanhais, as ramagens que se condensam e fecham em

abrigos de rouxinóis, e bailam em festa de alegres bons-dias na terra brasileira do maior rio do mundo em volume d'agua.

Vate humaníssimo, de talento complexo, que sabe mudar de côr, de tom, de tema de acôrdo com os quadros de seus momentos de relação e de convívio. Bravo, invencível em sua virtudo suprema de bem saber admirar e bem saber sentir os instantantes dêsse continental Brasil que tanto amou em cada hora de sua grande vida".

Essa é a opinião sincera de um intelectual, não da época de Paulino de Brito, mas que se encontra entre nós, fazendo, com serenidade, equilíbrio, a interpretação da poesia do ilustre amazonense, que nestes instantes rememoramos.

No discurso de minha posse, nesta Academia, cuja cadeira tem por patrono Paulino de Brito, citei inúmeros versos de sua autoria, nos quais se confirmam suas inspirações, sua linguagem bonita e burilada, sua constante preocupação com a língua portuguêsa, a qual cultivava com esmerado carinho.

A poesia permite que o intelectual mostre o mundo fertil de de sua imaginação. Sai do lugar comum para os grandes caminhos, onde a senbilidade do ser humano se amplia indefinidamente.

O prosador é uma espécie de arquiteto , no arrumar as palavras. Elas se atraem e se completam. Têm que concordar com verbos e vocábulos certos, determinados.

O poeta não precisa dessa ordem e dêsses atavios. Tudo em poesia é permitido, contanto que se mostrem as belezas, encantos, sonhos e fantasias.

As tintas da poesia são outras. Exigem de nós algo mais que a inspiração. Exigem encantamentos, ternuras. E Paulino de Brito, que escrevia e versejava com desembaraço e beleza, publicou "Cantos Amazônicos" no ano de 1900 e, nesses cantos, alguns poemas realmente belos e expressivos, como "Noites em Claro", de que fiz referência no meu discurso de posse, neste Sodalício.

* * *

Os contemporâneos do ilustre poeta amazonense, aqueles que conviveram com êle e sentiram de perto essa sensibilidade, são unânimes em afirmar sua extraordinária inteligência.

Era um intelectual da mais alta estirpe, vivendo numa sociedade provinciana, de extrativistas, bucaneiros e interesseiros,

profundamente preocupado com as altas indagações da inteligência e da cultura, mas espelhado nos seus trabalhos bonitos, inexcedíveis conhecimentos da língua portuguêsa, como o sonêto intitulado — A ÚLTIMA DOR, também referido por Mendonça de Souza :

" Vendo-te, ó Cristo ! lívido, arquejante,
sôbre o lenho da cruz, negro, afrontoso,
vendo as gotas de pranto amarguroso
a sulcarem teu rosto agonizante,

eu tento embalde sôfrego anelante,
desvendar o mistério tenebroso
dêsse pranto, e do espinho doloroso
que te pungiu no derradeiro instante.

E penso então, que nem os duros cravos,
nem a coroa dos espinhos bravos,
nem a lança que abriu-te o coração,

nem o aspectro da morte que surgia,
nada um Deus a chorar constrangeria
se não fôsse êste horror: a ingratidão!

Daí notamos, consequentemente, sua preocupação com os assuntos religiosos e sua repulsa, intransigente, à ingratidão humana, tão comum nos dias atuais, onde as belezas morais se perdem de encontro aos mais novos pardões, estabelecidos no século em que vivemos.

* * *

O escritor Cyro dos Anjos, no entanto, nos explica: a linguagem, primeiro e supremo instrumento que o homem constrói, é cheia de metáforas e, atrás de cada metáfora, há jôgo de palavras. Assim, a humanidade engendra, constantemente, outro mundo, ao lado do mundo da natureza.

No culto, como no mito, o elemento lúdico se patenteia. A comunidade primitiva põe nas suas práticas sagradas, nas consagrações, nos sacrifícios e mistérios, o cunho de puro jôgo, tomado o vocábulo no seu sentido verdadeiro.

E afirma, mais adiante : poesia é função lúdica Desenvolve-se num campo de jôgo do espírito, em mundo próprio que o espí-

rito cria para si. Nesse mundo, as coisas tem aspectos diverso, que não se assemelha ao da vida corrente e estão unidos por vínculos distintos dos lógicos.

A poesia representa uma função vital social e litúrgica. E' culto, diversão, jôgo de sociedade, prova ou enigma, encantamento, adivinhação, profecia, competição.

De qualqer forma que se observe, não se pode esconder que a poesia espalha uma situagão social, da época em que vivem os poetas.

A poesia, portanto, de Paulino de Brito, revela isso, além de rara sensibilidade e beleza.

Publicou inúmeras obras, inclusive romances —"O homem das serenatas" — "Dolores". Na capital paraense foi colaborador constante do jornal "Província do Pará" e fundou e dirigiu "A Palavra".

Tinha especial simpatia pelo rio Negro e fazia-lhe versos, cheios de emoção.

Os seus contemporâneos o consideravam. Veríssimo do Couto chamava-o "a pérola dos talentos". E Marques de Carvalho, intelectual brilhante, o tratava sempre de nobre literato, inspirado poeta.

A personalidade de Paulino de Brito era fascinante. Cultivou a língua portuguêsa com especial carinho. Escreveu gramáticas, ensaios e travou polêmica com o lexicógrafo Cândido de Figueiredo.

A Academia Amazonense de Letras ao rememorar o ilustre amazonense, que tanto amou sua terra e a ela deu glória, está procedendo com alta dignidade e simpatia.

Reafirmamos que poesia é função lúdica. O poeta engendra outro mundo, diferente, ao lado do mundo da natureza.

Os sêres humanos têm u'a missão a cumprir, nesta fase terrena. Uns passam tranquilos e anônimos. Outros se destacam merecem realce, ficam encantados com as belezas da vida e ainda transformam essas belezas em poesias.

Assim era Paulino de Almeida Brito. Transformava os diversos motivos em versos. Burilava sua linguagem. Cantava a terra onde havia nascido. Travava polemica. Exaltava-se. Sofria.

E acima de tudo isso - vivia.

Deixou àqueles que o conheceram, saudades e encantamentos. Deixou aos pósteros o exemplo de seu amor ao estudo, às letras, ao direito, à poesia.

O que vos posso mais dizer, sem cair no lugar comum da exaltação desmesurada ?

Nesta noite solene em que êste Sodalício lhe presta mais uma homenagem póstuma, venho reafirmar o que dêle já disseram seus contemporâneos, fazendo-lhe justiça.

Sua glória literaria é conhecida. Seu estilo bonito já alardeado por todos nós.

As minhas palavras são desataviadas e sem encantamentos. Trago-vos, simplesmente, nesta noite de evocações, a minha sincera admiração pela personalidade de Paulino de Brito, envolta com as saudades dos ilustres Acadêmicos, que integram esta Casa.

Poderíamos, ainda, falar sôbre as atividades de gramático e de cultor do Direito, de Paulino de Brito, em cujos setôres também se destacou, principalmente como estudioso do nosso idioma mas seria demasiado, para quem já conhece as atividades mentais daquele que evocamos, nesta noite.

Glória das mais legítimas desta terra, seu espirito sensível e culto enalteceu o Amazonas, tornando-se assim um nome respeitado e digno na literatura nacional, por seus méritos e privilegiada inteligência.

IDÉIAS E FATOS

OS CURSOS — Promoveu a Academia Amazonense, em 1969, cursos de extensão universitária, com a vinda a Manaus de três destacadas figuras da intelectualidade brasileira. Os cursos constaram de 5 aulas, sendo expedidos certificados de freqüência aos inscritos que tiveram pelo menos dois terços de presença e que foram principalmente escritores, professôres e estudantes

O primeiro, em março esteve a cargo do Prof. José Honório Rodrigues, da Academia Brasileira, versando sôbre "Historiografia Brasileira". Na instalação foi saudado pelo acadêmico Mário Ypiranga, dêle participando mais de 100 pessoas.

O segundo, realizado em junho, versou sôbre "Geografia do Mundo Tropical", sendo proferido pelo Prof. Antônio da Rocha Penteado, da Universidade de São Paulo e antigo estudioso de problemas amazônicos.

Saudou o Prof. Penteado, na abertura dos trabalhos, o acadêmico Oyama Ituassu. O curso teve mais de 40 inscritos.

Finalmente, o terceiro, promovido em novembro, teve a ministrá-lo o Prof. Aurélio Buarque de Holanda, da Academia Brasileira, sendo dedicado à "Poesia de Cecília Meireles", com mais de 40 frequentadores. Na reunião inaugural, fêz a saudação protocolar o acadêmico João Chrysóstomo de Oliveira.

As inscrições foram realizadas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tendo a Academia contado para a vinda dos distinguidos visitantes, com a colaboração do Govêrno do Estado, Prefeitura Municipal e Fundação Cultural do Amazonas, que se encarregaram do pagamento ora das passagens, ora da hospedagem no Hotel Amazonas.

OS NOVOS ELEITOS — Cumprindo rigorosamente os preceitos estabelecidos no nôvo Estatuto, foram eleitos, no ano de 1969, os seguintes novos imortais : para a cadeira Bernardo Ramos, o humanista Cônego Walter Gonçalves Nogueira ; para

a cadeira Paulino de Brito; o ensaista Waldemar Batista de Salles; para a cadeira Ermano Stradelli, o cientista Manoel Bastos Lira; para a cadeira Benjamin Lima, o jurista e jornalista Carlos de Araújo Lima; para a cadeira Alfredo da Mata, o cientista Mário Moraes; para a cadeira Barbosa Rodrigues, o cientista William A. Rodrigues; e para a cadeira Maranhão Sobrinho, em substituição a Álvaro Maia, o romancista Paulo Jacob.

OS EMPOSSADOS — Seis novos acadêmicos foram empossados: em 3 de fevereiro, o poeta Elson Farias (cadeira Olavo Bilac), recebido pelo acadêmico José Lindoso; em 29 de abril, o poeta Sebastião Norões (cadeira Raimundo Monteiro), saudado pelo acadêmico Mário Ypiranga; a 25 de julho, o ensaista Waldemar Batista de Salles (cadeira Paulino de Brito), tendo como recependente o acadêmico Mendonça de Souza; em agôsto, o poeta Jorge Tufic (cadeira Jonas da Silva), tendo como paraninfo o acadêmico Elson Farias; em 28 de novembro, o humanista Cônego Walter Gonçalves Nogueira (cadeira Bernardo Ramos), a quem foram dadas as boas vindas pelo acadêmico André Araújo; e a 12 de dezembro, finalmente, o jurista e jornalista Carlos de Araújo Lima (cadeira Benjamin Lima, pai recepiendário e primeiro Presidente da Academia), que teve como padrinho o acadêmico Waldemar Batista de Salles.

O N.º 13 DA "REVISTA" — O número da "REVISTA", relativo ao ano transato, foi custeado pela Superintendência da Zona Franca de Manaus, cujo Superintendente, o ilustre Cel. Floriano Pacheco, autorizou o pagamento à Editôra Sergio Cardoso & Cia. do **quantum** devido. O gesto do Cel. Pacheco merece registro especial em que se reafirmam o agradecimento e as homenagens da Academia Amazonense.

EDIÇÕES DA ACADEMIA — Com o dinheiro da subvenção federal de 1968, inscrita no Orçamento pelo acadêmico e deputado José Lindoso, estabeleceu a Academia sob a designação de "Coleção Academia Amazonense", um fundo para as suas futuras edições, sob a designação de "Coleção Academia Amazonense", sendo aprovado, a propósito, o seguinte Regulamento:

1 — A Academia promoverá a publicação, sob o título geral de "Coleção Academia Amazonense de Letras", de livros de seus membros efetivos, cujos direitos autorais lhe sejam concedidos para a 1ª. edição.

2 — De início a coleção publica apenas trabalhos inéditos sôbre literatura e ciências, alternadamente, de um e outro grupo. Só depois, de uma experiência razoável poderá ser modificado êsse critério, e sempre por deliberação do plenário da Academia.

3 — O capital de que lançará mão a Academia será de Cr$ 8.088,50 correspondente à subvenção obtida no Orçamento Federal de 1968, através do Ministério da Educação e Cultura, e cujo plano de aplicação foi aprovado pelo Conselho Federal de Cultura.

4 — As edições deverão ser contratadas com casa editora e distribuidora local ou nacional, visando à formação de um fundo rotativo que assegure a continuidade do programa editorial da Academia.

5 — Os acadêmicos que desejarem publicar seus livros deverão inscrever-se prèviamente na diretoria da Academia, que estabelecerá uma relação baseada na ordem cronológica da inscrição dos candidatos.

6 — Os acadêmicos ineditos terão preferência para figurar nas edições.

7— Os autores receberão, em livros, dez por cento do total dos volumes publicados, a título de direitos autorais.

8 — Para publicação na "Coleção da Academia" só se considerarão originais que representem pelo menos 100 páginas impressas, formato mínimo 20 x 14 cm.

9 — Os recursos os destinados à "Coleção da Academia" e bem assim o produto da venda dis livros editados, serão administrados pela Diretoria da Academia, devendo ser mantidos em conta bancária especial, cuja movimentação será feita pelo Presidente e pelo Tesoureiro, conjuntamente.

10 — Só depois de assegurado o êxito das edições, poderá ser promovida a publicação de livros clássicos sôbre a Amazônia (inéditos ou reedições), inclusive de escritores que não tenham pertencido à Academia.

11 — Deverão ser publicados também na "Coleção" livros premiados em concursos promovidos pela Academia.

12 — Os volumes da "Coleção" deverão ter formato e feitio uniformes.

13 — Os casos omissos deverão ser resolvidos pela Diretoria da Academia, com recurso para o plenário, ficando estabelecido que êste Regulamento terá carater provisório e experimental.

DOAÇÕES RECEBIDAS — Foram recebidos numerosos livros do Consulado dos Estados Unidos, em Belém, e do Consulado do Japão, em Manaus. Também temos a assinalar a doação de mil cruzeiros, em dinheiro, feita pelo sócio benemérito Sr. Ildefonso Pinheiro, para a confecção de estantes para a biblioteca da Academia.

Por iniciativa do acadêmico André Araújo, foi instalado no salão de conferências um serviço de amplificação de som.

"LETRAS E ARTES" — Graças à boa receptividade da Sra. Maria de Lourdes Archer Pinto, Diretora, e dos demais elementos da redação — Jornalistas Philippe Daou, Milton Magalhães Cordeiro e Ulysses Azevedo Filho — foi iniciada, a partir do primeiro número do "O Jornal" de 1969, a seção "Letras e Artes", sob a responsabilidade da Academia Amazonense, tendo como coordenador o acadêmico Mendonça de Souza.

A secção ocupou até metade do ano meia página do "O Jornal", passando, então, a uma página inteira, associando o nome de Elson Farias ao de Mendonça de Souza na coordenadoria.

Trata-se de uma ininterrupta comunicação da Academia com o povo, de que quase todos os componentes da entidade têm participado, constituindo um fator de prestígio e aproximação bastante apreciado.

VISITANTES — Durante o ano de 1969, a Academia Amazonense recebeu a visita do confrade José Amaral, Presidente da Academia Norte riograndense de Letras, que esteve nos Estados do Ceará, Maranhão, Pará e aqui chegou em viagem de aproxi-

mação cultural. Ao retornar a Natal, apresentou e editou Amaral uma extensa exposição dos contatos realizados e dos resultados dos encontros mantidos.

Também visitou-nos o acadêmico Candido Marinho da Rocha, da Academia Paraense, que esteve em contato com várias intelectuas amazonense, aos quais ofereceu seu ultimo livro, o romance "Defunto Homem".

Para rever o Amazonas e os amigos que deixou, esteve em Manaus o escritor e poeta Petrarca Maranhão, membro correspodente da Academia Amazonense e um de seus representantes junto à Federação das Academias de Letras do Brasil.

Percorrendo diversas regiões do Estado, para entrar em contato com o seu povo e aspectos típicos da terra, passou o ano de 69 no Amazonas o romancista Mário Palmério, da Academia Brasileira.

REELEITA A DIRETORIA PARA O BIÊNIO 1970 / 1971 — Em fins de dezembro, reuniu-se o plenário da Academia, reelegendo toda a Diretoria para o nôvo período social de 1970/ 1971.

EPISTOLÁRIO DA ACADEMIA

Belo Horizonte, 15 de maio de 1969

Senhor Presidente.

Não me dirijo nominalmente a V. Exª. porque me assalta o receio de um equívoco sôbre quem seja o atual presidente dessa notável Academia Amazonense de Letras.

Explico-me :

Principio pela finalidade desta. Desejo agradecer o envio do nº. 12, de julho de 1968, da magnífica **Revista** mantida pelo sodalício intelectual de Manaus, ao mesmo passo testemunhando meu sincero desvanecimento pela honra de saber que figuro no quadro dos sócios correspondentes da Academia.

Como estou acusando o recebimento do último número da mencionada publicação, parece-me razoável ignorar o nome presidencial de V. Exª., visto como estamos, já, no meio do ano. Talvez seja ainda o brilhante acadêmico Dr. Djalma Batista o dirigente da entidade literária. Pode acontecer tenha havido nova eleição no ano fluente. De qualquer modo, ilustre Presidente, estou cumprindo um dever de gratidão e cortesia

Velha e revelha é a admiração que tenho por tudo que se ligue à Academia Amazonense de Letras, inclusive os trabalhos antológicos dos imortais que a REVISTA se incumbe de divulgar.

Conheci, muito de perto, o saudoso escritor, crítico e jornalista PÉRICLES DE MORAES, meu professor de francês clássico durante alguns meses, curso que interrompi quando tive de me ausentar de Manaus para vir estudar Direito, no Rio, onde me formei, em 1921. Um dos meus colegas nos estudos da língua francêsa foi o não menos saudoso LEOPOLDO PERES, espírito fulgurante que tão cedo deixou êste mundo de ilusões e enganos. Foram ambos amigos inseparáveis que a Parca reuniu na eternidade; são dois nomes inesquecíveis nos fastos universais das letras pátrias, da História do Amazonas e nas glórias imarcescíveis dessa Academia que acaba de festejar o seu jubileu de ouro.

Outros imortais amazonenses foram meus amigos e conhecidos, v. g., Benjamin Lima, Adriano Jorge, Cariolano Durand, Álvaro Maia, Paulo Eleuthério, Raul de Azevedo, Aurélio Pinheiro, e outros mais. Alguns dos acadêmicos vivos alisaram comigo os bancos do Ginásio Amazonense : André Araújo e seu irmão Rui, Álvaro Maia, Cosme Ferreira Filho. Agnello Bittencourt foi meu professor de Geografia.

Mas, entre quantos poderia eu relembrar, nenhum amigo maior, mais dileto, mais querido, senão outro foi MITHRÍDATES ÁIVARO DE LIMA CORRÊA, meu irmão, cujo nome vem registrado em várias páginas dessa preciosa REVISTA. O seu discurso de saudação ao nôvo imortal OYAMA ITUASSU (preclaro Desembargador que tive o prazer de conhecer, pessoalmente, bem longe das plagas amazônicas); o seu **Testamento de um poeta,** um adeus à vida, ambos verdadeiros cantos decisne, tudo isto, meu caro Presidente, tudo quanto mais dêle se disse e escreveu, representa para meu coração um oceano de tristeza, de amargura e de saudade.

Versejou DA COSTA E SILVA :

" Vida ! Teia de júbilos e penas.
" Fiada no fuso doido dos contrastes "

Li e reli com os olhos marejados de gotas doloridas o último poema estampado na REVISTA, com a nota de um achado entre os papéis escritos, deixados pelo meu irmão. O discurso, o derradeiro discurso, proferido na solenidade de posse da poltrona n.º 26, pelo acadêmico OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA, tendo RUI BARBOSA por patrono, na sessão de 12 de dezembro de 1967, tem o sabor literário que ao meu ver justifica a referência ao talento multiforme do meu pranteado irmão.

Foi justa a refêrencia de OYAMA ITUASSU, sinto-o, ilustre Presidente, bem do fundo de minha saudade. Mithridates era essa criatura boníssima, sonhador inpenitente e perdulário de uma inteligência e de uma memória excepcionais, filósofo otimista e desordenado, sofredor resignado à pobreza, contra a qual sempre lutou na mocidade, trazendo no mais recôndito do seu espírito irrequieto uma espécie de "crença vaga, indefinida, de encontrar o Ideal n'alguma encruzilhada", como poetou RAUL DE LEONI.

Apesar da sentença de RUI BARBOSA — para o coração não existe ausência — creio firmemente na sinceridade

fraterna daquele que afirmou ter ficado alguma coisa do seu eu na paisagem telúrica da vida, para ser lembrado pelos seus parentes, amigos e companheiros do Ideal perseguido.

Repare na síntese dêste pensamento de KEATS — "A think of beauty is a joy for ever."

Viajando pelos Estados Unidos, o escritor ÉRICO VERÍSSIMO teve oportunidade de perguntar ao poeta americano ROBERT NATHAN qual deveria ser a atitude do artista nesta hora escura do mundo.

"Acho — respondeu o entrevistado — que o poeta deve tirar do fundo de seu coração tôda a beleza, todo o conforto e tôda fôrça para empregar em favor de seu povo infeliz, dando-lhe a forma literária mais simples e mais nobre que lhe for possivel."

Na oficina das letras amazonenses, que papel sublime cabe aos criadores da beleza universal, através de poesias, livros e discursos, demonstração viva de cultura, de artes e amor à terra setentrional e ao Brasil? E que natureza mais rica, mais variada mais empolgante que a da Amazônia — o Rio Mar e suas florestas virgens, paraíso misterioso de sons e cores animais e vegetais, inexauríveis riquezas de um Brasil imperecível na sua unidade geográfica comunitária!

É aí, nessa Oficina de Idealistas, que se enfunam as velas do estilo, na arte poética, nos elogios solenes, nas filigranas verbais ou escritas, em demanda do vasto oceano das idéias e conceitos que deslumbram.

Esperando merecer remessa de novos números da Revista da Academia, principalmente o que publicar a oração de Cosme Ferreira Filho sôbre o meu irmão Mithridates, receba V. Exª. e a Academia os agradecimentos e a saudação do correspondente e amigo mtº grato,

MEROLINO P. LIMA CORRÊA

* * *

Guanabara, Rio, 2 de dezembro de 1969.

Eminente confrade Dr. Djalma Batista,

DD. Presidente da Academia Amazonense de Letras.

Atenciosos cumprimentos. Recebi o n.º 13 da Revista da Academia Amazonense de Letras, que teve a cortezia de enviar-

me, e foi com imenso prazer que o li. Essa só declaração não basta para traduzir os meus agradecimentos, pois tudo o que nêle se contém merecer destaque pela sua alta qualidade. Eu não me permitiria, no entanto, a liberdade de apontar esta ou aquela página desde que tenho tôdas como recomendáveis de maior divulgação pela universaidade dos assuntos que enfocam.

Estou, meu ilustre confrade, que seria grande pecado mencionar páginas de um volume que se define pela harmonia do conjunto, não obstante a variedade dos temas tratados. Nada me absolveria se o cometesse.

O nº 13 da Revista da Academia Amazonense de Letras muito bem recomenda a instituição que o confrade tem a glória de presidir, e, pela excelente feição material, a casa que a editou.

Aceite a manifestação cordialíssima dos meus agradecimentos.

ALFREDO CUMPLIDO DE SANTANA
Presidente da Fed. das Academias de Letras do Brasil

* * *

Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1969.

Exmo. Sr. Dr. Djalma Batista,

DD. Presidente da Academia Amazonense de Letras.

Convidado por essa instituição para ministrar um curso de conferências, leva o ilustre confrade Aurélio Buarque de Holanda Ferreira a incumbência de representar, nas solenidades respectivas, a Academia Brasileira.

Formulando os mais sinceros votos pelo brilho crescente da associação irmã, tão inteligentemente presidida por V. Exª, cordialmente me subscrevo.

Patrício admirador
AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

RESUMO DE ATAS DAS SESSÕES DE 1969

ATA DA SESSÃO DE 26 DE JANEIRO DE 1969.

Presentes os academicos Djalma Batista, André Araujo, João Chrysóstomo, Genesino Braga, Álvaro Maia, Mário Ypiranga, Sadoc Pereira, Nonato Pinheiro, Francisco Pereira da Silva e Américo Antony. Na ordem do dia, procedeu-se a eleição para preechimento das cadeiras ns. 32 e 33, sendo patronos Bernardo Ramos e Antonio Brandão de Amorim, estando inscrito para a primeira o cônego Walter Nogueira. O Presidente comunica que enviaram seus votos e votaram por procuração oito acadêmicos, somando um total de dezoito votos. Realizada a votação, verificou-se que o candidato inscrito obteve dezessete votos e um em branco, sendo proclamado eleito. Para a cadeira n.º 33, inscreveu-se o dr. Newton Sabbá Guimarães, estando habilitados a votar 16 acadêmicos. Lido o parecer pelo relator da comissão, Academico Mário Ypiranga, procedeu-se a eleição, obtendo o candidato 12 votos e 4 em branco, resultado que permaceu nos segundo e terceiro escrutínios, declarando o Presidente que o mesmo não alcançara o mínimo estatuário. André Araujo propõe que o próximo número da Revista da Academia seja dedicado ao tricentenário de Manaus. Nonato Pinheiro sugere a comemoração do bicentenário de nascimento do poeta Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, o centenário Thaumarturgo Vaz e o cinquentenário da morte de Paulino de Brito, solicitando seja aberta inscrição para preenchimento da poltrona da qual o mesmo é patrono.

ATA DA SESSÃO DE 3.2.1969

Presentes Djalma Batista, André Araújo, João Crisóstomo, Genesino Braga, Mendonça de Sousa, Sadoc Pereira, Pereira da Silva, José Lindoso, Mavignier de Castro, Álvaro Maia, Cosme Ferreira, Mario Ypiranga, Nonato Pinheiro. O Presidente diz que a sessão solene é de posse do academico eleito Elson Farias, que a seguir pronuncia seu discurso. Em nome da Academia recebe o eleito o academico José Lindoso.

ATA DA SESSÃO de 5.4.969.

Presentes Djalma Batista, João Chrysóstomo, Genesino Braga, Elson Farias, Oyama Ituassú, Mário Ypiranga, Moacir Rosas, Elson Farias. No expediente, o Presidente leu seu despacho de indeferimento ao pedido de inscrição do sr. Jorge Mendes à poltrona Ermano Stradelli, por não atender ao disposto no art. 4º do Estatuto. Anunciou a inscrição do sr. Waldemar Batista de Salles à cadeira n.º 40, patrono Paulino de Brito. Mário Ypiranga propõe por escrito, com a assinatura de Djalma Batista, Genesino Braga, Moacir Rosas e João Crisostomo, a inscrição do sr. Manuel Bastos Lira à poltrona nº. 40,sendo designada comissão integrada de André Araújo e Elson Farias para emitir paracer. O Presidente comunica que a posse de Sebastião Norões será a 28 do corrente e que no dia 26 haverá sessão plenária para a eleição à poltrona Paulino de Brito, assim como da abertura da inscrição à poltrona nº. 35, patrono d. Frederico Costa. Nogueira da Mata foi designado para receber Walter Nogueira. Informa que o Curso de Historiografia, feito pelo prof. José Honório Rodrigues, teve 107 participantes. Genesino Braga propõe sejam comemorados os 65 anos de vida literária de Álvaro Maia.

ATA DE SESSÃO DE 26.4.1969.

Presentes Djalma Batista, André, Araújo, João Chrysóstomo, Genesino Braga, Oyama Ituassú, Mário Ypiranga, José Lindoso, Mendonça de Sousa, Sadoc Pereira, Elson Farias, Cosme Ferreira e Nunes Pereira. Em pauta a eleição para a cadeira Paulino de

Brito, inscrito Waldemar Batista de Salles. Lido o paracer favorável, fêz-se a votação, comparecendo com seus votos vinte acadêmicos, obtendo o candidato unanimidade de votos. Também se realizou a eleição para a poltrona Ermano Stradelli, inscrito o senr. Manuel Bastos Lira, com parecer favorável da comissão, pelo relator André Araújo. Votaram vinte acadêmicos, com resultado unânime para o candidato. O Presidente proclamou os eleitos e designou Mendonça de Sousa para receber Waldemar Batista de Salles e Nunes Pereira para saudar Manuel Bastos Lira. O Presidente comunicou a liberação da verba de Ncr$ 10.000,00 pelo Conselho Federal de Cultura. Elson Farias sugere a criação de uma edição de obras de acadêmicos, enquanto Mendonça de Sousa amplia para uma edição especial da Revista dedicada a Álvaro Maia, tendo o Presidente designado Elson Farias para escrever sôbre o poeta; Nonato Pinheiro sôbre o prosador; Mário Ypiranga sôbre o professor; Oyama Ituassú sôbre o político; José Lindoso sôbre o parlarmentar; Cosme Ferreira sôbre o jornalista, Genesino Braga sôbre o humanista, João Chrysóstomo sôbre o orador, Nunes Pereira sôbre o amanólogo, Mendonça de Sousa sôbre o místico, Ramayana de Chevalier sôbre o estilista, Salignac de Sousa sôbre o pensador e André Araújo sôbre o sociológo. Também designou Cosme Ferreira para saudar Álvaro Maia.

ATA DA SESSÃO DE 28. 4. 1969

Realizou-se a sessão solene de posse do acadêmico Sebastião Norões, presentes Djalma Batista, Genesino Braga, André Araújo, Mário Ypiranga, Álvaro Maia, Cosme Ferreira, Moacir Rosas, Mendonça de Sousa, João Chrysóstomo, Oyama Ituassu, Sadoc Pereira e Elson Farias. Aberta a sessão, com a presença de autoridade e pessoas gradas, o Presidente disse dos motivos da sessão e, depois de introduzido no recinto, usou da palavra o acadêmico eleito, Sebastião Norões, que proferiu seu discurso de posse. A seguir, pela Academia falou Mário Ypiranga, cuja oração foi um estudo psicológico da influência dos vales dos rios Negro e Madeira na cultura amazonense.

ATA DA SESSÃO DE 15.7.1969.

Presentes Djalma Batista, André Araújo, Genesino Braga, Mário Ypiranga, Mendonça de Sousa, Oyama Ituassu, Mavignier

de Castro, Elson Farias e José Lindoso. Na ordem do dia, a eleição para a poltrona Benjamin Lima, estando inscrito Carlos de Araújo Lima. André Araujo propõe a dispensa dos requisitos do art. 4º do Estatuto, em face da circunstância especial do candidato ser filho do patrono, o que foi aprovado pelo plenário. O Presidente designou Genesino Braga e José Lindoso para emitirem parecer sôbre o pedido de inscrição. Dá ciência do lançamento, no dia 18 do corrente, na Academia, do 2º volume das "Memórias" de Arinos, que também proferirá conferência, designando Aderson Menezes para saudá-lo. Ainda, que a posse de Waldemar Batista de Salles será no dia 25 do corrente, marcando também a posse de Jorge Tufic, para 22 de agôsto, comemorando-se em setembro o centenário de Tenreiro Aranha, Sá Peixoto e Taumaturgo Vaz, falando sôbre os mesmos Elson Farias. Oyama Ituassu e Sebastião Norões; que posse de Walter Nogueira será em outubro e em novembro a de Joãa Machado.

ATA DA SESSÃO SOLENE de 25.7. 1969.

Presentes Djalma Batista, André Araújo, Genesino Braga, Mendonça de Sousa, Aderson Menezes, Elson Farias, Sebastião Norões, Mavignier de Castro e Sadoc Pereira, teve lugar a sessão solene de posse do cadêmico eleito Waldemar Batista de Salles, na poltrona nº. 40, tendo como patrono Paulino de Brito. O Presidente compôs a mesa com o representante do Snr. Governador do Estado, do representante do Comandante da 12ª. Região Militar, do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas e disse do motivo da sessão, dedicada à posse do referido acadêmico, que a seguir foi introduzido no recinto sob salva de palmas, por uma comissão composta de André Araújo, Elson Farias e Mendonça de Sousa. O nôvo acadêmico profere sua oração, sendo aplaudido pela assistência. Em nome da Casa falou o acadêmico Mendonça de Sousa, dando-lhe as boas vindas e examinando a vida literária do nôvo confrade. Com os agradecimentos da presidência às autridades e pessoas ilustres que formavam a assistência, encerrou-se a sessão.

ATA DA SESSÃO DE 2. 8. 1969.

Presentes Djalma Batista, Sadoc Pereira, Mendonça de Sousa, Waldemar Batista de Salles, André Araujo, Mário Ypiranga,

João Crisóstomo, Elson Farias, Genesino Braga e José Lindoso, sendo tratado o seguinte : carta de Ramayana de Chevalier, encaminhando seu trabalho sôbre Alvaro Maia ; pedido de inscrição do snr. William Rorigues, sendo designada comissão composta de Mário Ypiranga e Sadoc Pereira, para emitir parecer. Na ordem do dia, a eleição para preechimento da cadeira n.º 37, que tem como patrono Benjamim Lima, estando inscrito Carlos de Araujo Lima. A comissão, pelo relator Genesino Braga, deu parecer favorável. Feita a votação, constante de dezenove votos, sendo dez dos presentes e nove de acadêmicos que se fizeram representar, verificou-se que o candidato havia obtido unanimidade, sendo em seguida proclamado eleito. Foi apresentado o anteprojeto de regulamento das edições da Academia.

SESSÃO DE 22. 8. 1969.

Presentes Djalma Batista, Genesino Braga, André Araújo, Mendonça de Sousa, Pereira da Silva, João Chrysóstomo, Elson Farias, Cosme Ferreira, Waldemar Batista de Salles e Oyama Ituassu, teve lugar a sessão solene de posse do acadêmico eleito Jorge Tufic. O presidente convidou o Governador em exercício deputado Rafael Faraco, o representante do General Comandante da 12a. Região Militar, dr. José Matos Filho, Secretário do Interior e dr. Vinicius Câmara, Secretário da Educação, para integrarem a mesa e a seguir disse que o motivo central da sessão era a posse solene do acadêmico eleito Jorge Tufic, na poltrona Jonas da Silva, fazendo entrar o recepiendário no recinto, recebido por longa salva de palmas. Concedeu-lhe a palavra para o discurso do estilo, primorosamente elaborado e por fim falou o acadêmico Elson Farias, em nome da academia, sendo ambos vivamente aplaudidos. O Presidente encerrou a sessão com os agradecimentos de praxe.

SESSÃO DE 6. 9. 1969

Presentes Djalma Batista, André Araújo, Waldemar Batista de Salles, João Crisóstomo, Mario Ypiranga, Sadoc Pereira, Pereira da Silva, Genesino Braga, Elson Farias. O Presidente comunicou que para a poltrona Alfredo da Mata, inscreveu-se o médico Mário Morais, sendo designados João Chrysóstomo e Waldemar Salles para emitirem parecer. Estando vaga a poltrona Maranhão Sobrinho, com a morte de Álvaro Maia, ficou aberta a

inscrição para o seu preenchimento, sugerido Genesino Braga que aqueia poltrona passasse a ter o nome do anterior ocupante, Álvaro Maia, forma de homenageá-lo devidamente, lembrando o Presidente que seria necessária alterar os Estatutos.

SESSÃO DE 13. 9. 1969

Presentes Djalma Batista, André Araújo, Genesino Braga, Waldemar Salles, Mavignier de Castro, Jorge Tufic, Mendonça de Sousa, José Lindoso, Sadoc Pereira e Elson Farias. O Presidente anunciou a eleição para preenchimento da cadeira para a qual se inscreveu o snr. William Rodrigues. Lido o parecer pela comissão procedeu-se à votação, obtendo o candidato quinze votos, sendo dez dos presentes e cinco que se fizeram representar devidamente, em razão do que foi proclamado eleito.

SESSÃO DE 15.11.1969

Presentes Djalma Batista, André Araújo, Mendonça de Sousa, Genesino Braga, Cosme Ferreira, Waldemar Salles, Elson Farias, Mário Ypiranga e Oyama Ituassu. Genesino Braga pede dispensa do prazer de receber Carlos de Araújo Lima, em face da atitude cultural do eleito ser diferente da sua, tendo o Presidente aceito o oferecimento de Waldemar Salles para substitui-lo. Comunicou que a posse de Walter Nogueira será a 28 dêste. Na ordem do dia, houve a eleição para a poltrona Alfredo da Mata, estando inscrito Mário Morais, sendo recebidos oito votos de acadêmicos ausentes, além dos presentes, e mais três que votaram por procuração, somando vinte votantes .Feita a apuração, verificou-se que o candidato obteve unanimidade, sendo designado Moacir Rosas para recebê-lo. Marcada a data de 13 de dezembro próximo para a eleição para a poltrona Maranhão Sobrinho, estando inscritos os snis. Paulo Jacob e Paula e Sousa. Cientificou o Presidente ao plenário de que o curso sôbre literatura, a cargo do escritor Aurélio Buarque de Holanda, terá início no dia 18 do fluente. Foi eleito sócio-correspondente, o snr. Luiz Maximino de Miranda Corrêa, por indicação dos acadêmcos presentes.

SESSÃO DE 23.11.1969.

Presentes Djalma Batista, André Araújo, João Crisóstomo, Genesino Braga, Mendonça de Sousa, Mário Ypiranga, Moacir Rosas, Elson Farias, Jorge Tufic e Waldemar Batista de Salles, o Presidente disse que a sessão solene tinha por finalidade dar posse ao acadêmico eleito Walter Nogueira, na poltrona 32, sendo patrono Bernardo Ramos. Constituiu a mesa com o representante do Governador do Estado, e o Arcebispo Diocesano e fêz ingressar na sala o eleito, sob palmas da numerosa assistência. O empossado proferiu seu discurso de posse, com grande erudição e eioquência sendo bastante aplaudido pela assistência. A seguir usou da palavra o acadêmico André Araújo, que em nome da Acadêmia saudou o nôvo imortal. Ao discurso de boas vindas, brilhantemente proferido, seguiram-se palavras de agradecimento do Presidente, que encerrou a sessão.

SESSÃO DE 12.12 1969

Presentes Djalma Batista, André de Araújo, João Chrysóstomo, Genesino Braga, Mário Ypiranga, Pereira da Silva, Sadoc Pereira, Mavignier de Castro, Elson Farias, Waldemar Salles e Jorge Tufic, ocorreu a sessão solene de posse do acadêmico eleito Carlos de Araújo Lima. Abrindo a sessão, o Presidente convidou o Governador do Estado, o Magnífico Reitor e o Prefeito da Capital para tomarem assento na mesa presidencial e anunciou que a solenidade tinha por fim dar posse em sua poltrona ao nôvo imortal, Carlos de Araújo Lima, cadeira cujo patrono era seu pai Benjamin Lima, tecendo comentários em tôrno da personalidade do eleito, a quem concedeu a palavra para o discurso de posse, quando o mesmo proferiu brilhante oração, rememorando a vida paterna e sua própria trilha no mundo, em palavras cheias de beleza e emoção. Afinal, falou o orador designado, Waldemar Salles, que saudou o novo confrade, sendo ambos vivamente aplaudidos. O Presidente agradeceu a presença de todos e encerou a sessão.

SESSÃO DE 13.12.1969.

Presentes Djalma Batista, Sadoc Pereira, Genesino Braga, André Araújo, João Chrysóstomo, Mário Ypiranga, Elson Farias,

Carlos de Araújo Lima, Walter Nogueira e Jorge Tufic. O Presidente, na ordem do dia, anunciou a eleição para a poltrona Maranhão Sobrinho, estando inscritos Paulo Jacob e Paula e Sousa. A comissão deu parecer favorável às inscrições, procedendo-se depois à votação, comparecendo, além dos presentes, acadêmicos que enviaram seus votos, em um total de vinte. A apuração deu dezenove votos ao candidato Paulo Jacob e um ao candidato Paulo e Sousa, sendo proclamado eleito o primeiro. O Presidente comunicou o recebimento de uma fita magnética com a gravação de uma palestra entre Carlos de Araújo Lima e Péricles de Morais, peça ofertada à Academia para o seu arquivo histórico. Carlos de Araújo Lima sugeriu sejam apresentados os aspectos da vida e da obra de Péricles de Morais através da TV Ajuricaba, o que foi aprovado pelo plenário.

SESSÃO DE 27.12.1969

Presentes Djalma Batista, Genesino Braga, Américo Antony, Waldemar Salles, Sadoc Pereira, Sebastião Norões, Elson Farias e Jorge Tufic. O Presidente disse que o motivo da sessão era o processamento das eleições da Casa para o biênio-1970 1971, sendo feita a distribuição do material necessário, findo o que a apuração deu o seguinte resultado : Presidente, Djalma Batista; Secretário Geral, Genesino Braga; Secretário-Adjunto, Oyama Ituassú; Tesoureiro, Mendonça de Sousa e Bibliotecário, Mário Ypiranga Monteiro. Por insuficiência de votos, deixaram de ser eleitos os 1°. e 2°. Vice-Presidentes, sendo contudo eleitos por aclamação André Araújo e João Chrysóstomo, respectivamente.

J/35

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM